

O Ensino Fundamental de nove anos no Estado de São Paulo: um estudo de caso.

Aluno: Tatiane Aparecida Ribeiro

Programa: PIBIC/CNPq

Orientadora: Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Arelaro.

Amai a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não teve alguma vez saudade dessa época onde o riso está sempre nos lábios, e a alma está sempre em paz? Por que quereis retirar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que se lhes foge, e de um nem tão precioso, de que poderiam abusar? Por que quereis encher de amargura e de dores esses primeiros anos tão velozes, que não mais voltarão para eles, assim como não voltarão para vós? Não fabriqueis remorsos para vós mesmos retirando os poucos instantes que a natureza lhes dá. Assim que eles puderem sentir o prazer de existir, fazei com que gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus os chamar, não morram sem ter saboreado a vida.

Jean-Jacques Rousseau

RESUMO

Tendo em vista a implantação das Leis federais nº 11.114/2005 e nº 11.274/2006 (a primeira que estabeleceu a obrigatoriedade da matrícula no ensino fundamental a partir dos seis anos de idade e a segunda que determinou a ampliação da duração do ensino fundamental, de oito para nove anos, mantendo seu início aos seis anos de idade e, como prazo-limite para adequação das redes de ensino, o ano de 2010), esta pesquisa pretendeu acompanhar as providências e as implicações para a mudança da organização educacional na rede estadual de ensino de São Paulo. Para isso, foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica, com o levantamento de estudos e documentos existentes, a consulta a dados estatísticos disponíveis e uma pesquisa de campo, realizada numa escola estadual de tempo integral do município de São Paulo durante o ano letivo de 2010, com observação do cotidiano escolar, análise de documentos escolares e realização de entrevistas para o conhecimento da opinião de crianças, pais/responsáveis, professores, gestores e representantes do Conselho de Escola sobre o tema. Os dados coletados neste estudo indicaram que a implementação do ensino fundamental de nove anos não foi

realizada com a devida organização espacial, material e pedagógica das escolas, nem com obediência aos princípios democráticos, para que se pudesse garantir o direito à educação de qualidade. Observou-se, por exemplo, que os espaços do brincar, característicos da educação infantil e fundamental para as crianças, foram reduzidos e, em relação ao currículo, que era realizada a alfabetização sistemática das crianças de seis anos: as professoras sentiam-se pressionadas a alfabetizá-las até o final do 1º ano, situação esta que, muitas vezes, levava-as a não respeitar o ritmo e as necessidades destas crianças.

Palavras-chave: ensino fundamental de nove anos; políticas educacionais; rede estadual de São Paulo; crianças de seis anos de idade.

1. INTRODUÇÃO

Um dos objetivos e metas do Plano Nacional de Educação era ampliar para nove anos a duração do ensino fundamental, com início aos 6 anos de idade, à medida que fosse sendo universalizado o atendimento na faixa etária de 7 a 14 anos (BRASIL, 2001). Ainda que professores e especialistas defendessem a manutenção da educação infantil, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988, na faixa etária de zero a seis anos de idade, venceu a posição de ampliar o ensino fundamental, reduzindo um ano da educação infantil. Assim, foram implantadas duas Leis Federais, a saber: Lei nº 11.114/2005, que estabeleceu a obrigatoriedade da matrícula no ensino fundamental a partir dos seis anos de idade, redefinindo, em consequência, a educação infantil para a faixa etária de zero a cinco anos, e a Lei nº 11.274/2006, que determinou a ampliação da duração do ensino fundamental, de oito para nove anos, mantendo seu início aos seis anos de idade e, como prazo-limite para adequação das redes de ensino, o ano de 2010.

O documento *Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos: Relatório do Programa*, publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2004, já apresentava as finalidades da implantação do ensino fundamental de nove anos, estas estariam relacionadas à qualidade da educação, exemplificada como sendo a “inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos” (BRASIL, 2004a).

Posteriormente, outra publicação do MEC, *Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação* (2009b), também apresentou os objetivos gerais desta nova política educacional, complementando e afirmando o que foi dito no documento acima:

- Os objetivos da ampliação do ensino fundamental para nove anos de duração são:
- a) melhorar as condições de equidade e de qualidade da Educação Básica;
 - b) estruturar um novo ensino fundamental para que as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade;
 - c) assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças tenham um tempo mais longo para as aprendizagens da alfabetização e do letramento (BRASIL, 2009b, p. 5)

Alguns teóricos expressaram, e continuam expressando, suas opiniões sobre a nova organização educacional, podendo-se destacar duas vertentes: uma que afirma que esta política teria um caráter democratizador ao estender a oferta de educação básica para crianças que antes não eram contempladas pela rede pública de ensino (fato que hoje não se sustenta devido à promulgação da Emenda Constitucional nº 59/2009, que estabelece, dentre outras coisas, o acesso obrigatório e gratuito dos 4 aos 17 anos de idade à Educação Básica, bem como para aqueles que não tiveram acesso em idade própria, tendo como prazo-limite para

adequação das redes de ensino o ano de 2016) e outra vertente que aponta para a redução da duração da educação infantil como uma redução deste mesmo direito, uma vez que, ao antecipar a entrada de crianças de seis anos no ensino fundamental, elas “perderiam” um ano da Educação Infantil e, conseqüentemente, não seria garantido uma educação adequada à elas, ou seja, de acordo com as suas necessidades e vontades.

Tendo como plano de fundo a discussão acima, esta pesquisa pretendeu acompanhar as providências e as implicações para a mudança da organização escolar numa escola da rede estadual de ensino do município de São Paulo, pelas condições especiais deste funcionamento, comparando-as com as orientações federais e estaduais.

É importante destacar que esta pesquisa está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado *O Ensino Fundamental de nove anos no estado de São Paulo: um estudo exploratório sobre sua implementação*, elaborado no âmbito do Centro de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas de Educação (CEPPPE) e desenvolvido por pesquisadores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)/campus Diadema, que visa estudar a implementação do ensino fundamental de nove anos em municípios do Estado de São Paulo, tais como: Diadema, Osasco, São Bernardo do Campo e São Paulo, bem como na Escola de Aplicação da FEUSP.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa teve o objetivo de acompanhar a mudança da organização educacional no Estado de São Paulo e, mais especificamente, de estudar o ingresso de crianças de seis anos de idade no 1º ano do ensino fundamental de nove anos, numa escola da rede estadual de ensino de São Paulo.

Para isso foram analisadas as propostas e as normatizações sobre a implantação e implementação do ensino fundamental de nove anos, publicadas pelos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, pelo Ministério de Educação e pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, bem como analisadas as adequações e/ou orientações pedagógicas, administrativas e financeiras realizadas por esta rede de ensino e pela escola pesquisada em relação às alterações impostas pela nova organização do ensino fundamental. Assim, houve a observação o cotidiano escolar, a análise de documentos escolares e a realização de entrevistas para o conhecimento da opinião de crianças, pais/responsáveis, professores, gestores e representantes do Conselho de Escola sobre esta nova organização do ensino.

Pretendeu-se, pois, conhecer e analisar as implicações/embates na implementação

desta política, observando a transição e as mudanças pelas quais a rede de ensino estadual, a unidade escolar escolhida e a comunidade escolar passaram para efetivar tal proposta de reorganização da Educação Básica.

3. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa em educação, realizada numa escola estadual de tempo integral no município de São Paulo, esta pesquisa previu duas fases: uma com a realização de pesquisa documental e bibliográfica, por meio do levantamento de estudos e documentos existentes, bem como a consulta a dados estatísticos disponíveis e outra com a realização de pesquisa de campo¹ envolvendo os seguintes momentos:

- Conhecimento do projeto pedagógico da escola, do processo e dos critérios de acomodação da demanda e da organização das classes/turmas;
- Observação das crianças em sala de aula;
- Participação em reuniões pedagógicas, de pais e do Conselho de Escola;
- Realização de entrevistas com crianças, alguns pais/responsáveis, professores, gestores e representantes da comunidade escolar junto ao Conselho de Escola;
- Registros fotográficos das dependências da escola mediante a devida autorização da diretoria.

A pesquisa de campo foi realizada durante o ano letivo de 2010. As visitas à escola eram realizadas semanalmente e em dias alternados, envolvendo a observação do cotidiano escolar, com acompanhamento das turmas de 1º e 2º anos e a participação nas reuniões pedagógicas, de pais e do Conselho de Escola, bem como a realização de entrevistas.

A turma de 2º ano também foi acompanhada durante a pesquisa de campo, uma vez que, no começo do ano letivo de 2010, a sala era denominada como 1º ano, apesar de todas as crianças já terem completado sete anos de idade ou estarem próximas a completar no início do ano letivo. Entretanto, após o início das aulas, durante o mês de abril, por decisão da Diretoria Regional de Ensino, estas crianças foram remanejadas para o 2º ano, situação esta peculiar e de grande interesse para a pesquisa.

¹ As entrevistas e as observações da escola pesquisada foram realizadas com ajuda da Profa. Dra. Márcia Jacomini, uma das responsáveis pelo projeto *O Ensino Fundamental de nove anos no estado de São Paulo: um estudo exploratório sobre sua implementação*, que também fez algumas considerações sobre este relatório de pesquisa.

As entrevistas com as crianças aconteceram por meio de uma dinâmica, na qual alguns grupos de crianças dos 1º e 2º anos foram convidados, com as devidas autorizações dos pais/responsáveis, a assistirem a uma pequena encenação teatral sobre uma criança de seis anos que nunca havia freqüentado uma escola e que, pela idade, deveria ser matriculada no 1º ano do ensino fundamental (Anexo F). Desta forma, as crianças, organizadas em pequenos grupos, eram incitadas a falar sobre a escola onde haviam estudado e/ou onde estudavam, expressando suas opiniões sobre a obrigatoriedade de sua entrada com seis anos no ensino fundamental e sobre as escolas que conheciam, ou seja, a de educação infantil e a de ensino fundamental, já que a maioria havia feito pré-escola.

As entrevistas com as mães (Anexo E), professoras (Anexo C), gestoras (Anexo A e B)² e representantes da comunidade escolar junto ao Conselho de Escola (Anexo D) foram realizadas por meio de roteiros (entrevistas semi-estruturadas), nos quais havia perguntas sobre esta nova organização do ensino e sobre a opinião dos entrevistados.

No total, foram realizadas 24 entrevistas com crianças, 10 entrevistas com mães, 4 entrevistas com professoras, 2 entrevistas com gestoras (Diretora e Professora Coordenadora) e 3 entrevistas com representantes do Conselho de escola.

Vale ressaltar que os instrumentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram discutidos e elaborados de forma coletiva nas reuniões do projeto de pesquisa *O Ensino Fundamental de nove anos no estado de São Paulo: um estudo exploratório sobre sua implementação*.

3.1. Cronograma

Agosto à Setembro/2010	Conhecimento do projeto pedagógico da escola e de sua organização para a implementação do ensino fundamental de nove anos
Outubro à Dezembro/2010	Realização e transcrição das entrevistas
Janeiro/2011	Elaboração e entrega do Relatório parcial
Fevereiro à Julho/2011	Pesquisa documental e bibliográfica, análise dos dados e elaboração do Relatório final
Julho/2011	Entrega do Relatório final

² As pessoas entrevistadas de cada uma destas “categorias” eram do sexo feminino.

4. O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Neste capítulo será realizado um breve histórico do processo de implantação e implementação do ensino fundamental de nove anos no Brasil e, em especial, no Estado de São Paulo. Para isso, serão realizadas algumas considerações sobre as Leis Federais que regulamentam a ampliação desta etapa de ensino no país e expostas as normatizações do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, que regulamentam esta mudança da organização escolar na rede estadual de São Paulo.

4.1. O ensino fundamental de nove anos no Brasil: algumas considerações

A ampliação do ensino fundamental no Brasil não ocorreu concomitantemente com a entrada de crianças de seis anos no ensino fundamental. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), no artigo 87 das Disposições Transitórias, já admitia a matrícula de crianças com seis anos de idade na medida em que fossem sendo atendidas as crianças com sete anos no ensino fundamental.

Art.87-Parágrafo 3º-Cada município e, supletivamente o Estado e a União, deverá:
I- matricular todos os educandos a partir dos sete anos de idade, e facultativamente, a partir dos seis anos, no ensino fundamental (BRASIL,1996).

No mesmo ano em que foi aprovada a LDB/1996, também houve a aprovação da Emenda Constitucional nº 14, que cria o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), trazendo várias mudanças na organização das redes de ensino, principalmente com relação ao financiamento da educação e, neste caso, à matrícula do ensino fundamental.

Este Fundo previa valores mínimos a serem gastos por criança ou adolescente do ensino fundamental em todas as redes públicas do país (o chamado “custo-aluno”), visando a equidade da distribuição dos recursos destinados à educação em todo o território nacional. O Fundo, por sua vez, induziu o processo de municipalização do ensino, ou seja, quanto mais os municípios se responsabilizavam pelo atendimento do ensino fundamental, arrecadavam mais verbas. Desta forma, quanto mais crianças e adolescentes os municípios matriculassem no ensino fundamental, mais verbas seriam recebidas, e, nesta lógica, a matrícula de crianças com seis anos de idade no ensino fundamental tornou-se freqüente na maioria dos municípios brasileiros, como apontou a pesquisa *A avaliação da implementação do ensino fundamental de nove anos no Estado de São Paulo*, elaborada no âmbito do Centro de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas de Educação (CEPPPE) e desenvolvida por pesquisadores da Faculdade

de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), sob orientação da Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Arelaro, entre os anos de 2006 e 2008.

Em 2005, com a aprovação da Lei nº 11.114, que altera a redação dos artigos 6º, 30, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), tornou-se obrigatória a matrícula de crianças com seis anos de idade no ensino fundamental, em substituição à matrícula na educação infantil, o que significaria uma “perda” educacional para estas crianças, já que a maioria delas estava sendo atendida pela Educação Infantil, na pré-escola.

Esta mesma lei não mencionava a obrigatoriedade de os sistemas organizarem o EF (Ensino fundamental) com duração de nove anos, o que, na prática, significava não um ganho, mas um prejuízo a boa parte das crianças brasileiras, já que cerca de 75% delas já estariam sendo atendidas em pré-escolas. Assim, em vez de aumentarem em um ano sua escolaridade, estariam perdendo um, já que sairiam mais cedo da EI (Educação Infantil) para ingressarem aos seis anos no EF (CORREA, 2007, p. 5).

Segundo o Censo Escolar, em 2005 havia um total de 5.790.696 crianças matriculadas na pré-escola, já em 2009, este número já havia reduzido para 4.866.268 matrículas.

No que se refere à ampliação do ensino fundamental e à entrada de crianças com seis anos de idade nesta etapa de ensino, é importante destacar que esta já era prevista pela Lei nº 10.172/2001, que estabelece o Plano Nacional de Educação. Entre seus objetivos e metas estava: “ampliar para nove anos a duração do ensino fundamental obrigatório com início aos seis anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento na faixa de 7 a 14 anos” (BRASIL, 2001). Porém, somente em 2006 foi aprovada a Lei nº 11.274, que altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da LDB/1996, ampliando o ensino fundamental, de oito para nove anos de duração, e mantendo a obrigatoriedade do seu início aos seis anos de idade, tendo como prazo-limite para adequação das redes de ensino o ano 2010.

Em São Paulo, os Dirigentes da Educação, tanto da esfera estadual quanto da municipal, decidiram que adotariam a Lei nº 11.114/2005, já em 2006, deixando para outra ocasião, prevista para 2010, o cumprimento da Lei nº 11.274/2006.

A Indicação CEE/CEB nº 63/2006 estabeleceu:

A implantação do Ensino Fundamental de 09 anos nos sistemas de ensino do Estado de São Paulo poderá ser progressiva até 2010. Os órgãos de supervisão dos respectivos sistemas de ensino acompanharão a progressividade da implantação (CEE/CEB, 2006).

É importante nos atentar, também, para dissonâncias existentes entre estas Leis que regulamentam o ensino fundamental de nove anos, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), como salienta Klein (2010), com relação à idade destinada à pré-escola, até então de 4 a 6 anos de idade:

As alterações geradas pelas leis supra citadas levaram, na própria Casa Civil, um certo desacordo. Na Lei de 2005, por exemplo, foi aprovada alteração na LDB da

matrícula obrigatória no ensino fundamental a partir dos seis anos de idade, porém foi vetada a alteração do inciso II do art. 30, onde corrigiria-se a idade destinada à pré-escola, para “de quatro a cinco anos de idade”. Na justificativa do veto, manifestou-se que a manutenção do texto (atendimento em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos) atendia aos princípios estabelecidos pela Constituição Federal, que, em seu artigo 208, afirma que o “dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos que a ela não tiveram acesso na idade própria, e atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a *seis anos* de idade”.

[...]

Na ocasião da aprovação da Lei 11.274/06, dois artigos também foram vetados, pelo mesmo motivo dos vetos da Lei anterior: a inconstitucionalidade na alteração da LDB no que se tratava da idade de atendimento da educação infantil. Ainda assim, a referida Lei altera o art. 32 da LDB 9394/96, que passa a vigorar com a seguinte redação: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão (...)”.

[...]

Para finalizar a ponderação de como esta alteração nas etapas de ensino da educação infantil e do ensino fundamental ocorreram de forma atribulada, foi somente após a aprovação das duas leis acima citadas que a Câmara dos Deputados e o Senado Federal aprovam, em 19 de dezembro de 2006, a Emenda Constitucional nº 53, que cria o FUNDEB e que dá nova redação ao artigo 208 e redefine a idade de atendimento na educação infantil (em creches e pré-escolas) para as crianças de até cinco anos de idade (KLEIN, 2010, p. 66-67).

Assim, Klein (2010) aponta que somente após dezenove meses da aprovação da primeira Lei (nº 11.114/2005) e dez meses da aprovação da segunda Lei (nº 11.274/2006), que estabelecem, respectivamente, a matrícula no ensino fundamental aos seis anos de idade e a ampliação do ensino fundamental para nove anos, é que a Constituição Federal de 1988 foi alterada, instituindo a constitucionalidade das mesmas.

Entretanto, mesmo após a alteração da Constituição, o artigo 29 da LDB/1996 ainda mantém o atendimento na educação infantil até os seis anos de idade, deixando incoerências entre os textos das Leis.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

4.2. O ensino fundamental de nove anos no Estado de São Paulo

A primeira publicação do Conselho Estadual de Educação de São Paulo (CEE) foi a Indicação CEE/CEB nº 52/2005, que dispõe sobre a ampliação do ensino fundamental para nove anos e a entrada obrigatória de crianças aos seis anos de idade nesta etapa de ensino na rede pública estadual de São Paulo. Esta Indicação reforçava que a aprovação da Lei nº 11.114/2005, por si só, significaria uma perda para as crianças de seis anos, uma vez que sua maioria já estava freqüentando a pré-escola, declarando sua discordância com a Lei Federal,

já que esta não veio acompanhada da ampliação do ensino fundamental. Segundo defendido nesta Indicação, era necessária, também, a ampliação do número de horas diárias em sala de aula, visto que, em muitos municípios brasileiros, esta carga horária era inferior a adotada pelo Estado de São Paulo (5 horas diárias).

Qual o sentido da obrigatoriedade de oferta de nove anos de escolaridade quando um número expressivo de municípios brasileiros, inclusive o município de São Paulo, não alcançou as cinco horas diárias de permanência na escola? (CEE/CEB, 2005)

A Indicação CEE/CEB nº 52/2005 também faz considerações sobre a matrícula de crianças de seis e sete anos de idade no ensino fundamental, a fim de evitar turmas com grande defasagem de idade:

As crianças que ingressarem no ensino fundamental com sete anos em 2006, e a turma de ingressantes nos anos anteriores (independente da idade de ingresso), deverão cumprir os planos curriculares do ensino fundamental de oito anos, sendo essa determinação parte integrante do período de transição, evitando-se a situação pedagógica altamente desaconselhável de alunos no 1º ano do ensino fundamental com diferenças de idade de até um ano e meio (CEE/CEB, 2005).

A Indicação dispõe, também, que o 1º ano deve ser muito mais parecido com o que era realizado na educação infantil do que com o que é realizado no ensino fundamental, mas “sem perder a identidade pedagógica desta etapa de ensino” (CEE/CEB, 2005).

O 1º ano do ensino fundamental deverá manter sua identidade pedagógica e de instalações muito mais próxima dos dois últimos anos da educação infantil do que dos quatro anos restantes da primeira fase do ensino fundamental (CEE/CEB, 2005).

A “data-corte” para a matrícula no 1º ano, no ano de 2006, foi estabelecida em 31 de dezembro de 2005, no entanto, a Indicação permitia que as escolas ou redes de ensino estabelecessem normas que permitissem a matrícula com seis anos incompletos nesta etapa de ensino.

Esta Indicação apresenta uma tabela (Tabela 1) na qual é realizada a correspondência entre as séries e os anos do ensino fundamental com esta nova organização do ensino:

Tabela 1: Correspondência entre as séries do ensino fundamental de oito anos com os anos do ensino fundamental de nove anos e a idade das crianças

Ensino fundamental de 9 anos	Correspondência Idade/ ano/ série	Ensino fundamental de 8 séries
1º ano	6 anos	*****
2º ano	7 anos	1ª série
3º ano	8 anos	2ª série
4º ano	9 anos	3ª série
5º ano	10 anos	4ª série
Segunda fase do ensino fundamental de 9 anos (composta de 4 anos)		
6º ano	11 anos	5ª série
7º ano	12 anos	6ª série
8º ano	13 anos	7ª série
9º ano	14 anos	8ª série
Primeira fase do ensino fundamental+segunda fase do ensino fundamental= 9 anos de escolaridade		

Fonte: Indicação CEE/CEB nº 52/2005.

Em 2005, também houve a aprovação do Parecer CEE/CEB nº 461, no qual foram realizadas consultas a respeito da ampliação do ensino fundamental para nove anos, ou seja, esclarecimentos referentes à nova organização de ensino e respostas à dúvidas quanto às matrículas e aos estabelecimentos de ensino que “abrigariam” este novo ano do ensino fundamental.

Após a promulgação da Lei nº 11.274/ 2006, o Conselho Estadual de Educação (CEE) publicou a Indicação nº 63/2006, que gerou a Deliberação CEE nº 61/2006 (revogada somente em 2008 pela Deliberação CEE nº 73), que fixa normas sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos nas redes de ensino do Estado de São Paulo.

Esta Deliberação afirma que a matrícula de crianças com seis anos de idade no ensino fundamental se daria somente se esta estivesse associada à ampliação para nove anos desta etapa de ensino. No entanto, permitia, assim como as outras publicações do CEE, a matrícula de crianças menores de seis no 1º ano, bem como autorizava a matrícula de crianças com sete anos de idade já no 2º ano no ensino fundamental de nove anos:

Art. 5º - Terão direito à matrícula no 1º ano do Ensino Fundamental, as crianças com 06 (seis) anos completados até 31 de dezembro do ano anterior ao ingresso.

§ 1º -- O ingressante com sete anos completos ou mais, que tenha ou não freqüentado a educação infantil, poderá ser matriculado no 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, atentando-se, neste caso, para as eventuais necessidades e/ou dificuldades apresentadas pelo aluno, de forma a assegurar que as atividades e os conhecimentos propostos concorram para aprendizagens bem sucedidas.

§ 2º - Admite-se a possibilidade de acesso ao Ensino Fundamental de crianças com seis anos incompletos se prevista nos Regimentos Escolares e mediante a avaliação

da equipe técnico-pedagógica da Instituição (CEE, 2006).

A Deliberação nº 61/2006, também fixa algumas normas para implementação do ensino fundamental de nove anos e para elaboração da proposta pedagógica que deveriam permear as redes de ensino. Isto também foi mantido pela Deliberação CEE nº 73/2008, conforme pode ser verificado nos seguintes artigos:

Art. 6º - A implantação do Ensino Fundamental de nove anos implicará, dentre outras medidas:

I - a reorganização curricular e pedagógica de toda a estrutura desse nível de ensino, materiais didáticos, mobiliários, equipamentos, recursos tecnológicos e acervos bibliográficos;

II - a organização dos tempos e no redimensionamento dos espaços e ambientes escolares, em especial, àqueles que, sendo compatíveis para crianças de seis anos, garantam-lhes continuidade do contexto sócio afetivo e de aprendizagens anteriormente vivenciadas;

III - a adequação quanto às formas de gestão pedagógica;

IV - a manutenção do docente sempre que possível com o mesmo grupo - classe na etapa destinada ao processo de alfabetização;

V - o aumento do tempo de permanência diária da criança na escola com atividades que visem ao atendimento às dificuldades específicas de aprendizagem, ao convívio social, às artes, às novas tecnologias e aos esportes;

VI - o estabelecimento de programas de formação continuada de professores e demais profissionais, privilegiando a especificidade do docente que irá atender os alunos nos anos iniciais.

Art. 7º - Na elaboração da proposta pedagógica, a equipe escolar deverá atentar para a necessidade:

I - de articulação entre as demandas e as características da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, procurando prever mecanismos de interação entre a família, a escola e a comunidade e de modo que não haja prejuízo da oferta de Educação Infantil e seja preservada sua identidade pedagógica;

II - da preservação do “continuum” formativo que se estende ao longo dos nove anos, mediante à aquisição de conhecimentos contextualizados, habilidades e atitudes que atendam às especificidades da segunda infância e aquelas que caracterizam o desenvolvimento da adolescência;

III - da qualificação didática e flexibilidade dos tempos escolares, especialmente no período destinado à alfabetização, sem perder de vista o cumprimento da carga horária mínima anual de oitocentas horas e o mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar;

IV - da readequação da organização escolar vigente, assegurando mecanismos de avaliação contínua e de recuperação que busquem continuamente a permanência do aluno no grupo idade-ano (CEE, 2006).

A Indicação CEE/CEB nº 63/2006 faz considerações importantes sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos, reforçando que este ano inicial não deveria ser entendido como uma antiga 1ª série e que a ampliação do ensino fundamental deveria vir acompanhada da valorização dos profissionais da educação:

As redes públicas de ensino estadual e municipais de São Paulo optaram por um período de transição para a implantação do ensino obrigatório de 09 anos no Ensino Fundamental, fundamentadas no que estabelecia o PNE – Plano Nacional de Educação ao mencionar “... a implantação progressiva do ensino fundamental de nove anos...”.

Nesta perspectiva, está prevista a discussão de diferentes concepções pedagógicas que permeiam o currículo, para que a expansão do Ensino Fundamental não se

reduza à criação de uma série a mais com as mesmas características da atual 1ª série e a educação infantil tenha preservada a sua identidade pedagógica. É evidente que todas as ações centradas na melhoria da qualidade do ensino pressupõem a valorização dos profissionais da educação que devem ser assistidos por projetos de formação inicial e formação continuada (CEE/CEB, 2006).

Além disso, esta Indicação afirma a importância da realização de um novo projeto pedagógico nas escolas para a implementação desta política:

A implantação do Ensino Fundamental obrigatório de 09 anos, a partir dos 06 anos de idade, é uma política afirmativa que requer, de todas as escolas e de todos os educadores, compromisso com a elaboração de um novo projeto pedagógico para o Ensino Fundamental, bem como para o conseqüente redimensionamento da Educação Infantil (CEE/CEB, 2006).

Em 2008, foi revogada a Deliberação CEE nº 73, que regulamenta a implantação do ensino fundamental de nove anos no âmbito da rede estadual de ensino, conforme o disposto na Emenda Constitucional nº 53 e na Lei nº 9.394/96, com as alterações procedidas pela Lei nº 11.274/06.

Já em seu artigo 2º, delibera sobre a “data-corte” para matrícula no 1º ano do ensino fundamental de nove anos: “O Ensino Fundamental é direito público subjetivo e a ele tem acesso todas as crianças a partir dos 6 anos de idade, completados até 30 de junho do ano do ingresso” (CEE, 2008), ou seja, o Conselho Estadual de Educação (CEE) continuou permitindo a entrada de crianças menores de seis anos no ensino fundamental.

A Deliberação nº 73/2008 garante, também, uma flexibilização quanto à idade de ingresso na educação infantil e no ensino fundamental no ano de 2009, fixando as “datas-corte” para ambas as etapas de ensino:

Art. 3º - Na implementação do Ensino Fundamental de 9 Anos no Estado de São Paulo, observar-se-á a correspondência indicada no Anexo que integra a presente Deliberação, preservando-se a identidade pedagógica da Educação Infantil.
Parágrafo único - No ano letivo de 2009, em caráter excepcional, os limites definidos no Anexo poderão ser flexibilizados, conforme os seguintes referenciais:

1. Na 1ª fase da Pré-Escola para 4 anos a completar até 30/06/09;
2. Na 2ª fase da Pré-Escola para 5 anos a completar até 31/12/09;
3. No 1º ano do Ensino Fundamental para 6 anos a completar até 31/12/09 (CEE, 2008).

A tabela abaixo (Tabela 2) indica a correspondência realizada nesta Deliberação entre a pré-escola, o ensino fundamental de oito e de nove anos e a idade das crianças:

Tabela 2: Correspondência entre a pré-escola, o ensino fundamental de oito e de nove anos e a idade das crianças

	Ensino Fundamental de 8 anos	Ensino Fundamental de 9 anos	Idade Referência Completada até 30 de Junho
Pré-escola	1ª fase	1ª fase	4 anos
	2ª fase	2ª fase	5 anos
Pré-escola/ EF anos iniciais	3ª fase	1º Ano	6 anos
	1ª série	2º Ano	7 anos
	2ª série	3º Ano	8 anos
Anos finais	3ª série	4º Ano	9 anos
	4ª série	5º Ano	10 anos
	5ª série	6º Ano	11 anos
	6ª série	7º Ano	12 anos
	7ª série	8º Ano	13 anos
	8ª série	9º Ano	14 anos

Fonte: Deliberação nº 73/2008.

Em 2008, o Conselho Estadual de Educação (CEE) também publicou a Indicação CEE/CEB nº 76 com o intuito de responder à dúvidas sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos. Nela, também havia questões sobre a “data-corte” para a matrícula no 1º ano.

Desta forma, apesar do Conselho Nacional de Educação (CNE) ter afirmado várias vezes que a matrícula das crianças no ensino fundamental de nove anos se daria com seis anos completos ou a completar até o início do ano letivo (31 de março do ano em que ocorrer a matrícula), esta não foi a orientação encontrada nas normatizações do CEE.

Como explicitado no Parecer CNE/CEB nº 12/2010:

A data de ingresso das crianças no Ensino Fundamental e a partir dos 6 (seis) anos de idade, completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula, conforme as orientações legais e normas estabelecidas pelo CNE na Resolução CNE/CEB nº 3/2005 e nos seguintes Pareceres: CNE/CEB nº 6/2005, nº 18/2005, nº 7/2007, nº 4/2008, nº 22/2009, e Resolução CNE/CEB nº 1/2010 (CNE/CEB, 2010).

e na Resolução CNE/CEB nº 7/2010:

Art. 8º O Ensino Fundamental, com duração de 9 (nove) anos, abrange a população na faixa etária dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos de idade e se estende, também, a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo.

§ 1º É obrigatória a matrícula no Ensino Fundamental de crianças com 6 (seis) anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula, nos termos da Lei e das normas nacionais vigentes.

§ 2º As crianças que completarem 6 (seis) anos após essa data deverão ser matriculadas na Educação Infantil (Pré-Escola) (CNE/CEB, 2010).

Em 2010, o Conselho Estadual de Educação (CEE) ainda publicou o Parecer

CEE/CEB nº 555, resposta à Diretoria de Ensino de São Carlos, a respeito de consulta realizada sobre o ingresso de crianças com sete anos a completar durante o ano letivo de 2011 no ensino fundamental. A resposta do CEE foi:

A Dirigente da Diretoria de Ensino da Região de São Carlos pode matricular as crianças oriundas da rede municipal, que completarem 07 (sete) anos até 30 de junho do ano da matrícula, no 2º ano do Ensino Fundamental (CEE/CEB, 2010).

Em fevereiro deste ano foi aprovado o Parecer CEE/CEB nº 55/2011, que dispõe sobre a matrícula de crianças no Ensino Fundamental em desacordo com o disposto na Deliberação CEE nº 73/2008.

O Parecer aponta para a existência de alguns problemas de concepção e de procedimentos na rede estadual de ensino, buscando discutir a concepção de Educação Infantil vigente (principalmente nas escolas de Educação Infantil que adotam regimes seriados muito semelhantes, ou iguais, aos de várias escolas de Ensino Fundamental) e a adoção do regime de aprovação e retenção de crianças na Educação Infantil (pré-escola e creche), além de reforçar a importância desta etapa de ensino para as crianças pequenas:

O Conselho sempre teve claro de que não se tratava simplesmente de aplicar as leis 11.114/05 e 11.274/06, mas de implantá-la de acordo com a realidade do sistema de educação de São Paulo, às características das crianças nessa fase de desenvolvimento e uma concepção de Educação Infantil: - Educação Infantil é uma etapa da Educação Básica, em que devem ser oferecidas às crianças experiências sensoriais, motoras e de socialização, necessárias ao seu pleno desenvolvimento, inclusive cognitivo. É uma necessidade e um direito da criança ter essas experiências e a Educação Infantil deve fornecê-las. É importante que os pais, principais responsáveis pela educação de seus filhos, atentem para essa necessidade e direito das crianças. O Conselho Estadual de Educação sempre teve em mente que, na implantação do Ensino Fundamental de 9 anos, no Estado de São Paulo, deveria se preservar a identidade pedagógica da Educação Infantil. Essa posição está explícita no artigo 3º da Deliberação CEE nº 73/08 (CEE/CEB, 2011).

Desta forma, o Parecer CEE/CEB nº 55/2011 reitera que a criança que já completou seu “período” na Educação Infantil, ou seja, já cursou todos os estágios dela, não deve ser retida neste ensino, mesmo que não tenha a idade estabelecida para o ingresso ano seguinte, no Ensino Fundamental. O mesmo afirma sobre a retenção nos estágios da escola de Educação Infantil devido à idade da criança.

[...] Não há motivos que justifiquem o descumprimento da Deliberação CEE nº 73/08 e o conseqüente “encurtamento” da frequência à Educação Infantil por parte dos alunos, objeto do presente Parecer.

Os argumentos de que essas crianças, sem idade adequada, seriam retidas indevidamente também não se sustenta. São as escolas que devem mudar suas propostas e sua concepção de Educação Infantil. Não faz qualquer sentido o conceito de retenção na Educação Infantil, como reprodução de experiências já vividas pela criança numa fase anterior.

[...] Na Educação Infantil as propostas pedagógicas devem contemplar um “continuum pedagógico”, de modo que as crianças sempre avancem em seu percurso escolar, numa evolução adequada às suas características e faixas etárias. Faz parte intrínseca e essencial da proposta curricular, desse nível de ensino, a flexibilidade e

adaptabilidade às características das crianças (CEE/CEB, 2011).

5. A REDE ESTADUAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

O Estado de São Paulo possuía em 2009, segundo o Censo da Educação Básica deste ano, 10.637.167 crianças e adolescentes matriculados na Educação Básica. Destes, 6.057.884 estavam matriculados no ensino fundamental, o que corresponde a cerca de 60% das matrículas.

De acordo com os dados da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE), a rede estadual de ensino, em 2010, possuía 2.605.406 matrículas no ensino fundamental, sendo 756.429 crianças matriculadas nos anos iniciais (Ensino Fundamental de 1ª a 4ª contava com 487.742 matrículas e o Ensino Fundamental nove anos, nos anos iniciais, 268.687 matrículas) e 1.848.977 adolescentes matriculados nos anos finais do ensino fundamental (Ensino Fundamental de 5ª a 8ª contava com 1.776.253 matrículas e o Ensino Fundamental nove anos, nos anos finais, 72.724 matrículas).

Em 2010, a rede estadual de ensino do Estado de São Paulo possuía 4.829 estabelecimentos de ensino. Destes, 1.872 correspondiam à estabelecimentos que ofereciam os anos iniciais do ensino fundamental.

A rede estadual de ensino do Estado de São Paulo é responsável, quase que exclusivamente, pelo oferecimento do ensino fundamental nos anos finais/ciclo II (5ª a 8ª série/ 6º ao 9º ano) e do ensino médio (1º ao 3º ano). Sendo assim, em 2010, a maioria de suas escolas (67% de todas as escolas pertencentes à rede estadual de São Paulo) oferecia estas duas etapas de ensino num mesmo estabelecimento. As demais unidades escolares ofereciam composições diversas: 1) apenas o ciclo I (1ª a 4ª série/ 1º ao 5º ano); 2) somente o ciclo II; 3) os dois ciclos do ensino fundamental e 4) somente o ensino médio.

Dentre estes estabelecimentos de ensino da rede estadual de São Paulo, 321 eram escolas de tempo integral e atendiam a 80.147 crianças e adolescentes do ensino fundamental, o que correspondia à apenas 1,3% de crianças e adolescentes matriculados no ensino fundamental no Estado de São Paulo e 3% dos matriculados na rede estadual de São Paulo.

A cidade de São Paulo possui 52 escolas de tempo integral e atende a 16.229 crianças e adolescentes, ou seja, cerca de 20% de crianças e adolescentes matriculados no Estado São Paulo no ensino de período integral. Destas escolas, 10 pertencem a mesma Diretoria Regional de Ensino da escola pesquisada.

No que se refere às matrículas no 1º ano do ensino fundamental de nove anos, nos anos de 2006, 2007 e 2008, o Estado de São Paulo já possuía matrículas no 1º ano, estas

referentes à Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. No entanto, foi apenas a partir de 2009 que as matrículas neste ano começaram a se efetivar: 5.257 matrículas em 2009 e 80.545 matrículas em 2010. Destas, de acordo com dados enviados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, 20.609 eram de crianças com seis anos de idade e 59.446 eram de crianças com sete anos de idade.

A título de curiosidade, segundo o Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010, havia 554.268 crianças de seis anos de idade e 558.400 crianças de sete anos de idade no Estado de São Paulo.

6. A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Sobre a Escola de Tempo Integral, é interessante notar que o artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) já se referia à ampliação do período de permanência de crianças e adolescentes do ensino fundamental em sala de aula:

Art. 34º. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

§ 1º. São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei.

§ 2º. O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação (2001) também tinha como objetivo e meta

ampliar, progressivamente a jornada escolar visando expandir a escola de tempo integral, que abranja um período de pelo menos sete horas diárias, com previsão de professores e funcionários em número suficiente (BRASIL, 2001).

Na rede estadual de ensino de São Paulo, em 2005, foi aprovada a Resolução SE nº 89, que dispõe sobre o projeto Escola de Tempo Integral. Por meio dela, a Secretaria de Estado da Educação (SEE) incentivou o surgimento de escolas que funcionassem em período integral. Este projeto, pelo menos inicialmente, atingiria escolas de ensino fundamental da rede pública estadual que tivessem condições específicas para este atendimento, como espaço, além de se localizarem, preferencialmente, em bairros periféricos.

O objetivo da escola de tempo integral, segundo o artigo 1º desta Resolução era:

Fica instituído o Projeto Escola de Tempo Integral com o objetivo de prolongar a permanência dos alunos de ensino fundamental na escola pública estadual, de modo a ampliar as possibilidades de aprendizagem, com o enriquecimento do currículo básico, a exploração de temas transversais e a vivência de situações que favoreçam o aprimoramento pessoal, social e cultural (SEE, 2005).

Já em 2006, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE) publicou a Resolução nº 7, que dispõe sobre a organização e funcionamento da Escola de Tempo

Integral, ou seja, discute as normas curriculares para o funcionamento da escola que aderiu ao projeto e a formação do corpo docente para este trabalho, inserindo, pela primeira vez o conceito de “oficinas”, que levaria ao surgimento das “Oficinas Curriculares”, desenvolvidas no contra-turno da Base Nacional Comum, ou seja, do currículo comum obrigatório para todas as escolas de ensino fundamental.

O artigo 2º desta Resolução traz o conceito de oficina:

§ 1º - Entenda-se por oficina de enriquecimento curricular a ação docente/discente concebida pela equipe escolar em sua proposta pedagógica como uma atividade de natureza prática, inovadora, integrada e relacionada a conhecimentos previamente selecionados, a ser realizada por todos os alunos, em espaço adequado, na própria unidade escolar ou fora dela, desenvolvida por meio de metodologias, estratégias e recursos didático-tecnológicos coerentes com as atividades propostas para a oficina (SEE, 2006).

Outro fato interessante nesta Resolução é que ela permite que os próprios diretores das escolas de tempo integral escolham os docentes que trabalharão na escola:

Artigo 4º -- A atribuição das classes e das aulas da Escola de Tempo Integral far-se-á aos docentes inscritos no processo regular de atribuição de classes/aulas, a partir de sua etapa inicial, pelo Diretor de Escola, podendo haver também, se necessário, atribuição das referidas classes e aulas em nível de Diretoria de Ensino (SEE, 2006).

Ainda em 2006, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE) publicou a Resolução nº 50, que dispõe sobre posto de trabalho de Professor Coordenador em escola de tempo integral:

Artigo 1º - A Escola de Tempo Integral da rede estadual de ensino, com no mínimo 140 alunos, contará com um posto de trabalho destinado às funções de Professor Coordenador, sem prejuízo dos postos de trabalho previstos na Resolução SE 35, de 7 de abril de 2000 (SEE, 2006).

A Resolução SE nº 93/2008 estabeleceu diretrizes para a reorganização curricular do ensino fundamental nas escolas de tempo integral. Nela, há considerações sobre a carga horária semanal das aulas da Base Nacional Comum e das Oficinas Curriculares, explicações sobre a distribuição destas aulas, além de elencar as disciplinas das Oficinas Curriculares que devem ser obrigatórias em todas as escolas de tempo integral. Nesta Resolução observa-se, também, a afirmação da autonomia de escolha dos profissionais docentes pela escola:

Artigo 4º - a atribuição das classes e aulas da Escola de Tempo Integral far-se-á na seguinte conformidade:

I - para as disciplinas do currículo básico dos dois segmentos/ciclos do Ensino Fundamental, observadas as disposições da legislação referente ao processo anual de atribuição de classes e aulas, pelo Diretor de Escola, na unidade escolar, e em nível de Diretoria de Ensino, se necessário;

II - para as atividades das Oficinas Curriculares, pela equipe gestora, assistida pelo Supervisor de Ensino da unidade escolar, a docentes e/ou a candidatos à admissão, devidamente inscritos e classificados para o processo regular de atribuição de classes e aulas, que tenham efetuado, paralelamente, em dezembro, inscrição específica para participar do processo seletivo referente ao projeto Escola de Tempo Integral (SEE, 2008).

A última Resolução aprovada pela Secretaria de Educação (SE) sobre a Escola de Tempo Integral foi a Resolução SE nº 7/2010, que alterou os artigos 4º e 6º da Resolução SE nº 93/2008, estes que dispõem sobre as atribuições das aulas das Oficinas Curriculares aos professores.

7. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola pesquisada foi criada em 1933, decreto s/n, publicado no Diário Oficial do Estado de 17 de março de 1933, sendo instalada em 01 de julho de 1933 na zona Sul da cidade de São Paulo. Inicialmente, atendia crianças e adolescentes dos ciclos I e II do ensino fundamental (1ª a 8ª série), no entanto, com a reorganização das escolas estaduais, realizada em 1995, esta escola passou a atender somente crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental (1º a 4º série). Em 2005, pela Resolução SE nº 89, a escola foi incluída no Projeto de Escola de Tempo Integral, mas começou a funcionar neste sistema em 2006.

No ano de 2010, foram atendidas 320 crianças, numa média de 30 por sala de aula. Assim, funcionavam 2 salas de 1º ano, 1 sala de 2º ano, 2 salas de 2ª série, 2 salas de 3ª série e 3 salas de 4ª série.

No início do ano existiam 3 classes de 1º ano, no entanto, no mês de abril, a Diretoria Regional de Ensino, atendendo à orientação da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, informou às escolas que elas deveriam reorganizar as classes de 1º anos, formando um 2º ano, que agruparia todas as crianças que fariam sete anos até o mês de julho de 2010. Desta forma, a escola remanejou algumas crianças, formando uma sala de 2º ano.

De acordo com a Professora Coordenadora, durante a entrevista (Anexo B), no início do ano, a Diretora havia solicitado à Diretoria Regional de Ensino a autorização para montar uma sala de 2º ano com as crianças que completariam sete anos de idade durante o primeiro semestre de 2010. Apesar do pedido ter sido negado, ao formar as classes de 1º ano, a Diretora colocou todas as crianças que estavam nesta situação numa mesma sala e, embora fosse chamada de 1º ano, a orientação pedagógica para essa sala era de trabalhar os conteúdos do 2º ano, e não os do 1º ano. Desta forma, quando a escola recebeu a orientação da Diretoria Regional de Ensino para formação dos 2º anos, a Diretora fez, apenas, alguns remanejamentos, mudando de classe algumas crianças que completariam sete anos idade até julho e que estavam nas outras duas salas de 1º ano, além de realizar uma reunião com os pais/responsáveis para que eles assinassem o Termo de Acordo para que seus filhos passassem a frequentar o 2º ano do ensino fundamental de nove anos. Com essa medida, todas

as crianças matriculadas na rede estadual paulista que completassem sete anos de idade até julho teriam um ensino fundamental de oito, e não de nove anos.

Nesta escola, de acordo com as entrevistas com as mães (Anexo E) e com conversas com a professora do 2º ano A, esta mudança de classe e ano (de 1º ano C para 2º ano A) não foi bem aceita. Uma das reclamações postas por uma mãe de uma criança deste ano, quando perguntada sobre a opinião das mães sobre a mudança, foi: “Acho que quase nenhuma mãe gostou, né? Porque adiantar um filho, assim, sem saber nada, acho que força bastante, né? Porque eles estão fazendo dois anos em um, né?” (Mãe J entrevistada).

Segundo a matriz curricular de 2010, o período da manhã (das 7h00 às 11h30) foi destinado ao desenvolvimento da Base Nacional Comum, composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, História/Geografia, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Educação Física/Arte. Os 1º e 2º anos e as 2ª séries não tinham os componentes curriculares: História/Geografia e Ciências Físicas e Biológicas.

No período da tarde (das 12h30 às 16h10) eram desenvolvidas as Oficinas Curriculares, sendo elas: Orientação para Estudo e Pesquisa; Atividades de Linguagem e de Matemática: Hora da Leitura, Experiências Matemáticas, Língua Estrangeira Moderna (Inglês), Informática Educacional; Atividades Artísticas: Teatro, Artes Visuais, Música, Dança; Atividades Esportivas e Motoras: Esporte, Ginástica e Jogo; Atividades de Participação Social: Saúde e Qualidade de Vida.

Em 2010, foram previstos 100 dias letivos em cada semestre, totalizando 200 dias letivos, como indicava o calendário deste ano e previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996).

No que se refere à estrutura física, a escola contava com 10 salas de aula, cozinha, banheiro para crianças e professores (havia um banheiro feminino e um masculino para as crianças e outro banheiro feminino e masculino para os professores), um pátio coberto (Fotografia 1), uma quadra de esportes coberta, um “playground” (Fotografia 2), um espaço utilizado como estacionamento, sala de professores, sala da diretoria, sala de coordenação, secretaria, biblioteca, sala de informática, almoxarifado, sala de leitura e vídeo, sala de depósito de merenda, sala de materiais de educação física, além de uma área externa (Fotografia 3), utilizada durante os intervalos, e uma horta (Fotografia 4).



Fotografia 1: Pátio.



Fotografia 2: Playground.



Fotografia 3 Área externa.



Fotografia 4: Horta.

A equipe escolar era composta por 28 professores (13 trabalhavam no período da manhã, sendo 10 professores de formação polivalente, 1 de Educação Física, 1 de Artes e 1 de Sala de leitura, e 15 trabalhavam no período da tarde, nas Oficinas Curriculares), 12 funcionários (3 merendeiras, 3 faxineiras, 3 inspetores, 2 oficiais de escola e 1 secretária), uma Diretora, uma Vice-Diretora e uma Professora Coordenadora.

No Plano de Gestão de 2006, constava a caracterização da “comunidade” e da “clientela”, entendendo-se “comunidade” como o entorno da escola e “clientela” como as crianças que a frequentavam.

A comunidade foi descrita como sendo de classe média, cuja atividade econômica predominante era a prestação de serviços, com destaque na atividade hospitalar, visto que a escola localizava-se próxima a grandes hospitais.

Os serviços públicos disponíveis nesta comunidade eram: Administração Regional, Secretaria Municipal de Esportes, parques, centros recreativos, clubes, bibliotecas, boas condições de meios de transporte (metrô e ônibus que trafegavam para diversas regiões da cidade). Contava, ainda, com agências de correios, postos telefônicos, creches, postos de saúde e escolas particulares e municipais.

As crianças desta escola advinham de bairros distantes, sendo, sua maioria, filhas de diaristas, zeladores, faxineiras e funcionários dos hospitais, que vinham para o trabalho nas circunvizinhanças da escola.

Com base no Plano de Gestão de 2006 (último realizado por esta instituição de ensino), esta escola

[...] conforme o consenso do grupo de professores, corpo gestor e supervisão, partindo de seu PPP (Projeto Político Pedagógico), terá como foco principal na organização dos tempos e espaços escolares a interação sócio – pedagógica, isto é, a busca constante da qualidade do ensino em integração harmônica entre os atores: alunos, professores do ciclo I, os das Oficinas Curriculares, os pais, demais funcionários ou da U.E. (Unidade de Ensino) como um todo. Aos professores da Base Comum e os das Oficinas competem o domínio, a organização e a execução das práticas pedagógicas que conduzam à aprendizagem significativa e prazerosa (PLANO DE GESTÃO, 2006, p. 3).

As considerações tecidas durante a 1ª fase do Planejamento Escolar de 2006, contidas no Plano de Gestão de 2006, resultaram em conceitos que deveriam orientar atitudes únicas, dentro da Unidade de Ensino (U.E.), para que a articulação teoria/prática “não ficasse no papel”. Os conceitos acordados foram:

- 1) *Rotina* - como sinônimo de organização e planejamento constantes;
- 2) *Avaliação* - fator a serviço da aprendizagem: avaliar para replanejar, para diagnosticar a evolução do aluno e o trabalho do professor. Deverá ser contínua e obedecer aos objetivos propostos em cada componente;

3) *Contextualização* - a construção de habilidades, colocando a teoria em prática, com consciência, em busca de uma aprendizagem significativa. Lembrar sempre de que o ideal *versus* o real criam conflitos que geram aprendizagem, sem nunca minimizar o ideal;

4) *Interdisciplinaridade* - que o aluno, ao conhecer um fato novo em um componente, consiga/saiba relacioná-lo a outros componentes. A interdisciplinaridade, nesta U.E., deverá articular o maior número possível de conteúdos, lembrando de que “tema gerador” nem sempre garante interdisciplinaridade, e, Temas Transversais não são componentes curriculares, mas, ajudam a construir conceitos e a desenvolver valores humanos;

5) *Tempo didático* - é a sensibilidade do professor para adequar o conteúdo ao tempo programado de aula. Para isto, o professor deverá ater-se a objetivos precisos e claros do que vai realizar: “conhecer o que faz, amar o que faz e acreditar no que faz”. Isto se chama *organização*;

6) *Compreender a inclusão* - com o aluno incluso aprendemos, muitas vezes, mais do que ensinamos. Esta Proposta visa ao respeito constante às dificuldades do outro, onde existe a ajuda mútua e o compromisso da formação que este aluno exige (PLANO DE GESTÃO, 2006, p. 3-4).

No que se refere à avaliação do processo de ensino-aprendizagem, a escola declarou que esta era cumulativa e sistemática, envolvendo a análise do conhecimento e das técnicas específicas adquiridas pela criança e também aspectos formais, por meio da observação de suas atitudes em sala de aula, das participações nas atividades pedagógicas e das responsabilidades com que assume o cumprimento de seu papel. Desta maneira, as crianças eram avaliadas diariamente (mudança de comportamento) e bimestralmente (provas escritas, trabalhos, pesquisas e observação direta).

Segundo o Plano de Gestão de 2006, os conceitos utilizados para o registro dos resultados obtidos pelas crianças nas avaliações eram: PS (Rendimento plenamente satisfatório), S (Rendimento satisfatório), NS (Rendimento não satisfatório) e NA (Aluno não avaliado – evadido).

A recuperação era realizada conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e era destinada às crianças que obtivessem aproveitamento considerado insatisfatório nas disciplinas. Estas atividades de recuperação aconteciam de forma contínua e paralela ao longo do processo de ensino-aprendizagem, através da parceria com os Parceiros da Educação, que disponibilizava profissionais capacitados que ministravam as aulas de reforço. Segundo a escola, as turmas de 1º e 2º ano não possuíam aulas de recuperação, estas eram ministradas somente às crianças das 2ª, 3ª e 4ª séries. No entanto, no final do ano letivo de 2010, as professoras dos 1º e 2º anos realizaram aulas de reforço para algumas das crianças destas turmas durante o período da tarde.

O Plano de Gestão (2006) não fazia referência à reprovação. A Professora Coordenadora disse não trabalhar com este conceito, como preconizado pela LDB/1996 sobre progressão continuada, apesar de haver retenção de crianças, principalmente na 4ª série,

justificando que estas não possuem “conhecimentos básicos” para prosseguir o Ensino Fundamental. Em 2010, a taxa de reprovação desta escola, segundo o Censo Escolar, foi de 4,5%³.

De acordo com o calendário da escola, foram previstas duas reuniões pedagógicas semanais, utilizando-se das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs) - previstas na jornada de trabalho do professor -, realizadas nas segundas e quartas-feiras das 11h30 às 12h30 e nas sextas-feiras, em dois horários, 11h30 às 12h30 e 16h20 às 18h20, para que todos professores pudessem participar.

As professoras que trabalhavam com os 1º e 2º anos e com as 2ª séries participavam do programa Ler e Escrever, um programa do Governo Estadual de São Paulo, cujo objetivo é a formação dos professores alfabetizadores por meio de reuniões, cursos e guias curriculares⁴. As reuniões deste programa eram realizadas nas segundas e quartas-feiras das 12h30 às 14h40.

A Associação de Pais e Mestres (APM), segundo o Plano de Gestão (2006), tinha como finalidade colaborar no aprimoramento do processo educacional, na assistência ao escolar e na integração escola-comunidade. Desta maneira, era composta pelos segmentos de professores, pais, crianças (alunos) e funcionários.

Dentre os objetivos da APM, encontrados no Plano de Gestão (2006), destacavam-se:

- 1) Dinamização da APM e uma participação mais efetiva da comunidade na solução de problemas da escola;
- 2) Proporcionar condições de aprimoramento do processo educacional;
- 3) Proporcionar condições de manutenção da dependência física do estabelecimento através do convênio como a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE);
- 4) Promover palestras, reuniões com pais e alunos para sensibilização de todos os objetivos da escola;
- 5) Realizar campanha de ajuda ao aluno mais carente (encaminhamento para médico, odontologista, psicólogo e fonoaudiólogo);
- 6) Promover festas e confraternizações;
- 7) Promover atividades extraclasse (PLANO DE GESTÃO, 2006).

A escola possui Conselho de Escola e este funciona, segundo a Professora Coordenadora, de acordo com as Leis, porém não foi possível coletar mais dados, uma vez que os Planos de Gestão consultados estavam desatualizados.

A escola não possui Grêmios Estudantil, nem se propõe a organizá-lo.

De acordo com o Plano de Gestão (2006), pesquisadores das áreas médicas, como Psicologia e Fonoaudiologia, envolviam-se no cotidiano da escola, realizando trabalhos

³ Informação retirada do site do Ministério da Educação: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

⁴ Maiores informações no site:<www.fde.sp.gov.br>. Acesso em: 21 jan. 2011.

voluntários. Outros projetos também estavam se engajando na escola, como, por exemplo, a Musicoterapia, cujo objetivo era trabalhar com os instrumentos musicais existentes na escola, e outros, tendo como finalidade melhorar a qualidade de vida das crianças através da música.

Entidades como a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Instituto Fouchard, Vigilância Ambiental, Museu de Arte Moderna (MAM), Museu da Casa Brasileira, eram alguns parceiros que ampliavam as atividades de todas as Oficinas Curriculares e da escola como um todo.

A escola também possuía parceria com o Projeto Quixote (Unifesp) e com o projeto Parceiros da Educação, o qual tem por objetivo contribuir para a formação integral de crianças e adolescentes da rede pública, por meio de parcerias entre empresas e escolas, visando a melhoria da qualidade do ensino e do aproveitamento escolar⁵.

No ano de 2010, a escola contou com a ajuda financeira da Fundação para Desenvolvimento da Educação (FDE), do Ministério da Educação (MEC) - como, por exemplo, verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que, em 2010, foi de R\$ 2.922,60⁶ -, dos Parceiros da Educação, além da arrecadação de verbas pela própria escola, por meio da realização de festas e eventos.

8. ANÁLISE DOS DADOS

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

8.1. Primeiras impressões

“Não existe aprender brincando! As crianças precisam de concentração, e isso não se encontra no lúdico!”, fala da professora do 2º ano A (na época, 1º ano C), durante a 1ª fase do Planejamento Escolar de 2010 na escola estadual pesquisada, ao comentar um documento lido por ela e recebido pela escola sobre ludicidade.

Durante a 1ª fase do Planejamento Escolar, realizada no mês de fevereiro de 2010, a Professora Coordenadora orientou os professores dos 1º anos sobre o que deveriam desenvolver com suas turmas durante o ano letivo. Nas turmas dos 1º anos A e B, ela orientou

⁵ Informação contida no site: <www.parceirosdaeducacao.org.br>. Acesso em: 13 jan. 2011.

⁶ Informação retirada do site do Ministério da Educação: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

que as professoras da Base Nacional Comum trouxessem “conteúdos da Educação Infantil”, da pré-escola, trabalhando mais com o “lúdico”, o que não foi entendido como brincadeiras ou momentos livres, mas como “atividades de pré-alfabetização”, ou seja, atividades realizadas a fim de desenvolver habilidades (motoras) para que as crianças iniciassem a alfabetização. Já na turma do 1º ano C, futuramente chamada de 2º ano A, composta por crianças com sete anos de idade completos ou a completar durante início o ano letivo, a Professora Coordenadora orientou a professora a trabalhar com a alfabetização sistemática, assim como era trabalhado na antiga 1ª série, uma vez que as crianças deste ano deveriam sair dele alfabetizadas. Orientação esta diferente, pelo menos inicialmente, daquela dada às outras turmas de 1º ano, nas quais as crianças deveriam chegar ao final do ano sabendo o alfabeto, escrevendo o nome e algumas palavras. No entanto, posteriormente, esta orientação foi modificada: ao longo do primeiro bimestre já se podia verificar que o foco destas turmas também era a alfabetização sistemática.

A primeira discussão do grupo de professores dos 1º anos, incluindo os da “futura” turma de 2º ano, foi baseada no documento *Projeto Toda Força ao 1º ano: conversa com os pais* (SÃO PAULO, 2010), que elucidava questões sobre a alfabetização e buscava uma participação dos pais neste processo. Cada professora também recebeu um programa com temas e habilidades que deveriam ser desenvolvidos durante o ano em suas disciplinas. Este programa seguia as orientações do programa Ler e Escrever, do qual estas professoras polivalentes participavam, e da Matriz Curricular do ano de 2010.

Dia 18 de fevereiro de 2010 foi o primeiro dia de aula na escola para cerca de 90 crianças de seis, e algumas já com sete anos de idade. Este foi um dia reservado para elas, pois as demais viriam para escola somente no dia seguinte. Inicialmente, houve uma reunião com os pais, no pátio, na qual a Professora Coordenadora deu alguns informes e fez “combinados” com os pais, como a utilização dos uniformes e o horário de chegada, além de apresentar os professores que trabalhariam com e as crianças.

A escola se mostrava muito receptiva às crianças, no entanto, não deixou de reforçar algumas “normas” da escola de ensino fundamental: uma das primeiras “atividades” realizadas pelas crianças dentro da escola foi aprender a ficar em fila: ficar em fila para ir para sala, dentro da sala e para sair da sala.

Assim, em fila, as crianças do 1º ano B (turma acompanhada neste dia) foram para a sala, onde a professora fez a chamada, se apresentou e pediu para que se apresentassem, fazendo, posteriormente, alguns “combinados” (não falar alto; ouvir a professora e os colegas; evitar ir ao banheiro e tomar água, mas que, se precisassem, solicitassem a professora; não

colocar a mão no colega, para evitar machucar e/ou brigar; usar seu próprio material e evitar pedir emprestado ou emprestar).

Neste dia, a professora permitiu, como a Professora Coordenadora já havia salientado durante a 1ª fase do Planejamento Escolar (2010), que as mães acompanhassem seu (sua) filho (a) até a sala de aula e ali permanecer por alguns instantes, até que se “acostumassem”.

A professora do 1º ano B teve algumas “dificuldades” com as crianças nestas primeiras semanas, uma vez que algumas delas choravam ou queriam ir para casa – nestes casos a professora dava uma atenção especial e/ou ligava para os pais/responsáveis - outras, ficavam conversando com os coleguinhas, já que a maioria das crianças do 1º ano desta escola já havia estudado junto na escola de educação infantil, outras, ainda, dormiam.

Um fato observado que ilustra e caracteriza a escola de ensino fundamental é a relação estabelecida entre professoras e crianças: algumas delas chamavam as professoras de “tia” ao invés de “professora”: neste primeiro dia de aula, quando uma das crianças do 1º ano B chamou a professora de “tia”, logo em seguida esta respondeu: “Tia é na EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), aqui é professora!”.

Outro exemplo que marca a ruptura colocada entre estas duas etapas de ensino pode ser verificado quando as crianças se agitavam ou brincavam na sala de aula e as professoras diziam: “Vocês não estão mais na EMEI!”, “Não é hora de brincar!”, “Vocês estão sendo avaliados!”. Falas como estas foram presenciadas, principalmente, nas primeiras semanas de aula.

Acontecimentos como estes traduzem não só a distância existente entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, mas o despreparo e/ou falta de informação dos profissionais da escola para o recebimento das crianças menores.

Como explicitam os documentos *Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais* (BRASIL, 2004b) e *A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade* (BRASIL, 2009a):

[...] a adoção de um ensino obrigatório de nove anos iniciando aos seis anos de idade pode contribuir para uma mudança na estrutura e na cultura escolar. No entanto, não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos (BRASIL, 2004b, p.17).

e

[...] as experiências, saberes e conhecimentos construídos na educação infantil acerca dessa criança precisam mais do que ser considerados, devem, sobretudo, servir de parâmetro para as práticas e as intervenções pedagógicas que se pretende construir com elas no novo Ensino Fundamental (BRASIL, 2009a, p. 121).

8.2. Matrícula

A escola pesquisada, apesar de ser “bem procurada”, como disseram algumas mães durante as entrevistas, possui poucas crianças inscritas na lista de intenção de vagas: no 1º ano, não havia crianças nesta lista, já no 2º ano, existiam três crianças. No entanto, no 2º semestre de 2010, a escola recebeu duas crianças de seis anos, encaminhadas pela Diretoria Regional de Ensino (transferência) para os 1º anos.

Segundo a secretária da escola, as crianças eram chamadas para a realização da matrícula conforme o número de inscrição: algumas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) encaminhavam as crianças para a escola, com a devida autorização e desejo dos pais/responsáveis, nos demais casos, estes compareciam na escola para solicitar a matrícula, e, dependendo do número da solicitação e da quantidade de vagas disponíveis pela escola para a série (ano) desejada (o), eram chamados para a realização da matrícula.

Foram matriculadas no 1º ano crianças que fariam seis anos de idade até o dia 30 de junho daquele ano letivo e crianças que já haviam completado, ou iriam completar, sete anos de idade no início do ano letivo (conforme a Deliberação CEE nº 73/2008). Esta turma com crianças de sete anos de idade foi denominada, posteriormente, de 2º ano (como previsto na Deliberação CEE nº 61/2006).

As turmas de 1º e 2º anos foram acomodadas nas primeiras salas do prédio, próximas do pátio, banheiros e bebedouros, no entanto, duas delas ficavam no piso superior (1º andar), o que contrariou a orientação da Diretoria Regional de Ensino: “acomodar todas as turmas/classes de 1º ano no piso térreo”, como dito pela Professora Coordenadora durante a 1ª fase do Planejamento Escolar de 2010, justificando este descumprimento com a possível presença de crianças cadeirantes nestas classes (cada série/ano tinha uma sala no piso térreo).

As classes/turmas de 1º e 2º anos foram formadas por, em média, 30 crianças.

8.3. Espaço físico

Em entrevista (Anexo B), a Professora Coordenadora afirmou que a escola não passou por nenhum tipo de adaptação para o recebimento de crianças menores. Desta forma, fez críticas quanto à forma com que estava sendo implementado o ensino fundamental de nove anos, uma vez que acreditava que o espaço também influenciava no currículo, nas atividades pedagógicas desenvolvidas.

Não acredito que um ensino de nove anos seja desse jeito, por exemplo, eu não tenho ambiente para uma criança de seis anos, que acabou de completar seis anos, eu não tenho mobiliário, eu não tenho espaço pra essa criança ter as atividades condizentes com a idade dela. Não tem condição de uma criança do primeiro ano ser

tratada como uma criança de segundo ano, e é o que acontece, por quê? Porque o mobiliário não é adequado a ela... Eu precisaria ter as mesinhas específicas para as crianças pequenas, não é? Porque, mesmo sendo de seis anos, o tamanho da criança varia, não é? Há os maiores e os menores, mesmo nesta faixa etária, mas pra ambos os tamanhos, precisaria de cadeirinhas, precisaria de mesinhas, mesas circulares, onde trabalhariam praticamente em grupo, eu precisaria de muito material adequado pra idade deles. Lousa, apagador, giz e voz de professor são coisas, assim, de última utilidade, não é de primeira.

A Professora Coordenadora confessou, ainda, que as únicas adequações que ocorreram na escola foram com a ajuda do projeto Parceiros da Educação, mas que isso já vinha acontecendo na escola desde o ano de 2006, ano no qual a escola se tornou escola de tempo integral e, segundo a profissional, necessitava de ambientes mais adequados para crianças que passariam o dia inteiro nela. Assim, foi construído o “playground”, realizada uma reforma no refeitório e na sala de informática, bem como realizados outros pequenos ajustes.

Dentro das salas de aula, conforme a Professora Coordenadora, não houve modificações. As carteiras e os mobiliários continuaram os mesmos.

Durante a entrevista com a Diretora da escola (Anexo A), ela afirmou que a Diretoria Regional de Ensino havia disponibilizado carteiras novas para o ano de 2010, porém, ela não aceitou, já que as carteiras da escola estavam novas (havam sido trocadas há pouco tempo) e ela não teria lugar para guardá-las caso houvesse a troca.

Assim, as carteiras foram as mesmas, o banheiro é o mesmo... Até porque, veja bem, me perguntaram se eu queria as carteiras, né? E eu falei que não. Aí você vai falar assim: “Poxa, mas por quê?” Porque eu tenho todas as carteiras nas salas novas, eu iria fazer o que com estas? Jogar fora? Porque, você sabe, eles mandam e depois eles não recolhem. Nós estamos aí com uns vinte computadores... que eles trocaram os computadores... Eles não têm onde pôr, e eu também não tenho!

Nas observações de sala de aula, foi possível confirmar que os mobiliários não eram adequados para as crianças, uma vez que muitas delas não conseguiam realizar as atividades sentadas na cadeira, e, por isso, ficavam em pé ou de joelhos. As carteiras impossibilitavam o envolvimento entre as crianças, como, por exemplo, a formação de grupos: na sala do 1º ano A, as crianças ficavam enfileiradas (Fotografia 5); nas turmas do 1º ano B e do 2º ano A (“antigo” 1º ano C) as professoras da Base Nacional Comum buscavam realizar um trabalho diferenciado, organizando a sala em grupos ou em duplas, mas nem todos os professores destas turmas trabalhavam desta forma (Fotografias 6 e 7).



Fotografia 5: Sala do 1º ano A.



Fotografia 6: Sala do 1º ano B.



Fotografia 7: Sala do 2º ano A.

Observando as fotografias (Fotografias 8, 9, 10 e 11), pode-se notar que as professoras dos 1º e 2º anos tiveram a preocupação de deixar a sala de aula organizada de maneira diferente, com alguns “cantinhos temáticos”, como o Cantinho da leitura, bem como expõem os trabalhos realizados pelas crianças, fazendo com que o ambiente da sala de aula se tornasse “mais divertido” para elas, mas sempre incentivando a alfabetização e envolvendo regras de utilização (como, por exemplo, horários para utilização dos “cantinhos” (após as atividades) e quantidade de crianças que poderiam ir até eles).



Fotografia 8: Cantinho da leitura do 1º ano A.



Fotografia 9: Cantinho dos jogos do 1º ano A.



Fotografia 10: Cantinho da leitura do 1º ano B.



Fotografia 11: Cantinho da leitura do 2º ano A.

Durante a pesquisa de campo, não foram observadas adequações físicas para o recebimento de crianças de seis anos na escola, porém, verificou-se exemplos da preocupação

das professoras com a sala de aula, deixando-a mais “lúdica”, mais enfeitada e com mais estímulos visuais.

Percebeu-se, também, que, muitas vezes, os próprios mobiliários e a disposição deles impediam a ludicidade e caracterizavam a relação criada dentro da sala de aula: voltada para o processo de alfabetização. O Cantinho dos jogos (Fotografia 9), por exemplo, era um “cantinho” de atividades artísticas, e os brinquedos disponíveis, além de serem poucos, eram “educativos” ou “didáticos”.

O Parecer CNE/CEB nº 11/2010, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de nove anos, afirma a importância da ludicidade e a necessidade do primeiro ciclo do ensino fundamental de nove anos recuperar traços essencialmente da educação infantil, para que todas as linguagens das crianças sejam exploradas.

Na perspectiva da continuidade do processo educativo proporcionada pelo alargamento da Educação Básica, o Ensino Fundamental terá muito a ganhar se absorver da Educação Infantil a necessidade de recuperar o caráter lúdico da aprendizagem, particularmente entre as crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos que frequentam as suas classes, tornando as aulas menos repetitivas, mais prazerosas e desafiadoras e levando à participação ativa dos alunos. A escola deve adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de racionar manuseando-os, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares (CNE/CEB, 2010).

Nesta perspectiva, o espaço escolar pode ser um grande facilitador ou complicador das práticas escolares: um espaço inadequado, muitas vezes, gera práticas também inadequadas.

Como destaca o documento *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão a criança de seis anos de idade* (2007):

Para a legitimidade e a efetividade dessa política educacional, são necessárias ações formativas da opinião pública, condições pedagógicas, administrativas, financeiras, materiais e de recursos humanos, bem como acompanhamento e avaliação em todos os níveis da gestão educacional (BRASIL, 2007, p. 7).

8.4. Currículo e avaliação

Os 1º e 2º anos possuíam uma grade curricular equivalente a 15 aulas semanais de Português, 6 de Matemática, 2 de Educação Física e 2 de Artes no período da manhã (Base Nacional Comum), com duração de 50 minutos cada uma delas. As disciplinas eram divididas de forma que, quase todos os dias, as turmas de 1º e 2º anos tinham aula de Educação Física ou Artes no período da manhã.

No período da tarde (Oficinas Curriculares), a grade curricular era formada pelas disciplinas: Orientação para Estudo e Pesquisa (2 aulas semanais), Experiências Matemáticas (2 aulas semanais), Inglês (2 aulas semanais), Informática Educacional (2 aulas semanais), Atividades Artísticas: Teatro, Artes Visuais, Música, Dança (2 aulas semanais), Atividades Esportivas e Motoras: Esporte, Ginástica e Jogo (4 aulas semanais) e Saúde e Qualidade de Vida (6 aulas semanais). É importante ressaltar que eram realizadas duas aulas de Oficinas Curriculares durante as tardes, como uma maneira de evitar a grande rotatividade de professores num mesmo dia neste período e de maximizar a utilização do tempo destinado a elas.

No ano letivo de 2010, a escola não recebeu livros didáticos para o trabalho com os 1º e 2º anos, apesar de tê-los escolhido - devido à ordem da Secretaria de Estado da Educação, o uso de livros didáticos no 1º ano foi suspenso. Mesmo com esta medida, a Professora Coordenadora permitiu que as professoras utilizassem os livros do programa Ler e Escrever e livros didáticos de português e matemática durante o primeiro semestre deste ano letivo, uma vez que na escola havia livros dos anos anteriores que não haviam sido utilizados.

Durante o segundo semestre, a Professora Coordenadora também permitiu a utilização dos livros de história, geografia e ciências, lembrando que estes livros eram todos destinados à 1ª série do “antigo” ensino fundamental, e não ao 1º ano do ensino fundamental de nove anos. Desta forma, as professoras escolhiam as atividades a serem trabalhadas de acordo com seus objetivos, mas, também, com o ritmo das crianças.

Desde o início do semestre letivo, a orientação para a professora do 2º ano era que ela trabalhasse como se a turma fosse uma antiga 1ª série, uma vez que as crianças deste ano já tinham sete anos de idade completos ou a completar já no primeiro semestre. A orientação para os 1º anos também era a de trabalhar com a alfabetização, mas considerando alguns trabalhos desenvolvidos no último estágio da educação infantil (pré-escola), como já mencionado sobre a 1ª fase do Planejamento Escolar de 2010. Desta maneira, as professoras realizaram, no primeiro bimestre, algumas atividades motoras e outras incentivando a aprendizagem da leitura e da escrita, como, por exemplo, a leitura diária de histórias e perguntas de compreensão sobre elas para as crianças. No entanto, rapidamente, estas professoras também partiram para a alfabetização sistemática destas crianças.

Vale ressaltar que muitas crianças destas turmas/classes de 1º ano estavam em processo de alfabetização desde a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), algumas já escreviam o próprio nome e/ou algumas palavras – no 1º ano B, as crianças chegaram na

escola mais “avançadas” no processo de alfabetização do que as do 1º ano A (a maioria das crianças do 1º ano B terminou o ano alfabética).

O objetivo do trabalho pedagógico desenvolvido no 1º ano A, de acordo com o Plano de Ensino (2010) da professora, era: “Desenvolver a alfabetização lingüística e a alfabetização matemática visando a apropriação da leitura e da produção de textos, e do raciocínio lógico” (p.2). De acordo com o Plano de Ensino (2010) da professora do 1º ano B: “Compreender o funcionamento do sistema de escrita” (p.2).

Na 2ª fase do Planejamento Escolar, ocorrida no mês de julho de 2010, a Professora Coordenadora reforçou a questão de alfabetização também para os professores das Oficinas Curriculares, dizendo que aquelas disciplinas que envolvessem o “lúdico”, como Artes, Educação Física e Informática, deveriam deixar seu currículo mais “aberto”, descontraído, apresentando “atividades diferenciadas”. No entanto, as demais disciplinas focariam seus conteúdos na alfabetização, ou seja, a maioria das disciplinas do período da tarde se tornaria a “extensão” do período da manhã. Desta forma, as crianças dos 1º e 2º anos permaneceriam nove horas dentro da escola desenvolvendo atividades de alfabetização, muitas vezes, maçantes e insignificantes para elas, que possuem diversas formas de se comunicar e expressar. Daí o fato de muitas crianças dormirem nas aulas, se sentirem cansadas e ficarem com vontade de voltar para casa.

Na reunião de pais, realizada no dia 08 de julho de 2010, a mãe de uma criança do 1º ano A confessou que sua filha estava tendo dificuldade para se adequar ao Ensino Fundamental e que ela tinha vindo de Escolas de Educação Infantil (creche e pré-escola). Muitas mães e pais compartilharam deste comentário. Desta forma, a professora disse que, justamente devido a isso, ela iria trabalhar, no segundo semestre, com atividades diferentes dentro da sala. Assim, algumas crianças fariam uma atividade, outras fariam outras atividades, com um grau de dificuldade maior ou menor dependendo do ritmo da criança.

As crianças sempre “diziam” que aquilo que estava sendo desenvolvido pelas professoras, pela escola, não era adequado a elas. Entre as aulas ou mesmo durante elas, além de dormir, as crianças brincavam e conversavam com os coleguinhas do lado, pegavam alguns brinquedos de dentro da mochila e, até mesmo, faziam dos objetos escolares fonte de muita imaginação, fato que as professoras, a todo momento, tentavam controlar, chamando a atenção, dizendo para ficarem quietas ou mudando-as de lugar. No entanto, elas resistiam...

No final do ano, a maioria das crianças foi classificada com “alfabética”, no entanto as professoras continuavam preocupadas, pois uma das orientações do programa Ler e Escrever era alfabetizar todas as crianças dos 1º anos já no final do ano letivo, apesar de não ser esta a

orientação da Diretoria Regional de Ensino. Como diz a professora do 1º ano A, em entrevista (Anexo C):

O pessoal do Ler e Escrever diz que tem que estar alfabético ao final do ano, já o pessoal da Diretoria acha que não, acha que eles têm uma recreação, por causa da idade, não é tanto exigido. Só que nós ficamos assim... Como foi implantado o primeiro ano este ano, ficamos assim... Porque eles querem brincar, gente, seis anos...

A avaliação, segundo as professoras, era realizada continuamente, em todo o processo de aprendizagem, por meio das sondagens, efetuadas mensalmente. Todavia, era nas provas escritas que a professora poderia “dar uma nota” a cada criança, pois, continuavam a ser avaliadas, bimestralmente, através de notas de 0 a 10.

As sondagens eram realizadas durante duas semanas e individualmente. Na sondagem de cada mês, era utilizado um campo semântico diferente, ou seja, um tema era escolhido pela professora, este já trabalhado em sala de aula, e realizado um ditado de palavras e frases sobre o tema. Estas sondagens tinham por objetivo verificar em qual “hipótese de escrita” cada criança estava, baseando-se nas orientações do programa Ler e Escrever, transmitidas aos Professores Coordenadores em reuniões com a coordenadora deste programa.

O Parecer CNE/CEB nº 4/2008, que dispõe sobre a organização dos três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos, orienta que as avaliações, no âmbito escolar, devam ser realizadas diferencialmente, sem serem traduzidas a meras “notas”, como costuma fazer o ensino fundamental:

- 9 – A avaliação, tanto no primeiro ano do Ensino Fundamental, com as crianças de seis anos de idade, quanto no segundo e no terceiro anos, com as crianças de sete e oito anos de idade, tem de observar alguns princípios essenciais:
 - 9.1 – A avaliação tem de assumir forma processual, participativa, formativa, cumulativa e diagnóstica e, portanto, redimensionadora da ação pedagógica;
 - 9.2 – A avaliação nesses três anos iniciais não pode repetir a prática tradicional limitada a avaliar apenas os resultados finais traduzidos em notas ou conceitos;
 - 9.3 – A avaliação, nesse bloco ou ciclo, não pode ser adotada como mera verificação de conhecimentos visando ao caráter classificatório;
 - 9.4 – É indispensável a elaboração de instrumentos e procedimentos de observação, de acompanhamento contínuo, de registro e de reflexão permanente sobre o processo de ensino e de aprendizagem;
 - 9.5 – A avaliação, nesse período, constituir-se-á, também, em um momento necessário à construção de conhecimentos pelas crianças no processo de alfabetização (CNE/CEB, 2008).

O Plano de Gestão disponível pela escola para consulta foi o do ano de 2006, e era o mais recente, ainda que desatualizado, já que é válido por quatro anos. A escola já estava elaborando o Plano de Gestão de 2010, no entanto, por não ter finalizado, não foi possível o acesso a ele.

No projeto pedagógico da escola, presente no Plano de Gestão de 2006, não foi encontrado nenhuma menção ao ensino fundamental de nove anos e à criança de seis anos, muito menos ao currículo e avaliação dos 1º anos.

Sobre a formulação do projeto pedagógico, a Resolução CNE/CEB nº 7/2010, dispõe:

Art. 20 - As escolas deverão formular o projeto político-pedagógico e elaborar o regimento escolar de acordo com a proposta do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, por meio de processos participativos relacionados à gestão democrática.

§ 1º O projeto político-pedagógico da escola traduz a proposta educativa construída pela comunidade escolar no exercício de sua autonomia, com base nas características dos alunos e nos profissionais e recursos disponíveis, tendo como referência as orientações curriculares nacionais e dos respectivos sistemas de ensino (CNE/CEB, 2010).

É importante dizer, também, que, durante o ano letivo de 2010, ocorreram vários eventos e comemorações na escola, nos quais foram chamadas as famílias e as crianças para participarem. Dentre eles, pode-se citar: Festa Junina, Dia das Bruxas (festa coordenada pela professora de Inglês, e, por isso, envolveu a utilização desta língua durante a festa), Desfile Cívico (ocorrido no Sambódromo de São Paulo), dentre outras atividades extracurriculares, como a realização de passeios (por exemplo, visita ao SESC localizado próximo à escola).

Outra questão observada durante as visitas à escola, e que vale a pena ser mencionada, apesar de não ser enfoque deste trabalho, foi o uso corriqueiro dos vocábulos “pré-silábico”, “silábico”, “silábico-alfabético” e “alfabético” pelas crianças dos 1º anos. Elas sempre perguntavam às professoras em que “hipótese” estavam e quanto faltava para serem “alfabéticas”, da mesma forma, as professoras incentivavam e reforçavam a ideia/importância destas “hipóteses” para as crianças, banalizando seu uso e criando certo desconforto elas.

Em entrevista (Anexo C), a professora do 1º ano B afirmou:

Uma mãe, esta semana, até comentou comigo: “poxa, eu não sabia que meu filho já sabia ler e escrever!”, e falou: “venha aqui e deixa eu ver como você está!”. Aí pegou uma palavrinha e mandou ele ler, e ele leu... Ela: “Nossa!”, e falou: “Então escreve...” e ele começou a escrever! Ela falou que foi uma felicidade enorme, e falou: “Eu nem sabia!”. Eu falei: “Não, seu filho, realmente, é uma criança que, assim, é bem catatauzinho”... Acho que fez sete anos agora, se não me engano, ou ainda nem fez, chegava pra mim e falava: “professora, eu sou alfabético?”, e eu achava uma graça, você entendeu? A vontade dele, que ele tinha... Então, começou, assim, a circular na sala o vocabulário, “eu sou alfabético? Eu sou alfabético?”, querendo ser alfabético.

Percebeu-se, pois, a inadequação curricular dos 1º anos, uma vez que o currículo estava muito mais voltado para alfabetização das crianças já no 1º ano, havendo pouca, ou nenhuma, modificação curricular se comparada ao currículo da antiga 1ª série, bem como a avaliação, que continuou sendo, majoritariamente, classificatória e, por vezes, discriminatória.

8.5. Brincadeiras

As crianças brincam, isso é o que as caracteriza. [...] As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. Uma cadeira de cabeça para baixo se torna barco, foguete, navio, trem, caminhão. Aprendemos, assim, com as crianças, que é possível mudar o rumo estabelecido das coisas.

Sonia Kramer

Os Planos de Ensino (2010) das professoras dos 1º anos não mencionavam questões referentes aos momentos de brincadeiras. A ludicidade vinha acompanhada por atividades de alfabetização, ou seja, a utilização de parlendas, cruzadinhas, cantigas e adivinhas em atividades de leitura e escrita, além da utilização de “jogos pedagógicos”.

Em entrevista com a professora do 1º ano B (Anexo C), quando perguntada sobre a realização de brincadeiras com as crianças, disse:

É... Eu tiro pra eles... Eu cantei bastante com ele “A canoa virou”, né? Aí depois eu desço com eles, e brinco na roda, mesmo... Cada vem que fala “a canoa virou, foi por causa da Manuela, que não soube remar!”, aí eu mando virar de costas. Faço com todos, todos viram de costas. Depois eu conto “se eu fosse um peixinho e soubesse nadar, eu tirava a Manuela?”, a Manuela vira pra frente. E eu faço com todos eles. Eu brinco, eu sempre procuro tentar brincar com eles, mas faço um trabalho na sala, faço um trabalho lá em baixo (pátio) e volto depois, e aí eu cobro, você entendeu? “escreva só o título: a canoa virou”, “quem será que sabe com que letra começa, com que letra termina?”, “vamos ver quem sabe escrever”. Aí vai, né? Tem que escrever tudo, quer escrever “a canoa virou” de ponta a ponta. Tem quem escreve com dificuldade, que não consegue fazer... os pré-silábicos...

A Matriz Curricular para os 1º anos (2010), entregue para as professoras durante a 1ª fase do Planejamento Escolar do ano, explicitava questões sobre o movimento, o brincar e o cuidar de si, do outro e do ambiente:

As crianças do 1º ano têm o direito de expressar-se também por meio da brincadeira, do movimento, de conhecer seu corpo, suas habilidades motoras exercitando-as, cuidando cada vez melhor de si, do outro e do ambiente. Para isso a escola de Ensino Fundamental, precisa oferecer diferentes oportunidades para que a criança brinque, valorize a atividade física, adquira autoconfiança, e desenvolva ações para garantir seu bem-estar e os cuidados com ambiente.

Com o passar do ano letivo, as professoras foram percebendo a necessidade que as crianças sentiam de brincar, e criaram meios para que isso acontecesse, como o “Dia do brinquedo”, no qual as crianças traziam brinquedos de casa, num determinado dia da semana (sexta-feira), para brincarem durante a aula de Educação Física; o “Carrinho de brinquedos”, que tratava-se de um carrinho de supermercado “carregado” de brinquedos comprados pela escola ou doados pelos pais, utilizado pelas professoras quando elas percebiam que as crianças estavam “muito agitadas” e precisavam “relaxar” para prosseguirem as atividades do

dia (e o dia era longo...), assim, poderia ser utilizado pelas professoras do período da manhã e da tarde, mas, principalmente, pela professora de Educação Física, no “Dia do brinquedo” e; o “Cantinho da leitura”, que se tratava de um espaço dentro da sala de aula que continha livros e alguns jogos que poderiam ser utilizados pelas crianças após a realização das atividades propostas, seu objetivo era não deixar as crianças “ociosas” após a realização das atividades, além de incentivar a alfabetização.

Sobre o “Dia do brinquedo” e o “Cantinho da leitura”, em entrevista (Anexo C), a professora do 1º ano B expõe, respectivamente:

Eles trazem brinquedos de casa, que tem o dia da recreação, que é toda sexta-feira na aula de educação física, eles descem os brinquedinhos e aí eles podem brincar lá embaixo na quadra. Eles fazem a educação física, e tem um horário lá que eles ficam brincando com os brinquedos que eles trazem.

É... Tem, assim... O cantinho da leitura, terminou de fazer a atividade, pra não ficar ocioso e começar a brincar, levanta e pega uma revistinha, um livrinho, vai lá e fica sentadinho lendo, né? E aí tem umas regras, pega e não pode ficar trocando toda hora, né? Um porque, senão, fica trocando toda hora. Essa é uma das regras. E o joguinho, já é mais complicado, porque o joguinho quando um pega, aquele que está atrasado fica desesperado, ali... Olha, olha e fica com muita vontade de brincar. Então, aí, pra não frustrar esses que sempre são os últimos a terminar, aí eu falo: “Hoje é diferente, hoje você não terminou, mas no outro dia você vai terminar. Então vai lá e vai jogar um pouquinho!”. Eles adoram jogar dominó, e eu ponho quatro lá e joga, e divido, né? Um pouco lê livrinhos, outro pouco pega o joguinho.

Sobre a utilização do “Carrinho dos brinquedos”, no “Dia do brinquedo”, a professora de Educação Física dos 1º e 2º anos, em entrevista (Anexo C), destaca a importância do brincar livre para as crianças:

[...] Eu tenho o meu carrinho de supermercado cheio de brinquedos, além dos que eles trazem, porque tem criança que não tem, da nossa própria brinquedoteca⁷. Então eu levo todos os brinquedos para a quadra, deixo lá e cada um vai pegando e eles vão se reunindo em grupinhos por interesse, quem gosta de bichos se junta pra bichos, quem gosta de brincar de casinha se junta pra brincar de boneca. Eles mesmos, por si, se dirigindo, e eu deixo a vontade. É um momento que eu observo muito, e é muito interessante, é lindo você vê a criança... Ela está lá na quadra, está num espaço fechado, mas ali ela está tendo a liberdade de fazer aquilo que ela quer, aquilo que ela gosta, aquilo que ela sente falta e aquilo que ela não tem, e isso deveria ter todos os dias, precisaria todos os dias cinquenta minutos de brincar. Ele (aluno) precisa, porque a aula de educação física é uma coisa, a aula de atividades esportivas é outra... Eles (professores) falam: “Ah, mas eles têm seis aulas semanais com a professora de educação física”, mas é diferente. Então, dentro da minha aula de educação física, eu faço do Dia do brinquedo, entendeu? E à tarde também, às vezes, a gente também faz, o problema é que à tarde são muitos os professores que usam os espaços livres, então a gente tem que se dividir.

As aulas de Educação Física eram o momento para as crianças brincarem e dançarem, além de fazerem atividades físicas. Na aula do dia 24 de março de 2010, por exemplo, as

⁷ Apesar da professora se referir à brinquedoteca, a escola não possui uma brinquedoteca, apenas um lugar onde são guardados o Carrinho de brinquedos e algumas caixas que são levadas para o pátio durante o intervalo do almoço para as crianças brincarem.

crianças do 1º ano A, juntamente com a professora de Educação Física, cantaram “Marcha soldado” e brincaram de “Coelhinho sai da toca” e “Vivo ou morto”.

As aulas de Artes também traziam conteúdos diferenciados. Mesmo não sendo brincadeiras, as crianças se divertiam bastante, como, por exemplo, a oficina de Atividades Artísticas do dia 05 de julho de 2010, na qual, na turma do 1º ano A, o professor trabalhou com a “flauta doce”, mostrando para as crianças seus tons, tocando músicas para elas, deixando-as pegarem no instrumento, além de fazerem uma atividade de pintura sobre ele.

O brincar, durante a pesquisa de campo, também foi visto como uma forma de relaxamento, como “perda de energia”, como, por exemplo, na visita realizada à escola no dia 30 de novembro de 2010, na qual foi acompanhada a turma do 1º ano A: após o intervalo, a professora, vendo que as crianças estavam muito agitadas, optou por pegar o “Carrinho de brinquedos” e levar as crianças para brincar no pátio da escola. Segundo ela, as crianças “precisavam relaxar” para poder continuar o trabalho na sala de aula.

O brincar livre, não dirigido, o qual possibilita a criança “adentrar, interpretar e assimilar a realidade, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas para apropriar-se deles através de um sistema de regras e linguagem que lhe são próprios [...]” (WAJSKOP, 1996, p. 79), era visto pela escola, de modo geral, como recreação e atividade física. Assim, no brincar livre, as crianças “gastariam suas energias” para, posteriormente, trabalhar em sala de aula - “Por muito tempo, o lugar do jogo será limitado à recreação e ainda hoje o jogo pode se encontrar preso a esse espaço essencial à medida que influenciou muito, por suas limitações, a cultura lúdica da criança, a representação da oposição entre o tempo de aula e o do jogo” (BROUGÈRE, 1998, p. 54).

O brincar como um “jogo pedagógico” foi observado numa visita à escola no dia 24 de agosto de 2010, na qual as crianças, também, do 1º ano A, durante a oficina Saúde e Qualidade de Vida, foram levadas para o espaço externo da escola e lá desenvolveram uma atividade com as letras móveis, na qual as crianças, em grupos, tinham que “montar” as palavras que a professora ditasse.

Percebeu-se, pois, que o brincar nos 1º e 2º anos, nesta escola de tempo integral, associava-se às aulas de Educação Física ou aos intervalos, nos quais as crianças tinham disponíveis a quadra, o pátio, o parque e alguns brinquedos para brincar – nos intervalos, apesar de serem “supervisionadas” por duas funcionárias da escola, as crianças tinham liberdade para brincarem do que quisessem e como quisessem. O brincar, de modo geral, era visto como uma forma de recreação e de relaxamento, mas, também, como uma maneira

lúdica de transmitir os saberes para a alfabetização, através das “atividades e jogos pedagógicos”.

Como diz Brougère (1998): “A oposição entre recreação e ensino esconde exatamente a oposição entre jogo e seriedade. A recreação, seja qual for sua necessidade, diz respeito à futilidade, pelo menos no que concerne a seu conteúdo” (p.54).

8.6. Reuniões e formação de professores

As professoras polivalentes que trabalhavam na Base Nacional Comum com os 1º e 2º anos possuíam graduação em Pedagogia, sendo que algumas já haviam tido experiência com educação infantil. A professora de Educação Física e o professor de Artes possuíam graduação específica na área.

Ao ser perguntada sobre a escolha das turmas, a professora do 1º ano B (Anexo C) confessou que preferia os “pequeninhos” do ensino fundamental, pois gostava de alfabetizar, e como eles eram “novatos” na escola, possuíam poucos “vícios” em relação à aprendizagem.

Eu gosto muito de criança, eu acho que nesta faixa etária de idade... E assim, a alfabetização, alfabetizar as crianças com esta idade é muito mais fácil do que você pegar uma criança que já vem por um caminho diferente do qual eu estou ensinando pra ele. Então, é melhor você pegar algo ali no início, do que crianças que vêm com vícios diferentes, uma metodologia diferente da minha. Então, assim, pra mim está sendo a realização trabalhar com eles, eu gosto muito.

Estes vícios podem ser entendidos, de acordo com a fala da professora do 1º ano B, como metodologias do processo de alfabetização: as crianças, na Escola de Educação Infantil, especialmente na pré-escola, são iniciadas às letras, assim, vão se familiarizando com a língua escrita, mas não possuem a “obrigação” de saírem de lá alfabéticas, o que já é fator determinante no ensino fundamental e, muitas vezes, já no 1º ano, no qual as crianças são, a todo momento, “forçadas” a aprenderem as letras e saírem deste ano alfabéticas, ou quase alfabéticas. Desta forma, segundo a professora, quanto antes as crianças chegarem à escola, mais fácil o processo de alfabetização, uma vez que elas não iniciaram, “rigidamente”, seu processo de alfabetização.

Apesar de algumas reuniões e conversas dentro da escola sobre o ensino fundamental de nove anos, a Professora Coordenadora afirmou, em entrevista (Anexo B), que os professores deste ano nunca foram convocados pela Diretoria Regional de Ensino ou pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para participarem de algum tipo de formação continuada sobre o assunto.

A única formação continuada que as professoras receberam foram do programa Ler e Escrever, do programa Amigos do Zippy⁸ e dos cursos patrocinados pelo projeto Parceiros da Educação, além das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs) e reuniões pedagógicas, mas nenhuma destas formações trabalhou especificamente com ensino fundamental de nove anos, mas com a alfabetização.

Dentre estas reuniões participadas durante a pesquisa de campo, pode-se destacar as reuniões abaixo:

Na reunião do programa Ler e Escrever do dia 29 de março de 2010, a Professora Coordenadora comentou sobre a utilização de livros didáticos nos 1º anos, dizendo que a Diretoria Regional de Ensino havia orientado que estes não fossem utilizados nestes anos e que, contraditoriamente, a coordenadora do programa Ler e Escrever, havia orientado que fossem utilizados os livros didáticos neste ano, principalmente o livro de atividades deste programa, sendo alfabetizadas já no 1º ano.

A Secretaria de Estado da Educação (SEE), não produziu nenhum material específico para o trabalho nos 1º anos, o que não impossibilitou a utilização de livros nesta escola, uma vez que a Professora Coordenadora permitiu que as professoras dos 1º anos utilizassem os livros que a escola tinha, tanto livros do programa Ler e Escrever, quanto livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de anos anteriores.

Mas o foco desta reunião do programa Ler e Escrever foi a explicação das “hipóteses de escrita”, o que era considerado “pré-silábico”, “silábico” (com valor e sem valor), “silábico-alfabético” e “alfabético”, já que eram os termos que seriam utilizados nas sondagens, realizadas mensalmente pelas professoras e enviadas, bimestralmente, para a Diretoria Regional de Ensino.

Na reunião das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) do dia 7 de abril de 2010, foram discutidas questões referentes à recuperação paralela (realizada aos sábados por professores contratados pelos Parceiros da Educação com turmas da 2ª, 3ª e 4ª séries) e, principalmente, sobre a orientação da Diretoria Regional de Ensino da escola de criar uma sala de 2º ano para o atendimento de crianças com sete anos de idade ou a completar até junho de 2010.

No Conselho de Classe do dia 5 de maio de 2010, as professoras dos 1º anos A e B, juntamente com a Professora Coordenadora, discutiram questões referentes ao planejamento e

⁸ Segundo a Professora Coordenadora, este programa está vinculado à Secretaria de Educação e visa trabalhar questões relacionadas à auto-estima das crianças. Maiores informações no site: <http://www.amigosdozippy.org.br/index.htm>. Acesso em: 19 jul. 2011.

aos objetivos do 1º semestre de 2010. A professora do 1º ano A disse que, inicialmente, trabalhou atividades de psicomotricidade, coordenação motora, conceitos básicos para alfabetização e cores e que, após perceber o avanço das crianças, introduziu o alfabeto e atividades de alfabetização. De acordo com esta professora, as crianças deste ano eram “imaturas”, “só queriam brincar”, “eram muito infantis”. Ainda segundo ela, naquele momento, apenas 10 crianças estavam “prontas” para serem alfabetizadas, as demais estavam numa “fase de educação infantil”. A professora do 1º ano B, apontou que as crianças de sua sala já estavam em processo de alfabetização e que algumas já estavam alfabéticas, todas elas haviam frequentado Escolas de Educação Infantil, algumas delas iriam completar sete anos de idade no decorrer do ano e outras haviam acabado de completar seis anos de idade.

Na reunião das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) do dia 2 de junho de 2010, as professoras e a Professora Coordenadora desta escola fizeram uma lista de encaminhamento para a psicóloga parceira da escola. Nesta lista havia duas crianças do 1º ano A e uma criança do 2º ano A. Neste momento, a Professora Coordenadora reforçou que só deveriam ser encaminhadas crianças com dificuldade de aprendizagem e não de comportamento. Segundo as professoras destes anos, as crianças estavam com dificuldade de aprendizagem (já nos primeiros anos do ciclo de alfabetização?).

Em relação às publicações do Ministério da Educação (MEC) e às orientações da Secretaria de Estado da Educação (SEE) sobre o ensino fundamental de nove anos, a Professora Coordenadora disse que não as recebeu. O único documento recebido por ela foi *A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade*, publicado pelo MEC em 2010, porém, nem todos os professores tiveram acesso a ele.

A Resolução CNE/CEB nº 7/2010, que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de nove anos, reforça as responsabilidades das redes de ensino com a implementação da nova organização educacional, e uma destas responsabilidades refere-se à formação de professores:

Art. 48 Tendo em vista a implementação destas Diretrizes, cabe aos sistemas e às redes de ensino prover:

I – os recursos necessários à ampliação dos tempos e espaços dedicados ao trabalho educativo nas escolas e a distribuição de materiais didáticos e escolares adequados;

II – a formação continuada dos professores e demais profissionais da escola em estreita articulação com as instituições responsáveis pela formação inicial, dispensando especiais esforços quanto à formação dos docentes das modalidades específicas do Ensino Fundamental e àqueles que trabalham nas escolas do campo, indígenas e quilombolas;

III – a coordenação do processo de implementação do currículo, evitando a fragmentação dos projetos educativos no interior de uma mesma realidade educacional;

IV – o acompanhamento e a avaliação dos programas e ações educativas nas respectivas redes e escolas e o suprimento das necessidades detectadas (CNE/CEB, 2010).

O documento *Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais*, publicado pelo MEC em 2004, apontava para a necessidade de um professor com formação diferenciada para o trabalho com o 1º ano, bem como programas de formação continuada:

Quem é o professor das crianças de seis anos que ingressam no Ensino Fundamental? Quais os conhecimentos necessários ao desenvolvimento desse trabalho? Qual a formação que será exigida desse profissional educador? É essencial que esse professor esteja sintonizado com os aspectos relativos aos cuidados e à educação dessas crianças, seja portador ou esteja receptivo ao conhecimento das diversas dimensões que as constituem no seu aspecto físico, cognitivo-lingüístico, emocional, social e afetivo. Nessa perspectiva, é essencial assegurar ao professor programas de formação continuada, privilegiando a especificidade do exercício docente em turmas que atendem a crianças de seis anos (BRASIL, 2004b, p. 24).

Foi possível verificar, na pesquisa de campo, a falta de formação e orientação para os professores deste novo ano do ensino fundamental, apesar da existência de muitas normatizações e documentos que salientam a importância da formação inicial e continuada destes profissionais. A formação era realizada, somente, em reuniões internas que tinham como objetivo acompanhar o processo de alfabetização das crianças e verificar as possíveis dificuldades das crianças, dando pouca, ou nenhuma atenção, à criança de seis anos de idade e suas especificidades.

8.7. Opiniões sobre o ensino fundamental de nove anos e a participação da comunidade escolar

A realização das entrevistas com alguns membros da comunidade escolar propiciou o conhecimento das opiniões sobre a implantação e implementação da nova organização de ensino, bem como sobre a entrada de crianças com seis anos no ensino fundamental.

A Diretora da escola, em entrevista (Anexo A), acredita que, apesar do ensino fundamental de nove anos estar previsto há tempos em legislações e planos, este novo ano do ensino fundamental deveria ser inserido no final do ciclo II e que a idade de entrada no ensino fundamental deveria continuar aos sete anos, época na qual, segundo ela, a criança está mais “matura”.

Bom, mas o ensino de nove anos do fundamental já está na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Então, quer dizer, a nossa expectativa é que um dia ele viria mesmo, só que viria, na minha expectativa, não como ele veio, porque eu acho que criança com seis anos ela está na hora de brincar, está na hora de EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), não é? Então eu acho que, se querem seguir o construtivismo e tudo o mais, né? O Piaget já dizia alguma coisa sobre isso, né? Então, eu acho que sete anos seria a idade pra ele (aluno) ir, realmente, para a primeira série e estender lá no final os nove anos, entendeu?

A Professora Coordenadora possui uma visão um pouco diferente. Em entrevista (Anexo B), ela disse que concorda com a ampliação do ensino fundamental, no entanto, acredita que a implementação desta política deveria ter acontecido de outra forma, com mais instruções e adequações da escola às crianças de seis anos de idade.

Eu concordo, eu concordo, porém não como ele está sendo desenvolvido, principalmente aqui na escola. Não acredito que um ensino de nove anos seja desse jeito. Por exemplo, eu não tenho ambiente para uma criança de seis anos, que acabou de completar seis anos, eu não tenho mobiliário, eu não tenho espaço pra essa criança ter as atividades condizentes com a idade dela, não tem condição de uma criança do primeiro ano ser tratada como uma criança de segundo ano, e é o que acontece [...]. A criança de seis anos teria que ter nesse momento uma transição entre a pré-escola e o primeiro ano, né? Pra que ela chegue no segundo ano pronta pra ter aquilo que seria a primeira série. Acredito que a criança possa no primeiro ano ter o alfabeto, ela possa dominar a escrita de palavras do mesmo campo semântico... Quando você aplica, por exemplo, uma sondagem, você tem palavras do mesmo campo semântico. Que a criança pode fazer listas, a criança pode saber o nome dela todo, sim! Mas o que eu vejo, muitas vezes, é a criança na sala de aula num ensino sistemático, como se a professora tivesse a obrigação de ensinar para aquela criança tudo o que uma criança de primeira série deveria saber e chegar lá no final do ano totalmente alfabética.

Na entrevista com as professoras dos 1º e 2º anos (Anexo C), elas disseram concordar com a ampliação do ensino fundamental e com a entrada das crianças com seis anos de idade nesta etapa de ensino, uma vez que teriam mais tempo para alfabetizar e a criança chegaria com menos “vícios” ao ensino fundamental, porém, também acham que deveriam ter recebido orientações mais específicas para este trabalho.

A fala professora de Educação Física dos 1º e 2º anos durante a entrevista (Anexo C) sistematiza, de modo geral, as opiniões das demais professoras destes anos:

Eu achei bom, porque quando ele vem do pré, ele já vem com muitos vícios de outro sistema, e se ele chega aqui com seis anos, ele vai se moldar à nossa estrutura, e vai ficar mais tempo conosco. Ele vai sair daqui mais preparado. A falha foi em não preparar os professores para isso. Eu tenho experiência com os pequenos. Então, eu já trabalhei com isso. Mas um colega que nunca trabalhou vai achar que ele tem que ter a mesma conduta, e não é! Se eu começo uma dinâmica na sala de aula para depois passar pra quadra, e eu vejo que meia dúzia dormiu, eu mudo o objetivo da minha aula e faço todo mundo dormir, porque naquele dia a propensão da criança é dormir. Quando o ar está muito pesado, quando está muito calor, quando ele já teve uma atividade muito intensa na parte da manhã... Eu já percebi que naquele dia eles não estão aptos para uma coisa mais intensa, então, o que é que eu faço? Muda, e faço todo mundo dormir. Conto história, canta, né?

As opiniões das mães entrevistadas (Anexo E) variaram muito. Algumas concordaram com a entrada de seus filhos com seis anos de idade no ensino fundamental, pois achavam que eles “amadureceram” muito nesta escola, outras prefeririam que seus filhos permanecessem na educação infantil, já que era um lugar onde suas necessidades eram melhor atendidas e não havia tanta cobrança no que se refere à alfabetização, como acontece na escola de ensino

fundamental, além de destacarem a questão da violência, presente na escola principalmente no início do ano devido, segundo as mães, à convivência com crianças maiores.

Algumas opiniões das mães dos 1º anos:

Eu acho, assim, que é muito cedo pra ela. Eu estou tendo um pouquinho de problema com ela na primeira série⁹, porque ela não está conseguindo acompanhar a sala. Então, assim, por ela ser uma criança... Ela é uma boa criança, ela é bem inteligente, só que pra ela estar acompanhando é muito cedo ainda, porque eles não têm ritmo de uma criança pra estar entrando no primeiro ano... Eles estão na fase de estar brincando, brincando com “brinquedos alfabéticos”, estas coisas assim, mas pra entrar na primeira série, eu acho que não é suficiente pra eles (alunos) com seis anos (Mãe C entrevistada).

Eu acho que se tivesse melhores condições nas escolas... A Lei Federal, tá... Mas aqui, por exemplo, no começo foi muito difícil, porque não tinha gente pra olhar, as mães tinham que vir aqui pra ajudar, dar uma olhada, revesar, porque tinha muita briga... Na primeira semana de aula aqui teve reunião, por conta das brigas, filho que foi mordido, filho que foi judiado, foi machucado, por conta de que: são muito pequenos, misturados com os grandes... Se chegar com cinco ou seis anos num lugar com gente com doze, com treze, é o dobro... e ele ainda tem dificuldade, porque os maiores pegam lanche e, às vezes, não respeitam os menores... falam muito palavrão, e é muito precoce, eu acho (Mãe F entrevistada).

Acho que é melhor aqui, porque a criança já se adapta, começa a se adaptar... Tudo bem que ela tem seis anos, mas ela já entra em outro mundo, ela já sabe que ela tem que ter uma responsabilidade, por exemplo, ela está fazendo lição de matemática do segundo, entendeu? Então, assim, ela já está aprendendo já a comportar... Ela não está mais que nem criancinha, que tudo depende do pai, tudo depende da mãe, pra lavar a mão, pra ir no banheiro... Aqui não, como ela está com seis anos, ela já está... Entendeu? Está até aprendendo a lidar com os amiguinhos dela que estão na segunda, na terceira e na quarta série (Mãe A entrevistada).

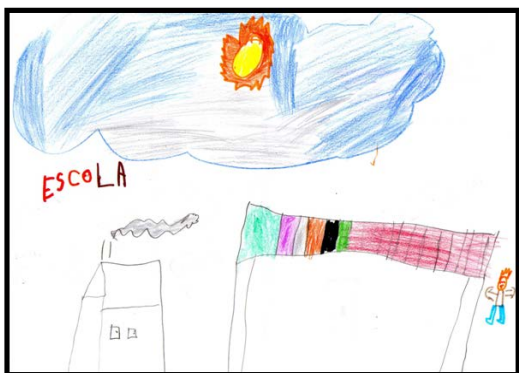
As entrevistas realizadas com as crianças (Anexo F) permitiram conhecer um pouco suas opiniões sobre a nova política educacional. Estas opiniões também foram variadas: algumas crianças disseram que gostavam da escola de ensino fundamental, e destacaram as aulas de Educação Física e Artes, outras disseram que gostariam de voltar para a Escola de Educação Infantil, onde destacaram os brinquedos e as brincadeiras. Isso pode ser constatado tanto em suas falas, quanto em seus desenhos.

Quando perguntadas sobre qual escola (Educação Infantil ou Ensino Fundamental) elas mais gostavam e o que mais gostavam nela, algumas crianças responderam que gostavam da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) porque “tinha brinquedo, tinha tudo, mas o que eu gostava mais era brinquedo, porque a professora brincava muitas vezes com a gente... [...] A gente podia fazer o que quisesse no parquinho, tinha areia, tinha balanço, tinha tudo” (Sthefany do 1º ano A) e outras crianças responderam que gostavam mais da escola de ensino

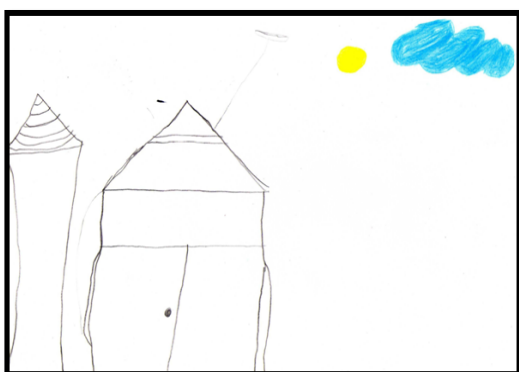
⁹ Quanto à terminologia, muitas mães, e até mesmo professoras, falaram 1ª série e não 1º ano durante as entrevistas, no entanto, na maioria das vezes, se referiam ao 1º ano.

fundamental “por que todos os dias de educação física eu posso jogar futebol” (Kaio do 1º ano B)¹⁰.

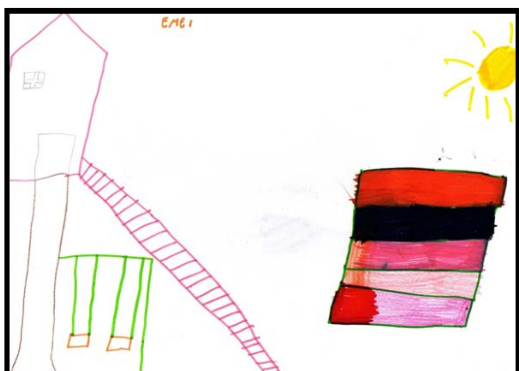
Nos desenhos realizados por elas, nos quais foi pedido que desenhassem o que mais gostavam e/ou o que desejassem sobre as escolas onde estudavam e/ou aquela onde haviam estudado, também se constatou estas duas opiniões diferentes. Como observado nos desenhos abaixo:



Desenho 1: Giuliano, do 1º ano A, desenhou a escola onde estudava e um brinquedo que não tinha naquela nela.

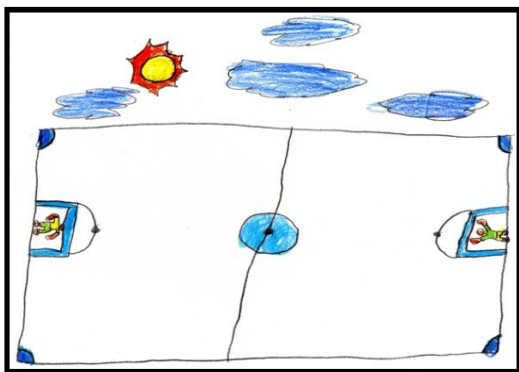


Desenho 2: Kaio, do 1º ano B, desenhou a quadra e a escola onde estudava.

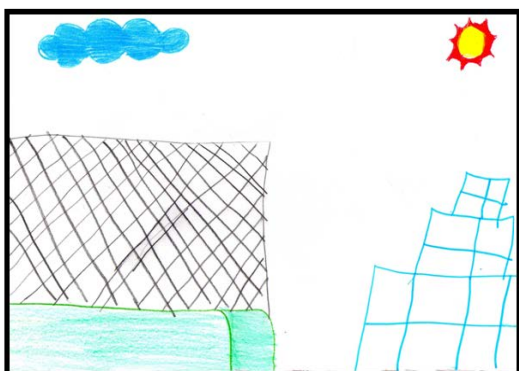


Desenho 3: Aline, do 1º ano B, desenhou a EMEI onde havia estudado, os brinquedos que havia lá e a escada onde as mães esperavam seus filhos na hora da saída (à direita).

¹⁰ Os nomes citados durante o relatório são fictícios.



Desenho 4: Edson, do 2º ano A, desenhou a quadra da escola onde estudava.



Desenho 5: Angélica, do 2º ano A, desenhou o tanque de areia e o trepa-trepa da EMEI onde havia estudado.

Sobre a participação da comunidade escolar no processo de implementação do ensino fundamental de nove anos na escola pesquisada, observou-se que houve poucas discussões sobre o assunto, e, quando estas aconteciam, envolviam somente a gestão e os professores, os pais eram, apenas, informados sobre as decisões. As crianças não participaram de nenhum processo de decisão sobre o ensino fundamental de nove anos.

Como disse a professora de Educação Física e da oficina Atividades Esportivas e Motoras, durante a entrevista (Anexo C), sobre a discussão do ensino fundamental de nove anos com as crianças: “[...] com relação a explicar pra ela (criança) que agora ela vai ficar cinco anos aqui, na minha disciplina, não me foi passado nada, de como eu deveria lhe dar isso com a criança... Eles (alunos), simplesmente, estão ali [...]”.

E, ainda, como disse a Professora Coordenadora sobre a discussão do ensino fundamental de nove anos na escola durante a entrevista (Anexo B): “Foi com todo mundo. Desde a *direção*, os *professores*, todo mundo sabia que a escola já estava partindo pro ensino de nove anos, todo mundo leu o que é a proposta, sabe? A reversão de série pra ano, o acompanhamento, tudo isso” (*grifos meus*).

Nas entrevistas com os membros do Conselho de Escola (Anexo D) verificou-se, também, que, em suas reuniões, pouco foi discutido sobre o ensino fundamental de nove anos

e a sua participação na implementação desta política foi, praticamente, nula, como se observa na fala da representante dos professores no Conselho de Escola:

Foi comentado, né? Houve um comentário, mas não uma coisa, assim, mais profunda... Mas houve um comentário de que vai pra nove anos o ensino fundamental, mas não algo, assim, que a gente conversou e que não foi uma coisa muito profunda, não... Foi superficial!

As entrevistas proporcionaram concluir que a participação da comunidade escolar nos assuntos referentes à escola e, principalmente, à implementação do ensino fundamental de nove anos, foi mais escassa quanto menor o “nível hierárquico” destas pessoas envolvidas, ou seja, participava das discussões e decisões somente os gestores e os professores. A participação de pais foi mínima e a de crianças, nula, nestes espaços.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo realizada durante o ano letivo de 2010 propiciou conhecer um pouco mais sobre o processo de implementação do ensino fundamental de nove anos e a opinião dos agentes sociais nele envolvidos.

Sobre as adequações físicas do ambiente escolar, percebeu-se que não houve preocupação da rede estadual de ensino para que os espaços e os mobiliários fossem adequados em tempo hábil para o recebimento das crianças de seis anos, visando a realização de um trabalho condizente a idade delas.

O currículo da escola não sofreu alterações significativas, uma vez que era realizada uma alfabetização sistemática das crianças de seis anos já no 1º ano. Momentos livres para brincadeiras e aulas mais dinâmicas, pouco aconteciam, e quando aconteceram estavam relacionados às aulas de Educação Física e Artes e/ou durante os intervalos. Como estas disciplinas são as únicas que não prevêm atividades de alfabetização e deixam o currículo escolar mais “leve”, elas eram consideradas, de modo geral, como disciplinas nas quais as crianças “relaxavam”, e gastavam suas energias para voltar ao trabalho em sala de aula. No ensino fundamental são estas disciplinas que propiciam à criança atividades diferenciadas e mais interessantes para ela, tanto é que, quando perguntados sobre o que mais gostavam na escola onde estudavam, a maioria das crianças respondeu: as aulas de Educação Física e de Artes, bem como as Oficinas Curriculares de Atividades Artísticas: Teatro, Artes Visuais, Música, Dança e Atividades Esportivas e Motoras: Esporte, Ginástica e Jogo.

O modo de avaliação também não sofreu alterações. Apesar do acompanhamento dado a criança, através das sondagens, a avaliação ainda possuía um caráter classificatório. Além

da utilização de notas (de 0 a 10), colocadas no boletim no final de cada bimestre, as crianças eram classificadas, pelas professoras, em suas “hipóteses de escrita”.

No que se refere à formação de professores, estes não foram convocados para nenhum curso, palestra e/ou reunião de formação continuada pela Diretoria Regional de Ensino ou pela Secretaria de Estado da Educação. As informações que os professores receberam sobre o trabalho pedagógico que desenvolvido com os 1º anos foram dadas em reuniões acontecidas dentro da própria escola, entretanto, seu foco era a alfabetização, e não o ensino fundamental de nove anos e as crianças de seis anos de idade.

O documento *Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais*, publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2004, destaca a importância da mudança da organização escolar para a implementação do ensino fundamental de nove anos:

Uma questão essencial é a organização da escola que inclui as crianças de seis anos no Ensino Fundamental. Para recebê-las, ela necessita reorganizar a sua estrutura, as formas de gestão, os ambientes, os espaços, os tempos, os materiais, os conteúdos, as metodologias, os objetivos, o planejamento e a avaliação, de sorte que as crianças se sintam inseridas e acolhidas num ambiente prazeroso e propício à aprendizagem. É necessário assegurar que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental ocorra da forma mais natural possível, não provocando nas crianças rupturas e impactos negativos no seu processo de escolarização (BRASIL, 2004b, p. 22).

Apesar de documentos salientarem a importância da relação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, pouco foi observado a existência deste entrosamento. A ruptura existente entre estas duas etapas de ensino ainda causa muitos desconfortos, principalmente para as crianças, que acabam sofrendo nesta transição, já que a escola de ensino fundamental é muito diferente da escola de educação infantil, a começar pelos seus objetivos e organização.

As falas de duas mães, durante as entrevistas (Anexo E), revelaram que seus filhos do 1º ano sentiram bastante a mudança de escola:

Sentiu, em todos os sentidos, emocional, aprendizagem... Até agora, tem uma professora que veio comentar comigo, que chega na aula dela, e ele acha que está dando lição demais, e já a professora dele falou que às vezes ele faz isso com ela, mas o que? O que ela faz? Ela põe o cabeçalho e pronto, ele já se “descabela” a chorar, porque está cheio de lição, né? Ela falou que às vezes é isso... E essa professora falou que ele deixa de fazer a lição, que às vezes cruza os braços, aí chora, porque diz que está cheio de lição... (Mãe E entrevistada).

e

Ele fala que ele fica muito tempo aqui, que é chato... Ele fala que é muito chato. Que tem professoras que não deixa eles brincarem... Fica sentado o tempo todo... Às vezes quer fazer alguma coisa diferente e não pode... “Às vezes eu quero brincar de alguma coisa e não pode, tem que ser daquele jeito, da maneira que elas querem”... Ele fala que ele sente muita saudade (da EMEI)... Porque, assim, a aula não passa... Quando ele estava na EMEI a hora passava. Eles brincavam muito, eles (alunos)

tinham pátio em diversos horários. Então, assim, eles faziam as atividades deles, mas é dividido. Tinha que ser feito isso aqui (Mãe D entrevistada).

Vale destacar, também, que, de acordo com as observações realizadas, a implementação do ensino fundamental de nove anos não resultou na reorganização das outras séries/anos do ensino fundamental, como disposto no Parecer CNE/CEB nº 11/2010, mantendo, assim, a mesma grade curricular vigente no antigo ensino fundamental, com duração de oito anos.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), cumprindo as suas funções normativas, tem elaborado Diretrizes e orientações que devem ser observadas pelos sistemas de ensino para a reorganização do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Os sistemas de ensino e as escolas não poderão apenas adaptar seu currículo à nova realidade, pois não se trata de incorporar, no primeiro ano de escolaridade, o currículo da Pré-Escola, nem de trabalhar com as crianças de 6 (seis) anos os conteúdos que eram desenvolvidos com as crianças de 7 (sete) anos. *Trata-se, portanto, de criar um novo currículo e de um novo projeto político-pedagógico para o Ensino Fundamental que abranja os 9 anos de escolarização, incluindo as crianças de 6 anos* (CNE/CEB, 2010, grifos meus).

Pode-se afirmar, portanto, que os dados coletados durante a pesquisa de campo indicaram que a implementação do ensino fundamental de nove anos não foi realizada com a devida organização espacial, material e pedagógica das escolas, nem em obediência aos princípios democráticos, para que se pudesse garantir uma educação de qualidade.

Como explicitado no documento *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade* (BRASIL, 2007):

O direito efetivo à educação das crianças de seis anos não acontecerá somente com a promulgação da Lei nº 11.274, dependerá, principalmente, das práticas pedagógicas e de uma política da escola para a verdadeira acolhida dessa faixa etária na instituição (BRASIL, 2007, p. 30-31).

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. **Emenda Constitucional nº 59**, aprovada em 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12 jul. 2011.

_____. Lei n.º 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2011.

_____. Lei nº 10.172, aprovada em 9 de janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Brasília, DF: MEC, 2001. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 4 jan. 2011.

_____. **Lei nº 11.114**, aprovada em 16 de maio de 2005. Altera os artigos. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <www.senado.gov.br>. Acesso em: 4 jan. 2011.

_____. **Lei nº 11.274**, aprovada em 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <www.senado.gov.br>. Acesso em: 4 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 4**, de 20 de fevereiro de 2008. Orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11**, de 7 de julho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 12**, de 8 de julho de 2010. Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 7**, de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos**: Relatório do Programa. Brasília: MEC/SEB, 2004a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações gerais. Brasília: MEC/SEB, 2004b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CORREA, Bianca Cristina. Crianças aos seis anos no Ensino Fundamental: desafios à garantia de direitos. In: **30ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: 2007. p. 1-17. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 18 jan. 2011.

KLEIN, Sylvie Bonifácio. **A implementação do ensino fundamental de nove anos no município de São Paulo**: um estudo de caso. Relatório para o Exame Geral de Qualificação em nível de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. **Ler e escrever**: conversa com os pais. Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; adaptação do material original, Claudia Rosenberg Aratangy. 2ª ed. São Paulo: FDE, 2010.

_____. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE). **Resolução nº 7**, aprovada em 18 de janeiro de 2006. Dispõe sobre a organização e o funcionamento da Escola de Tempo Integral. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2011.

_____. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE). **Resolução nº 7**, aprovada em 22 de janeiro de 2010. Altera os dispositivos da Resolução SE 93, de 12 de dezembro de 2008, que estabelece diretrizes para a reorganização curricular do ensino fundamental nas Escolas de Tempo Integral. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2011.

_____. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE). **Resolução nº 50**, aprovada em 14 de julho de 2006. Dispõe sobre Posto de Trabalho de Professor Coordenador em Escola de Tempo Integral. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2011.

_____. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE). **Resolução nº 89**, aprovada em 09 de dezembro de 2005. Dispõe sobre o Projeto Escola de Tempo Integral. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2011.

_____. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE). **Resolução nº 93**, aprovada em 12 de dezembro de 2008. Estabelece as diretrizes para a reorganização curricular do ensino fundamental nas Escolas Estaduais de Tempo Integral, e dá providências correlatas. Disponível em: <www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2011.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação CEE nº 61**, aprovada em 29 de novembro de 2006. Fixa normas sobre a implantação do ensino fundamental de nove anos no sistema de ensino do estado de São Paulo.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação CEE nº 73**, aprovada em 02 de abril de 2008. Regulamenta a implantação do ensino fundamental de nove anos, no âmbito do sistema estadual de ensino conforme o disposto na Emenda Constitucional nº 53 e na Lei nº 9.394/96, com as alterações procedidas pela Lei nº 11.274/06.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Indicação CEE/CEB nº 52**, aprovada em 09 de novembro de 2005. Ampliação do ensino fundamental para nove anos.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Indicação CEE/CEB nº 63**, aprovada em 29 de novembro de 2006. Implantação do ensino fundamental de nove anos.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Indicação CEE/CEB nº 73**, aprovada em 02 de abril de 2008. Diretrizes e orientações sobre o ensino fundamental de nove anos diante da Lei Federal nº 11.494/07, sobre o FUNDEB.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Indicação CEE/CEB nº 76**, aprovada em 01 de outubro de 2008. Implantação do ensino fundamental de nove anos no sistema de ensino do Estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE/CEB nº 55**, aprovado em 23 de fevereiro de 2011. Matrícula de alunos no Ensino Fundamental em desacordo com o disposto na Deliberação CEE nº 73/2008.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE/CEB nº 461**, aprovado em 14 de dezembro de 2005. Consultas a respeito da ampliação do ensino fundamental para 9 anos.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE/CEB nº 555**, aprovado em 15 de dezembro de 2010. Consulta sobre ingressos de alunos no Ensino Fundamental com 07 anos a completar durante o ano letivo de 2011.

ANEXOS

ANEXO A - Entrevista com a Diretora.....	60
ANEXO B - Entrevista com a Professora Coordenadora.....	64
ANEXO C - Entrevistas com as professoras.....	75
ANEXO D - Entrevistas com os membros do Conselho de Escola.....	122
ANEXO E - Entrevistas com as mães.....	129
ANEXO F – Entrevistas com as crianças.....	189

ANEXO A - Entrevista com a Diretora¹¹

São Paulo, 15 de setembro de 2010.

[A parte inicial desta entrevista foi perdida devido a um problema no gravador]

R: Só que na Diretoria eles não têm, assim, a preocupação de falar “Olha, você vai pegar primeira série, você tem Ler e Escrever, você tem Letra e Vida, alguma coisa assim?”, Não! O pessoal não tem... O que está classificado ali vai!

1. Então, não necessariamente, estes professores que estão com os primeiros anos receberam, ou tinham, alguma orientação para trabalhar com eles?

R: Exatamente.

2. A Diretoria de Ensino tem enviado material específico de orientação para trabalhar com os primeiros anos?

R: Tem.

2.a. Que avaliação você tem deste material? É um bom material? Tem ajudado as professoras?

R: Olha, eu acho bom o material, eu acho um bom material.

2.b. Os professores têm usado?

R: Tem usado.

2.c. Ajuda?

R: Ajuda. Acho que tem um bom material e eu acho que, sabe, eles podem usar. Embora, eu acho, que é um material, que eu diria, reciclado. Porque se você pegar aqueles guias curriculares lá acho que da década de 80 e alguma coisa, aqueles livrinhos vermelhos, não sei se você se lembra deles, né? Você vê que é uma reedição daquilo, não é? Então, não tem muita novidade, não! Sabe? Não tem muita novidade.

3. Como a senhora ficou sabendo do ensino fundamental de nove anos? Teve reunião na Diretoria? Como veio essa informação? Porque, na verdade, desde 2006 que tem sido discutido o ensino fundamental de nove anos. Como foi esta preparação nesse período para a implantação neste ano?

R: Bom, mas o ensino de nove anos do fundamental já está na LDB, Então, quer dizer, a nossa expectativa é que um dia ele viria mesmo, só que viria, na minha expectativa, não como ele veio, porque? Eu acho que criança com seis anos ela está na hora de brincar, está na hora de EMEI, não é? Então eu acho que, se querem seguir o construtivismo e tudo o mais, né? O Piaget já dizia alguma coisa sobre isso, né? Então, eu acho que sete anos seria a idade

¹¹ Os nomes utilizados durante a transcrição das entrevistas são fictícios.

pra ele ir, realmente, para a primeira série e estender lá no final os nove anos, entendeu? Por exemplo, o ciclo I de cinco anos, né? Então vamos supor, uma preparação para o ciclo II, né? Como eu acho, também, que o ensino médio deveria ser de quatro anos, né? A turminha está chegando muito cedo à faculdade, então, dependendo da carreira, muito irresponsáveis, não é? Então você fica assim, né? Vamos dar um exemplo: tem um médico recém-formado, você chega num hospital e você fala do seu caso pra ele, né? E parece que é a mesma coisa que nada, né? A ponto de você ter uma ideia de uma mãe que até pouco tempo foi detectada que ela está com câncer no pulmão e ela passou no pneumologista e ele receitou um medicamento pro estômago, certo? Então eu acho que é estas coisas... Então eu acho que deveria ter um amadurecimento maior, né?

3.a. Na sua opinião, na verdade, as crianças de seis anos deveriam continuar na educação infantil? Elas seriam melhor atendidas na educação infantil?

R: Eu acho que seriam melhor atendidas e elas teriam um tempo de maturidade, embora eu acha que a criança amadurece mais rápido, talvez, não sei se isso é verdade, não fiz uma pesquisa, mas ela amadurece mais rápido, mas, por exemplo, ela fica adolescente muito mais tempo, né? Então, você vê aí que tem jovens com 28 anos que ainda não amadureceram, né? Que agem como adolescentes. Então, sabe, acho que é tudo muito relativo.

4. Foi realizada alguma mudança, do ponto de vista da estrutura física da escola, para receber e atender as crianças de seis anos? Por exemplo, o tamanho das carteiras, banheiros, parque, enfim, em alguma coisa neste sentido?

R: Não, o parque, os brinquedos nós já tínhamos. Assim, as carteiras foram as mesmas, o banheiro é o mesmo... Até porque, veja bem, me perguntaram se eu queria as carteiras, né? E eu falei que não. Aí você vai falar assim: “Poxa, mas por que?”, porque eu tenho todas as carteiras nas salas novas, eu iria fazer o que com estas? Jogar fora? Porque você sabe, eles mandam e depois eles não recolhem, nós estamos aí com uns vinte computadores que eles trocaram os computadores, eles não tem onde pôr e eu também não tenho. Então, eu também estou sem a sala de vídeo, sem espaço, por conta de... Porque eu não vou pôr esses computadores lá no relento, lá fora, né? E eles também não querem que a gente tenha um espaço pra materiais e serviços, você tem que servir e jogar fora, tem que descartar, e aí eu faço como com estes computadores? Vou pôr lá no relento? Vou deixar assim?

5. Em relação ao currículo do primeiro ano, ele está integrado com... Foi discutido agora com o ensino fundamental de nove anos, uma integração desse primeiro ao dando continuidade ao segundo, terceiro, quarto, ou seja, todo o ensino fundamental.

A forma de avaliação das crianças do primeiro ano é diferente das crianças mais velhas ou a orientação é a mesma forma de avaliação? Como é feita a avaliação?

R: Praticamente a mesma...

6. Qual foi a reação dos pais em relação ao ensino fundamental de nove anos? Na sua opinião, eles gostaram das crianças entrarem mais novas no ensino fundamental ou prefeririam que ficassem na pré-escola, na escola de educação infantil?

R: Bom... Aqui, na escola, é diferente, né? Porque é uma escola de tempo integral, então eles adoraram, entendeu? Porque eles jogam a criança aqui e vão embora! Agora mesmo, este pai que eu estava conversando, a criança não está conseguindo ficar nove horas aqui na escola... Quer dizer, pros pais é muito cômodo, e a maioria dos pais, muito pouco são aqueles que se interessam em saber se a criança sabe ou não... Eles querem que passe de ano, “Mas como vai ficar retido?”, “Senhora, vai ficar retido por faltas!”, “Mas ele não pode ficar retido!”, falei: “Pode ficar retido até se ele não tiver um desempenho satisfatório!”, se a gente tiver tudo documentado... Como eu vou mandar uma criança pra fora? Apesar que a orientação é para se mandar mesmo, né?

7. Houve alguma discussão com os pais sobre isso, a título de informação, tal, sobre o ensino fundamental de nove anos?

R: Não.

8. E na escola, teve uma discussão entre o corpo docente e a equipe gestora em relação ao ensino fundamental de nove anos?

R: Veja bem, no planejamento foi discutido, por que é uma nova situação, né? Nos HTPCs muitas vezes é discutido, não é? Então, teve que se replanejar, né?

9. Os professores concordam com o ensino fundamental de nove anos? Você conhece a opinião deles?

R: Bom... Tem uns que concordam, tem outros que não... Não tem uma estatística, uma porcentagem que está e acordo ou não. Isso eu não tenho como te dizer...

10. Gostaria de falar mais alguma coisa sobre o ensino fundamental de nove anos?

R: Não, não.

11. E sobre a escola de período integral, como foi que esta escola se tornou uma escola de período integral?

R: Bom, no fechar dos olhos do governo Alckmin, ele criou a escola de tempo integral, que também é prevista na LDB. Quando... Eu sempre fui muito sensibilizada com a situação das mulheres trabalhadoras, por que? Porque eu sou uma mulher trabalhadora, né? E

eu sei da dificuldade que é você ter uma criança e não ter com quem deixar e não sabe o que fazer com ela, né? Então, eu sempre fui favorável à escola de tempo integral, e quando se levantou esta possibilidade de abrir a escola de tempo integral, eu fui a primeira aqui da Diretoria a enviar um projeto pra dirigente falando “Olha, quando tiver a escola de tempo integral, eu quero! Meu projeto está aqui!”, né? Então, eu tinha esta vontade que a escola fosse mesmo de tempo integral. Aí houve, na nossa Diretoria foram, inicialmente, onze escolas de tempo integral, né? O grande problema d escola de tempo integral é que não tem uma infra-estrutura adequada, você vê, eu estou pedindo há um tempo... Nós estamos criando, desde 2006, espaços, situações para que a criança se sinta bem na escola, porque a criança fica estressada, então, o que é que vai acontecer? Vai agredir o colega, vai responder pra professora, vai quebrar a cadeira, vai chutar, vai... Sabe? N coisas... Tanto que as meninas criaram este projeto Recreando, que é na hora do almoço e isso veio a amenizar, mas não tem... Porque, veja, o que é que uma escola de tempo integral deveria ser? Deveria ser a extensão da manhã? Metade extensão da manhã outra metade não. Vamos supor, então, de manhã eles têm Base Comum, à tarde eles têm a Hora da Leitura, não é? Eu concordo, né? Porque, aí, à tarde eles vão ter língua portuguesa de uma forma voltada pro incentivo à leitura e tudo mais... Matemática? Experiências matemáticas, vai pra experimentação... Quer dizer, pegar a matemática e utilizar na prática... Eles até fazem, mas eu acho que deveria ter, assim, condições de ter, assim, mais esportes, mais música, mais dança, né?

11.a. E não tem por conta do próprio espaço da escola, pela limitação do espaço da escola...

R: Não tem, não tem... Ter teatro, não é? E, agora, eu tenho aula de circo aos sábados aqui, né? Então, batalhei bastante pra ter este rapaz aí da aula de circo... Porque eu acho que tem que ter estas coisas! E eu acho que deveria ter artes marciais, esportes olímpicos, deveria ter nesta escola de tempo integral. Preparar, é o que eu digo! Aí teve gente que até achou que eu estou completamente errada, porque eu falo de uma pré-profissionalização... Por exemplo, uma menina que vai fazer ginástica olímpica ela não vai começar com quinze anos, tem que começar agora! Se quiser ser uma ginasta de nível internacional, pra competir numa Olimpíada, por exemplo, não é? Então, não poderia ter aqui na escola? Se nós estivéssemos uma infra-estrutura, se tivesse apoio... Então, eu acho assim, não adianta ter escola de tempo integral, “Olha, esta escola é considerada pela Diretoria de Ensino a melhor escola de tempo integral, né? Mas, eu acho que pra ser melhor falta muito aqui! Então, o que está por aí deve ser bem ruinzinho, né?

ANEXO B - Entrevista com a Professora Coordenadora

São Paulo, 16 de setembro de 2010.

1. Conte um pouquinho sobre a sua formação.

R: Bom... A minha formação é todinha de escola pública, desde o meu pré até todo meu curso de graduação e o mestrado, porque, como se diz... não é? Tem um dito que fala que “antigamente”, “no meu tempo”, esta frase feita, a melhor escola era a escola pública. Hoje há uma inversão, que eu não acredito que seja totalmente verdadeira, mas há uma inversão, onde a escola pública não é mais a melhor. Eu fiz, no começo do primário, escola da prefeitura aqui de São Paulo, depois eu fiz escola estadual no interior, quando me mudei pro interior, fiz o curso normal, naquela época chamado de Instituto de Educação, que era uma escola estadual, que corresponde ao que é o colegial hoje. Aí eu fui pra USP, fiz USP, fiz pós-graduação na USP, e apenas um mestrado que eu fiz com orientação de uma professora numa universidade particular, que foi a Barão de Mauá, em Ribeirão Preto. Depois disso, todos os meus cursos também foram em entidades públicas, via CENP (Coordenadoria de Estudos Pedagógicos - Secretaria Estadual de Educação), FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação), e assim por diante... mesmo os oferecidos pela diretoria de ensino, todos eles, mais ou menos de via pública. Então, eu sou formada em letras, não tenho cursos de pedagogia, embora exerça a função de professora coordenadora, que requer conhecimentos pedagógicos, mas estes conhecimentos eu fiz em cursos de pós-graduação, fiz em cursos de extensão, e estudos que eu tenho nas orientações técnicas da diretoria de ensino. O meu mestrado é também da área de humana, não é? É sobre estruturas morfosintáticas da língua portuguesa... e, assim, é o meu trabalho. Estou como coordenadora desde 1986, idas e vindas, na coordenação, porque a coordenação não é reconhecida como cargo, ela é uma função, terminando, às vezes, a função, eu volto para sala de aula, mas nos últimos 15 anos eu estou apenas como coordenadora. O meu cargo é como PEB II (Professor de Educação Básica II), professora efetiva em língua portuguesa. Aliás, este é meu segundo cargo, meu primeiro cargo como professora efetiva de língua portuguesa, já estou aposentada. O segundo cargo, fiz concurso, me efetivei novamente, estou há 10 anos e meio nesse segundo cargo como professora PEB II de língua portuguesa.

1.a. No magistério você está há quanto tempo?

R: No magistério desde o dia 14 de junho de 1969.

1.b. Bastante experiência...

R: Acho que um pouco.

2. Como você foi informada sobre o ensino fundamental de nove anos?

R: Bom, o ensino fundamental de nove anos, ele vinha sendo propagado desde o Plano Decenal, com a instituição do Plano Decenal na década de 90, eu venho estudando sobre isso, depois, com as orientações da Diretoria de Ensino... a Diretoria de Ensino sempre nos chama para dar as orientações. Então, nós fomos estudando, vinha material pra falar sobre isso, e... o ensino de nove anos já está em muitos lugares há muitos anos. Eu acredito que nós somos os retardatários, principalmente aqui na Diretoria de Ensino, nós estamos implantando isso, praticamente, este ano, foi o ano limite para implantação do ensino de nove anos. São todas estas orientações que eu venho recebendo há muito tempo. Eu não sei te precisar quando é que isso começou, mas começou, com certeza, na década de 90, já com o Plano Decenal.

3. E você concorda com o ensino fundamental de nove anos?

R: Eu concordo, eu concordo, porém não como ele está sendo desenvolvido, principalmente aqui na escola. Não acredito que um ensino de nove anos seja desse jeito, por exemplo, eu não tenho ambiente para uma criança de seis anos, que acabou de completar seis anos, eu não tenho mobiliário, eu não tenho espaço pra essa criança ter as atividades condizentes com a idade dela, não tem condição de uma criança do primeiro ano ser tratada como uma criança de segundo ano, e é o que acontece, por quê? Porque o mobiliário não é adequado a ela, eu precisaria ter as mesinhas específicas para as crianças pequenas, não é? Porque, mesmo sendo de seis anos, o tamanho da criança varia, não é? Há os maiores e os menores, mesmo nesta faixa etária, mas pra ambos os tamanhos, precisaria de cadeirinhas, precisaria de mesinhas, mesas circulares, onde trabalhariam praticamente em grupo, eu precisaria de muito material adequado pra idade deles, lousa, apagador, giz e voz de professor são coisas, assim, de última utilidade, não é de primeira. Então eu acredito que, a criança de primeiro ano, ela, de certa forma, está transformada em criança que se está alfabetizando, certo? A criança que se está alfabetizando. E, dependendo da formação do professor que está com esta turma, a coisa fica mais perigosa, porque professor tradicional ele encara do primeiro ano como uma primeira série, o professor, então, é cartilhesco [interrupção da entrevista]. Bem, então voltando, se a professora não tem a idéia do que seja uma criança de seis anos, uma criança que muitas vezes não ficou no “prezinho”, não esteve no “prezinho”, não dá pra você olhar pra esta criança da mesma forma que ela trabalharia numa criança de sete anos, com uma criança de sete anos, e, nesse caso, eu vejo uma grande dificuldade, porque esta criança que está no primeiro ano ela fica amarrada à um trabalho que não é condizente com a idade dela. Não sei se você está me entendendo... a criança de seis anos teria que ter nesse momento uma transição entre a pré-escola e o primeiro ano, né? Pra que ela chegue no segundo ano pronta pra ter aquilo que seria a primeira série. Acredito que a criança

possa no primeiro ano ter o alfabeto, ela possa dominar a escrita de palavras do mesmo campo semântico... quando você aplica, por exemplo, uma sondagem, você tem palavras do mesmo campo semântico, que a criança pode fazer listas, a criança pode saber o nome dela todo, sim, mas o que eu vejo, muitas vezes, é a criança na sala de aula num ensino sistemático, como se a professora tivesse a obrigação de ensinar para aquela criança tudo o que uma criança de primeira série deveria saber e chegar lá no final do ano totalmente alfabética. Vejo também por outro lado, que esta sala de primeiro ano é extremamente mesclada, porque desde o primeiro bimestre eu já tenho crianças no primeiro ano que já estavam alfabéticas quando chegaram aqui, e, pelo fator idade, ela não pode ir para o segundo ano, para o segundo ano foram apenas os com sete anos. Então, como que eu faço com uma criança que acabou de fazer seis anos e que está alfabética? E ela está numa sala onde eu tenho crianças que não são alfabéticas, que chegaram, às vezes, pré-silábicas, ainda naquele momento da garatuja, ou até pré-garatuja, e icônica, né? Então, eu tenho uma sala totalmente heterogênea, muitas vezes com um professor tradicional, que quer reverter esta situação numa primeira série, antiga primeira série. Aí eu vou pra outro assunto, o que é que faltou? Faltou atribuir estas salas de primeiro ano, primeiro, pra professor com perfil de alfabetização, mas não uma alfabetização de segundo ano, por exemplo, mas um professor que tivesse noção do que seja uma pré-escola, porque este professor poderia mesclar um pouquinho. Lógico que eu vejo que a crianças de primeiro ano ela pode, sim, como eu disse anteriormente, ter uma formação de língua portuguesa, alfabetização de leitura, escrita e matemática. Pode, mas ela tem que ter outra metodologia, que os professores, muitas vezes, não concordam, não entendem e não sabem aplicar. Aí como está aqui, agora, eu vou falar daqui, né? Como está? Está desse jeito: os professores em salas de aula do primeiro ano alfabetizando. Isto está igual, eu diria, ao segundo ano... não vejo muita diferença, a única coisa que talvez seja um pouco diferente, que dê pra eu interceder e equilibrar, é que os professores do primeiro ano andem num ritmo um pouco mais lento que a professora do segundo ano. E tem mais um agravante, no começo do ano, as crianças que estão, agora, no segundo ano foram matriculadas também no primeiro ano, de repente veio uma ordem para que todos os alunos que completassem sete anos até maio fossem para o segundo ano, muitos pais não entenderam, muitos pais falaram: “mas meu filho não fez nem pré! Como ele vai pra uma segunda série?”. Então, você colocar na cabeça do pai que não era segunda série, que era um segundo ano, que correspondia a uma primeira série, não é? Nós fizemos várias reuniões com os pais, fomos esclarecer isso muito bem... hoje está tudo entendido, a sala do segundo ano vai bem, não é? Vai bem. Mas eu continuo tendo esta heterogeneidade, que não teria necessidade se houvesse a possibilidade de não ver

a idade, de ver a hipótese da criança, entendeu? É isso aí que eu acho que são os complicadores. Não adianta eu, coordenadora, apenas eu ser vista como a grande facilitadora, eu não sou. Por que eles barram, muitas vezes, na resistência do professor, tem professor que diz pra mim, mesmo brincando, ele diz: “eu não te obedeço!”. Daí eu posso receber a orientação, eu passo a orientação, eu trago todos os informes, tendo fazer, realmente, uma formação, mas o professor, na sala de aula ele faz outra coisa, eu vou lhe mostrar, simplesmente, aqui, estou te mostrando, uma xerox de uma atividade de primeiro ano que trabalha de forma cartilhesca aquilo que se chamava antigamente de sílabas complexas, que são os dígrafos, -lh, -nh, -rr, -ss, -ch, e a professora xerocou da cartilha a atividade para a criança, o xerox ficou de péssima qualidade, a criança, garanto pra você, que ela não tem condições de fazer isto... isso requer o que? Uma conversa minha com a professora, e eu lhe digo de antemão, ela vai mudar? Não! Não vai! Ela tem perfil? Não! Ela sabe o que está fazendo? Sim, dentro da realidade dela, de anos e anos atrás, não desta. Ela está aqui há muitos anos? Está! Junto comigo, desde o começo? Sim! Então, o que é isto? A mais brava das resistências. Não é? Então, é pra você vê os entraves que a gente tem para o primeiro ano.

4. Falando um pouquinho sobre este processo de escolhas das turmas, quais foram os critérios para escolha?

R: Aqui, o grande critério do primeiro ano foi a idade, simplesmente a idade. Não podia ser outra coisa além da idade, eu não posso ter uma criança de sete anos no primeiro ano... até tenho, tem uma criança que vai fazer 10 e está no primeiro ano, só que está criança veio pra mim, para escola, agora, vinte e oito de julho, segundo semestre, transferida da quarta série, e é pré-silábica. Então esta criança vai para o primeiro ano, a professora vai tentar resgatá-la no primeiro ano, não é? Aí, você, veja, o quanto a idade não diz nada.

4.a. E a escolha das turmas pelos professores?

R: Os professores têm dois momentos de escolha. O primeiro momento é do professor efetivo, ele vem aqui pra escola, num dia determinado, no início do ano, e ele escolhe a turma com que vai trabalhar. Geralmente, eu tenho professores afastados, professores que se aposentaram e a sala está vaga, não é? E, o que acontece? Estas aulas vão para a Diretoria de Ensino, para ter a atribuição lá. Lá não se vê perfil de professor, lá se atribui para quem estiver, na hora atribuição, como o primeiro colocado da lista para aquela atribuição, quem for da vez, pegará a turma. E mesmo aqui, nós deveríamos ter a atribuição por perfil, o que não há. Então, se nós fossemos atribuir salas por perfil de trabalho do professor, nós também não teríamos professor alfabetizador, aqui, efetivo, não é? O professor, aqui, gosta mais de trabalhar com séries, com crianças já alfabetizadas. Então, o efetivo, o máximo que ele pode

fazer é pegar um segundo ano, uma segunda série, terceiras e quartas, e o que sobra? Sobra isto, eles vão para o que? Para os OFAs, para os professores que não são efetivos, que vão escolher num outro momento, mais tarde, fora daqui, e a gente nunca sabe quem vem. Agora, como os professores que estão aqui, como eu disse também, anteriormente, os professores que estão aqui, no primeiro ano, há muito tempo, significa que esse professor é OFA, não é efetivo, porém, há muitos anos esse professor trabalha como OFA, e trabalha aqui, ele chega na diretoria, e se ele vê, lá na Diretoria, uma sala aqui na escola, ele vem pra cá. Porque ele já está acostumado aqui, mas se ele vir que não há possibilidade, então, é diferente, mas geralmente, ele vem pra cá.

5. Como foi a reação das crianças nos primeiros dias de aula no ensino fundamental?

R: Olha, eu fiquei muito surpresa de ver a condição das crianças de primeiro ano... muito. Estes primeiros anos que nós temos aqui, inclusive o segundo, eles são *sui generis*. As crianças chegaram felizes, tranquilas, se adaptaram, na houve, em nenhum momento, um dia, diferentemente dos outros anos, criança que chorasse com saudade da mãe, criança que quisesse ir embora, e veja que é uma escola de tempo integral. Então, eu senti uma coisa muito interessante nesse comportamento da criança. Não houve nada que fosse desgastante pra criança também, e olhe que e tenho muitas crianças que não fizeram pré, que não estavam acostumadas a ficar fora de casa ou longe dos pais o tempo todo.

5.a. As crianças que vieram alfabetizadas para esta escola, estudaram em EMEIs?

R: Vieram de EMEIs.

6. Quais são os objetivos do primeiro ano do ensino fundamental de nove anos?

R: Bom, o ensino fundamental ele... você tem várias vertentes de visão. Não tem uma só. Não tem um objetivo... tem na legislação, esse objetivo você pega na legislação. A criança, ela vem pra escola para ela resgatar aqueles momentos de aprendizagem, que eu diria, entre aspas, uma transição entre o que nós conhecemos de pré com o verdadeiro primeiro ano, mas isto não existe na prática. Por quê? Porque, o próprio sistema, pessoas que são responsáveis ela divulgação e formação da escola de nove anos, há duas vertentes: uma vertente que diz que a criança não pode ser tratada como uma criança pronta para alfabetizar, e há uma vertente que diz: “pode, sim, vamos alfabetizá-la!”, ela pode ter em mãos até o material próprio do programa “Ler e Escrever”, que é o programa da secretaria da Educação. Aí, eu vou lhe dizer a nossa realidade... o que é que nós estamos fazendo? Alfabetizando. Mas dentro da própria Secretaria, dentro das próprias pessoas que estão organizando o programa, o

projeto, acho que já é um programa, não é um projeto, da escola de nove anos, é... já existe esta vertente. Nas nossas orientações técnicas, pessoas que estão andando do nosso lado, dando as capacitações e as orientações, uma hora uma pessoa que entra fala X, outra hora outra pessoa fala Y.

7. Como é realizada a avaliação da aprendizagem dos alunos do primeiro ano?

R: Muita sondagem. A gente não tem nenhuma prova, sabe? É observação da professora, é aquela avaliação contínua, de ver que as crianças estão progredindo nas atividades que estão sendo dadas e as sondagens, que são mensais, tá? Por aí...

8. Você recebeu alguma orientação dos órgãos superiores para a implementação do ensino fundamental de nove anos?

R: Sim, é como eu te disse, através da Diretoria de ensino, nas orientações técnicas da Diretoria, e isso já vem vindo estudado em reuniões nossas, porque os professores coordenadores, eu acho que precisa ficar bem claro pra vocês da pesquisa, todos os professores, eu falo pela Centro Sul que é a minha Diretoria, porém, como eu convivo com coordenadores de outras Diretorias, existe um processo que é unânime... é... nós temos reuniões que são chamadas de OTs, Orientações Técnicas, semanais, tanto da parte da CENP, que nos dá uma formadora em reação ao programa “Ler e Escrever”, como da própria Diretoria de Ensino com os PCOPs, da Diretoria, que transmitem pra gente as orientações da alfabetização de língua portuguesa e a alfabetização matemática. Isso é semanal. Às terças-feiras é o “Ler e Escrever” e, geralmente, às quintas-feiras, são os PCOPs das oficinas da Diretoria.

8.a. Quais foram estas orientações sobre a implementação?

R: As orientações, geralmente, são de como o professor, a escola, teria que se organizar para receber essas crianças de primeiro ano. então, como a escola se organiza, como a escola orienta os professores a lidar cm estas crianças, como os pais devem ser orientados, também, via escola, para ajudar a escola no andamento da aprendizagem da criança, enfim... E como nós somos escola de tempo integral, é completamente diferente, eu tenho duas escolas em uma. Eu tenho o período da tarde de Oficinas Curriculares. Então, o trabalho é muito mais amplo. Em relação às Oficinas Curriculares, nunca houve nenhuma orientação. Então, nós aqui, tivemos que nos adaptar, e trazer o professor da oficina para junto do professor da manhã, pra que possam falar a mesma linguagem. Agora, você veja, cada turma de primeiro ano tem oito professores diferentes de oficina e três professores de manhã. Então, o aluno do primeiro ano tem onze professores diferentes. Você consegue entender isto? Será que eu posso deixar uma interrogação no ar?

9. Os professores receberam algum material didático para trabalhar com os primeiros anos?

R: Material didático... você fala de que?

9.a. Algum caderno de orientação pra eles...

R: Veio um livro, que se chama “Escola de nove anos”. Apenas um livro.

9.b. E livros didáticos para os alunos?

R: Livro didático... aí é que está a questão. Aquelas duas vertentes que eu te falei. Uma vertente diz que não se dá livro didático para criança de primeiro ano. outra vertente que diz: “porque não? Dê, sim!”. E o que nós fizemos? Como os nossos primeiros anos estavam correspondendo aquilo que nós vínhamos trabalhando com eles, neste segundo semestre, no segundo semestre, eu deixei que os professores usassem os livros. Por quê? Nós tínhamos livros do PNLD de ano anteriores. Então, este livro do PNLD, que ficou aqui como uma reserva técnica, não foi usado, porque o PNLD, que é o Programa Nacional do Livro Didático, mandou os livros didáticos, mas estes livros não foram usados, porque, simultaneamente, ao mesmo tempo, a secretaria mandou os livros do “Ler e Escrever”. Portanto, o que é que acontece? Eu tive que usar o “Ler e Escrever” e deixei de lado os livros do PNLD, estes livros ficaram na escola, que são livros de alfabetização, e o que aconteceu? Eu estou usando este ano. Por quê? Porque não foram mandados os livros do “Ler e Escrever”. Porque a Secretaria diz: “não é pra ser dado este livro”. Então, não foram mandados, mas por outro lado, você pode dar livro pra criança, como é que eu faço? As professoras reclamam: “os meus alunos podem, têm condição de ter um livro!”. Então, eu lancei mão daquela reserva que eu tinha, reserva não, foram livros que ficaram aí de 2009 e 2008 de alfabetização. Por exemplo, Linhas e Entrelinhas de língua portuguesa, tá? Então, estes livros já estou usando. Neste segundo semestre eu tinha livros de primeira série, que são livros de história, geografia e ciências, então eu dei na mão das professoras, para que recortados, utilizados como aulas de roda de conversa, roda de leitura para as crianças. Enfim, as professoras montam atividades baseadas nestes livros. O que é que vieram? Kits de livros paradidáticos, então, estes kits de livros paradidáticos, que são livros de história, e dois kits, por exemplo, de trinta à quarenta livros em cada um, o que corresponde um para cada sala de primeiro ano, esse livros são histórias com endereço para geografia, história, ciências, matemática e língua portuguesa. Se o professor ler um desses livros pra criança, trabalhar com esse livro, esse livro, a história desse livro tem o endereço de que a criança aprenda história, geografia, ciências e matemática, mas através de literatura paradidática, isto é, contos infantis, fábulas, que remetem à um estudo de um componente.

10. Os professores dos primeiros anos estão tendo algum tipo de formação continuada?

R: Não, nunca foram chamados.

11. Como você avalia estas orientações e materiais que foram recebidos pela escola sobre a implementação do ensino fundamental de nove anos?

R: Material, propriamente dito, eu não recebi nada diferente, continuo recebendo os gibis, continuo recebendo a revista “Nova Escola”, eu continuo recebendo “Ciência Hoje”, recebendo a revistinha “Picolé”, eu continuo recebendo a revistinha “Recreio”, coisas que eu já recebia há três anos, dois, três anos atrás. A mesma coisa. O material que nós utilizamos é o material que a escola compra, com a verba que vem normalmente, é um material comum, nós temos as cartolinas, os vários tipos de papéis, xerox, enfim. Aquilo que nós podemos lançar mão na escola, aquilo que já é nosso, que vem normalmente.

12. A proposta do ensino fundamental de nove anos foi discutida aqui na escola? Com quem?

R: Foi com todo mundo. Desde a direção, os professores, todo mundo sabia que a escola já estava partindo pro ensino de nove anos, todo mundo leu o que é a proposta, sabe? A reversão de série pra ano, o acompanhamento, tudo isso. O professor já sabe que segundo ano corresponde à primeira série, tem que saber isso, tem que pensar assim, por que, se não, professor do quinto ano ele tem que saber que é um antiga quarta série, que quinto ano não é uma quinta série, embora, numa escola de tempo integral, se o aluno tem onze professores, acaba sendo mais que uma quinta série.

12.a. Em quais momentos estes assuntos referentes o ensino fundamental de nove anos foram discutidos?

R: Nos momentos de planejamento, tanto no início como no meio do ano, nos momentos de HTPC, todos eles.

13. Houve algum esclarecimento aos pais sobre o ensino fundamental de nove anos?

R: Sim, em reunião de pais, no final do ano e no início.

14. Os alunos foram informados sobre esta nova organização do ensino, sobre a entrada deles com seis anos no ensino fundamental?

R: Não, isso aí não teve novidade nenhuma, porque nós já recebíamos crianças com seis anos, entendeu? Só que a criança ela é vista como uma criança de primeira série, e que deverá ser alfabetizada mesmo, com todas as características que uma alfabetização requer, tá? A criança vai sair escrevendo, a criança irá procurar ler com fluência, né? Tudo isso. Então,

nós tínhamos crianças já desde o ano passado com seis anos na primeira série, e isso era trabalhado de forma intensiva e específica. Então, a criança, em si, ela não atentou para nenhuma diferença, nada disso.

15. Sobre a escola de tempo integral, como foi o processo de implementação nesta escola?

R: Bem, em 2005 foi proposto aos diretores de escola se eles queriam participar do projeto da escola de tempo integral. Esta escola, não era daqui, eu vim em 2006, mas pelo que eu sei, era uma escola que estava fadada à fechar, porque não tinha contingente de alunos para continuar trabalhando em dois períodos, né? Havia muito poucos alunos aqui. E a direção e os professores resolveram tentar e ver o que aconteceria se a escola começasse à trabalhar em tempo integral. E deu certo. Tanto deu certo que a escola é tida como uma das pouquíssimas, entre as únicas três ou quatro que continuam de ciclo I, dentro de tantas que a diretoria tinha no início.

16. Foi realizado algum tipo de modificação nos espaços da escola para este implementação?

R: Não houve modificação da estrutura da escola. Primeiro porque a FDE não permite que se construa nada escola. A escola pode sofrer alguns ajustes, por exemplo, o nosso refeitório, foi um ajuste, certo? Porque havia um canto que não era nada e, de repente, nós dissemos: “precisamos de um refeitório, porque agora a escola precisa servir o almoço, servir mais duas refeições além do almoço, café da manhã e o lanche da tarde. São crianças que vão ficar aqui o tempo todo”. Então, houve este ajuste. Nós tivemos a sorte de ter a participação dos Parceiros da Educação aqui na escola, desde 2007, 2008, 2009, 2010, os “Parceiros” ficam por cinco anos, então eles ficam conosco até 2011, né? É um empresário que trabalha conosco aqui na escola. No primeiro momento os “Parceiros” fazem ajustes físicos, né? Não se constrói, não pode. Então, ajustes físicos. Então nós tivemos o playground, esta sala que você tem aqui ao ar livre, lousa que são diferentes, portas com fechaduras mais apropriadas, piso e sala de informática com mais computadores, o mobiliário da sala de informática mais ajustável pra criança, porque o que nós tínhamos pra sala de informática era cadeiras de rodinhas, altas, que as crianças faziam como carrinho, então, de repente, nós tínhamos que ter algo mais fixo, mais adequado para as crianças daquela faixa etária. Então. Nisso tudo os “Parceiros” nos ajudou, tá? Foram adequações, mas, de resto, a escola continua a mesma. Não houve a mudança, por exemplo, nós não temos aí, sala de vídeo, uma sala de arte, isto não existe, o que é extremamente necessário.

17. E sobre a equipe de professores?

R: A equipe de professores continua a mesma. No início os professores das oficinas foram contratados pela escola, assim... escolhidos, são contratados pelo Estado, mas a escola teve a possibilidade de escolhê-los, e isso foi maravilhoso. Tínhamos aqui um corpo de professores, realmente, naquilo que se pode fazer, o perfil do professor pra trabalhar aquela oficina, entende? O que é o adequado, você ter na escola a possibilidade de ver qual é o profissional que tem o perfil para aquela atividade. Então, naquele momento, tivemos, e isto foi quebrado neste ano, nós perdemos a oportunidade de escolher, quem escolheu foi a Diretoria, o que não foi uma boa.

18. Qual é o objetivo das Oficinas Curriculares?

R: É Enriquecimento da aprendizagem.

19. E quais são os conteúdos?

R: Os conteúdos são os mais diversificados: inglês, informática educacional, saúde e qualidade de vida, hora da leitura, experiências matemática, atividades esportivas, atividades artísticas, orientação pra estudo e pesquisa... você vê, uma criança que aprende a tocar flauta, uma criança que pode ter acesso à uma banda, criança que tem acesso a um data show, criança que tenha acesso ao que nos foi dado pelos “Parceiros”, um teclado, um piano a escola já possuía. Então, você veja, vídeos em geral, uma quadra coberta, para atividades esportivas as mais variadas, projetos variados. Então, é uma riqueza muito grande. Talvez a criança continue com a dificuldade de ler e escrever com grande fluidez e autonomia, muitos podem até continuar, mas a criança da escola de tempo integral tem um conhecimento de mundo, um conhecimento geral que eu acredito que nenhuma outra criança tenha na idade em que estas estão.

20. Em sua opinião, qual é, então, a grande importância da escola de tempo integral para o desenvolvimento da criança?

R: Tudo depende do corpo docente que você tem, da equipe gestora que você tem, do objetivo da escola. Se você não tiver tudo isso muito coeso, não adianta nada... é, simplesmente, um escola que está aí, e que as crianças no período da tarde acabam brincando. Na realidade, no período da tarde, aqui, as crianças até brincam, e brincam muito, mas é uma brincadeira totalmente dirigida, por exemplo, saúde e qualidade de vida, a criança vai pra horta, ela pode tomar aquilo da horta, de estar na horta como a coisa mais gratificante, a brincadeira mais gostosa do mundo, mas não é brincadeira... ela tem ali toda uma orientação do professor embutido à qualidade de vida, o que ela está plantando, o que ela está comendo, o que aquilo gera na saúde dela, qual é a importância pra vida dela, a boa alimentação, e tudo mais, ela entende até o que é proteína, o que é caloria, aquilo lá é bom? Ela vai se fortalecer

ou vai engordar? A diferença daquela cenoura que ela colheu e que ela comeu, para aquela batatinha frita que ela comeu no saquinho de “Ruffles”, não é? O teor de gordura... e aí? Mesmo pequena, ela sabe de tudo isso. Então este é um exemplo que eu posso te dar.

21. Quais são as dificuldades encontradas nesta escola de tempo integral?

R: As dificuldades eu acho que estão muito mais relacionadas aos professores... não ao professor em si, mas a dificuldade, às vezes, que o professor tem de buscar atividades diárias interessantes pra, digamos assim, recheiar este momento da tarde. E como coisa que eu deixo bem claro pra você, nós não temos nenhuma orientação da Diretoria de Ensino quanto a isto. Houve em 2006, 2007, depois a escola de tempo integral foi deixada, entendeu?

21.a. E com relação aos alunos, ao comportamento dos alunos? Eles ficam bastante tempo aqui...

R: Já chegamos num patamar em que as crianças estão educadas pra isto, elas entendem. O primeiro ano foi difícil, a criança não entendia que entrava um professor e saia outro, entrava e saia professores diferentes, mas depois não, no segundo ano aquela criança que teve aquele primeiro impacto já estava acostumada, os que foram entrando, os outros que eram mais velhos foram adequando os coleguinhas aquela situação... enfim, hoje eu não tenho nenhum problema à este respeito, de escola de tempo integral. E descobrimos que, o professor da tarde não pode sair um, entra o outro, ele fica a metade do período, a outra metade outro professor, assim não tem rotatividade, a criança está mais focada e o professor mais tempo de desenvolver aquilo que planejou. É algo muito bom!

ANEXO C - Entrevistas com as professoras

Entrevista com a professora do 1º ano A

São Paulo, 15 de setembro de 2010.

[Parte desta entrevista aconteceu na presença da professora coordenadora da escola]

1. Vamos começar pela sua formação. Em conversas na sala de aula, você me disse que trabalhou em escolas privadas... Conte-me um pouquinho sobre sua formação e sua experiência profissional.

R: Eu sou formada em pedagogia, né? Eu abandonei advocacia, e aí prestei a faculdade e entrei direto também, tanto em uma quanto na outra, e optei pedagogia, porque a minha intenção era abrir uma escola, e eu tinha uma amiga que ano passado, aqui, ela era professora de arte e nós fizemos faculdade juntas. Eu escolhi a área de administração de empresas e ela de orientação. Então, nós havíamos combinado de abrir uma escola juntas e cada uma fazer a sua parte, só que eu falei: “Vamos, primeiro, ganhar experiência e depois que a gente tiver bastante experiência, a gente abre esta escola!”, só que eu comecei a gostar demais de dar aula, aí eu fiz um curso na Cruz Vermelha, explicando como se dirigia a escola, como funcionava para abrir, aquela burocracia toda, eu falei: “Nós ainda não temos nem condições, nem experiência. Precisamos ganhar mais experiência! Acho melhor você também ir pra sala de aula!”, e nisso eu fui gostando de dar aula, nem pensei mais em abrir escola... Agora que eu não vou abrir mesmo, né? Porque eu estou quase me aposentando.

1.a. Antes de vir trabalhar em escola do Estado você trabalhou em escola privada também, não é?

R: Eu trabalhei, por um ano, numa tesouraria de uma empresa, aí eu ingressei numa escola particular como recreacionista. Eu trabalhava como recreacionista na Domus, e, no final do ano, abriu uma vaga para professora e a Dona, a Neusa, me chamou, junto com a professora e falou: “Oh, que assim, nós seguimos uma reta. Sempre que o professor que fica mais tempo na casa é que vai assumir a vaga!” Então, a vaga era, não me lembro o nome da pessoa, “Então você vai assumir a próxima, quando tiver uma gestante, quando alguém aposentar...”, mas era uma coisa meio duvidosa... Aí, o que acontece? Eu falei: “Olha, Neusa, eu estou achando muito puxado como recreacionista, porque está difícil...”, porque a escola lá é integral, então, a criança lá é diferente daqui, entra às 07h00 e sai 16h00, não! Lá a criança queria chegar às 07h00, tinha criança chegando às 09h00, tinha criança chegando às 11h30, na hora só do almoço, e o recreacionista é que tinha que acompanhar na hora do almoço, e fora isso, assim, então as crianças chegavam às 7h00, assim, uns dez, a sala tinha uns quarenta, então, fazia lição, terminava a lição, lógico que eles iam brincar, e o pátio naquela época era

muito perigoso, só que, quando eu iria acompanhá-los para a parte de fora, começava a chegar aqueles das 09h00, aí você tinha que pegar a lição... E era assim, de maternal à quarta série, eram todos na mesma sala.

1.b. Então, na verdade, você teve alguma experiência com educação infantil?

R: Tive, tive.

1.c. E primeiro ano, você já havia trabalhado com primeiro ano ou é, primeira série, né? Porque antes não tinha primeiro ano... Ou este ano é o primeiro ano que você trabalha com eles?

R: Não, não. Fora a recreação, porque depois, aproveitando que eu conversei com a dona, eu falei: “Olha, não está dando, e eu não vou terminar este ano, porque fica complicado, a responsabilidade é muito grande, porque maternal está chegando, tem que pôr pra dormir, depois vem o jardim e tal, aí o prezinho já tinha lição, primeiro ano, segunda série, terceira série, quarta série, e eles vão chegando, conforme vai terminando, tinha que ir liberando, e fica complicado, ou eu fico na sala com lição ou eu fico lá porque se alguma coisa acontecer a responsabilidade é minha!”, ela falou: “Vou colocar alguém pra de ajudar! Você vai ficar só responsável pela aprendizagem e a outra pessoa pela recreação!”, e assim ela fez... Só que chegou no final do ano, e eu achei muito cansativo, e eu falei: “Esperar mais um ano?”, só que a escola estava abrindo espaço, e ela falou que iria ser dividido, a educação infantil de uma lado e de primeira a quarta de outro, eu falei: “Olha, eu agradeço muito, mas eu estou cansada, eu não vou esperar esta vaga...”, aí eu sai. Sai e ingressei, quer dizer, comecei minha carreira como suplência, era adultos de 18 a 65 anos, porque a professora precisou se ausentar e a diretora achou que eu tinha perfil, muito jeitinho para pegar aquele pessoal, que era muito de idade, difícil de lidar, porque era de adolescente a pessoa idosa, a mais velha tinha 65 ou 68 anos. E era assim no começo: eu dividia a sala, a lousa, então, metade da sala é esta lousa, a outra para os que estão mais... E foi assim. E depois eu comecei lá mesmo no período da tarde, com a segunda série, primeiro ano, e depois fui pra outra escola, e fui... Dei aula muito na quarta série... E voltei com os pequenininhos, porque, assim, eu dei na quarta pra eles, na terceira...

1.d. Você é efetiva aqui?

R: Não. Eu sou OFA.

1.e. Você escolhe na Diretoria de Ensino...

R: Isso, mas vai fazer sete anos que eu estou aqui.

2. Foi uma opção sua escolher o primeiro ano?

R: Foi, quer dizer, tinha lá, a disposição pra escolher, quarta série, eu não quis, tinha segunda série, que é essa sala muito difícil, que metade foram meus, que a professora Ana Paula está trabalhando e está com muita dificuldade... São alunos com problemas, assim, a gente não pode falar, porque o pediatra tem que encaminhar primeiro para o psicólogo, estas coisas... Mas, a primeira série estava lá, primeiro ano, então eu falei assim: “É este que eu quero!”, que eu tive a chance de escolher a quarta, a segunda ou a primeira.

3. O que é que você acha sobre o ensino fundamental de nove anos? Você acha que as crianças de seis anos, é melhor que elas estejam na escola de ensino fundamental ou seria melhor que elas estivessem na educação infantil? Onde estas crianças de seis anos poderiam ser melhor atendidas, do ponto de vista das suas necessidades, das características que elas têm em termos de desenvolvimento, de aprendizagem? No ensino fundamental ou na educação infantil?

R: Olha, a escola de nove anos eu achei até interessante, mas eu acho assim, o meu ponto de vista, chega na DE tem uma divergência de opiniões, uns acham que a criança tem que sair alfabetizada ao final do primeiro ano, aí chega um pessoal do tal do Ler e Escrever, não, pessoal do Ler e Escrever, fiz confusão, o contrário, tem que estar alfabético ao final do ano, já o pessoal da Diretoria acha que não, acha que eles têm uma recreação, por causa da idade, não é tanto exigido, só que nós ficamos assim... Como foi implantado o primeiro ano este ano, ficamos assim, por que? Eles querem brincar, gente, seis anos... Então, eu acho que assim, tinha que ter uma definição, seguir uma linha, tá? Não é o pessoal, o Ler e Escrever quer que eles sejam alfabéticos, aí a Secretaria, o dirigente: “Não, tudo bem...”. Eu acho que deveria ter lá um direcionamento falando assim: “Não, é fase de pré-escola”, então é o que? Coordenação motora fina, grossa, vão brincar, sabe, primeiro ano. E a partir do segundo, realmente, começar a alfabetizar.

4. Como vocês estão fazendo, trabalhando aqui? Porque, na verdade, vocês têm duas orientações, ou seja, as crianças têm demanda por brincar e vocês têm uma orientação por alfabetizar. Como vocês têm tentado trabalhar isso e conciliar isso? Está sendo possível? Como tem sido?

R: Está sendo desgastante! Olha só pra minha cara! O pessoal fala que eu emagreci, não emagreci só por causa de problema de saúde, porque eu tive sério, mas é desgastante! Você fica com aquilo... Aí você conversa com as outras colegas, a sala de sete anos, por exemplo, a professora do segundo ano, eles têm que se sair mesmo, mas aí, conversando com a professora, os alunos dela também têm seis anos e a maioria já consegue, mas os meus são os mais infantis da turma, de todos! Então, eu fico assim: eu vou com a alfabetização e, agora,

que nem eu conversei com a coordenadora, vou introduzir mais brincadeiras... Então, a minha aula, eu vou ter que modificar muito a minha aula, assim, fazer a aula dirigida para as brincadeiras, comprei uma coleção esta semana, eu falei: “Eu estou quase prestes a me aposentar, mas eu vou comprar!” Sabe, dirigido assim, com música, brincadeira e ao mesmo tempo vão introduzindo as lições, porque está ficando maçante, que as crianças estão cansadas!

5. E os pais, o que é que os pais esperam? Como eles têm reagido com relação a isto?

R: Eles acham que assim, aqueles que já estão quase alfabéticos, “Que maravilha, professora!”, aquela coisa, e aqueles que não estão pré ainda, tenho dois que chegaram agora, estes menininhos que você viu passando, e tenho um assim, como hoje vai começar o reforço, eu tenho doze, então, dois pré e o resto sem valor. Os pais não estão nem aí! Está tudo bem... Ah, chama aqui? Quer brincar, brinca! Deixa! É fácil!

6. Vocês estão trabalhando numa perspectiva construtivista, né? Porque você falou, “Bom as crianças estão pré-silábicas...”, ou seja, esta é a orientação que vocês recebem da Diretoria Regional ou é uma opção sua de trabalhar desta forma?

R: Não, eu não trabalho com o construtivismo, eu trabalho na época que tem que fazer a hipótese diagnóstica da criança, porque todo o mês tem que fazer um ditado, então, em cima disso é que eu forma as duplas, mas o meu maior método, é tradicional mesmo. A diretora sabe, a coordenadora, sabe, sempre nas reuniões de começo de ano ela conta pra todo mundo, “Olha, a professora trabalha com o tradicional!, porque ela sente firmeza”, então, eu trabalho com aquilo que eu sinto firmeza!

7. Mas, de qualquer forma, você tem que fazer esta verificação mensal em qual hipótese da escrita a criança está?

R: Sim, sim, eu acabei aprendendo já, porque no começo eu iria atrás, no ano passado, “Oh, Tereza, me ajuda aqui”, porque ela tem o curso do Ler e escrever, né? Porque eu não sabia, às vezes, identificar a hipótese, porque eu não fiz o curso... Então, eu trabalho tradicional, mas eu tenho que trabalhar, quando chega nesta época, naquela semana eu tenho que dar o ditado, as palavras, as frases, aí eu tenho que sentar e diagnosticar quem ainda é pré, quem é silábico sem valor, já silábico com valor, silábico-alfabético e alfabético, é uma loucura!

8. Em relação à avaliação, como é que você tem conduzido a avaliação da aprendizagem das crianças? É diferente de quando você avaliava com a primeira série ou é mais ou menos igual? Como é a avaliação da aprendizagem?

R: Eu tenho que me virar ali nos trinta! Porque agora, por exemplo, não só de manhã, nós vamos começar à tarde este reforço com os que estão mais atrasados. Então é assim, eu dou gela a alfabetização, para todos, tem aqueles que não conseguem mesmo, então, vai até certo ponto, eu não quero discriminar ninguém, então faz, não conseguiu? Tudo bem, porque tem aqueles que terminam tudo e que sempre querem mais. Estes que querem mais, então, vamos dar mais, entendeu? Aí eu vou puxando eles... E os outros, o que é que eu vou ter que fazer? Vou ter que fazer atividades dirigidas, então, por exemplo, eu vou ter que me virar, fazer atividades para os pré, os que ainda estão sem valor, os que estão com valor e os alfabéticos.

8.a. Na verdade você trabalha de forma diversificada com as atividades...

R: Já estou trabalhando...

9. Vocês receberam orientações da Diretoria de Ensino para a implementação do ensino fundamental de nove anos? Em termos de material, de explicação do que é, de cursos. Que tipo de orientações vocês receberam para implementar o ensino fundamental de nove anos?

R: Na realidade, quem passou por isso é o pessoal da direção, deve ter sido a diretora, a vice-diretora e a coordenadora.

9. Você nunca foi à Diretoria para uma reunião específica?

R: Não, nunca chamaram. Assim, a coordenadora que passa, ela que vai e eu acho que ela passa muito bem o que eles lá... E eu acho que ela é uma coordenadora excelente! Porque eu tive várias coordenadoras, né? Eu acho que em cinco escolas. Então, é assim, é uma pessoa que tem muita experiência, e ela vai atrás e ela corre, então, tem muita bagagem.

10. Quando as crianças chegaram, no início do ano, teve alguma recepção diferente para elas? Como é que você sentiu as crianças de seis anos? Elas estavam com um comportamento mais da educação infantil? As crianças passaram pela educação infantil? Elas têm esta experiência na educação infantil? Foi conversado com elas sobre o ensino fundamental de nove anos? Como foi feita esta recepção?

R: Não sei como os pais passaram, mas nós colocamos, assim, que eles teriam que ser alfabéticos no final do ano, mas isso foi bem depois, a primeira semana foi aquela recepção, que você vai conhecer o aluno, você vai conhecer a escola, então, brincadeira, aquela... Aí você vai captando nas brincadeiras que me agressivo, quem não é, sabe? Vai percebendo quem tem coordenação, onde está a dificuldade na locomoção d criança, então, é uma semana, praticamente, não foi nem uma semana, foi uns quinze dias para observar, e aí comecei, suavemente, com o método tradicional. E aí falando, né? “Que é importante saber ler,

escrever no final do ano... Vocês têm que ir pra uma segunda série já sabendo ler e escrever, então vamos nos esforçar!”, e aí pega material, letrinha, pra incentivar, e faz cartaz, tudo aquilo que... Enfeita a sala, em cima daquilo você cria uma história, e aí vai... Como eu trabalhava no prezinho.

11. O espaço da escola não houve nenhuma modificação para atender estas crianças de ensino fundamental de nove anos, ou seja, foi criado algum espaço específico para trabalhar com estas crianças?

R: Acho que sim. Se eu não me engano aqui atrás tem uma mesa neste espaço de madeira que eu acho, não tenho certeza, para todo mundo da escola, lógico, mas eles têm este espaço, tínhamos a casinha, hoje que eu olhei que a casinha foi desmanchada, então, tem aquela parte dos brinquedos, de subir nos pneus... Eu acho que foi adaptado, sim! Na medida do possível, né? Acho que quem tem que responder isso seria a direção.

12. E a rotina das crianças, ou seja, como é a rotina? Você tem programado pra semana inteira, “Olha, na segunda-feira neste horário fazemos isso, isso e isso...”. Tem horários específicos para as brincadeiras? Como é a rotina delas?

R: Então, isso é uma coisa que a coordenadora cobra e eu acho que é muito importante, que ajuda muito, se você chegar na sala de aula, no cantinho da minha lousa, está lá a rotina, que eles sabem, de segunda a sexta, todo o dia começo com uma leitura, só que a leitura é diferenciada, aí, na segunda aula, estudo do texto... Está tudo lá, marcadinho... Aí toda terça tem aula de artes, tem aulas de educação física quartas e quintas depois do intervalo, pra eles já se posicionarem e também saberem... Então, eu tenho que terminar a lição até certo período. Dia do brinquedo, era sextas-feiras, mas como eles estão muito agressivos, eu tirei... Eu falei na reunião pros pais: “Enquanto eles não se esforçarem, ler e escrever, só pensar em brincar e bater, brigar, que acaba virando um “ring”, eu não vou deixar mais trazer brinquedo. Quando eles merecerem, eles vão brincar com os brinquedos da escola”. Então, assim, eu estou vendo que eles estão, realmente, muito cansados, então, eu estou já abrindo umas exceções. Hoje mesmo a professora pediu pra tocar horário, eu deveria ter voltado pra sala no segundo horário, eu falei: “Não, sabe de uma coisa? Eu vou deixar eles liberar!”, brincar! Peguei o carrinho com brinquedos e soltei eles lá na quadra, e vamos ver se agora vai render, né? Espero que renda! Porque eles brincaram bastante! Então, a minha expectativa que agora, eu voltando pra sala, agora eles estão com a professora de educação física mais um pouquinho, só que ela está contando historinha na sala de aula, que é a falsa lição, né? Porque no final do ano eu vou ser cobrada! Não só no final do ano... “Nossa, você ainda tem dois pré-silábicos, a outra já não tem nenhum...” Sabe, é um peso grande!

13. Você tem feito algum curso sobre o ensino fundamental de anos, direcionado para trabalhar com o ensino fundamental de nove anos? Tem algum curso, alguma formação?

R: Este ano, não! O ano passado eu fiz o Paidéia, incluído no Ler e Escrever... Eu gostaria muito também, participar este ano do Ler e Escrever, só que, sugeri, já que estamos segundas e quartas aqui na escola, ficamos até, praticamente, as 15h00, quando terminasse o período, porque muitas professoras das oficinas já ficariam aqui a partir das 16h00, eu também ficaria, quer dizer, entraria às 07h00 e sairia às 20h00, aí o pessoal achou puxado, não sei o que, aos sábados, aí eu falei: “Aos sábados, não! É uma coisa que eu tenho pra mim e pra minha família, e eu preciso descansar, porque eu tive problemas sérios, então eu tenho que me cuidar. Não vou me desgastar tanto!”

14. Como você tomou conhecimento do ensino fundamental de nove anos? Em que momento você soube que passaríamos a ter ensino fundamental de nove anos? Como você foi informada disso?

R: Pela mídia, né?

14.a. Na escola teve algum momento em que vocês discutiram o ensino fundamental de nove anos?

R: Sim.

14.b O ano passado? Este ano?

R: Sim, muito. A coordenadora, a pauta da reunião dela foi isso... Não é coordenadora querida? No começo do ano, no ano passado... Já foi tudo encaminhado.

15. Vocês já tiveram reunião de pais este ano. Os pais, o que é que eles estão achando das crianças de seis anos no primeiro ano? Se você pôde captar alguma opinião deles neste sentido...

R: Pois é... Aqueles que já estão alfabéticos, os pais querem mais, mais, mais cobrança! Aqueles que... É aquilo que eu falei agora pouco... E aqueles que não estão, os pais não estão nem aí... Então, a gente chama, tem que fazer entender que ele precisa também se esforçar um pouco, o pai precisa ajudar também em casa, porque o coleguinha lá, tem tantos que já estão lendo e escrevendo, sai daqui e volta no dia seguinte mesma coisa, vem batendo, vem brigando e vem querendo bagunçar, e o negócio é tipo aqui é recreação e sala de aula, sabe? Sem limites!

16. Você disse que, neste momento, já precisa desenvolver atividades diferentes porque as crianças estão em momentos diferentes do processo de aprendizagem e também disse que algumas crianças estão fazendo reforço. Estas são as duas formas que

vocês estão trabalhando pra atender a demanda de todas as crianças, a necessidade, ou existe mais alguma coisa? Tem algum outro trabalho feito com as crianças?

R: Tem, tem, que eu já passei pra coordenadora, tem alguns casos desde o começo do ano, e ela passou pra Selma, a nossa fono aqui da Unifesp, e esses casos que eu tenho um agravante nas salas de aula, principalmente três, porque eu tenho mais, né? Eu tenho uns seis casos, mas eu tenho três bem agravantes. Então, só agora que conseguimos, uma já está em tratamento, amanhã é o segundo dia dela, ela está feliz porque vai amanhã fazer “aula, professora, com a fono!”, eu falei: “Ah, então, tá bom! Muito bom isso!”, e tem mais dois que eu estou com o relatório lá pra entregar pra coordenadora para preencher, porque assim que eu entregar, dia 27 já estão agendados. E depois virão os outros, né? Não podem todos, que pena! Se pudesse todos de uma vez, logo no começo do ano, seria ideal, né?

17. Você gostaria de dizer mais alguma coisa da sua experiência com as crianças, algo que eu não tenha perguntado e que você considera importante sobre as crianças de seis anos no primeiro ano do ensino fundamental?

R: Não, eu só diria que eles são as coisas mais fofas do mundo.

18. Se você tivesse que dizer, assim, qual seria a principal dificuldade que você encontra pra trabalhar com as crianças de seis anos?

R: Os pais.

18.a. Em que sentido?

R: A não colaboração, muitas vezes.

18.b. E essa não colaboração seria em que sentido?

R: Desorganização do material, da compra, deixam tudo por conta da escola, em lápis, sem borracha... É uma dificuldade tremenda! Você tem que correr atrás das coisas, tenho que emprestar o meu material... Eu compro o meu material, porque eu gosto, eu sou uma pessoa muito organizada e gosto... Eu não gosto de depender de ninguém, tipo assim, eu preciso de uma coisa agora? “Ai, vai lá na secretaria pedir...”, “Não, hoje eu não posso, só amanhã ou depois, porque tem que fazer o requerimento?” Não! Detesto isso! Então, eu compro, com o meu salário pra ter tudo, mas é meu! Sabe? Eu quero uma fita Durex, tá, na hora, grampeador, nada de deixar, porque, primeiro ano é assim, muito agitado, então você não pode... Você tem que estar com tudo na mão! Os pais eu não sinto aquela, sabe? Tipo assim, “Ah, perdeu? A escola vai dar outro...”, mas aí perde de novo... Mas não é assim, gente! Aí você pede por pai vir conversar, porque a criança dorme... A mãe veio uma vez... Que nem eu combinei com uma mãe, nós vamos fazer isso quinze dias, “Coloca ele pra dormir mais cedo, mãe! A senhora me manda na agenda o horário que ele foi dormir e eu, todo o dia, me responsabilizo

por responder se ele dormiu ou não!”, a mãe mandou dois dias, depois parou, agora eu estou mandando pra mãe de novo, “Voltou a dormir nas duas primeiras aulas!”, está lá... Vários bilhetes sem serem assinados. O que é que tem que fazer? Pedir pra inspetora ligar pra que a mãe tome ciência... Agora, a mãe vem aqui, “Não, professora, pode deixar eu vou cumprir, eu vou pôr pra dormir mais cedo, realmente, a senhora tem razão, porque está dormindo tal horário, está assistindo nova...”, então é por isso que ele está dormindo na sala de aula! E está perdendo as matérias. Tem outro caso também, “Ah, é? Não sei, a falta do pai, ela está, não aprende...” e eu falei desde o começo do ano que eu queria que ela fosse ao pediatra, eu acho que, sabe? Eu não posso chegar e falar que tem uma disfunção, então, fica complicado, então leva ao pediatra pra ver, porque a menininha tem um entrave ali. Agora que o pai foi viajar, então, ela piorou, aí a mãe chega um dia, sem comunicar uns dias antes, semana passado, a menina, quer dizer, não foi nem a mãe, disse: “Professora, minha mãe pediu todo o material!”, eu falei: “Mas por que?”, “Porque eu vou mudar de escola!”, “Ué, você vai mudar de escola?”, mandei ligar pra mãe, porque já tinha acontecido um incidente, abaixado a calcinha no meio... Preciso conversar do menino dela. Aí a inspetora quando iria ligar, “A mãe está aqui!”, falei: “Como a mãe está aqui?”, “A mãe vai levar pra outra escola, cancelou a matricula dela aqui!”, aí eu chamei a mãe, conversei, e expliquei: “Olha, ela vai mesmo pra outra escola? A senhora sabe que ela tem esta dificuldade... Está se comportando assim, assim e assim, puxando a calça dos meninos, aquelas coisas. Então, a senhora fica de olho...”, “Está bom, obrigada por tudo que a senhora fez!”, falei: “Mãe, o material está todo aí!”, “Tudo bem!”, coloquei um bilhete na agenda da menina, que eu desejo felicidades, sorte pra elas, que eu iria sentir falta delas... Coloquei uma coisa bem carinhosa. Isso foi numa sexta. Aí, na segunda, foi véspera do dia 7, foi dia 3. Aí no dia 6 teve aula, vieram quatro crianças, aí dia 8, eu chego na fila lá, quando eu vou pra cantar o hino, quem é que estava? A menina. Eu olhei e falei: “Minha filha, mas você já tinha feito tudo...”, aí, quer dizer, a mãe foi, conversou, estava tudo certo na escola, mas o tio da perua não podia, aí voltou pra escola de novo e até agora eu estou esperando que me passem o número, porque, se ela era a número um do diário, agora, ela não é mais um. Aí você vê como é que... Aí a mãe, depois, veio, porque nós ligamos, porque ela mandou a menina, mas não fez, novamente, a rematrícula, “Mãe, tem que fazer a rematrícula!”, mandou a menina, com todo o material de volta, e aí, “Ai, eu queria que a senhora tivesse um pouco mais de paciência, porque ela está com...”, eu falei: Mãe, não é o problema eu ter paciência, porque eu tenho, o problema é que a senhora precisa levar ela num pediatra!”. Eu não sei se ela é uma criança que está anêmica, eu não sei se ela é uma criança que, às vezes, fica apática, a cor dela não está normal... “Ai, eu vou levar! Vou levar hoje

mesmo!”, aí, no dia seguinte, eu pergunto: “Você foi ao médico, bem?”, “Não!”. Sabe? Então, são umas coisas que deixam chateada...

18.c. E em relação ao material, você tem material suficiente para trabalhar? Vocês recebem do Estado, da Diretoria, material adequado e suficiente para trabalhar com as crianças ou há falta de material?

R: Não tem. E assim, eu tenho o meu desde que eu comecei, eu tenho o meu material e eu compro muita coisa! Tenho muito material meu! Até o som, eu não quero usar o da escola, eu quero o meu! Eu quero, assim, o meu som ali, disponível, porque na hora que eu programei a historinha, musiquinha, pra relaxamento, se eu perceber, é meu e está ali! Então, a escola, realmente, tem, mas eu quero as minhas coisas! E eu compro muita coisa, tipo assim, que eu acho novidade, que nem agora essa nova coleção, ah, eu já saio comprando, não vou ficar esperando a escola comprar, porque...

19. Vocês estão usando algum livro de apoio para a alfabetização que foi enviado pelo Estado?

R: Não, não. Na realidade, assim, esse não foi mandado, o ano passado a primeira série teve Ler e Escrever, este ano nós gostaríamos que fosse também, mas só foi dado, no caso, para a primeira série, que agora é segundo ano, era 1º C, passou a ser 2º A. A coordenadora, com aquela bondade e experiência dela, como tinha muitos livros de aprendizagem que introduziu, falou: “Vocês sabem o momento que vai poder introduzir pra criança!”. Então, nós introduzimos assim que a criança está...

19.a. Livro do Ler e Escrever?

R: Não, não! Livro de primeira série, porque sobraram muitos.

19.b. E no momento que vocês consideraram adequado, introduziram as atividades dele?

R: Isso, e tem atividades, por exemplo, quando eu passo, “Não, você não vai fazer essa!”, porque ele não tem condições. E eu pedi colaboração nas férias, para os pais também ajudarem e pedi não façam, porque tinha mãe que fazendo lição, eu falei: “A senhora está pegando no lápis e fazendo, não é possível, mãe, por favor! E outra coisa, a senhora vai ajudar lendo e vai esperar a resposta, e deixa a criança... A primeira vez, a segunda vez, a terceira tentativa, esquece! Deixa que eu resolvo aqui! Não faça!”

20. Você está gostando desta experiência de trabalhar com as crianças de seis anos?

R: Muito!

21. No próximo ano, se você tiver oportunidade, você escolheria novamente o primeiro ano?

R: Sim, apesar de que, às vezes, eles deixam a gente assim, doidinha! Mas é muito bom!

22. E você acha que até o final do ano todos estarão alfabetizados ou você terá crianças ainda numa fase...

R: Eu tenho este receio por causa destes dois que chegaram agora. Um deles é, realmente, um bebê perfeito! Um “bebezão”! Então, hoje vai ser o primeiro dia do reforço, eu vou fazer umas atividades lúdicas...

22.a. Você que está dando o reforço?

R: Vamos começar! Foi combinado assim, uma hora do Ler e Escrever a gente pegar pra poder ver o que a gente pode fazer por estas crianças, porque a gente tira daquele ambiente, e são só aqueles que estão na mesma hipótese diagnóstica, então, vamos ver o que vai acontecer com este meu “bebezão”.

23. Você está muito preocupada com esta questão? Você não se sente muito cobrada?

R: Ah, sim! Claro! Porque, assim, você conversando com as outras professoras, a outra professora da primeira série, quase a maioria da turma dela já está alfabético. Na minha sala se eu tiver... Eu tenho onze, e o restante?

23.a Há, por parte da equipe, da coordenação, uma compreensão que esta é uma dinâmica normal, que as crianças são diferentes ou há uma interpretação que “Olha, todo mundo tem que caminhar...”

R: Não, não, não... E outra coisa, o ano passado mesmo eu fiz um relatório daquela sala, como eu estou fazendo desta, porque, assim, eu tenho que ter argumentos também! Eu tenho que ter provas! Então, você tem que ir colocando não só na ficha do aluno, como no relatório, vou fazer um relatório geral da sala, e a minha expectativa é que todos estejam, mas eu estou com um pouco de receio das outras não conseguir chegar lá!

Entrevista com a professora do 1º ano B

São Paulo, 16 de setembro de 2010.

[A parte final desta entrevista foi perdida devido a um problema no gravador]

1. Fale um pouco sobre sua formação.

R: Eu fiz o ensino da 1ª até a 8ª série, só que já é há anos atrás, então eu fiz quatro anos primários mais 4anos que seriam de ginásio, depois eu fui fazer contabilidade. Depois de contabilidade eu fiz magistério, terminei meu magistério e quando eu terminei o magistério já

comecei a atuar, a trabalhar na área, ai eu fiz pedagogia, depois que eu fiz pedagogia, eu gosto muito dessa área, eu fiz pós-graduação, sou psicopedagoga, e sempre que têm cursos de capacitação, eu faço todos, porque embora, às vezes é repetitivo, tem coisas que me acrescenta, sempre, sempre, qualquer curso me acrescenta muito.

2. Há quanto tempo você trabalha no magistério?

R: No magistério eu trabalho só 10 anos.

2.a. E qual é a sua situação funcional nesta rede?

R: Eu sou OFA¹², eu não sou concursada aqui na rede. Eu sou concursada em São Caetano, eu passei, mas não fui pra lá, estou aqui, e aqui eu trabalho com o 1º ano, no período da manhã eu sou titular, e no período da tarde eu trabalho nas oficinas, e nas oficinas eu dou “Experiências Matemáticas” com 1ª e 2ª série também.

3. Você já havia trabalhado com a 1ª série, e com o 1º ano, é a primeira vez?

R: É, é a primeira vez.

3.a. Você escolheu trabalhar com o 1º ano? Como foi o processo de escolha das turmas?

R: Da escolha... Aí depende da classe que tinha para nós pegarmos. Mas eu sempre tive adoração por alfabetização. Eu realmente estou trabalhando naquilo que eu gosto.

3.b. Porque você gosta de trabalhar com a alfabetização?

R: Ah... Eu gosto muito de criança, eu acho que nesta faixa etária de idade... E assim, a alfabetização, alfabetizar as crianças com esta idade é muito mais fácil do que você pegar uma criança que já vem por um caminho diferente do qual eu estou ensinando pra ele. Então, é melhor você pegar algo ali no início, do que crianças que vêm com vícios diferentes, uma metodologia diferente da minha. Então, assim, pra mim está sendo a realização trabalhar com eles, eu gosto muito.

4. Quais foram as suas expectativas para esta nova organização do ensino (ampliação do ensino fundamental e a entrada de crianças com seis anos no ensino fundamental)?

R: Eu estou vivenciando isso... Eu acho que tem dois lados... Quer dizer, mas sempre vai ter. Tem crianças de seis anos e que tem sede de aprender, muito interessados, e querer aprender a qualquer custo. E tem crianças que problemas sociais, econômicos, várias situações familiares, pais que são ausentes, que dificultam o trabalho. Família que é presente ajuda muitíssimo, em tudo, até em termos, mesmo que não goste da professora, vai falar positivo da professora, que não é meu caso. No meu caso, têm pais falando na direção que

¹² Professores *Ocupantes de Função Atividade (OFA)*- professor temporário na rede estadual de ensino.

como que vai ser o ano que v em que gostaria de dar continuidade no trabalho, pra um segundo ano, porque eu gosto realmente. Infelizmente eu tenho um aluno que não aprende e eu preocupada com ele, falei com a mãe, com o pai, pedi ajuda, que fizessem, queria um encaminhamento, que passasse por um especialista, um pediatra, se houvesse necessidade passasse por um neurologista, vê o que acontece... Por que minha classe está avançando e ele com relação à esta classe ele não avança? Acontece que a mãe passou a me odiar, chamo e ela não vem, questiona o que é que esta professora quer, porque o filho tem só seis anos... Eu quero o melhor pro filho dela. E ela pode continuar me destrutando, que eu vou tratar bem o menino. Só que é uma pena, que ela atrapalha e que ela não leva o menino em busca de ajuda para um profissional competente, e não olha a lição, o menino vem sujo, uma série... O menino está cada vez pior em disciplina, vem sujo pra escola, está, agora, pegando as coisas que não é dele, lanche de outras crianças, e estes dias, ainda, ele falou pra mim que vai ganhar, e foi ligado e avisado na secretaria, eles ligaram na secretaria avisando que essa criança está pegando lanche das outras crianças, que era pra vir conversar com a professora, e ela não veio e, mais um agravante, a criança estes dias falou pra mim que a mãe iria dar um “Playstation” 2, 3, sei lá qual que era... Quer dizer, ta fazendo as coisas que está indo pro caminho errado, e mãe está premiando. Eu não falei nada, mas eu fiquei mais chateada ainda... Não está colaborando em nada e ainda está atrapalhando.

5. Qual foi a reação das crianças no começo do ano, com a entrada com ensino fundamental? A maioria delas veio da educação infantil, né?

R: Sim. Ah... Uma expectativa muito grande, “eu vou aprender”, “o que é que eu vou aprender numa escola”, talvez maior, “meus amigos”, “minha professora”... Eles estavam muito ansiosos e, assim, como eu falei, com uma sede de aprender, e pra minha felicidade, eu tinha 23 alunos no início do ano, e você esteve presente e você viu como eles se comportavam, como eles aprendiam. Então foi ótimo. Só que na metade do ano, isso daí passou a ser completamente diferente, porque vieram mais alunos e minha sala lotou de alunos, ficou com quase 30 alunos, vieram alunos que têm problemas de saúde, problema neurológico, problema de disciplina, porque, o que muito ajudou é que eu faço um curso, chamado “Amigos do Zippy”, que é saúde emocional, uma vez por semana eu dou aula sobre isso, e eu trabalho muito a parte comportamental, emocional, o que é a tristeza, o que é a alegria, faço todo um trabalho com eles, eu faço um leque de opções, “ah... ela brigou com você? qual o caminho que você deve seguir? o que você quando alguém briga com você?”, então eu deixo em aberto, eles falam o que eles acham que devam fazer, mas aí eles ficam o que... Um quando tem um conflito ele bate, o outro chora, o outro pede ajuda a um adulto, o

outro conversa, o outro procura um amigo melhor. Então, tem várias opções, e eu não posso dizer o que é certo, mas eles verificam que sempre o diálogo é o melhor caminho. Isso é muito bom, só que estas crianças chegaram sem esse aprendizado de quase seis meses, e vieram já de uma escola quem tem um tratamento diferente do que aquele que eu tenho com os meus alunos... Então, está muito difícil e ainda peguei um aluno que está na 4ª série, ele é silábico com valor, então eles me deram pra eu alfabetizar, e eu estou fazendo de tudo por esta criança, só que o comportamento dele é muito difícil, e eu estou pedindo laudo médico para os pais... Vamos ver o que eu consigo. Boa vontade eu tenho, mas ele precisa me ajudar e a família dele também. Agora, essa família é diferente, segundo o pai, falou que vai me ajudar, vai trazer laudo e tudo. Então, se o pai me ajudar nessa parte, eu consigo alfabetizar, se não, eu não consigo alfabetizar nem a minha sala, me atrapalha... Estou desestruturando a minha sala por causa de todos estes alunos que vieram novos... Senão eu estaria num patamar acima com eles, infelizmente, mas a gente tem que acolher a todos, eu não posso excluir ninguém. Então vamos ver o que eu consigo.

5.a. E esses alunos vieram do ensino fundamental ou da educação infantil?

R: Eles frequentaram o ensino fundamental este primeiro semestre, e vieram no segundo semestre comigo. Vieram de outra escola, não conseguiram, não sei o que aconteceu também... Vieram, assim, totalmente desestruturados.

6. Você recebeu alguma orientação para o trabalho com o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos?

R: sim, sim, nós temos uma excelente coordenadora, que nos ajuda, e muito. Então, com orientações... Que a gente faz o Ler e Escrever, duas vezes por semana, a gente tem esse horário mesmo para trocar experiências com as parceiras, né?! Que são as outras professoras, de primeiro e de segundo, e... É muito aprendizado, é maravilhoso, além disso, nós temos o curso Paidéia, que é um curso pago pelos Parceiros da Educação e o curso é maravilhoso, temos muito aprendizado também, nós fazemos isso aos sábados, de português e matemática, e, assim, o que não faltou, pra nós, foi orientação, sempre, muita orientação, pela coordenadora que nos ajuda muito e, além do mais, a Diretoria de Ensino, tem o HTPC pólo, é uma vez por mês que a gente faz este HTPC, é fora do nosso horário... Pode até pegar é... O HTPC que nós fazemos durante a semana, nós fazemos também mais dois HTPCs, e eu, como tenho muitas aulas, eu faço seis HTPCs, pode descontar dois, mas eu acho que é sempre muito importante e eu faço todos, eu só peço para não fazer nenhum HTPC se eu tenho um médico só se é uma coisa, assim, que tem prioridade, aí eu peço, se não eu faço,

porque, realmente, eu tenho aprendido muito, eu acho que eu sempre aprendo. Então eu gosto, realmente, eu gosto e não reclamo de fazer, eu faço com gosto.

6.a. E as reuniões de HTPC dão ênfase no primeiro ano?

R: Dão... Dão ênfase no primeiro ano, na escola de nove anos, como fazer sem que a criança, assim, a gente avança quando a criança tem sede de aprender, né? Mas a gente sempre vai pelo lúdico e não força nada, e é sempre reservado este espaço da criança, que é a idade. A forma de a gente ensinar, a gente tem uma metodologia apropriada para aquela idade. Se eu vou ensinar números pares, nossa, números pares é diferente, eu chamo as crianças na frente, mostro os parzinhos, sabe? Que ali é um número par, aquele que ficou sozinho é um número ímpar... Então, a gente vai sempre procurando chegar até a idade deles.

7. E você recebeu algum material didático para a realização deste trabalho?

R: Recebi, nós recebemos livros, pra ler a respeito.

7.a. E livros didáticos para os alunos, vocês receberam?

R: Não, livro didático para nós, professores.

7.b. Os alunos, então, não receberam livros didáticos?

R: Não, estes livros são de metodologia para o professor, para o professor ensinar. Não é livro para o aluno.

7.c. E você utiliza estes livros?

R: Então, eu li bastante a respeito, né? E... Eu trabalho com eles da forma que o Ler e Escrever nos ensina... Como trabalhar com estas crianças. Então, a gente trabalha com parlenda, com canções, com fábulas... Tudo, assim, com uma metodologia direcionada à eles...

8. Houve alguma modificação na escola para o recebimento de crianças de seis anos?

R: Não, eles não têm uma mesinha menor, isso não, mas eles têm que, eu mesma criei pra eles, mas a escola me deu suporte, eu tenho um cantinho de leitura, que eles têm gibis para eles lerem e pegarem para fazer caça-palavras, eu tenho outro cantinho que é de brinquedos, que eu coloco brinquedos lá pra eles, também joguinhos. Então isso eu fiz pra eles, agora, as carteiras são para... Como se fosse primeira série, né? A princípio eles sentavam sempre em quatro, sempre gostei muito que eles trabalhassem em grupo, mas, atualmente, com a vinda desses alunos novos, não estou tendo condições de trabalhar mais em grupinho, estou sentando eles em dupla, sempre intervindo em cada dupla, estou sempre com eles.

9. Com relação ao planejamento do primeiro ano, ele é articulado com os planejamentos das demais salas do primeiro ciclo do ensino fundamental?

R: Sim, ele é... É um processo, né? O que eu estou trabalhando com eles vai ao segundo ano, terceiro e eles vão aos pouquinhos aprofundando aquele conteúdo e, às vezes, pode até ampliar um pouquinho mais, né? Mas vai sempre aprofundando... Então, tem sempre ligação com todos.

10. Quais são os conteúdos trabalhados no primeiro ano?

R: No primeiro ano a gente trabalha mais a língua portuguesa, né? E matemática. Nós não trabalhamos separadamente, assim, história, geografia. Mas a gente inclui na nossa língua portuguesa, a gente inclui um pouquinho pra eles. As datas comemorativas, alguma coisa que é bem importante, mas que só uma frase ou um brincar, às vezes, vai passando pra eles um pouco de história e um pouco de geografia.

11. As crianças não alfabetizadas, né? Como ocorre este processo de alfabetização deles?

R: Alfabetizar neste primeiro ano?

11.a. Isso...

R: Na minha sala, que eu tenho atualmente 28 alunos, eu tenho 16 alunos alfabéticos, o restante dos alunos é silábico com valor, tem até silábico-alfabético, e... Tem os pré-silábicos que entraram agora, que isso é um trabalho tremendo, tenho pré-silábico, tenho silábico sem valor, tenho silábico com valor, e estes 16 alfabéticos, e tenho alfabético com autonomia, que eu dou um texto de memória pra eles, e eles escrevem, do início ao fim, pode ter palavras que, antigamente, se falava “complexa”, “composta” que eles escrevem com a maior facilidade. Assim, estes 16 são, assim... Estão prontos, que as vezes já até avançam mais um pouquinho... Dou até uma fábula pra eles escreverem o final da fábula, porque eles têm condições de fazer. Agora, os outros não, aí eu acabo me prendendo também pelos outros. A minha preocupação é com os outros. Não sei se vou conseguir, devido a sérios problemas, estes que são pré-silábicos, silábicos sem valor, não sei se vou conseguir que sejam alfabéticos.

11. b. Eles têm que estar alfabéticos até que momento/ano do ensino fundamental?

R: Eles pedem que até o final do ano pelo menos que eles, de preferência, que sejam silábico-alfabéticos, silábico com valor, mas na verdade eles querem silábico-alfabético.

12. Em sua opinião e de acordo com a sua experiência, este trabalho desenvolvido com o primeiro ano está mais próximo daquele desenvolvido da educação infantil ou aquele que era desenvolvido na antiga 1ª série?

R: Ah, ele está mais próximo de uma primeira série.

13. E você acha que este trabalho desenvolvido com o primeiro ano está de acordo com a necessidade das crianças de seis anos?

R: Eu acho... Eu acho não... Eu tenho certeza que sim! Porque é muito bom, porque mesmo, supondo que essas crianças, estes que são alfabéticos, o ano que vem eles vão ficar mais fortes, sabe? Eles vão ser alfabéticos, mas não recém-alfabéticos, eles vão se fortalecer no ano que vem, vão crescer com isso, e tanto, também, pelo desenvolvimento, da idade deles. E esses que vêm, que se eu conseguir alfabetizar, ou ficar como silábico com valor, eles vão ter o tempo de mais uma série para conseguirem se alfabetizar, e depois irem para o segundo ano, perdão, do primeiro ano eles vão fazer o segundo ano, e aí eles vão ter mais tempo pra ver se eles conseguem... Às vezes eu sinto, assim, que eles faltam muito, e eu aviso, comunico e é difícil... Tem que comunicar porque estão faltando, e eu não posso fazer milagre. Então, eu acho que eles conseguem nesse, quem faltou muito se parar de faltar, se os pais tiverem esta consciência, aí eles conseguem se fortalecer, e aí, eu acho que tudo é o começo, porque muitas crianças que vão para a quarta série, como está esse aluno comigo, como já se viu? Ele é silábico sem valor, não sei se é só problema de família, problema de saúde... Eu não sei o que falhou ali pra esta criança está numa quarta série deste jeito. Então, eu acho que ali vai ter tempo de fortalecer... Não acho que é cansativo, não, uma criança ficar mais tempo vendo, vai ver coisas diferentes, vai sempre ter aprendido. É como a gente faz um curso e fala “eu já ouvi isso”, mas eu não aprendi ainda, eu só vi. Então, têm crianças que pode falar “ah... eu já sei isso”, mas não sabe, eles viram aquilo, e aí eles podem se aprofundar. Então, eu acho bom. Primeira série, antigamente, eles vinham e passavam pra segunda, coitadinhos, com essa dificuldade, e cada vez se perdendo mais, cada vez se perdendo mais, e ir pra uma quarta série... Isso é péssimo! Eu acho, eu tenho certeza, no meu modo de ver, que esta escola de nove anos é boa!

13.a. Você sabe o porquê destas numerosas faltas dos alunos?

R: Então, a gente exige deles que... Está faltando, a gente avisa, manda recado, fala que já está no limite, pede que não falte, encarecidamente, você entendeu? E quando ainda continua faltando, a direção manda carta registrada, sabe? E porque, se continuar faltando, daí vai pro Conselho Tutelar, e é difícil isso, porque às vezes o pai não está cuidando bem, mas a gente não sabe, é um peso, talvez, na consciência, sabe? Vai pra um Conselho tutelar, será que é o melhor caminho, ou vai judiar mais essa criança, porque o pai é meio irresponsável, mas ainda vai dar um pouco de carinho e amor pra essa criança. É muito complicado, é muito difícil. Eu não sei... Eu sei que a gente corre atrás, briga, a gente manda carta, e, em última instância, vai por Conselho Tutelar. Mas isso aí me pesa, me tira o sono. Ir para o Conselho

Tutelar, ainda eu acho que pai faz as coisas e não tem noção da coisa, que está prejudicando, eles não têm esta consciência, mas ainda eu acho que amor, eu acho que a maneira que eles interpretam o amor.

14. Como é a rotina do primeiro ano?

R: A rotina deles... Eu sempre faço uma rotina da semana. Então, todo dia eu faço uma leitura, temos uma variedade textual, pra que eles conheçam tudo. Então sempre faço uma leitura pra eles no começo da aula, peço, assim, como, sem cobranças, “quem quer falar sobre a história que a professora leu?”, “você quer falar?” Então tem quem quer falar, tem quem quer ficar quietinho, eles falam...

14.a. Em geral, eles participam?

R: Participam. Participam, e aí eu não falo se é certo ou errado, quando um pega e fala alguma coisa que não tem haver, o outro pega e fala “mas, não. Não é, não era isso!”. Aí dá pra eles pegarem e entenderem, porque um fala, o outro fala... Eles se cobram muito, né? E... Eles têm aula de educação artística, com um professor maravilhoso, que dá música, uma série de coisas pra eles... Eles têm educação física, não é todos os dias, são duas vezes por semana, aí eles têm a parte que é de matemática, eu dou matemática pra eles, eles têm seis aulas de matemática durante a semana, que eu distribuo, e às vezes eu dou cruzadinhas para eles, cruzadinhas com desenhos, cruzadinhas com banco de palavras, e, depois, conforme eu vou vendo, eu vou avançando, eu tiro as palavras, coloco desenhos, e fiz um trabalho com eles de fábulas, e aí a semana todo eu lia a mesma fábula para eles irem, assim, memorizando um pouco a fábula, depois que eu lia várias vezes eu pedia quem queria recontar, aí recontava, quem quis fazer a reescrita, alguns. Eu costumo fazer assim, eu leio a fábula, depois eu peço pra eles... “tem um título, eu falei sobre o que?”, eu faço uma inferência, e aí eles falam... Você entendeu? Aí, às vezes, eu dou o título e falo: “do que será que eu vou falar?”, “você acha que eu vou falar sobre o que?”. E já teve crianças que já perceberam porque que é fábula, porque os bichos falam... Que é curtiinha, que não é grande... Então, com este projeto eles aprenderam bastante coisa, quando foi no final, eu fui puxando deles o que eles tinham aprendido, eles aprenderam só de eu ir passando pra eles, né? Aprenderam bastante coisa! Daí eu acrescentei bastante coisa sobre alguns dos fabulistas, falei do Esopo, falei do Monteiro Lobato, falei do La Fontaine, para eles, sabe? Então, tem quem passa direto, mas tem quem pega, já fala... Esopo era escravo, você entendeu? Eles querem bastante coisa. Então é sempre assim, na minha aula eu sempre dou pra eles uma história, sempre tem um pouco de escrita, eu acho que tem só uns cinco alunos que não sabe escrever o nome e sobrenome... O nome todos sabem escrever, agora, só seis não sabem escrever o sobrenome, os outros sabem, eles...

Como eu falei, eu dou leitura, eu dou escrita para eles, eu faço eles lerem, eu coloco na lousa e faço eles lerem. Então é constante, estímulo demais, e as revistinhas também eles gostam de fazer caça-palavras, cruzadinha, então eles vão lá e já lê alguma coisa, e ficam felizes da vida! Uma mãe, esta semana, até comentou comigo: “poxa, eu não sabia que meu filho já sabia ler e escrever!”, e falou: “venha aqui e deixa eu ver como você está!”, aí pegou uma palavrinha e mandou ele ler, e ele leu, ela : “nossa”, e falou: “então escreve...” e ele começou a escrever! Ela falou que foi uma felicidade enorme, e falou: “eu nem sabia!”, eu falei :”não, seu filho, realmente, é uma criança que, assim, é bem catatauzinho, acho que fez sete anos agora, se não me engano, ou ainda nem fez, chegava pra mim e falava: “professora, eu sou alfabético?”, e eu achava uma graça, você entendeu? A vontade dele, que ele tinha... então, começou, assim, a circular na sala o vocabulário, “eu sou alfabético? Eu sou alfabético?”, querendo ser alfabético.

15. Há brincadeiras na sala de aula?

R: É... Eu tiro pra eles... Eu cantei bastante com ele “A canoa virou”, né? Aí depois eu desço com eles, e brinco na roda, mesmo... Cada vem que fala “a canoa virou, foi por causa da Manuela, que não soube remar!”, aí eu mando virar de costas. Faço com todos, todos viram de costas. Depois eu conto “se eu fosse um peixinho e soubesse nadar, eu tirava a Manuela?”, a Manuela vira pra frente. E eu faço com todos eles. Eu brinco, eu sempre procuro tentar brincar com eles, mas faço um trabalho na sala, faço um trabalho lá em baixo (pátio) e volto depois, e aí eu cobro, você entendeu? “escreva só o título: a canoa virou”, “quem será que sabe com que letra começa, com que letra termina?”, “vamos ver quem sabe escrever”. Aí vai, né?! tem quem escreve tudo, quer escrever “a canoa virou” de ponta a ponta. Quem escreve com dificuldade, que não consegue fazer... os pré-silábicos...

16. Como funciona aquele cantinho dos brinquedos, que você tinha falado anteriormente, do cantinho dos brinquedos dentro da sala de aula?

R: É... Tem, assim... O cantinho da leitura, terminou de fazer a atividade, pra não ficar ocioso e começar a brincar, levanta e pega uma revistinha, um livrinho, vai lá e fica sentadinho lendo, né? E aí tem umas regras, pega e não pode ficar trocando toda hora, né? Um porque, senão, fica trocando toda hora. Essa é uma das regras. E o joguinho, já é mais complicado, porque o joguinho quando um pega, aquele que atrasado fica desesperado, ali... Olha, olha e fica com muita vontade de brincar. Então, aí, pra não frustrar esse que sempre são os últimos a terminar, aí eu falo: “hoje é diferente, hoje você não terminou, mas no outro dia você vai terminar. Então vai lá e vai jogar um pouquinho!”. Eles adoram jogar dominó, e eu ponho quatro lá e joga, e divido, né? Um pouco lê livrinhos, outro pouco, pega o joguinho.

16.a. Eles trazem brinquedos de casa?

R: Eles trazem brinquedos de casa, que tem o dia da recreação, que é toda sexta-feira na aula de educação física, eles descem os brinquedinhos e aí eles podem brincar lá embaixo na quadra. Eles fazem a educação física, e tem um horário lá que eles ficam brincando com os brinquedos que eles trazem. E duas crianças que não traziam brinquedos, eu fiquei muito preocupada com isso, eu comprei, baratinho, MS eu comprei dois carrinho, porque eram dois meninos, e aí pra não ficar, porque eles ficavam, assim, olhando, com aquela vontade do brinquedo do outro, aí eu falei: “oh, vocês vão ter o de vocês! E aí depois vocês negociam, vocês têm que conversar... “empresta um pouquinho, mas eu tomo cuidado”. Sabe, é muito, assim, uma sementinha que você vai plantando, sabe? Eu não consegui muita coisa, mas uma coisa eu consegui!

16.b. E durante as aulas, eles não pegam o brinquedinho da bolsa...

R: Ah... Pegam! Então, eu falo das regras! Que tem tudo regras lá... Vários combinados! Então, eu falo, assim, os combinados é não mexer no brinquedo! Se tem responsabilidade de deixar o brinquedinho guardado na mochila, pode ficar com o brinquedo. Aquele que eu pegar com o brinquedo em cima da mesa, brincando, eu tiro, e tiro mesmo! Eu falo que tiro e tiro mesmo!

17. Quais foram as mudanças que você observou nos seus alunos do começo do ano pra cá?

R: Eu percebo que os meus alunos, que estão desde o começo, eles têm comportamento diferenciado, pra bem melhor, do que aqueles que entraram agora.

17.a. Isso com relação ao comportamento e à aprendizagem?

R: Comportamento, aprendizado... tudo! Eu acho um erro muito grande aceitarem a transferência de crianças durante o ano. No começo do ano você faz um trabalho com aquelas crianças e você tem que ficar com aquelas crianças até o final do ano. As crianças que mudam de escola, vêm pra outra escola com comportamentos totalmente diferentes, com aprendizado diferente, com metodologia de professor diferente dão muito trabalho e desestruturam a sala. Eu acho um erro muito grande!

17.b. Com relação à aprendizagem, eles estão conseguindo acompanhar as aulas, os objetivos propostos para o primeiro ano?

R: Eles conseguem... mesmo esses que entraram no começo do ano, eu tenho uns alunos ali, uns quatro ou cinco, que não conseguem acompanhar, que eu falei que é problemas familiares, faltas e, não sei se tem, assim, desestrutura familiar... alguma coisa existe aí, porque, assim, todos são seres inteligentes, eles são! O professor é um só e dá atendimento

pra todos. Se estes não estão conseguindo, está falhando alguma coisa, ou é a família, desestruturada, que atrapalha demais, ou é algum, não sei, problema de saúde, você entendeu? Eu não sei realmente o que acontece. Eu peço ajuda, tem família que não está me ajudando. Eu, realmente, ali, eu sinto, assim, que tem alunos que mesmo que estão comigo desde o começo do ano, eu não consegui... Agora... esses que vieram agora... estou com muita dificuldade.

18. Como é realizada a avaliação da aprendizagem dos alunos?

R: Eles são avaliados individualmente. Eu faço o que vem da diretoria... é uma lista do mesmo campo semântico, que a diretora encaminha pra gente. Então, eu trabalho com eles, eu sempre trabalho com eles também, eu sempre trabalhei muito com listas, né? Então, vem a lista, que é um trabalho individual... fica só eu e o aluno e aí eu digo a palavra pra criança, falo pra eles escrever do jeitinho que ele sabe, com que letra começa, com que letra termina, pra ele colocar... deixo ele bem a vontade. Assim que ele termina, eu peço pra ele colocar o dedinho e ler pra mim. Tem criança que percebe que fez alguma coisa errada e já corrige, faz a correção, e eu deixo e falo “lê, agora. Está tudo certinho ou você quer mudar? Se você quer mudar, pode mudar!” e aí na mesma hora eu escrevo na frente a palavra. E sempre incentivo, assim, “olha, você está... olha você está escrevendo, olha, quanto que você acertou!”. Sempre elogio! “Olha quanto você acertou, só falta mais um pouquinho para ser alfabético!”. Depois que ele escreve todas, eu faço com todas as palavras assim, a última tem uma frase com uma mesma palavra da lista, daí eu vejo se ele permanece, aquela palavra que ele escreveu, porque já essa daí eu não escrevo na frente, já de proposital. Aí eu vejo se ele permanece, se ele escreve, então... é assim que eu faço, você entendeu? Também faço individualmente, leio o enunciado e quero ver o raciocínio lógico, porque, pra mim, ali, não está importando a língua portuguesa, eu quero que ele raciocine ali. Então, aí, eu faço, leio e faço junto com ele, também individualmente. Dá muito trabalho, eu levo quase 15 dias pra pegar e fazer... isso daí é feito mensalmente.

19. Os professores do primeiro ano trabalham coletivamente, né?

R: Sim. Como eu te falei, “Ler e escrever” é tudo no coletivo.

19.a. E porque este trabalho é realizado coletivamente?

R: Ah... porque existe uma troca, né? às vezes um trabalho do jeito que eu estou fazendo, o que eu não consegui que o aluno aprendesse... daqui a pouco minha colega fez um trabalho, um conteúdo que ela deu, uma metodologia diferente e ela conseguiu. Então, essa troca é uma experiência rica.

19. b. Como este trabalho é realizado? Onde é realizado?

R: No “Ler e escrever” que nós temos duas vezes por semana, nós ficamos no “ler e escrever” da 12h40 até as 14h40... Nós ficamos bastante tempo aqui, e junto com a coordenadora, direcionando, é muito bom!

19.c. O trabalho coletivo é do primeiro ano e do segundo ano também?

R: É, primeiro e segundo. É... é porque é uma sequência...

20. Os conteúdos trabalhados estão sendo mais ou menos os mesmos, tanto do primeiro ano, quanto do segundo ano?

R: É o que eu falei, vai sempre se aprofundando, né? O primeiro ano, mesmo que seja outro segundo ano, vamos dizer... uma continuação é o aprofundamento daquilo que eles já viram, né? Só se aprofundam.

Entrevista com a professora do 2º ano A

São Paulo, 15 de setembro de 2010.

[Esta entrevista foi realizada na sala dos professores, sendo assim, houve a interferência de outros professores durante a entrevista]

1. Podemos começar com você falando um pouquinho sobre a sua formação e sua experiência profissional, ou seja, há quanto tempo você trabalha no magistério, a sua experiência com as diferentes séries ou anos do ensino fundamental.

R: Eu estou no magistério desde 1978, eu fiz aquele antigo, faz tempo que eu estudo, quando eu estudava eu fazia aquele antigo exatas, sabe? Eu fazia a área de exatas, eu fiz exatas, fiz colegial, foi o antigo colegial depois, depois eu fiz o normal, depois que eu fiz normal, eu fiz... Não, antes de fazer normal, eu fiz letras, que eu larguei letras em São José do Rio Preto, larguei numa faculdade estadual muito boa, tive uma vivência muito boa, eu acho que eu tenho um histórico escolar muito bom, e... Pelo que eu vejo de agora, né? Eu acho que minha época foi boa e eu convivi com bons professores, né? Consegui entrar numa faculdade estadual e depois eu fiz normal, depois que eu deixei esta faculdade, fiz dois anos de letras aí achei que não era a minha, por causa de língua portuguesa, eu era péssima em gramática, aí deixei, porque não conseguia passar, não conseguia sair de língua portuguesa I, aí acabei deixando, fiz normal, depois eu fiz pedagogia, foi aquela formação universitária lá, que eu achei que foi maravilhoso...

1.a. Já como professora da rede estadual?

R: Já como professora da rede estadual.

1.b. Você sempre trabalhou na rede estadual?

R: Não, eu comecei com escola particular, depois eu sai e vim pro estado, porque pagava melhor, fiz o concurso, fui efetivada...

1.c. Você é efetiva nesta escola?

R: Estou aposentada já, pedi minha liquidação e vou aposentar, não estou aguento mais essa coisa que virou o ensino... Não quero mais! Vou aposentar e, talvez, até continuar, porque a gente fica muito preocupado de ficar sem fazer Nanda, mas eu quero aposentar, entendeu?

1.d. Você já está em reta final?

R: Já... Eu não sinto reta final, acho que reta final é aquela coisa que você, dá uma sensação que você tem preguiça de fazer, né? Não tenho, não! Mas eu vou aposentar, porque eu acho que não dá, não! A gente está sendo muito maltratado, não está sendo tratado como professor... Eu vim de uma época que a gente era muito respeitado, aí, quando a gente começou a ganhar menos, né? A gente falava assim: “Ah, a gente está ganhando menos, mas a gente é super respeitado, trabalha numa escola maravilhosa, tudo bonitinho, tudo limpinho...”. Olha aqui, você abre aqui o microondas está todo fedido, a geladeira está fedida, não tem mais esse nível, entendeu? Que tinha antes, aquela coisa... A gente está sendo tratada que nem pião, tem pião que é tratado melhor que a gente, é este que é o problema! E ganham mais! Eu vou aposentar por isso, porque eu acho que, Nossa Senhora! E quanto mais o governo faz, porque precisa estudar, porque estou dando isso... Estas propagandas aí... Pior está o nível! Entendeu? Em todos os sentidos!

2. Você já trabalhou com primeiro ano ou este ano foi a primeira vez?

R: Já, já trabalhei... Meu início de carreira foi primeiro ano, era maravilhoso, os professores antigos saíam duas horas antes e os professores mais antigos trocavam experiências com a gente, porque estava iniciando e todos os alunos eram alfabetizados, sabe? Uma coisa sem cobrança, não tinha esse negócio de bônus, não tinha nada disso! Só que a gente tinha duas horas antes, você saía toda a sexta-feira e isso o diretor decidia, não me lembro muito bem quem é que mandava isso, só sei que podia fazer isso, a gente saía duas horas antes, o professor trocava experiências com os professores mais antigos e ele falava: “Porque você não faz assim? Não está legal, muda!”, entendeu? E os alunos andavam que era uma coisa, assim, incrível! Tinha aqueles alunos com dificuldades, tinha, sim, mas tinha uma sala, que eles chamavam de classe especial, e tinha um professor especializado, que pegava estes alunos... Não tinha inclusão... Eles se incluíam, sim, depois, na sala da gente, depois que eles já estavam alfabetizados, com esta professora. Tinha dez alunos, oito, sabe? Mas eram alunos quem nem a gente tem agora, mas só que eles são incluídos na sala da gente, sem o menor preparo, porque a gente não tem preparo, não tem nada, simplesmente coloca, e um aluno ali já estraga a sala, nem sei se é o termo, sabe? Atrapalha! Atrapalha! É chato a gente

falar, mas a verdade é essa! Ai fica, os outros alunos... Sabe? Dá pena, porque não consegue. O andamento da sala não é o mesmo, não é o mesmo!

3. Você escolheu o primeiro ano, você está com o segundo ano, mas no início do ano era primeiro ano.

R: Eu não aceito esse negócio de que ele é segundo ano, eu acho que ele é primeiro ano, porque eles não têm experiência ainda pra ser segundo ano.

3.a. Foi você que escolheu?

R: Fui eu que escolhi! Quis trabalhar, sim, porque eu gosto, assim, eu prefiro... E assim, eu estou aprendendo, né? Porque eu acho que quanto mais tempo você tem, mais você está aprendendo, porque a clientela muda muito, né? Então, eu estou aprendendo e, sabe, eu gosto.

4. O que você acha do ensino fundamental de nove anos? Você acha que está correto as crianças de seis anos serem matriculadas no ensino fundamental ou seria melhor que elas ficassem na educação infantil?

R: Eu acho que sim, que com seis anos eles já podem... Eu acho que estas coisas você não pode determinar, não determina quando a criança isso, “Olha, com seis anos você vai aprender a ler”, não é assim! Cada um tem uma maturidade, entendeu? Então, eu acho que é por isso que tinha que ser esse negócio de nível de maturidade, mas isso também é muito complicado, né? Como é que você vai avaliar isso? É difícil! Teria que ser pessoas especializadas, que viessem... Isso que é difícil, a gente entende! Então, acho que com seis anos, sim, eles já estão prontos, às vezes, até com cinco, com quatro, vai depender da criança, né? Então, eu acho que você não pode colocar um patamar... Eu, por exemplo, dentro da sala, eu trabalho com várias... Cada aluno está num estágio, entendeu? É muito difícil você trabalhar assim, porque você fica sozinha lá com 31 alunos. Então, a gente fica meio estressado, às vezes, eu saio daqui, eu não quero nem conversar, sabe? Quero ficar quietinha, falava pro meu ex-marido, quando eu era casada: “Olha, não fala comigo depois que eu sair!”, “Porque é que a gente briga toda a vez que você sai da escola?”, “Porque briga, porque a gente sai muito estressado!”, então eu falei: “Então, não conversa comigo depois que eu estou indo...”, mas dali uma hora, uma hora e pouco, já estou bem de novo. Então, eu quero me aposentar antes de eu não ficar estressada, e não consegue... Porque a gente estressa... O cansaço mental é muito grande! Agora, tem criança que é gratificante... Eu acho que a maioria dos alunos, eles têm capacidade pra muito mais do que a gente oferece, né? Tem uma minoria que deveria ter um atendimento, sabe? Pessoas especializadas, nós não somos especializadas a lidar...

5. Você disse que tem diferença entre as crianças em termos de aprendizagem, umas estão no momento x, outras no momento y, você tem alguma orientação da Diretoria de Ensino no sentido de que todas as crianças devem chegar ao final do ano alfabetizadas? Ou seja, você está trabalhando alfabetização com estas crianças?

R: Existe uma cobrança.

5.a. Que trabalho você faz com estas crianças de alfabetização?

R: Esta é uma classe de alfabetização, tudo direcionado à alfabetização. A escola inteira está preocupada com isso. O objetivo é este, alfabetizar, né? Letrar, não é nem alfabetizar! Se fosse falar, alfabetiza depois... Eles vão partindo pro letramento, aí fica aquela história, muda tanto o nome das coisas, né? No meu tempo letramento era uma coisa, agora mudaram pra... Que no fim é a mesma coisa, né? Letramento... E o que a gente gostaria é isso, né? Não ser analfabeto funcional, né? Eles saírem daqui entendendo um texto, uma leitura, uma coisa assim...

6. Vocês têm recebido orientação para trabalhar com o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos? Alguma orientação específica, de como trabalhar, as especificidades desta faixa etária, cursos de formação... Como tem sido feito?

R: Nós não estamos tendo cursos de formação mais, nós temos esse livro Ler e Escrever, que eu acho muito bom, que orienta, de certa forma, orienta como fazer tudo, e temos um material muito rico aí, muita coisa... Na verdade, você não tem muito tempo pra ficar lendo, né? Se quisesse, tem que ler a noite, na tua casa, fora da escola, porque esses momentos que você fica na escola, às vezes, ele é... Não é direcionado à um estudo, que é o que a gente está tentando fazer agora, as coisas que surgem aqui, porque tem, sim, material... Eu estou com um livro agora para crianças de zero a nove anos na escola, tudo isso de material tem... Você lê, é interessante... Agora, o que falta pra gente é juntar tudo isso de uma maneira, sabe? Objetiva, na verdade, porque você trabalha e não tem como usar isto, como usar de uma maneira que você consiga atingir essa faixa etária, entendeu? Mas atingir de uma maneira que você se sinta satisfeito! Não adianta você ficar lá, se acabando, cansada, porque, muitas vezes, você sai da sala de aula “cansadíssima”, você fala: “Não atingi meu objetivo! Não fiz o que eu queria...”. Isso acontece muito, entendeu? Então, eu acho, assim, é isso que eu fico buscando, eu queria chegar todos os dias na minha casa e falar: “Hoje eu cumpri minha meta!”, entendeu? “Eu cumpri minha missão!”, isso é complicado, eu acho que não é só pra mim, a Adriana aí, não sei se ela consegue todo o dia dormir em paz, você fala: “Ai, não sei o que eu estou fazendo... Eu não estou conseguindo...”, sabe? Então, às vezes, quando

você vê uma resposta de meia dúzia de alunos de, sei lá, você fala: “Puxa vida, não está tão perdido assim!”.

7. E as crianças, elas têm livro? Tem algum livro de alfabetização? Eles receberam materiais? Quais materiais vocês receberam?

R: Olha, eu acho que este ano o negócio está meio jogado! Porque a gente está meio que sem orientação para saber... Estes meus alunos, por exemplo, com essa idade, isso aí que jogaram eles pra um segundo ano... Não sei, eu não gostei disso, porque é uma cobrança... Cobrando uma experiência deles que eles não tiveram, entendeu? Eles não tiveram! Apesar de que todos fizeram sete anos em julho, todos, até julho, fizeram sete anos.. mas esta história deles estarem num segundo ano, eu ainda não engoli muito isso! Eles ficaram sem o primeiro ano, aí, eu não sei como é que o governo vai resolver esta história, porque, na verdade, se eles fizerem primeiro eles vão perder um ano, né? Por causa da idade.

8. Na verdade, eles terão de oito e não de nove anos o ensino fundamental, né?

R: Ou então eles saem um ano mais velhos... Tomara que eles consigam, né? Fazer... Eu acho que eles ainda têm muita dificuldade em reescrita, que já no segundo ano teria que estar sabendo, na segunda série, né? Fazer uma reescrita, já ler com autonomia, escrever com uma certa autonomia.

8.a. Seus alunos estão assim ou ainda não?

R: Não, não, não! A maioria ainda não! Uma minoria, sim! Mas é uma minoria que vai... né? Eu tenho um aluno que é o mais novinho, que ele acabou de fazer sete anos e ele dormia, chegava aqui, dormia, dormia, dormia... Quer dizer, ele não aproveitava as aulas. E aí, de tanto conversar com a mãe, ele está se ajustando ao horário agora. Então, acho que faz umas duas semanas que ele não está dormindo, ele já está... Entendeu? Ele, rapidinho, eu sei que ele vai ler até o final do ano... Agora, tem alunos que eu sei que não vai, entendeu? Que eu acho que até pode ser que vá, mas com muita dificuldade e com a gente em cima, né? E tem horas que uma conversa com os pais resolve! Eu tinha uma aluna que era super desinteressada de tudo, não estava nem aí com nada, depois que eu conversei com o pai, falei, expliquei: “Ela precisa!” e, agora, a menina já está mais ligada, entendeu? Então, a interferência da família é muito importante, é o que falta muito aqui também! Sabe, a família, às vezes... Eu fico apontando lápis, eu saio com bolha no dedo de tanto apontar lápis, e borracha que eu trago, que a escola fornece muito lápis, muita borracha, mas ninguém dá conta, porque eles perdem... Dei um lápis de cor, eu escrevo o nome, peço pra trazer, eles largam em qualquer lugar, e não adianta você reclamar, entendeu? Então, você fica... Olha só o que é isso aqui, calo no dedo de você todo o dia apontando. Já eu entro e eles já vem com os

lápiz desapontados, entendeu? Pra eu apontar, pra eu ver caderno, tem criança que já chega sem mochila... [Andrea, professora da escola: Posso falar só uma coisa? A escola de tempo integral tirou muito a responsabilidade dos pais com relação à organização de material das crianças, né? Das coisas deles, do cuidado que eles tinham com as coisas deles...]. Agora, fica tudo aqui, eles jogam tudo debaixo da carteira, sabe? Então, você tem que estar organizando tudo... Eu fico uma meia hora todo o dia nessa organização... “Tira o pé da cadeira!”, “Senta direito!”. Eu acho que ainda tem que ser assim, sabe? “Gente, não enfia tudo debaixo da carteira!”, “Vamos organizar? Vamos arrumar as carteiras?”, entendeu? Mas aí você tem que falar todo o dia, todo o dia... Eu acho que um dia... Todos têm que ter o mesmo comportamento, todos os professores. Fala: “Gente, cadê o lápis? Cadê a borracha?”... Aí, hoje tinha uma fila pra eu por o nome em todas as borrachas, que eles tinham perdido. Ainda bem que eu moro perto do Kalunga aí, compro uma caixa de borracha e trago, explico: “Gente, eu vou dar de novo, mas não pode perder, gente, eu não tenho tanto dinheiro assim pra ficar comprando!”, e a escola também fornece muito, mas só que não dá conta! Eles não cuidam!

9. Em relação à alfabetização, como tem sido feito a avaliação dos alunos do primeiro ano, ou segundo ano?

R: A gente faz a avaliação diagnóstica com eles, né? Todo mês umas palavras ou então texto de memória... A gente faz algumas provinhas do que foi dado no bimestre e faz uma... Eu tenho até algumas já prontas... Mas depois confere com eles, corrige, atribui uma note, né? Pra ele, porque eles gostam disso, né? Eles adoram corrigir, adora aquele certo, entendeu? Então, isso incentiva...

9.a. E a nota é de zero a dez?

R: De zero a dez. E isso incentiva as crianças, sabe? A gente procura nunca falar pro aluno: “Não, você é uma má aluna hoje!”, “Ah, mas eu não sei fazer, essa eu não sei fazer!”, “Não fala ‘não sei’, fala ‘estou aprendendo!’”, aí eles estão com esta frase agora! “Então, eu estou aprendendo...”, falei: “Não quero que fale ‘eu não sei’! ‘Eu estou aprendendo!’”, “Eu vou aprender!”, tem que pensar positivo, não é? Então, a avaliação que eu faço é sempre assim, vendo onde eles melhoraram, sabe?

9.b. Você diria que todos seus alunos tiveram progresso na aprendizagem desde o início do ano?

R: Todos! Esse ano, um dos poucos anos, que todos tiveram progresso! Todos! Talvez, porque eu tenha tido sorte com a turma, não sei, mas todos progrediram, todos continuam progredindo... Não da forma que a gente queria, mas eles estão progredindo!

10. O planejamento dos primeiros anos do ensino fundamental ele está articulado com os demais anos, vocês planejaram de forma articulada, dividindo o que será trabalhado em cada um dos anos do ensino fundamental? Como está isso?

R: Isso ainda a gente não... Essa adequação tem, a gente tenta fazer, mas eu acho que está meio perdido esse ano, assim, está meio... Tentando refazer isso, entendeu? Até tem professor que está continuando com a mesma série, por causa dessa “duplicação” de conteúdo, que a gente tem falado muito isso. Então, o professor tem que ver onde é que parou no outro ano, não é? Porque este aluno não sabe... Mas, infelizmente, ainda tem muita gente que chega e... Ah... Não é que não sabe, gente! A gente foi até tal conteúdo, então, você tem que continuar aquele conteúdo. Isso é o que é progressão continuada, que eu não sou contra, não! Só que ela não é vista da forma que tem que ser vista, entendeu? Porque se fosse uma progressão continuada, eu acho que funciona. Agora, você vai entrando, e fazendo, “Ah, porque pensa em vinte anos atrás, como era antes...”, não é mais assim, agora você tem que fazer... Entendeu? Aí, você... Continuando o conteúdo... Porque antes, sei lá... Na minha época a gente não batia muito isso nas reuniões, “Gente, alfabetização são quatro anos!”, né? Quatro anos tem que alfabetizar, não é em um ano que alfabetiza! Não era assim? Agora, continua! Agora são nove anos, então, a gente tem que continuar alfabetizando...

11. Como você soube do ensino fundamental de nove anos? Você participou de alguma discussão, alguma reunião em que esta proposta foi apresentada, em que foi perguntado a opinião sua sobre isso? Como foi isso?

R: Não, não foi! A gente participou de reunião aqui na escola, li através de jornais, né? Até pais de... Parentes meus que tem filhos em escolas particulares estavam meio com medo, meio perdidos e vieram me perguntar... Então eu acabei me informando, mas ninguém veio pedir minha opinião, não!

12. Por que você acha que o governo propôs o ensino fundamental de nove anos?

R: Eu acho que o governo... Você sabe é meio complicado falar, às vezes, mas eu acho, às vezes, que o governo está sempre muito bem intencionado. Eu não quero falar bem de governo, mas eu acho que ele está bem intencionado. Eu não sei se ele querem seres pensantes mesmo, porque se for pensar muito, não estariam estas pessoas candidatas que a gente vê e que pode ser até que ganhe! Então, você vê isso é porque não tem gente politicamente correta, porque se tivesse, esse Netinho, Tiririca, não estava sendo candidato e não ia ganhar, e é bem possível que eles ganhem! Até o nosso presidente vai fazer campanha destas pessoas! Então, se a gente tivesse... Eles pensassem, questionassem, fossem, sabe? Fosse questionadores, vamos dizer assim, não era isso que eu queria dizer, mas é parecido,

eu acho que as coisas não estariam do jeito que estão, mas, mesmo achando que o governo não quer gente muito pensante, eu acho que em princípio ele é bem intencionado, sabe? Nós viemos pra quê? Pra aumentar a oportunidade desse aluno, entendeu? Uma vez eu li que o Brasil não se preocupa muito com gênios, porque nós temos gênios, e que o governo brasileiro não se preocupa, não trabalha em cima disso... quer dizer, por que é que não trabalha em cima disso? Isso também fica mexendo com a escola de nove anos...

13. No início do ano, quando as crianças de seis anos chegaram na escola, teve algum trabalho diferenciado com elas, foi explicado pra elas que agora elas estariam numa escola de ensino fundamental ou mais na escola de educação infantil? Como foi este trabalho?

R: Foi, foi, foi muito bem... A gente conversou, teve a... A gente recebeu, teve a recepção, né? Conversamos... Eles já estavam na EMEI ali... Eles se adaptam rapidinho...

13.a. Todos eles passaram por EMEI?

R: Todos eles, na minha sala, sim! Todos passaram por EMEI! Mas que lá, eles faziam um trabalho... Mais de brincadeira, assim, a alfabetização não estava tão...

13. O trabalho realizado aqui está mais próximo do que era a antiga primeira série, do que aquilo que é feito na EMEI?

R: Mais próximo dos primeiros anos, sim! Claro! Eu acho!

14. Qual é a maior dificuldade que você sente de trabalhar com as crianças de seis anos? As suas têm sete agora, né?

R: Gente, mas já era assim! A gente recebia criança de seis anos... Eu acho que não mudou muito. Já tinha, né? De seis anos... Eu sempre fui a favor da criança que tem maturidade que vá embora... O único problema que tem é que aqui é período integral e, às vezes, eles ficam o dia todo, e eles são pequenininhos, não querem ficar, não é? Então, eu acho que o que temos de dificuldade para trabalhar aqui, é que a escola de tempo integral tinha que oferecer umas atividades diferenciadas à tarde.

14.a. Não oferece?

R: Tinha que ter uma piscina, tinha que ter um clube, um campo de futebol, tinha que ter espaço físico! E oferecer mesmo aula de dança, aula de teatro, não é Adriana, você não acha? [Adriana responde: "Eu acho!"]. Aí eles ficam à tarde aqui trancafiados dentro da sala de aula, porque você não tem muita opção. Por mais que digam oficinas, oficinas, oficinas, essas das oficinas ficam meio... né? Não dá! Não tem espaço físico!

14.b. As oficinas são realizadas dentro das salas de aula?

R: Dentro da sala, ou fora, quando é fora é... Sabe? Todo mundo neste espaço pequeno Ra uma escola inteira. E, também, eu acho que tinha que contratar atores, professores-atores, entendeu? Pra trabalhar com teatro, pra trabalhar com música, pra trabalhar com dança, pra jogarem essa energia, essa coisa negativa que eles têm... Porque a gente tem muitos alunos que o pai está na prisão, que o pai matou a mãe, que a mãe matou sei lá, que o pai é totalmente alcoólatra, bate na mãe todo o dia... Eles têm problemas gravíssimos! Então, pra isso precisam de jogar toda esta energia. Eu tenho um aluno, assim, que o pai está preso, e a avó está trabalhando muito com ele, só que não consegue tirar, ele tem uma coisa dentro dele, assim, de tirar tudo de todo mundo, ele olha pra criança, ele dá um tapa, sabe? Ele é uma criança agressiva, por mais que a gente faça um trabalho, sabe? A avó trabalha também muito com ele. Acho que estas coisas ajudam muito, tem que fazer a criança gastar energia, sabe? Ter aula de tudo quanto é coisa, sei lá... Isso aí também exige muita grana, né? Não sei.

15. Você está gostando de trabalhar com os primeiros anos? Que avaliação você tem de ter escolhido o primeiro ano?

R: Eu gosto, porque eles têm boa vontade, eles são muito amorosos, o que você propõe, eles fazem, sabe? Assim, você está falando com crianças, né? Então, você faz aquela proposta, eles se envolvem, eles são mágicos, assim, eles se envolvem com a história... Ela é professora de educação física, sabe como é que é, não é? Tudo que você quer fazer, você faz! Eles imaginam, eu falei: “Imagina! Vamos utilizar a imaginação? Fecha os olhos, vamos pensar...”. E eles fazem! Tem alunos que fazem perfeito, sabe? É o próprio ator, mesmo, sabe? Eles são muito bons em muitas coisas, né? Então, eu gosto de trabalhar nesta idade, tanto que outro dia eu estava brincando que eu estou na idade de avó... Então, eu já estava pra ser avó... Eles são muito amorosos, só que eles exigem demais, né? [A professora de educação física falou: ‘Sugam!’]. Sugam a gente, né? A energia... Você sai daqui...

16. Vocês têm feito o trabalho com os primeiros anos coletivamente, ou seja, vocês discutem as atividades, o que será trabalhado, e todas as classes trabalham mais ou menos o mesmo conteúdo?

R: Sim, no Ler e Escrever a gente faz isso! Hoje, por exemplo, a gente tem o Ler e Escrever... A coordenadora sempre orienta, qualquer dificuldade que você tenha ela orienta, sabe?

17. A sua turma está mais avançada que as primeiras séries? Porque, agora, a sua é considerada segundo ano.

R: Por eles serem mais... Terem um pouquinho mais de maturidade, talvez estejam, mas pouca coisa, mas não é tão, assim, uma coisa gritante, que você entra na minha sala e

fala: “Nossa!”. Acho que não, não sei, nunca... Eu penso que não! Eu acho que eles são mais maduros pra algumas coisas, mas também são imaturos em outras, então... Mas, talvez, por causa da idade, né? Porque outro dia a gente estava lendo um texto, foi no HTPC de segunda, né? Sobre as crianças de sete anos, que não podem... que elas têm uma maneira diferente de pensar, né? Que já estão com a personalidade formada... Diz que é de zero a sete, né? Então, muda... Então, neste ponto, sim, eu acho que eles são mais maduros, mas de aprendizado não...

18. Você acha que, considerando a especificidade das crianças de seis anos, elas têm suas necessidades melhor atendidas no ensino fundamental ou na educação infantil? Onde você acha que elas seriam melhor atendidas?

R: Ah, eu acho que... Porque o ensino fundamental a gente brinca muito, vai depender muito de como você vai dirigir, né? Então, eu acho que eles se encaixariam... Eu acho que no ensino fundamental, tirando pelo histórico do meu filho, quando tinha seis anos, tudo, ele já ficou pronto pra ir pra primeira série, até a dona da escola: “Ai, não vai, porque ele tem seis anos...”, eu falei: “Não, se ele regredi, eu estou aqui, eu sou professora... Eu dou um jeito!”, mas ele foi embora, entendeu? E ganhou um ano a frente...

19. Como é a rotina da sua turma? Tem horário pra eles brincarem? Tem brincadeiras? Como você faz essa rotina?

R: Tem horário. Eu sigo uma sequência, então... A gente procura seguir a sequência, não é sempre que você consegue, porque, às vezes, eles não terminam a atividade, principalmente se você faz uma escrita, sabe? Tem muita coisa que... Agora, eu estava dando uma atividade que eles estão com uma maior dificuldade de entender... Vou ter que retomar amanhã! Então, eu achei que eu ia acabar rapidinho, e eu vou ter que retomar tudo, porque eles ficam muito... Quando vão muito na mesa e ficam perguntando muito é porque não entenderam. Então, eu faço uma rotina, assim, que pelos horários que tem nas outras salas, né? E a gente vai seguindo aquela sequência.

20. Eles têm aula de educação física, artes e sala de leitura?

R: Isso.

20.a. Que são aulas com outros professores...

R: Isso... Tem aula de computação à tarde.

21. Você percebe se eles têm muita demanda por brincar? Querem muito brincar?

R: Querem, querem muito brincar!

21. a. E essa demanda deles por brincar você acha que tem sido atendida?

R: Olha, na minha sala não! Acho que, agora que começou a cobrança, porque eles fizeram uma provinha, agora no começo do ano, e foi uma cobrança, assim, que eles não sabiam... Aí eu comecei a exigir mais deles, então a gente deixou de brincar um pouco. Hoje, inclusive, eu deixei eles ficarem... A gente ficou a primeira aula, depois que eu organizei este negócio de lápis e borracha, eu deixei eles brincarem um pouquinho, cantarem, que eles têm... As meninas gostam muito de cantar, de fazer coreografia... Eles falam: “Deixa eu fazer uma atividade livre!”, eles já sabem isso... Então, eu deixei um pouquinho na primeira aula. Eles terminaram, uns dez minutos, uns quarenta minutos, a gente ficou assim hoje. Porque eu acho que está correndo muito, assim, e eles estão ficando ansiosos e eu também, e isso aí não ajuda muito, né? Eu acho que tem que dar uma relaxada, porque se relaxar uns quarenta minutinhos, pra eles, já está bom e pra gente também, né? Porque aí você percebe que eles estão mais felizes e tudo... Eles trazem muitos brinquedos, muita coisa... Tem, às vezes, que pedir pra mãe mandar menos brincadeira... mas eles têm essa necessidade, sim, de sair de brincar... Se ficar só brincando pra eles está ótimo!

22. Você gostaria de dizer mais alguma coisa, que talvez eu não tenha perguntado e que você considera importante?

R: Não... Acho que é isso... Que devia ter menos cobrança, sabe? De alfabetização, “Porque tem que alfabetizar!”, “Tem que fazer reescrita na primeira série!”, a criança, às vezes, tem essa dificuldade! Eu fui uma criança eu foi reprovada na primeira série, era horrível, fiquei ajoelhada, ficava ajoelhada no milho, apanhava de professor, aquelas coisas... Então, eu acho um absurdo essas cobranças! Depois cheguei com oito anos, comecei a ler e a escrever, sabe? Faço uma leitura legal de todas as coisas que eu preciso... Faço a minha leitura, que eu nem sei se está certa, mas eu acho que eu penso de uma maneira, sabe? Então, eu acho que deveria cobrar menos essa coisa, parar de fazer provas pra estas criancinhas deste tamanho...

22.a. Você diz essa cobrança dos órgãos centrais?

R: Isso. Essas cobranças, sabe? Esse negócio desse bônus... Ele deveria melhorar o salário da gente... Parar com essa história: “Ah, vamos olhar a nota da escola!”. Você estressa todo mundo, você estressa a criança, sabe? Então, eu acho que tem que... Eu teria que rever isso, sabe? Então, não dar um salário justo, coloca cursos pra gente fazer, que a gente tenha dinheiro pra fazer, porque todo mundo adora estudar, não é? Então, eu acho que a gente precisa de mais... Ah, sei lá... Eu acho tão difícil julgar, sabe? Eu acho que os pequenos poderes é que tomam conta e acabam mudando tudo... Porque, veja, verba a gente acha que tem, né? Eu acho que tem, porque pelo que se apresenta aqui... A gente tem tanta coisa que

antes não tinha... As crianças ganham muita coisa, você vê... Tudo, até fruta aqui, na merenda, tem! Tem fruta, tem verdura, tem bastante coisa! Agora, eu acho que está faltando é uma orientação melhor pra gente, a gente está muito perdido, sabe? Então, precisava de ter especialista, como tinha antigamente, agora não tem mais! Cadê aqueles especialistas que trabalharam com criança que tem problema físico, que tem problema mental? Porque estas crianças existem! Não adianta querer tirar elas do... Então, eu acho que o governo quer fazer é isso, sabe? Esquece que existe essas crianças e inventou essa história de inclusão, coloca a criança, simplesmente, na dentro da sala da gente, sem dar orientação nenhuma, essa criança tem um mundo particular e essa criança atrapalha todos os outros! Por menos que... “Ah, é preconceituoso dizer isso?”, não, eu acho que não é, porque é uma realidade, é uma realidade! Então, todo professor tem três ou quatro alunos que tem problema mesmo! Não é Adriana? [a professora Adriana respondeu: Eu tenho três]. E você não pode nem falar, tudo “Ah, não pode escrever isso, por favor!”, “Esta palavra é proibida, podem te processar!”, gente, o que é que é isso? O que está acontecendo? Está querendo esconder de quem o governo? Está querendo esconder de quem? Este Fernando, era um aluno que deveria estar no especial, como tinha no meu tempo, de início de carreira, que era uma professora especializada, pegava esses alunos, tinha uma classe com dez de manhã, mais dez à tarde, se precisasse mais, tinha mais... A gente tinha alunos até que usava fraldão, com oito anos... Ela cuidava desses alunos... Eles vinham prontinhos... Dali um ano, dali dois, pra sala da gente... Tinha esse lado físico deles, mas eles sabiam tanto quanto os alunos da gente, ou melhor, por quê? Por que eles tinham aquele atendimento, sabe? Supriu a dificuldade? Eles vinham pra gente, entendeu? É isso que tinha que acontecer. Ou, então, especializar pessoas pra ficar do lado da gente, não adianta... Agora tem esta terceira série que pôs uma menina que se automutila, ela mutila o colega dela, ela judia do colega dela, ela, entendeu? Faz umas coisas esquisitas, que a gente não entende... Eu não entendo, entendeu? Então, eu acho que precisa disso, de alguém orientar a gente com relação a estas crianças, porque, este ano eu não tenho, mas eu já tive, eu sei como é... É muito difícil...

Entrevista com a professora de Educação Física e da Oficina Curricular

“Atividades esportivas e motoras”

São Paulo, 28 de setembro de 2010.

1. Conte um pouco sobre a sua formação e sua carreira no magistério.

R: Na verdade eu queria fazer comunicação, jornalismo, mas, filha de alemão e italiano, no interior de Santa Catarina, papai falou “não, você não vai estudar sozinha, morar sozinha, aos 18 anos de idade! Escolha alguma coisa que você gostaria de fazer na cidade

mesmo!”, aí eu optei pelo magistério, aí eu fiz magistério num colégio de freiras, lá mesmo me formei e fiquei com a sala de aula do fundamental, trabalhei com primeiras, com segundas e com quartas séries, dois anos em cada série. Neste período eu fiz a faculdade de educação física, e lá mesmo eu fiquei como professora de educação física. Então eu fiz uma faculdade que era numa fundação, era uma faculdade intensiva, nós tínhamos seis aulas por dia, inclusive aos sábados, então foi super puxado, 60% dos professores militares, então era um outro perfil, né? Há trinta anos ainda estava mudando esta questão política do país, onde era muita ditadura ainda, né? E aí, eu participei na faculdade do processo de democratização do ensino. Nossa faculdade foi um dos pólos de estudos sobre a democratização de ensino. E aí, estudando, eu passei pela mudança do processo. Foi muito interessante, sabe? Só que não adianta, aquele clássico que veio com você, você puxa até hoje, e eu percebo que esta formação que eu tive, clássico, me dá muita bagagem pra eu ter este discernimento hoje em qualquer área que eu atue dentro do magistério, porque ele preparava a gente pra tudo, os meus professores diziam: “o que a gente está ensinando, a teoria que você está aprendendo é só como embasamento científico, para você saber do que você está falando, mas a prática é outra!”. Então, as minhas professoras falavam que, assim: “não pense que você vai ter todo este material rico de educação física nas suas escolas!”, então, nós éramos preparados pra ensinar com sucata, com material alternativo, como é que eu vou trabalhar um fundamento de voleibol numa quadra de barro com uma bola? A gente teve todo este preparo. Então, eu acredito que toda esta bagagem que eu tive, de material alternativo pra trabalhar educação física, que eu tive na faculdade, que deixa a gente com muita riqueza em recursos, pra você estar atuando, inclusive a escola de tempo integral, que você precisa ter muito discernimento, jogo de cintura, né? Eu acredito que é isso que me faz ser uma pessoa com tanta garra, também, eu não largo o osso tão fácil. Eu acredito muito na educação! A gente sabe que é meio utopia, mas eu penso que a criança ela não nasce ruim, e todo o ser tem uma grande porcentagem do produto do meio onde ele vive, e eles gostam de ter um parâmetro, um perfil, um norte rigoroso, de cobrança, de limites, a criança gosta disso, a criança não gosta de ser largada, a criança gosta da fila, ela gosta de saber que naquele horário vai ser aquilo. E isso eu choco muito com o construtivismo, eu não aceito, porque, você sabe que desde bebê você tem que ter hora pra comer, hora pra dormir, hora pra tomar banho, hora para os ensinamentos, hora pra recreação, quando é um bebê, porque que na escola ele vai chocar com toda essa liberdade que ele tem de ação? E aí choca, e ele fica sem norte, e a criança sem norte não rende, criança sem rumo, sem limite, fica perdido até na capacidade de retenção de conteúdos. Tenho vinte e sete anos de experiência, e em todos os níveis que você pode imaginar,

inclusive como gestão, fui diretora de escola há dois anos e meio, no estado de Santa Catarina, eu estou aqui há 13 anos, eu tenho 15 anos lá, e lá, então, eu passei por todo o processo, trabalhei em várias escolas particulares, escolas católicas, escolas conteudistas, trabalhei em fundação... E lá, todas tinham o mesmo perfil, com exceção da religião, que era aplicada com mais intensidade, eu trabalhei numa escola protestante, trabalhei numa escola católica, trabalhei no Objetivo, que não tinha norte nenhum de religiosidade, filosofia, nada... Era puro conhecimento, mesmo assim, eles gostavam quando você trabalhava parte de vivência, de psicologia da adolescência, a conduta, e quando eu cheguei em São Paulo foi um choque muito grande, como eu esperava uma coisa de primeiro mundo, eu achava que lá estava defasado, e eu cheguei aqui, aqui está defasado. E eu vejo que São Paulo está engatinhando por conta da politicagem, porque em Santa Catarina a política muda, mas como é educação rigorosa lá é uma questão cultural, já por ser uma descendência européia, as famílias, tem também os problemas familiares que nós temos aqui, mas se a criança está só com a mãe, a mãe abraça, se ela tiver cinco filhos ela vai viver sozinha para os cinco filhos, né? Não tem essa bagunça, não tinha há 15 anos, quando eu sai de lá, né? Hoje eu não sei como está, mas estou falando do tempo que eu vivi lá, lidando com tudo isso, né? Então, foi um choque muito grande.

1.a. Aqui em São Paulo, você tem experiência só em escolas do Estado, ou já atuou nas escolas da Prefeitura?

R: Trabalhei seis meses na Prefeitura, lá no Heliópolis, e não senti diferença nos alunos, só na estrutura, no sistema, que é um pouco diferente, mas a conduta, os alunos, todos iguais, não mudam, não é por ser da prefeitura que eles vão ser diferentes. O sistema é diferente, mas as crianças são as mesmas.

1.b. Você é OFA aqui na rede, né?

R: Sou.

2. Você já havia trabalhado com a primeira série, não é mesmo? E com o primeiro ano?

R: Trabalhei com pré-escolar, mas em escola particular. É, eu já tinha toda esta noção. Nunca trabalhei diferente. Eu trabalho do pré-escolar até o terceiro colegial com a mesma postura, apenas usando a intensidade diferente, linguajar diferente, de acordo com a faixa etária, mas o meu sistema de trabalhar é o mesmo.

3. Você escolheu trabalhar com o primeiro ano? Como aconteceu este processo de escolha das turmas?

R: Eu sempre preferi os pequenos. Sempre. Já é um perfil meu. Porque, assim, o grande ele já está pronto, não é desafio. E eu gosto do desafio, e eu gosto de ver o progresso. Quando você está trabalhando com o colegial, ele já fez tudo que ele tinha que fazer, você vai ser só técnica. Você vai exigir um exercício físico durante um aquecimento, com pouco mais intensidade naquilo que vai fazer, mas não dá um retorno, você não vê que no começo do ano você fazia um alongamento, que ele chegava só no joelho e que em dezembro a mãozinha dele já está alcançando o pé. E no colegial não. O aluno que não tem aquela flexibilidade, ele não vai ter mais. E o interesse também, né? O interesse do fundamental é maravilhoso, isso que faz a gente gostar mais.

4. Você tinha alguma expectativa com esta nova organização do ensino, duração de nove anos do ensino fundamental e a entrada das crianças de seis anos no primeiro ano?

R: Eu achei bom, porque quando ele vem do pré, ele já vem com muitos vícios de outro sistema, e se ele chega aqui com seis anos, ele vai se moldar à nossa estrutura, e vai ficar mais tempo conosco. Ele vai sair aqui mais preparado. A falha foi em não preparar os professores para isso. Eu tenho experiência com os pequenos. Então eu já trabalhei com isso. Mas um colega que nunca trabalhou vai achar que ele tem que ter a mesma conduta, e não é. Se eu começo uma dinâmica na sala de aula para depois passar pra quadra, e eu vejo que meia dúzia dormiu, eu mudo o objetivo da minha aula e faço todo mundo dormir. Porque naquele dia a propensão da criança é dormir. Quando o ar está muito pesado, quando está muito calor, quando ele já teve uma atividade muito intensa na parte da manhã... Eu já percebi que, naquele dia, eles não estão aptos para uma coisa mais intensa, então o que é que eu faço? Muda, e faço todo mundo dormir. Conto história, canta, né?

5. A rotina deles na parte da tarde é mais flexível, então?

R: É, apesar de que eu que o planejamento deles deveria ser diferenciado com relação ao conteúdo. As professoras estão preocupadas em conteúdo de primeira série com eles, tanto que eles não tiveram um período preparatório no primeiro bimestre, só de massinha, só de alfabeto móvel, só de coordenação motora fina, sem se preocupar com a palavra, com a letra, mas, sim, com o manuseio de material, como utilizar o lápis, como identificar um espaço, uma margem, não faz mal que ela esteja fazendo só bolinhas, mas que ele saiba que entre uma lista de bolinhas e outra tem que haver um espaço, isso daí tem que ser primeiro bimestre inteiro, e o sistema não está cobrando isso, e isso vai falhar. É uma fase que a criança está queimando, e precisaria ser feito. É fundamental isso pra uma criança, até pra ele partir depois da letra bastão pra cursiva, porque é muito mais difícil pra criança sair da letra bastão e ir pra

cursiva, porque ele está com movimentos retos no pulso, a fina dele está muito direcionada, se ele faz primeiro a cursiva, primeiro o manuseio do lápis, em movimentos rotatórios, em idas e voltas com o pulso... Com bastão é mais fácil. Eu não concordo com o sistema, primeiro bastão e depois cursiva. Mesmo que fosse letra de imprensa, mas teria que ser neste sistema, na minha opinião. Se eu fosse estudar a ciência da educação, eu escreveria e pesquisaria sobre isso, e tenho certeza que teria um resultado mais feliz, até pela experiência que eu já vivi em termos de alfabetização.

6. Na sua opinião, porque o governo ampliou para nove anos o ensino fundamental?

R: Porque isso já existe nos países de primeiro mundo há muito tempo, e eles estão vendo que a gente está engatinhando. Então, quando eles percebem, né? Porque a gente só copia, o Brasil só copia as coisas. Existe o estudo científico, mas ninguém cria nada. E se tem alguma coisa que deu certo, porque mexer? A situação política do país, os políticos acham que fazendo coisas diferentes ele está mostrando alguma coisa, na sua postura, mas ele não embasamento político pra fazer isso. Quando um político resolve mudar alguma coisa, eu acredito que ele ouve uma meia dúzia de pessoas que de repente nunca entraram numa escola pra ver como ela funciona. Coloca um secretário da educação num mega evento, ouvindo educadores experientes, mas fazendo um estudo prolongado mesmo, ele vai ficar quatro anos, como que em quatro anos ele já quer mostrar alguma coisa? É muito pouco tempo para você ter um resultado de uma pesquisa, de estudar mesmo uma coisa pra que ela te dê resultados. E é isso, é tudo política, e isso acaba com a gente. Destrói toda uma experiência que você traz de anos, que está te dando resultado. Por isso que nós temos professores resistentes aos novos sistemas. E você percebe que mesmo dentro de escolas onde o construtivismo é apenas pra inglês vê, mas nas quatro paredes da sala de aula pica o tradicional, a melhor sala é aquela. É do professor tradicional, professor que tem trinta e cinco anos de magistério, que aplicava a cartilha, que fazia período preparatório, que trabalhava uma letra por vez, uma sílaba por vez, usa muito recurso áudio-visual, faz a tempestade mental com a criança pra ela descobrir qual que é a resposta que o professor está pedindo, você tem que questionar até que ela descubra. É muita coisa pronta. O construtivismo ele tem que existir, a criança precisa construir e descobrir construindo o conhecimento que tem dentro dela e desenvolver o conhecimento através disso.

7. Qual foi a reação das crianças ao entrarem na escola de ensino fundamental?

R: Muitos questionamentos, e eles teriam que ter uma atenção especial. Eles tiveram uma atenção igual à dos outros e isso entrou um pouquinho em choque com relação à conduta, por exemplo: eles precisariam ter um horário separado de lanche, de almoço, de filme, de assistir, de palestra, até de no momento da rodinha de história, um outro espaço... Eu acho que as professoras ficam muito em sala de aula, até por termo que muitos professores precisam usar os espaços livres da escola... Mas, se a professora sai da sala de aula e vai pra biblioteca, por exemplo, senta todo mundo numa rodinha, trazer a sua almofadinha, o seu tapetinho... E a rotina, e os horários de rotina. Não dá para mudar! Uma criança de seis anos não tem discernimento para tomar conta de toda a parafernália em cima de uma carteira, um espaço tão pequenininho, você percebe isso... As coisas deles são mais esparramadas, porque ele não consegue... Cai a blusa, e a lancheira e a garrafinha d'água, e a caixa de lápis de cor. Então, se tivesse uma conduta mais direcionada, os lápis estão todos aqui, quando você precisa, você vai lá e pega, usa, devolve, né? Os casacos estão todos penduradinhos aqui, cada um no seu lugar. Tem que ser uma sala de aula diferente, não pode ser uma sala de aula comum.

8. E a escola não fez nenhuma mudança para o recebimento destas crianças?

R: Não, não recebeu orientação também. Não sabia o que fazer, né?

9. Os professores também não receberam nenhuma orientação, material didático?

R: Não recebemos nenhuma orientação. Agora, o material didático a escola tem, já como recurso próprio, por ser uma escola de tempo integral nós já temos muito material alternativo, de apoio, e tudo, mas se fosse depender de orientação de como trabalhar com estas crianças, não foi nada.

9.a. Nem nas Oficinas Curriculares?

R: Também não.

9.b. Continua como conteúdo de 1ª série?

R: Continua. Eu, particularmente, tenho a minha proposta e a minha maneira de ensinar dentro da minha disciplina que é Atividades Esportivas e Motoras. Então, eu trabalhei muito o motor com eles, muito. Uma parte até de educação artística eu invadi, por conta de sentir que as crianças precisavam desde trabalho de coordenação motora fina, até pra dar um apoio à professora, que não teve isso.

10. Então você acha que este primeiro ano está sendo organizado como se fosse uma primeira série?

R: Como se fosse uma primeira série.

11. Para você, as necessidades das crianças são melhores atendidas numa escola de educação infantil ou numa escola de ensino fundamental?

R: Ela pode ser atendida aqui, sim. É aquilo que eu te falei, ela já está entrando numa área de exploração da sua inteligência que é perfeita. A criança de seis anos ela está pronta já pra aprender, só que ela ainda precisa desse diferencial que eu te falei, porque, como são muitos, né? É diferente de uma educação infantil que tem menos crianças, eles são uma quantidade maior e para que eles aprendam à... Por que agora eles têm que andar por si, né? Ele precisa disso. Mas tem criança que chupa dedo, que senti sono, que deve ter deixado a chupeta em casa, que tem o seu mimo, porque a gente vê no dia do brinquedo, eles trazem ursinho, bichinho de pelúcia, ele fica agarrado naquele bonequinho o dia inteiro quando é o dia do brinquedo, a criança ainda tem aquele mimo, né? A gente sabe, quem tem filho pequeno, que a criança precisa disso, os pediatras mesmo falam. Então, quando eu tiro aquele cheiro, aquele bichinho de pelúcia que fica arrastando dentro de casa pra cima e pra baixo? Quando que eu tiro? Ele vai largar na hora que ele achar que deve! E aí é um bloqueio pra criança.

12. Entrando um pouquinho neste assunto sobre os brinquedos, você falou que tem o dia dos brinquedos, que eles trazem brinquedos... Como que funciona isso dentro da sala de aula? Tem tempo reservado pro brincar?

R: Como as professoras agem lá, eu não sei, eu, particularmente, tenho o meu carrinho de supermercado cheio de brinquedos, além dos que eles trazem, porque tem criança que não tem, da nossa própria brinquedoteca, então eu levo todos os brinquedos para a quadra, deixo lá e cada um vai pegando e eles vão se reunindo em grupinhos por interesse, quem gosta de bichos se junta pra bichos, quem gosta de brincar de casinha se junta pra brincar de boneca, eles mesmo, por sim, se dirigindo, e eu deixo a vontade, é um momento que eu observo muito, e é muito interessante, é lindo você vê a criança... Ela está lá na quadra, está num espaço fechado, mas ali ele está tendo a liberdade de fazer aquilo que ele quer, aquilo que ele gosta, aquilo que ele senti falta e aquilo que ele não tem, e isso deveria ter todos os dias, precisaria todos os dias cinquenta minutos de brincar. Ele precisa, porque a aula de educação física é uma coisa, a aula de atividades esportivas é outra... Eles falam: “ah, mas eles têm seis aulas semanais com a professora de educação física”, mas é diferente. Então, dentro da minha aula de educação física, eu faço do dia do brinquedo, entendeu? E à tarde também, às vezes, a gente também faz, o problema é que à tarde são muitos os professores que usam os espaços livres, então a gente tem que se dividir.

13. Você observa alguma mudança no comportamento, na aprendizagem, dos seus alunos do começo do ano pra cá?

R: Muita, muita. A convivência em grupo, o espírito de liderança, aquela que chegou muito apática, hoje está bem mais solta, ela fez amigos, ela aprendeu a se defender, ela chora menos, primeiro bimestre é uma choradeira, “ele me cutucou”, “ele me chutou”, e vem chorando... Hoje não, hoje ele já se defende, né? Então, no social, é um crescimento muito grande, e no conteúdo também, você percebe... Em todas as salas nós já temos crianças alfabéticas, todas salas de primeiro ano. Então eles estavam prontos! As exceções sempre vão ter, inclusive na primeira série antiga tinha, e sempre vai ter. As professoras entram em choque porque elas querem mais, só que não há necessidade de tanto apavoramento, porque a criança tem o seu tempo, não precisa, eu falou pra elas: “trabalhe com tranquilidade aquilo que vocês estão trabalhando que está dando resultado, sim!”, é que a correria da sala de aula é tão grande que o professor não para pra observar isso, mas a gente, que trabalha fora da sala de aula, tem mais oportunidade e um convívio físico com eles, né? Eu fico seis aulas por semana com eles, então esse contato que a gente tem, eles vinham, abraçavam, encostavam a cabecinha, até no dia do brinquedo ficava perto, até querendo substituir a mãe, que fica longe deles tanto tempo, e tudo... Mas hoje eu já vejo que eles não precisam tanto do afago da professora, eles já se... né?

13.a. Estas seis aulas são de educação física e artística?

R: Não, são duas de educação física e quatro de atividades esportivas e motoras à tarde, aí entra nas oficinas.

13.b. Estas atividades com brinquedos são realizadas à tarde?

R: Eu faço de manhã e, às vezes, à tarde, nem sempre, porque como a gente tem muito evento, tem muitos ensaios, né? E eu trabalho muito as datas cívicas com eles, pra eles estarem também começando a entrar nesse meio, que a escola também tem o civismo, tem a cidadania, até pra desenvolver as suas escolhas, às vezes, numa atividade um menino fala: “eu posso ser tal coisa?”, eu falo: “pode!” e o outro fala: “eu também quero, eu também quero!”, então eu falo: “vamos tirar no par ou ímpar!”, para ele aprender que se teve uma maneira de escolher e ele não foi escolhido por um motivo, que foi porque ele perdeu, aí ele aprender a ganhar e a perder, ser escolhido ou não desta forma, não porque o outro é mais bonitinho, ou porque o outro está mais cheirosinho, ou porque ele tem já, tem criança que se destaca por si mesmo, tem discernimento de chegar e ser. Eu percebo quando eu deixo eles para se dividirem em equipes, para determinadas atividades, tem muitos que querem ir todos para a equipe de fulano, porque aquele lá já é o líder nato, aí eu falo: “não, vem cá oh! São três

equipes? Vem três pessoas aqui para escolher”, mas aí o outro fala: “ah, mas eu queria ter ido no grupo dele!”, mas “ele te escolheu, você não está escolhendo agora, você está sendo escolhido”, então os dois lados, e isso tudo faz com que a criança vá crescendo, desenvolvendo também esta parte.

14. A avaliação na sua disciplina é realizada como?

R: Constante. No primeiro bimestre, se eu dei uma aula livre com a bola de basquete para ele se familiarizar com este aparelho novo, por que uma bola de basquete é novidade pra ele, e graças à Deus a gente tem bastante material, você percebe que na terceira atividade que você faz, ele já sai batendo a bola de basquete. Então isso já é uma evolução. Pular corda, nos meus primeiros anos 70% chega sem saber pular corda, e hoje, já no começo de a gosto, eu fiz atividades com corda, todos estão pulando e isso pra uma criança de seis anos é um pulo grande, né? Então, eu fico feliz com o desenvolvimento deles. Pular corda é uma coisa difícil, pra eles é muito difícil.

15. Quais as dificuldades que você tem encontrado no trabalho com o primeiro ano?

R: As crianças com problemas de saúde, nas quais os pais não têm comprometimento. O único problema é este é o comprometimento da família com esta problemática. Então, assim, eu tenho aluno que a mãe está presa, o pai é ausente, ele está sendo criado por uma avó e por um avô, mas a mãe quer vê-lo e a avó reluta em levá-lo para a prisão pra ver a mãe, e a criança fica daquele jeito. Então são crianças mais revoltadas, são crianças que reagem com violência diante de determinadas situações, são crianças que não sabem perder quando tem uma competição, são crianças que não pedem licença, leva tudo à trancos e barrancos. Então a única dificuldade que eu sinto é aí, a ausência dos pais. Eu tenho um menino, você conhece, ele é criado pelo pai, a mãe é uma adolescente ausente, no sábado e domingo ele fica com a mãe, e neste dias a mãe deixa ele fazer tudo o que ele quer, aí ele chega segunda-feira na escola totalmente, né? Está começando agora, depois de oito meses de convivência, você vê, a entrar num ritmo de autocontrole maior, mas ele estava muito perdido.

15. a. E como vocês lidam com isso na sala de aula?

R: Na sala de aula é impondo limites mesmo e com a família chamando constantemente e expondo a situação. Então, em 60% dos casos a gente consegue fazer com que a família olhe de uma forma diferente para a criança, né? Insistentemente convocando na escola, a cada situação. Então, tem situações de roubo, porque ele acha que o que é da escola também pode ser dele e ele pode levar pra casa, né? Como nós temos abundância de material escolar, você percebe crianças que estão com cinco apontadores, porque é que tem

necessidade de ter cinco apontadores, se um é objeto suficiente para necessidade dele? Porque não tem um limite de... a própria família estar ensinando este tipo de coisa, porque é uma criança largada, ela não tem norte, fica com a avó, fica com a tia, fica com o pai, fica com a mãe, são quatro adultos que pensam de forma diferente, que tem comportamento diferente e que não cobra as coisas da mesma forma. E a criança precisa disso, de cobrança, de imposição, de ordem, até cada vez que ele entra numa sala de aula, ele abre a boca e tem alguém falando, ele tem que saber que ele tem que esperar, papai tem que falar, todos na casa tem que ter a mesma unidade, até pai e mãe, né? Se a mãe repreende o filho e o pai não fala a mesma linguagem que a mãe, a criança já... e é assim, a única dificuldade que a gente tem é essa, é a falta de estrutura familiar e, até perceber, eles não percebem no meio em que ele vivem, até por conta da vida e tudo, são situações difíceis, né? Não percebem isso, que eles não param pra observar a criança. Nós temos alunos que têm diagnósticos de problemas graves, depois de estarem quatro anos com a gente, na hora que está saindo da nossa escola, deu um estalo e assumiu que o filho tem um problema, e a gente está falando isso desde o primeiro ano, desde a primeira série, e isso o que é que foi? Foi a ausência da mãe, ela não queria ver, ela foi deixando, “não, a hora que ele crescer um pouquinho mais ele vai amadurecer...”, mas, às vezes, não é amadurecimento, às vezes, é um problema mental, um problema físico, psiquiátrico, psicológico... Então, tudo isso que... a única dificuldade é essa, o apoio da família.

16. Você fez ou tem feito algum curso de formação continuada sobre o ensino fundamental de nove anos e as crianças pequenas?

R: Não, nós temos um curso de aperfeiçoamento do Paidéia, de língua portuguesa e matemática, né? Que é oferecido por uma parceria que nós temos, aos sábados, então ele é mais técnico mesmo, pedagógico, com relação à como lidar com os problemas do dia-a-dia e tal, não!

16.a. Nada referente às crianças de seis anos?

R: Nada! É a mesma coisa da escola de tempo integral, eu sou pioneira, eu comecei com ela, eu achei o desafio já de cara, porque eu adoro desafios, mas ela chegou nas nossas mãos e a orientação que a gente teve foi meramente de papel. A educação física até que teve bastante orientação técnica, a educação física, mas a gente sabe de disciplinas que foi muito pouco, muito pouco orientadas, precisava de muito mais, até porque as faculdades, você não sabe de uma faculdade hoje que prepara o professor pra uma escola de tempo integral, qual é a disciplina da faculdade que te dá uma oficina? E como é que o cara que fez uma pedagogia há vinte anos, que já tinha um outro parâmetro diferente da pedagogia de hoje, né? E ele vem

com aquela formação que ele teve, e o que ele aprendeu foi durante os anos de magistério que ele atuou, e aí ele cai numa escola de tempo integral e tem que dar uma oficina, e aí? O que é que uma oficina? O cara também tem que ter discernimento de saber, como eu vou dar inglês numa oficina? Como eu vou ensinar informática numa oficina? O que é informática numa escola de tempo integral? É complicado, mas a gente deu a mão à palmatória e fomos à luta.

17. Ainda sobre o ensino fundamental de nove anos, como você ficou sabendo da legislação que implementou o ensino fundamental de nove anos?

R: Eu sabia por conta da minha filha, que ela estuda em escola particular, e quando ela entrou, já começou desta forma, há cinco anos, não é? Mas o Estado, a gente ficava esperando de um ano pro outro, e esperando, e nada, e nada, e o limite era 2010, e o governo só fez quando a lei estava estourando, não é? E se tivesse havido, ao longo destes anos, uma preparação, “não, vai acontecer em 2010! Vamos preparar os professores que tem interesse em atuar nesta área!”, aí teria dado um resultado bem melhor e todo mundo estaria preparado, mas não, o governo protelou, protelou, protelou, e quando veio, veio de cima pra baixo, assim, de supetão.

18. Como que a proposta do ensino fundamental de nove anos foi debatida aqui na escola? Os pais participaram?

R: Eu não tenho conhecimento de ter acontecido nada disso.

18.a Nem nas reuniões de começo do ano?

R: Sim, no planejamento, sim, nós discutimos e as professoras, inclusive, ficaram muito preocupadas em como trabalhar, mas foi uma incógnita pra todo mundo. Na minha concepção particular, eu já tinha a idéia de que teria que ser diferente, mas as cobranças que vieram em cima do que o professor teria que fazer com esta criança, elas vieram de, uma forma muito subjetiva, e aí na hora do planejamento eu acredito que deveria ter sido diferenciado, daí teria um orientador, sobre como preparar esta criança, como preparar este professor, que conteúdos trabalhar, de que forma dar este conteúdo, fazer uma coisa mais objetiva, e não subjetiva, como foi.

19. Durante o período letivo os professores que dão aula para os primeiros anos se reúnem para discutir assuntos específicos destas crianças?

R: É, tem alguns professores que participam do “Ler e Escrever”, toda segunda, quarta e sexta, até as três horas da tarde, depois do seu horário, e isso a coordenadora trabalha bastante com as professoras. Isso nós temos aqui.

19.a. Trabalham juntos somente os professores dos primeiros anos ou existe um trabalho coletivo entre os professores também das outras turmas?

R: Têm, os primeiros e segundos. Os primeiros e segundos têm, eles trabalham juntos, os professores.

19.b. As professoras das terceiras e quartas séries trabalham juntas entre elas?

R: Isso.

20. O ensino fundamental foi discutido com as crianças? Você disse que no começo do ano vocês tinham que tirar algumas dúvidas delas. Então teve algum trabalho pra sanar algumas das questões que elas tinham?

R: Não, as dúvidas delas era só com relação à conduta, “o que eu vou fazer agora?”, “já chegou a hora do almoço?”, “que horas que eu vou fazer isso?”, que horas que eu vou fazer aquilo?”, “quem vai vir na nossa sala este horário?”, “o que é que a gente vai fazer depois do almoço?”, “o que é que a gente faz antes do lanche?”, questionamentos, assim, da rotina da criança, mas com relação à explicar pra ela que agora ela vai ficar cinco anos aqui, na minha disciplina não me foi passado nada, de como eu deveria lhe dar isso com a criança, eles, simplesmente, estão ali. Agora, as professoras de sala eu não posso te responder como elas vão atuar.

21. E as crianças têm espaço pra participação dentro da escola, pra dar opiniões?

R: Na minha aula eu permito. Eu permito, a gente faz, até quando eu vou dar uma aula de ginástica com eles. Então agora a gente vai isso e isso, eu explico a dinâmica e aí, às vezes, eles querem perguntar ao mesmo tempo, eu falo: “não, um de cada vez! Quem levanta a mãozinha recebe a resposta, quem ao levanta vai ficar sem resposta!”, e aí eles vem com as perguntinhas deles, às vezes, perguntinhas bobas, né? Do pezinho, da mãozinha, e isso e aquilo, né?

21.a. E você fez algum tipo de combinado com eles na sala?

R: Ah, sim... os combinados sempre existem. Eu trabalho muito no “toma lá dá cá”, agora nós vamos fazer isso, que é a comanda da professora, depois vocês vão fazer aquilo por interesse de vocês. “Quando a gente vai jogar futebol?”, não sou muito adepta do futebol como aula de educação física, então, todo final de mês, essa semana, por exemplo, a última semana do mês, eles podem escolher o que eles devem fazer, eu já trabalhei toda a minha proposta do bimestre, entendeu? Já teve desfile, já fizemos as nossas atividades com relação ao civismo, cidadania, teve votação na escola, TRE (Tribunal Regional Eleitoral) veio aqui, toda essa parte já foi feita. Então, essa semana é fechamento de nota, tudo, então eles já podem escolher. E aí, é lógico que eles escolhem o futebol. Mas mesmo assim eu fico lá, eu apito o jogo, explico como faz, como que não faz, mesmo os pequenininhos, eu já vou dando umas noções das regras, dos limites, dos espaços, do que pode ser usado, do que não pode,

né? Pra eles já irem tendo uma noção, não é totalmente jogado, assim, porque senão ele também brincam, e aquelas coisas todas, né?

22. Sobre a escola de tempo integral, como foi o processo de implementação nesta escola?

R: Nós abraçamos a causa, e as coisas foram fluindo de acordo com as idéias de cada um. Então, eu lembro muito bem que as aulas terminavam 16h10 e nós não saíamos da escola antes das 17h, todos os dias, depois do horário, tinha discussão sobre o que estava sendo trabalhado. E no início, inclusive, como era um grupo escolhido pela diretora, era muito engajado, muito melhor que este ano em que a atribuição foi direto na Diretoria de Ensino, quebrou muito o nosso vínculo, já tínhamos um vínculo de três anos de trabalho que estava dando certo, era um grupo muito engajado, as ideias costuradas uma na outra, a gente trabalhou Monteiro Lobato, todas as oficinas trabalharam alguma coisa sobre o Monteiro Lobato dentro da sua área. Era um grupo fixo, de um ano pra outro não mudava. Mudava a distribuição de salas, e no ano passado eu peguei só primeiras e uma segunda série, a outra professora pegou uma segunda e as terceiras e quartas. Então teve um quebrada, assim, de mudanças... mas o grupo era homogêneo. Então a gente já estava muito ligada uma na outra, inclusive na parte afetiva, de confiança no colega, você já sabia o que o cara iria fazer, isso era muito importante pra escola de tempo integral. A escola está funcionando? Não mexe nela, né? Time que está ganhando, não se mexe! A escola estava dando muito certo, e este ano teve uma queda neste sentido, tem algumas disciplinas que estão trabalhando muito sozinhas, os projetos não são mais interligados, todos, tem colegas que tem uma linha de pensamento, que chegou agora, que também a gente não pode invadir o pensamento dele, a forma de trabalhar, né? O professor tem também a sua liberdade, só que ele não se engajou da forma que nós éramos engajados, e isso quebrou um pouquinho.

22.a. E no ano que vem vai ser outra turma de professores?

R: Então, no ano que vem, a diretora já vai voltar a escolher, entendeu? Eu, como tenho uma boa pontuação como OFA, sempre sou a primeira a escolher, porque também tenho muito tempo, né? Então eu sou a primeira da lista, inclusive, pelas propostas que a gente faz. Por ter sido pioneira, eu já faço uma proposta de acordo com o que ela quer, eu já sei o que a diretora quer da escola, o que é que ela quer da minha disciplina, então fica mais fácil, e... complica por este fator, né? Como ela vai escolher novamente, provavelmente, vão retornar os mesmos colegas, e aí nós voltamos a ter o nosso... esperamos que seja assim. Estamos bem ansiosos por isso!

23. Houve alguma modificação do espaço físico da escola depois que ela se tornou escola de tempo integral?

R: Houve uma reforma grande, nós fizemos uma reestruturação até na sala de informática, os parceiros que nós temos, nos ajudaram muito, no início teve um investimento muito grande no físico da escola, né? E foi investindo por partes, teve uma ajuda muito grande. Nós tínhamos mais dinheiro no começo, na implantação da escola de tempo integral, então o material era mais rico, hoje está sendo mais por conta da escola e por conta de verbas gerais, e não verbas específicas pras oficinas.

23.a. Estas verbas gerais seriam...

R: É aquela que a FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) manda, né? Aquelas verbas lá que têm que gastar. Mas, mesmo assim, nós temos um respaldo muito grande da diretora, ela apóia muito, e pergunta do que é que a gente está precisando... quando vem dinheiro ela fala: “eu tenho tantos mil reais pra gastar. Eu quero saber o que cada oficina está precisando neste momento”. Então, isso é muito bom pra gente, né? Então, assim, não trabalha quem não quer!

24. Qual é a proposta das Oficinas Curriculares? Elas são uma extensão do período da manhã ou têm uma proposta diferente?

R: Nós apoiamos muito o período da manhã, inclusive na parte de recuperação, na parte de continuidade, reforço, na parte de matemática, as oficinas de matemática, orientações e estudos de pesquisa, trabalha muito a língua portuguesa, e eu também me apóio junto com elas... eu fiz uma oficina ontem sobre a entrada da primavera, aonde eu peguei um pequeno poema de Cecília Meireles, sobre a borboleta, e eu trabalhei a leitura, a declamação por imitação de voz, a expressão física na hora de declamar um poeminha, e depois nós montamos uma borboleta por partes, eu dei duas asas e um corpinho, e cada criança montou a sua borboleta, então eles trabalharam a estrutura da borboletinha, e hoje de manhã eles declamaram a poesia pra professora, com aquela entonação, com a pontuação que a gente trabalhou. Então foi eu e a professora Conceição, que é de Orientação e Estudos de Pesquisa, que trabalhamos juntas ontem. Foi uma oficina muito rica. Então, trabalhamos a parte física, de postura, trabalhamos a pontuação, a entonação, a imitação de voz, tudo isso tem a ver com o físico da criança e a motora fina que foi pra fazer a estruturação da borboleta. Foi muito legal! Gostei muito! Mesmo eu trabalhando com o primeiro, que elas são novas na escola, então tudo que eu trabalhei ano passado, eu poderia repetir, mas nunca acontece igual. Nunca! No ao passado eu trabalhei a árvore no início da primavera, montagem da árvore com uma música e uma coreografia, também desta forma, eu dei as partes da árvore e eles

montaram, cada um, uma arvorezinha. Então cada ano vem uma idéia nova, não dá pra ser a mesma coisa.

24. a. Você dá aula pra todas as séries, né?

R: É.

24.b. Todas as séries entram num mesmo projeto?

R: Não, esta eu fiz só com as primeiras e a minha segunda, da tarde. Esta parte “oficineira” a gente faz mais com as salas que eu dou aula à tarde, né? Aí eu pego as quatro salas que eu tenho à tarde e faço a mesma proposta. E aí você percebe: o primeiro ano respondeu de uma forma, num ritmo, o segundo ano, que é o da professora, respondeu de forma, já, melhor, e a segunda série A, então, foi um estouro, né? Você percebe a dificuldade de cada uma, porque eles ainda não estão no seu tempo, e este resultado que é o legal. Acho que o que eu mais gostei foi que todo mundo montou a borboleta certinho, ninguém colocou a cabeça pra baixo, a asa virada, sabe, assim? O resultado foi perfeito, muito bom!

25. Na sua opinião, qual é a importância da escola de tempo integral para o desenvolvimento da criança?

R: Ela sai mais rica, de dentro da escola, pra uma quinta série, porque ela teve uma carga muito grande de conhecimento, que aquilo ninguém mais vai tirar, né? E ela vai ter em cima de todo esse conhecimento que ela trabalhou, vai ser uma carga pro futuro, de profissão, né? E está tendo oportunidade de ter contato com tudo, com língua estrangeira, com informática, com esporte, com a arte, com a música, com os instrumentos, que nós temos tudo aqui, a expressão corporal, a dança, até a música, o cantar, a gente canta bastante com eles. Então, ele está tendo uma riqueza de experiências que isso pode até não refletir no quinto, no sexto, no sétimo ano, mas lá na frente, numa entrevista de profissão... isso tudo vai ficar e não tem, né? Isso é muito importante pra criança.

26. Você sente alguma dificuldade neste trabalho na escola de tempo integral?

R: Nenhuma, porque eu amo! Quando a gente gosta, não tem dificuldade.

26.a Nem com as crianças? Elas se acostumam fácil coma escola?

R: Acostumam... Talvez pela riqueza de oportunidades que nós oferecemos a eles. Eles gostam muito! Inclusive o horário de almoço, que você já presenciou, né? Recreando, né? Então, não tem dificuldade nenhuma, e eles gostam demais! Não é uma escola na qual as crianças faltam muito, a evasão, praticamente, é zero, existem as transferências por conta de vida particular... tanto que, todo dia tem gente pedindo vaga na escola. Se a procura é grande, é porque o resultado também é bom!

ANEXO D - Entrevistas com os membros do Conselho de Escola
Representante dos professores

São Paulo, 30 de novembro de 2010.

1. Você representa os professores no Conselho de Escola. Há quanto tempo você é representante?

R: Só este ano, né? Porque eu sou OFA, então eu vim pra cá este ano... Eu já trabalhei aqui outras vezes, né? Mas este ano eu voltei.

2. No Conselho de Escola você começou a participar este ano?

R: Aqui nesta escola, sim, mas nas outras escolas todo ano eu participo.

3. Com que frequência acontecem as reuniões do Conselho nesta escola?

R: Bimestrais.

4. Você sabe que o ensino fundamental foi ampliado pra nove anos e que as crianças estão entrando mais novas na escola? Isso foi debatido no Conselho de escola?

R: Sim, sei. Foi comentado, né? Houve um comentário, mas não uma coisa, assim, mais profunda, mas houve um comentário de que vai pra nove anos o ensino fundamental, mas não algo, assim, que a gente conversou e que foi ma coisa muito profunda, não. Foi superficial.

4.a. E esta discussão foi realizada no começo do ano?

R: Isso... Prós e contras... O que um acha, o que o outro não acha... Qual a dificuldade do professor em relação à isso, uma criança muito imatura.

4.b. Tudo isso foi debatido no começo do ano? Situações decorrentes disso ao longo do ano foram debatidas também? Casos específicos...

R: Não, nada muito específico, não! Assim, é o que eu te falei, onde tem uma dificuldade, leva-se para o Conselho, e o Conselho discute.

5. Houve discussão sobre o ensino fundamental de nove anos com a comunidade escolar?

R: Sim, foram chamados. A diretora fez uma reunião, avisando pra eles... Tinham pais que não entendiam os motivos pelos quais o filho estava ali... Então ela levou ao conhecimento do que foi passado pra ela, então ela também passou para os pais dos alunos.

6. Qual a sua opinião sobre o ensino fundamental de nove anos e a entrada das crianças com seis anos de idade no primeiro ano?

R: Eu acho que até poderia ser de nove anos, mas não entrando com seis anos. Eu acho que aí fica pulando muita etapa, né? Acho que o aluno tem que ter ser espaço dele até os seis anos, né? Porque acho que maturidade mesmo pra criança estar na primeira série, é com

sete anos, como antigamente. Hoje, os problemas maiores são com crianças que vêm pra escola muito imaturas, entendeu? Então, elas esquecem que elas têm um compromisso, né? O fundamental tem um compromisso, não é como a fase de pré-escola, é diferente. Então, ela tem que ter um compromisso, e ela não sabe definir ainda isso, ela é muito imatura. Então, acho que fica assim: problemático pra criança, problemático para o professor também, né? A gente também fica com pena da criança, porque é muita responsabilidade, muita informação para aquele período dela... Ela está querendo, ainda, brincar...

7. E você conhece a opinião dos outros professores?

R: Também tem a mesma opinião. A gente sempre discute isso daí, ou em HTPC, ou na hora do lanche, ou em alguma coisa que aconteça durante a aula... Muitas vezes a gente vai pro lanche, lá na sala dos professores... Sempre tem um comentário, mas mais no HTPC.

8. Você sabe que providências foram planejadas e quais foram executadas para a recepção das crianças mais novas e para a organização da unidade escolar, no geral, com esse novo ano?

R: Ah... Nós tivemos cursos, né? Para as professoras de primeiro ano.

9. Existe algum tipo de acompanhamento, por parte do Conselho de Escola, sobre a adaptação das crianças, equipe pedagógica e comunidade ao ensino fundamental de nove anos?

R: Do Conselho propriamente dito, acho que não. Só quando há um problema e aí é levado para o Conselho. O Conselho é mais direcionado par resolver os problemas da escola de modo geral. Sim, no pedagógico também, mas é só se for algo muito específico. Mas eu acredito que não tenho tido nada de muito, assim, de tão importante que tivesse que ir para o Conselho de Escola.

Representantes dos pais (Laura e Mauro pais de um aluno da 3ª série)

São Paulo, 30 de novembro de 2010.

1. Vocês representam pais no Conselho de escola, né? Há quanto tempo vocês são representantes?

L: Nós sempre fomos, desde a EMEI S. P., que a gente que a gente acompanha a escola... Aqui um pouco menos, né? Por que a escola, por ser maior, eu acho que a escola funciona... Vamos dizer, assim, a gente dá menos palpites.

1.a Mas desde a entrada do filho de vocês aqui, vocês participam do Conselho?

L: Sim.

2. Como que frequência acontecem as reuniões do Conselho de Escola nesta escola?

M: Acho que uma ou duas por ano, né? Nós tivemos...

L: É... Quando tem assunto mais urgente, aí é convocada uma reunião extraordinária, né? Mas, normalmente, é bem tranqüilo, umas duas por ano... Uma coisa assim...

3. Vocês sabem que o ensino fundamental foi ampliado para nove anos e que agora as crianças entram com seis anos de idade na escola. Isso foi debatido no Conselho de escola?

M: Foi debatido.

3.a. O que foi debatido?

M: Sobre as crianças serem um pouco imaturas para seguir a didática da primeira série. As crianças são muito jovens, muito crianças, ainda... Deveria continuar mais um ano na EMEI pra amadurecer um pouco mais, pra seguir nessa rotina de primeiro ano...

3.b. E essa discussão aconteceu quando? No começo do ano?

L: Não foi no começo, foi depois... A gente levantou esta discussão, porque as crianças têm estado muito indisciplinadas. Então a gente, eu, pelo menos acho, que é por conta desta imaturidade, eu acho que elas estão numa fase que elas querem brincar e elas são obrigadas a ter outras responsabilidades que não são naturais da idade delas. Então, isso surgiu depois, né? As crianças falam muito, elas gostam muito de educação física... Coisas que elas possam interagir mais, sabe? Então, na sala de aula, não que elas não respeitem os professores, mas elas conversam muito, porque acho que elas não estão muito preparadas... Coisa também que a gente não teve... O governo falou que iria ser assim, e acabou, né? A gente não teve muito que fazer... E eu acho que com o tempo, também, que a gente vai ver os efeitos dessa atitude, né?

4. Vocês discutiram, chegaram a tomar alguma decisão sobre o assunto, sobre a organização da escola com a entrada das crianças mais novas?

L: Olha, a gente sempre procura vê o que a gente pode fazer com isso, né? Então, a gente tem as atividades pra desenvolver com as crianças, por exemplo, o parque, não tinha este parque antes. Então, a partir do ano retrasado, que fizeram o parque, para atender estas crianças na hora do intervalo, para elas não se sentirem tão deslocadas, né? Numa escola que não tem nenhuma atividade, assim, mais infantil...

5. Houve discussão sobre o ensino fundamental de nove anos com a comunidade escolar?

L: Olha, sobre o que eu tivesse conhecimento, não! Mas eu também não sei, né?

M: Uma que a própria reunião do Conselho o número de pais que participa é baixo, né? Por vários motivos, né? Inclusive, no último Conselho só tinha nós dois, nenhum outro pai compareceu aqui... Então, que a gente saiba, não!

L: Como eu acho que é uma situação que a gente não tem como mudar, então, acho que isso dificulta... A gente pode até falar, a gente sempre fala, né? Que não concorda, mas a gente não tem o poder de decisão, de chegar pra Secretaria e pedir pra que mude, né? Mesmo porque isso é uma coisa nova. Então, a gente acha que eles estão imaturos e tal, mas isso não quer dizer que a gente consiga adequar esse primeiro ano, de repente, pra um meio do ano mais flexível, eu não sei... Isso é com o tempo que a gente vai... Tem que fazer estas pesquisas, tem que saber com as crianças como elas estão, né? E a disponibilidade dos pais, também, de acompanhar, de apoiar esta criança que está entrando mais cedo pra escola, né? E a escola também, como aqui teve esta atitude de colocar o parquinho lá... Então, eu acho que a gente vai ter que se adequar, né? Porque tem crianças também que os pais dependem que os filhos fiquem na escola, então, é melhor que fiquem na escola do que na rua, né? Ou em casa assistindo tevê... sei lá... Eu acho que, por este lado, é uma iniciativa legal do governo.

6. Essas medidas do governo “encurtam” a educação infantil. Ao invés de ficar até os seis anos, as crianças ficam até cinco anos na EMEI, e depois vão pra escola de ensino fundamental.

L: E, também, elas convivem com as crianças já de quarta série, né? Isso também que... Eu acho que é uma mudança radical, né? Porque enquanto elas estão na EMEI, a diferença é pequena de idade, eles são pequenos, mas quando vai pra uma primeira série, aqui, por exemplo, tem até a quarta, né? Então, ela ainda tem que conviver com as crianças maiores... Você sabe como é, né? Que a criança maior acha que é o mais velho. Então, ainda tem que aprender a lidar com isso, né?

M: Então, porque a gente sabe que... O que a gente se conversa é que essa iniciativa foi pra dar mais vagas nas EMEIs, né? E por isso que, eu acho, que encurtaram esta idade. Então, como é uma coisa nova, a gente não tem uma noção se realmente é prejudicial, ou não. Como a gente falou, o que a gente tenta é dar um apoio, é tentar fazer com que a criança se sinta mais confortável, menos ameaçadas, porque acontece por estarem com as crianças maiores. Então, o que a gente está tentando fazer é isso. Eu não posso dizer se é bom ou ruim, porque é muito novo, mas eu espero que seja bom, porque é uma iniciativa que já foi feita, já está implementada. Então, temos que esperar que seja uma boa!

L: Se fosse opcional, como era antigamente, eu acho, criança que fazia sete até meio do ano podia, ou não, entrar. Se tivesse essa opção, eu não teria colocado meu filho com seis anos, mas é uma coisa que você não tem muito que fazer, né?

M: Porque ele já tinha completado o estágio na EMEI... Então, a gente não teve esta opção de deixá-lo, até poderia, não sei, mas...

L: Não sei legalmente como seria... Porque é uma coisa automática... Mas é aquilo, de repente pinta uma coisa, acha que é ruim e não é, né? Vamos ver no que vai dar!

M: Muitos coleguinhas da EMEI dele vieram pra cá, então, a gente achou que talvez ele conseguisse se adaptar melhor assim, né? Tanto que a gente refez a matrícula dele aqui e tudo...

6.a. Ele conseguiu acompanhar?

L: Sim, ele vai muito bem... Nessa parte didática eu não tenho problemas com ele, é mais na o comportamento, porque é um bebê.

M: Ele era muito tímido há um tempo... Agora já está se soltando... Jogando mais bola... Então, isso vai deixando a criança mais solta, aí perde um pouco do limite. As professoras, os educadores, têm que segurar um pouco, né? Então, a gente teve um pouquinho de reclamação, bem pouca, assim... que é natural. O aprendizado dele é maravilhoso, nós não temos o que queixar dele! Temos até orgulho, né?

7. Vocês sabem qual é a opinião do seguimento que você representa no Conselho?

M: Não, a gente não conversa muito sobre isso com os outros pais, né? Por conta desta falta de encontrar com estas outras pessoas, né? Nas poucas vezes que a gente tem, nas reuniões ou na porta da escola, porque a gente também sempre para, deixa a criança, precisa, muitas pessoas precisam ir embora, resolver as suas coisas. A gente não tem uma idéia...

7.a. A participação no Conselho é baixa, né?

M: Bem baixa...

L: E também estas questões, assim... Como eu disse, como a gente não tem muito que fazer, é uma lei, agora, a gente não vê muitos pais reclamando disso, você vê mais reclamação de outras questões, até por consequência da criança entrar mais cedo, mas muitos não acham que tenha ligação, não falam nada disso.

M: E nas reuniões de pais, o que se aborda são assuntos individuais, né? Então, o que a gente fica sabendo são só estes assuntos... Como está o aprendizado, o comportamento de cada um, porque a gente acaba... Está todo mundo ali, a gente acaba ouvindo... Mas sobre esta iniciativa do governo, a gente não tem ouvido muito estas opiniões...

8. No que se refere às crianças do primeiro ano, vocês tem recebido reclamações no Conselho sobre quais assuntos?

M: Acho que no primeiro ano a questão do sono, né? Eles estão acostumados a sempre dar um dormidinha, brinquedos, fazer alguma coisa sozinha, almoçar... precisa estar insistindo, olhando, pra almoçar... E elas têm aquela coisa de não querer fazer as coisas muito sozinhas... Uma certa dependência ainda... Então, eles estão sentindo esta parte.

L: É que na EMEI são poucos alunos, comparado com uma escola como esta, eu acho que a metade. Então, eu acho que lá você tem como controlar mais aquilo que a criança está fazendo, estar mais presente, né? Aqui não... Não que as pessoas sejam displicentes, mas são muitas crianças, então, fica mais difícil este controle, né? por exemplo, a alimentação.

9. Vocês sabem que providências foram planejadas e quais foram executadas para a recepção das crianças mais novas e para a organização da unidade escolar, no geral, com esse novo ano? Por exemplo no horário, na rotina...

M: Não... Acho que no horário... por ser integral, né? Acho que tem que ter a parte da manhã, né? Didática, né? E as oficinas à tarde...

9. a. Mas nada em específico, né?

M: Que nós soubéssemos, não. Só foram feitos comentário sobre essa diminuição da idade, mas essa de nove anos, não estou lembrando de ter...

10. Existe algum tipo de acompanhamento, por parte do Conselho de Escola, sobre a adaptação das crianças, equipe pedagógica e comunidade ao ensino fundamental de nove anos?

L: Acho que é mais uma coisa interna, né? A escola, sim. Isso não vem ao nosso conhecimento, porque nestas reuniões do Conselho são questões mais abrangentes da escola toda. Eu acho que estas questões mais pontuais são resolvidas entre a direção e os professores de cada sala, para ver qual é a melhor atitude, né? Inclusive eu acho que, como a gente veio da EMEI, a gente participava do Conselho de lá, por ser uma escola menor, eu acho que as crianças serem menores também, lá, ainda, os pais... a gente tinha mais acesso à conversa com os pais, os pais eram mais abertos, né? Aqui, não sei... Eu sinto que as pessoas não tem tanto... não sei se é interesse, mas eu acho que não fazem muita questão, sabe? Até na reunião de pais, eles são muito ausentes... Então fica meio complicado da gente abordar alguns assuntos com os pais, né? Tinha que ser uma coisa, assim, mais rotineira, né? Uma coisa que a comunidade toda se juntasse... os nossos filhos estão aqui, né?

10.a. Você sente que na educação infantil a presença dos pais é muito maior...

L: Não é tão grande, não é tanto assim...

M: Os pais que estavam, participavam mais!

L: A gente freqüentava mais, a gente sabia mais um do outro, até trocava telefone...
Ações também na escola...

M: Organizava mais eventos, passeio, brincadeiras, festas. Inclusive, eu mesmo já fui Papai Noel, tudo... Então, eu gostava disso, e aqui não tem muito isso... Porque não é muito voltado para as crianças, né? Não existe essa... A gente até fala, um pouco mais de divertimento, né? Diversão para as crianças, né? A gente pensa um pouco no que está faltando...

L: Mas é o tamanho da escola também, né? Você organizar um passeio pra 150 crianças é melhor que pra 350 crianças, né? Então é mais tranquilo.

10.b. Mas vocês têm essa liberdade de chegar à escola e dar uma sugestão...

M: Sim...

10.c. Falar sobre alguma festa que vocês estão planejando...

L: Eu acho que a festa, em si, como é um evento grande, a gente não teve esta iniciativa, porque aqui a gente teve a festa Junina, a festa de Encerramento, né? Tem algumas coisa, mas eu digo, assim, de mais excursões, né? Tirar as crianças um pouco as crianças, né? Eu acho que esta rotina de nove horas diárias é muito puxada pra eles, né? E quando tem algum passeio, qualquer coisa que seja fora da escola, eles gostam, né? Mas aí a gente sabe que envolvem um monte de coisas, né? Ônibus, você precisa reservar, e são vários ônibus pra escola toda, né? A gente sabe da dificuldade, né?

M: Os professores têm que ter a disposição, tem que estar à disposição pra acompanhar...

L: Muita responsabilidade também, né? Eles são maiores, né? Os menores se você fala “Fica quieto”, “Fica em fila”... Aqui se você fala pra ficar em fila, eles vão andar por aí... Eles dispersam muito...

ANEXO E - Entrevistas com as mães

Entrevista com a mãe de uma aluna do 1º ano A – Mãe A

São Paulo, 29 de outubro de 2010.

1. Você tem outros filhos matriculados nesta escola?

R: Não, só tenho ela.

2. Você mora aqui por perto da escola?

R: Eu moro no Jabaquara.

3. Por que você escolheu esta escola?

R: Porque é período integral e pelo fato do ensino, que lá na minha região ela iria estudar no meio da favela, com outras crianças, a escola que ela estudava no Jabaquara falou que não era pra colocar ela na região do Jabaquara, por causa do envolvimento dela com as outras crianças, da facilidade que ela tem de fazer amigos.

4. Ela estudava numa EMEI lá perto do Jabaquara?

R: Estudava...

4.a. Que EMEI ela estudava?

R: Casimiro de Abreu.

4.b. E foi a EMEI que orientou você...

R: Os professores eram do EMEI... O professor me chamou pra conversar e falou: “Mãe, não coloca sua filha nesta região, por causa das escolas, por causa dos envolvimento com os alunos da escola, porque são crianças, mas são crianças que já tem algum entendimento, porque já sabem o que é aviãozinho, usar droga, este tipo de coisa. Então, como ele tem uma facilidade enorme de fazer amigos, não só com crianças, mas com pessoas de várias idades”... Então, eles pediram pra não colocar minha filha lá, por causa do envolvimento, da facilidade que ela tem de fazer amigos.

4.c. E você teve alguma dificuldade pra conseguir a vaga nesta escola?

R: Não, a dificuldade que eu tive foi só assim, não tinha vaga, aí abriu e colocou ela na lista de chamada, aí ela foi chamada em dois ou três dias... Uma semana, eu acho, ela foi chamada pra vir pra cá...

5. E você acha que a escola de tempo integral é uma coisa boa pra você e pra sua filha?

R: Sim, porque ano passado, como ela ficava só das 07h00 às 11h00 na EMEI, ela não fazia as atividades... Por exemplo, não aprendeu ler! Então, no tempo integral, o que acontece, ela vai ficar aqui na escola, ela vai estudar, depois ela vai... Chegando em casa, mesmo ela chegando cansada, 17h00, 18h00, ela tem vontade de fazer alguma coisa ainda. Então, assim,

lição, desenho, tudo isso ela aprendeu, e em casa eu não vou poder ficar em casa, porque eu trabalho, vou ter que pagar alguém pra ficar com ela, e ela ficava com a minha cunhada, na qual não fazia lição! Ela não fazia as atividades, ela não aprendeu nada... Então, ele ficava brincando, brigando... Então, isso não é bom pra ela.

6. Como você ficou sabendo que as crianças de seis anos não deveriam ser mais matriculadas na EMEI e, sim, na, escola de ensino fundamental? Como e quando você ficou sabendo disso? Quem lhe informou sobre isso?

R: Eu fiquei sabendo pela televisão e pela escola dela no ano passado, falou que ela deveria ir direto para a primeira série. Que ela não iria mais estudar lá.

7. Ela tem quantos anos hoje?

R: Ela tem, exatamente, seis anos, onze meses e vinte e alguns dias. Dia seis agora ela faz sete anos.

8. Você está gostando da escola? O que você está achando desta escola?

R: Sim, eu gosto muito da escola. Eu sobrinho estudou aqui dois anos, não gostei quando a mãe dele tirou ele daqui.. E foi uma opção da minha filha vir pra cá! Foi escolha dela!

9. Ela já está alfabetizada? Já sabe ler e escrever?

R: Ela está silábica-alfabética, não sei muito bem qual o significado que é... As crianças que começam a formar as palavrinhas e que já entende alguma coisa... Já começa a ler alguma coisa.

10. Sua filha gosta da escola?

R: Gosta, e foi opção dela, porque no dia de fazer a matrícula aqui eu estava viajando, eu estava no Tietê e ia pra Vitória da Conquista com ela, tinha comprado até o ônibus... E aí, a escola ligou e falou assim: “Olha mãe, precisa fazer a matrícula e tal...”, aí liguei pro pai dela pra ele fazer a matrícula, e ele mora em Embu Guaçu, ele falou “Não posso!”, eu falei: “Filha, fala com seu pai!”, ela ligou pro pai dela chorando que era pra ele fazer a matrícula aqui, que ela queria estudar aqui... E ela gosta desta escola, por exemplo, assim, ela falta quando está doente ou quando não tem como eu trazer, do contrário não. Ela gosta, se alimenta bem na escola, ela se adaptou muito bem à escola.

11. Se você pudesse escolher entre matricular sua filha na pré-escola, na educação infantil, deixar ela na educação infantil mas um ano, até ela completar os sete anos mesmo e colocar ela numa escola de ensino fundamental, como esta, se você pudesse fazer esse tipo de escolha, se não fosse obrigatório matricular ela aqui, o que é que você escolheria?

R: Eu escolheria aqui, como eu escolhi aqui... Eu cheguei a começar a fazer a matrícula na escola que ela foi enviada, só que eu não finalizei, porque eu estava procurando vaga aqui.

12. Então, você acha que para as crianças de seis anos, é melhor que elas na escola de educação infantil ou na escola de ensino fundamental?

R: É que esta linguagem “ensino fundamental”...

12.a. A escola de ensino fundamental é esta, onde as crianças vão fazer, primeiro, segundo, terceiro, quarto ano... A educação infantil é prezinho, né?

R: Não, aqui!

12.b. Você acha que é melhor aqui?

R: Acho que é melhor aqui, porque a criança já se adapta, começa a se adaptar... Tudo bem que ela tem seis anos, mas ela já entra em outro mundo, ela já sabe que ela tem que ter uma responsabilidade, por exemplo, ela está fazendo lição de matemática do segundo, entendeu? Então, assim, ela já está aprendendo, já a comportar... Ela não está mais que nem criancinha, que tudo depende do pai, tudo dependa da mãe, pra lavar a mão, pra ir no banheiro... Aqui não, como ela está com seis anos ela já está... Entendeu? Está até aprendendo a lida com os amiguinhos dela que está na segunda, na terceira e na quarta série.

12.c. Você não acha que é muito cedo para as crianças terem toda esta responsabilidade?

R: Não, não acho.

12.d. Você acha que isso é bom?

R: É bom pra elas, porque elas aprendem a se viram sozinhas... Por exemplo, ela acorda 05h40, tem dia que eu não preciso acordar ela, ela acorda sozinha... E se eu deixar minha filha acordar sete horas da manhã, dez horas da manhã, ela vai ficar igual ao que tem aí... Tem um cliente meu que tem um filho que acorda três horas da tarde, porque os pais optaram por isso. Pra mim não, pra mim está certo, as crianças tem que estudar com seis anos.

13. Aqui na escola você recebeu alguma orientação, alguma explicação, alguma informação ou teve oportunidade de discutir a questão do ensino fundamental de nove anos, ou seja, desta nova situação da criança de seis anos estar no primeiro ano? Teve alguma reunião que vocês discutiram isso?

R: Eu não vi nenhuma reunião.

13.a. Nas reuniões de pais as professoras, normalmente, explicam esta nova organização da educação?

R: A professora fala, mas como você vem com a cabeça muito cheia, você nem... Eu venho pra cá correndo, a professora dela sempre fala das crianças... Explica que agora tem mais um ano, que as crianças anos que vem... Elas explicam, só que eu não sei explicar como ela explica.

14. Você participa das reuniões de pais?

R: Todas.

15. Você participa do Conselho de escola?

R: Não.

[...]

R: Deixar a criança no prezinho... Na EMEI até seis anos deixa a criança muito preguiçosa para fazer lição com sete anos... Eu digo isso pelos meus sobrinhos e por mim mesmo que estudei, minhas irmãs... Que somos em quatro, e eu sou a mais velha de todas... Então, as crianças se tornam muito preguiçosas e acham que... Com sete anos é forçada a aprender na marra, com seis não! Ela já começa a entender o que é uma primeira série, o que é uma segunda série...

16. Você fez pré-escola quando estudou?

R: Fiz.

17. E aos seis anos você estudou na pré-escola? Aos sete que foi pra primeira série?

R: Exatamente, mas só que você fica com preguiça, porque acha que você tem que fazer brincadeiras, desenho, e não é a mesma coisa... Hoje não... Eu tiro pelo ensinamento da minha filha, que hoje ela chega em casa e tem vontade... Ela tem lousa, então ela quer fazer, ela quer desenhar, ela quer escrever... Ela quer escrever o meu nome, o nome do pai dela... Ela olha, vai andando na rua lendo as coisas que ela consegue lê, vai perguntando, então isso é bom pra ela! Pra uma criança de seis anos já aprender que ela tem que ter uma responsabilidade. A criança tem uma responsabilidade na vida: estudar! Então ela tem que aprender isso desde pequena, desde pequeno que se aprende.

18. E a questão do brincar, como fica pras crianças?

R: Aqui ela já tem isso. Ela já tem horário dela estudar, no horário do intervalo tem horário pra elas brincar... Eu vim na hora do intervalo, aqui tem brinquedo, tem desenho, elas fazem tudo aqui... Além da escola ter, eles também tem em casa o horário, entendeu? À noite, quando eles chegam, das 17h00 até as 19h00 eles podem brincar se não tiver nenhuma atividade pra fazer, eles vão brincar, senão eles vão brincar... Sábado e domingo eles tem pra brincar, pra ir no parquinho, pra ir no cinema, pra ir no teatro, pra ir no zoológico... Tem tudo

isso! Não é obrigado a criança ficar só das 07h00 às 11h00... O que esta criança vai aprender em quatro horas, cinco horas na escola? Não aprende nada!

19. Então você acha que o fato de cobrar da criança aos seis anos é uma atitude de mais dedicação aos estudos e não atrapalha a necessidade que a criança tem, nesta faixa etária, com esta idade, de brincar?

R: Não, porque, assim... Pelo menos aqui eles ensinam que todo mundo tem um horário, entendeu? E aqui tem um horário, tem horário de você brincar, tem horário de tomar o seu café, de tomar seu lanche... Então, não é uma cobrança, é um ensinamento. Então, a criança vai aprender ali... “Eu tenho hora pra isso, eu tenho hora daquilo...”. Então, ela vai aprender que a vida inteira dela vai ser desta forma, e é assim! Fora, o mundo é assim com a gente, adulto. Então, as crianças já vão aprendendo desde pequeno, “de manhã eu vou acordar, tomar café, fazer isso, isso e isso”, “tenho lição? Vou fazer minha lição! Depois eu vou brincar!”. E aqui tem um horário pra brincar, tem horário pra tudo! As crianças não são forçadas a fazer... Elas têm uma responsabilidade, mas na qual ela... Até no prezinho ela iria ter, porque ela vai chegar lá, vai sentar, vai desenhar, vai pintar... Ela só fazia isso, só sentava, desenhava, pintava, aprendia do ABC, era só aprender sei lá o que... Cadê a hora e brincar? Não tinha! Na outra escola aqui fora não tem! Quem vai fazer Lasar Segall, no Rui Bloem, que eu estudei lá, no Brasília Machado, no Tarsila, Armando Arruda Pereira, não tem estes horários, a criança vai chegar lá o que? “Eu vou chegar lá, sentar, vou escrever, escrever, escrever e ir pra minha casa!” Aqui não! Aqui a criança brinca, a criança estuda, a criança aprende as duas coisas, ainda aprende a brincar em grupo e a lição também, aprende a da valor. Que ela fala: “nesta escola eu tenho horário pra brincar e tenho horário pra comer e tenho horário pra dormir”, porque ela tem o horário da soneca... Eles dão uns minutinhos para eles tirarem uma soneca... Tem horário! A criança aprende a ter regras!

19.a. Ela tem horário pra dormir um pouquinho?

R: Tem professores que, quando eles estão muito avançados na lição, eles dão uma sonequinha pra elas, “dez minutos, vinte minutos pra vocês tirarem uma soneca. Abaixa a cabecinha aí... Vão pensar!” Uns quer dormir, outros não querem... Muitas vezes, eles acordam muito cedo. Então, tem professor que dá um horário da soneca, entendeu? E se tiver muito... “Hoje nós fizemos tudo, então, se tiver duas horas seguidas, eles dão, tipo, vinte minutinhos pra tirar uma soneca. Então, quer dizer, assim, você não está cobrando de uma criança, você está ensinando ela... É um ensinamento! O que o pai e a mãe não ensina não tem que ensinar em casa, aqui está ensinando. Pra mim, isso é muito importante!

20. Então, você está satisfeita com a escola?

R: Muito, 100%!

Entrevista com a mãe de um aluno do 1º ano A – Mãe B

São Paulo, 09 de novembro de 2010.

1. Vamos começar falando um pouquinho sobre seus filhos, quem estuda aqui... É só ele que estuda nesta escola ou você tem mais um filho estudando nesta escola?

R: Não, é só ele.

2. Você só tem ele?

R: Não tenho mais dois.

2.a. Maiores ou menores?

R: Uma maior que tem treze anos e um menor que tem dois.

2.b. No caso da sua filha, ela fez aos seis anos a pré-escola ou já estava no ensino fundamental?

R: Pré-escola.

3. Por que você escolheu esta escola para seu filho estudar?

R: Por que eu ouvi falar que a escola era muito boa, que era uma escola que... Como ele já iria começar cedo, no início eu era contra esse negócio de começar muito cedo na escola, né? Porque são muito crianças, muito pequeninhos, só querem brincar, né? E aí, como eu vi que a escola era pequena, e já tinham me falado que ele era muito boa, enfim, aí eu quis pôr aqui... Até porque aqui era integral, e, pra mim, era importante ele ficar o dia inteiro na escola, porque não tem quem fique... Então, pra pagar uma pessoa pra ficar no período, eu preferi que ele ficasse o dia inteiro aqui.

4. Então, na verdade, o fato da escola ser integral foi uma das coisas que te fez você escolher a escola.

R: É... Umas das coisas mais importantes.

5. Você mora perto da escola?

R: Não, eu moro num outro bairro, Americanópolis.

6. Trabalha aqui perto?

R: Trabalho na Aclimação, um bairro aqui perto.

7. Você falou que inicialmente você não achou muito bom, não gostou muito do fato dele entrar tão cedo na escola, de entrar na escola de ensino fundamental com seis anos. Fala um pouquinho sobre isso. Por que você achou que isso não seria bom? O que você está achando agora? Você mudou de opinião?

R: Eu mudei de opinião, assim, eu não sei se são todas as escolas, mas eu achei que fosse ser aquela cobrança, muita cobrança de lição, deles fazerem, e... Porque nesta idade as

crianças querem brincar! Meu filho gosta de brinquedo. Ele é muito preguiçoso pra fazer lição, ele gosta de brincar! Então, eu pensei que eles fossem cobrar muito, como é na primeira série, né? E não é... Aqui é mais tranquilo, as crianças vão se adaptando para o ano que vem, que é quando, realmente, começa. Então, eu mudei de ideia por conta disso, que eu achei que iria ser muita cobrança, porque ele gosta de brincar, não tem muitas preocupações, muita noção de que ele tem que fazer as coisas.

8. Ele se adaptou bem à este primeiro ano?

R: Ele está bem. Assim, ele está muito lento, ainda, com relação ao aprendizado, porque ele é, realmente, muito lento, por exemplo, a professora pediu pra eu passar ele com um neurologista e com um psicólogo... Eu ainda vou marcar, porque com o SUS é tudo muito lento... Mas, assim, com relação à adaptação... Ele gosta da escola. Na quinta e na sexta-feira ele começa a reclamar de cansaço, porque a gente sai cedo, mas aqui mesmo, ele gosta... Gosta muito das professoras, gosta muito da professora, eu também gosto muito dela, acho ele muito bacana...

9. Ele já consegue ler e escrever um pouquinho? Como está esta aprendizagem?

R: Está bem lenta, inclusive ela falou que ele é um dos mais lentos da classe... Porque ele tem preguiça, realmente... E ele é lento! Ele sempre foi para tudo! Tudo que ele vai fazer é devagar! E aí, ele é muito lento... Ele não consegue ainda ler...

10. Como você ficou sabendo que o ensino fundamental tinha passado pra nove anos, que as crianças de seis anos deveriam ser matriculadas nas escolas de ensino fundamental e não mais na escola de educação infantil? Quando você soube disso e como você soube desta notícia?

R: Na escola, no pré onde ele estudava, na EMEI. A professora tinha falado que no ano seguinte ele já iria para o primeiro ano, que era o antigo pré.

11. Qual EMEI ele estudou?

R: Uma EMEI que eu não me lembro o nome, mas foi num outro bairro onde a gente morava, lá no Butantã.

11.a. E a EMEI já encaminhou para o primeiro ano?

R: Não, só avisou, porque a gente saiu de lá antes do final do ano, e aí a gente voltou pra cá, onde a gente já tinha morado. Então, elas já tinham avisado que no ano seguinte ele já iria para o primeiro ano e eu tinha falado que não deixaria, mas aí, conversando com outras pessoas, aí me falaram desta escola, aí eu resolvi pôr... Até porque...

11.b. Quem falou pra você sobre esta escola?

R: Foi uma amiga minha.

11.c. Que também tem o filho aqui?

R: Ela tentou pôr o filho dela aqui, mas ele já iria por segundo ano e não tinha vaga. A gente veio no dia quatro de janeiro, de madrugada, e ficamos aí, na fila.

12. Vocês tiveram que ficar na fila pra conseguir vaga?

R: Na fila... Eu já tinha até perdido as esperanças, porque eu tinha falado pra minha amiga: “Ah, não vai dar!”, porque eles falaram que a gente iria ficar na fila... Mas, aí, no meio de fevereiro ela me ligou, aí eu vim e fiz a matrícula.

13. Ele fez pré-escola. Quantos anos ele estudou na pré-escola?

R: Na pré-escola da Prefeitura foi um ano só. Ele ficou numa escolinha particular, mas mais pra ficar para eu poder ir trabalhar, né?

14. Qual a diferença que você percebe entre a escola da Prefeitura, que era pré-escola, e aqui, em termos do trabalho que é realizado e tal?

R: Olha... É bem parecido. A EMEI que ele estudou eu gostei bastante, a professora era muito... Eu percebi, assim, que, como a professora, ela entende de criança, gosta do que faz, então, eu gostava muito de lá também... Eu só tirei por conta de trabalho, enfim, porque não dava pra continuar morando lá, era muito longe, e eles ficavam muito sozinhos, não dava pra deixar, né?

15. Ele gostava da pré-escola?

R: Adorava a pré-escola! Adorava os amiguinhos... Adorava!

16. Quando ele veio pra cá, este ano, ele sentiu diferença entre as duas escolas, no cotidiano, na dinâmica, as atividades que ele faz em relação ao espaço, ele reclamou de alguma coisa?

R: Ele sentiu diferença no começo, mas depois, também, ele se adaptou, ele não reclamou muito. No começo ele reclamou porque lá ele só brincava, né? Eles rabiscavam e pintavam, aqui não! Aqui ele já... Não é tão puxado como eu imaginei que fosse, mas já tem que fazer as coisinhas, né? Fazer as lições que a professora pede... Inclusive, geralmente, ele não faz, não! Faz só metade, porque, como ele é muito devagar, as outras crianças terminam antes que ele, aí ele perde o interesse. Aí, em casa a gente tem que continuar fazendo toda aquelas coisas... Às vezes, eu não faço porque ele fica muito cansado, porque ele volta de perua, aí eu fico com dó às vezes, mas no final de semana, às vezes, a gente faz.

17. Com esta experiência que você teve, se você tivesse que optar por colocar seu filho ou por dizer para as pessoas em relação ao colocar o filho de seis anos, se fosse uma coisa que você pudesse escolher, você colocaria na escola de educação infantil ou na escola de ensino fundamental?

R: Se fosse uma escola como esta, eu indicaria, porque eu não sei se todas as escolas é o mesmo método, né? Eu colocaria... Como antes eu era contra, mas como eu conheci aqui, e eu gosto daqui, então eu indicaria.

18. Você conhece a proposta de trabalho da professora do seu filho, o que é trabalhado? Você tem conhecimento? Você participa das reuniões de pais?

R: Participo, sim!

19. Nesta escola as professoras no início do ano e depois no decorrer do ano elas informaram os pais sobre o que é o ensino fundamental de nove anos, explicaram que trabalho será feito com as crianças? Como foi isso?

R: Na primeira reunião eu vim, foi muito longa... Foi mais a apresentação dos professores... Como eu era nova aqui, como funcionava, mas explicar especificamente não!

19.a. Em nenhum momento você teve oportunidade de ouvir uma explicação de diretor, coordenador ou professor sobre o que é a escola fundamental de nove anos?

R: Não.

20. Você participa, além das reuniões de pais, de alguma outra atividade realizada pela escola?

R: Não, às vezes eu venho aqui no meio do dia, aleatoriamente, só pra dar uma olhadinha nele, porque ele é muito danado. Outro dia eu vim, fiquei escondida, e aí eu... Ele nem acreditou que eu estava, a professora falou: “Ah, é?” E quem é aquela moça ali?”, porque eu vim no meio do dia para conversar com a professora e fiquei na sala olhando ele, olhando a aula, né?

21. Do Conselho de escola, você participa, participou alguma vez?

R: Não, meu tempo é muito corrido, infelizmente, não dá tempo.

22. Você acha que é importante que as crianças nesta faixa etária, aos seis anos, já comecem a aprender a ler e escrever?

R: Eu acho.

22.a. E por que você acha?

R: Eu acho, porque a minha filha, por exemplo, ela começou com sete anos, com seis anos e meio, porque ela fez sete anos no meio do ano, e, assim, na idade dele, ela já lia super bem, porque na escolinha que ela ficou do pré eles estimulavam bastante, sabe?

22.b. Apesar de aos seis anos ter feito pré, ela já aprendeu a ler e a escrever no pré?

R: Isso. Quando ela foi pro primeiro ano, com seis anos e meio, na escola estadual, inclusive, ela já lia super bem, porque dentro dos três anos que eu coloquei numa escolinha,

eles estimulavam... Então, eu acho importante, sim! Ela sempre foi a mais evoluída da classe, por conta disso, ela acha que ela não precisa estudar hoje, né? “Ah, não, mas todo mundo fala que eu sou muito inteligente...”, mas isso eu não acho ruim, eu acho que é um problema dela, não pelo fato dela ter começado cedo... Eu acho importante começar cedo!

23. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre as crianças de seis anos no ensino fundamental?

R: Acho que só isso... Eu era contra, né? Como eu te falei, mas eu não sei se todas as escolas têm o mesmo método daqui, mas eu gosto bastante daqui... Dos professores... E o problema não é... Que o meu filho é muito lento, está mais lento que todos, mas o problema não é da escola, não é dos professores, o problema é dele mesmo, porque ele é, realmente, preguiçoso, ele só quer saber de brincar, e sempre foi, desde sempre, muito lento pra fazer as coisas... Então, quando ele vê que está todo mundo terminando, ele perde o interesse, mas isso é um problema que a gente vai resolver, ele, não da escola. Então, eu acho bacana o método daqui.

Entrevista com a mãe de uma aluna do 1º ano A – Mãe C

São Paulo, 09 de novembro de 2010.

1. Você tem mais algum filho que estuda nesta escola?

R: Não.

1.a. Ela é sua filha única?

R: Não, tenho mais uma de quinze anos que está no Brasília Machado, está fazendo o primeiro ano do ensino médio.

2. Esta sua filha de quinze anos, ela fez pré-escola na época que era pequena?

R: Fez.

3. Com seis anos ela estudou na pré-escola ou ela estudou no ensino fundamental?

R: Na pré-escola.

4. Você mora aqui perto?

R: Moro.

5. Você escolheu esta escola pra colocar sua filha por quê?

R: Porque é próximo da minha casa.

6. Foi fácil conseguir vaga?

R: Foi, porque ela já veio direto da EMEI.

7.a. Ela estudou na EMEI aqui perto?

R: Foi na EMEI S. M..

8. O que você acha da sua filha ter seis anos e já estar no ensino fundamental ao invés de estar na educação infantil?

R: Eu acho, assim, que é muito cedo pra ela. Eu estou tendo um pouquinho de problema com ela na primeira série, porque ela não está conseguindo acompanhar a sala. Então, assim, por ela ser uma criança... Ela é uma boa criança, ela é bem inteligente, só que pra ela estar acompanhando é muito cedo ainda, porque eles não têm ritmo de uma criança pra estar entrando no primeiro ano... Eles estão na fase de estar brincando, brincando com “brinquedos alfabéticos”, estas coisas assim, mas pra entrar na primeira série, eu acho que não é suficiente pra eles com seis anos.

9. Se você pudesse escolher, colocar sua filha na educação infantil ou no ensino fundamental, você colocaria em qual escola?

R: Na educação infantil.

9.a. Então, se você pudesse ter escolhido, você teria mantido ela na educação infantil.

R: Teria, porque minha filha mais velha, de quinze anos, eu tive esta opção, ou de colocar no primeiro ano ou de continuar na EMEI, eu deixei ela mais um ano lá, pra ela foi super bem. Ela está bem desenvolvida na escola. E já a minha filha, eu estou tendo um pouquinho de dificuldade com ela na primeira série.

10. Ela gosta desta escola ou ela prefere a EMEI?

R: Ela prefere a EMEI.

11. O que a professora tem trabalhado com as crianças do primeiro ano? Você sabe o que ela trabalha?

R: Ela está fazendo a alfabetização dela. Está tentando fazer a alfabetização dela no primeiro ano, e a professora dela tem trabalhado muito, porque está muito trabalhoso com ela.

12. Ela não está lendo, nem escrevendo ainda?

R: Não. Ainda não.

13. Ela reclama que na escola não tem parquinho, que ela não pode brincar, ela reclama de coisas assim?

R: Eu estou tendo um problema, porque, tipo assim, na EMEI ela não dormia, agora, aqui na escola ela está dormindo... Na EMEI ela passava o dia inteiro, na parte da manhã ela brincava... Só que aqui eu estou tendo um trabalho, porque ela está dormindo na parte da manhã.

14. Ela acorda muito cedo?

R: Acorda, acorda 06h00, eu preparo ela pra vir pra escola, ela vem de transporte escolar, mas a professora está reclamando muito, porque na hora da aula ela está dormindo, tanto que a professora pediu pra estar passando ela num pediatra, pra passar num psicólogo, para estar fazendo a avaliação dela, pra ver se troca o horário dela de escola, se pode colocar ela num colégio só de meio período. Ela não se adaptou à escola.

14.a. E à tarde, ela fica bem?

R: À tarde ela fica bem! Fica ótima à tarde!

15. Sobre esta mudança, como você ficou sabendo que, a partir deste ano, as crianças de seis anos deveriam ser matriculadas no ensino fundamental e não mais na educação infantil? Como você soube disso?

R: Através da EMEI, que a EMEI já indicou as escolas pras crianças. Porque, tipo assim, já tem... Não foi este ano, acho que foi de dois a três anos pra cá que eles resolveram colocar as crianças de seis anos no ensino fundamental, então, está sendo muito, assim, eu acho que está muito cedo ainda para colocar uma criança de seis anos na primeira série.

16. Na verdade, se você pudesse dar sua opinião, decidir sobre esta política, você diria: “Não, deixe as crianças de seis anos...”

R: É, porque, as EMEIs, assim, tem EMEI que tem preparação pras crianças e tem muitas EMEIs aqui da região que não tem a preparação certa par “botar” a criança para colocar a criança no primeiro ano. Por exemplo, a minha filha Suzane, a minha filha de quinze anos, ela estudou na EMEI S. P., ela saiu alfabetizada da EMEI S. P. para vir para cá, porque ela ficou até sete anos lá. Já a minha filha, ela ficou até cinco anos na EMEI S. M. e não saiu alfabetizada de lá. Então, ela não conhecia nada... Ela queria saber só de fazer desenho na folha e brincar. Então, tem EMEIs que realiza bem o ensino pras crianças e tem EMEIs que não realizam.

17. Você conhece bem a proposta de trabalho desta escola? Alguma vez os professores, coordenadores, conversaram com os pais ou informaram vocês sobre o ensino fundamental de nove anos?

R: Não, de nove anos não. Porque como eu estou começando agora, eu sei mais, assim, da parte da minha filha, porque eu estou tendo muito trabalho com ela... Não cheguei ainda neste ponto de nove anos...

17.a. Nove anos eu digo é que entraram com seis anos... A gente chama de ensino fundamental de nove anos porque, antigamente, eram oito anos, agora são nove. Então, na verdade a minha pergunta é sobre o fato das crianças entrarem mais cedo na escola.

Por exemplo, você teve oportunidade de participar de alguma reunião aqui, de alguma atividade, em que os professores ou a coordenação explicou para os pais essa nova...

R: Tive, tive sim! Como com a professora dela, que eu tive várias reuniões com a professora dela, sobre o acompanhamento dela, a professora pediu pra eu estar vindo acompanhando e, sempre que eu posso, eu estou tentando acompanhar. Então, e está sendo um pouco difícil pra ela, pra poder estar acompanhando isso.

18. Ela já falou pra você ou pediu pra voltar para a escola...

R: Ela pede pra mudar de escola sempre, sempre que ela, assim, ela tem oportunidade, ela diz: “Mãe, me tira daquela escola. Me muda de escola?”. Ela sempre me pede.

19. Você participa de outras atividades da escola além das reuniões de pais?

R: Às vezes das festas que tem na escola.

20. E do Conselho de Escola você participa?

R: Não!

21. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o fato da sua filha estar estudando no ensino fundamental de nove anos, ou seja, aos seis anos já estar na escola de ensino fundamental ao invés da educação infantil?

R: Não, não tenho nada... Só o que eu tinha pra falar mesmo é que eu acho muito cedo uma criança de seis anos estar na primeira série... Uma criança que não seja bem, que ela não esteja bem evoluída no ensino... Eu acho muito cedo! Não sei se é só com ela, ou se tem outras mães que tem o mesmo problema que eu... Porque eu acho que é muito cedo pra ela estar na primeira série! Porque, como eu falei da minha filha de quinze anos, eu tive a opção de colocar ela lá ou não na primeira série, e já da minha filha eu não tive opção, tive que colocar, ou eu colocaria, ou ela ficaria sem escola...

Entrevista com a mãe de um aluno do 1º ano B – Mãe D

São Paulo, 28 de outubro de 2010.

1. Você mora perto da escola?

R: Moro, moro próximo.

2. Você tem quantos filhos?

R: Dois, um de dezesseis e outro de sete, fez sete agora.

3. Você disse que estudou aqui antes, né?

R: Na minha época, quando eu estudei aqui, eu fiz até a oitava.

4. Conta um pouquinho a sua experiência com a escola.

R: Quando eu estudava aqui, quando eu era pequena, eu gostava. Era muito diferente... Assim, apesar de que tem duas pessoas aqui que é da minha época, que hoje

trabalha na secretaria, as outras entraram depois... Eu conheço por causa do meu filho, mas eu gostava muito de estudar aqui na época. Assim... Mudou muito agora, né? Existem algumas coisas que deixam você meio a desejar. Tem coisas assim, que eu não admito, que eu não gosto mesmo, e se eu não gostei eu vou falar, eu vou correr atrás... Porque eu não grito com meu filho, então, eu não quero que ninguém grite. Se eu, que sou mãe, não grito e não bato, não tem quem vai fazer isso sem ser mãe e pai... Eu não gosto dessas coisas, mas é difícil...

[neste momento da entrevista a inspetora de alunos estava gritando com um dos alunos da escola em frente à sala onde estava acontecendo a entrevista]

4.a. E você entrou na escola com quantos anos?

R: Com sete anos.

5. Eu já te expliquei um pouquinho sobre as duas leis federais que discorrem sobre a ampliação do ensino fundamental e a entrada das crianças com seis anos no 1º ano deste ensino. Agora, eu gostaria de saber um pouco sobre a sua opinião. Você concorda com a entrada do seu filho com seis anos de idade na escola de ensino fundamental?

R: Não, não concordei. Ele veio por causa da lei, porque se eu tivesse condições eu não deixaria ele vir, eu pagaria uma escola particular e não deixaria vir. Porque, assim, isso está provado, até em escola particular... As escolas não têm estrutura pra isso. Eles são crianças de seis anos, se não tiver uma professora boa de primeiro ano, que tenha paciência, porque eles são crianças, eles são “mini maternais” ainda, eles têm muito vício de dormir, eles têm muito vício de falar “tia, tia, tia”, e tem professor que não gosta de “tia”, tem professor que grita, que esperneia... Com meu filho aconteceu assim: ele já não queria vir, aí veio, ficou... A gente, assim, tenta não demonstrar que você está inseguro também, porque eu conheço a escola. Eu não tinha escolha... Quem faz a seleção da escola, é pelo bairro, eu coloquei opção de três escolas, caiu nesta escola. Uma porque eu precisaria por causa do horário, porque eu trabalho, o meu marido trabalha, é melhor ficar aqui que ficar em casa sozinho... Não falo que é um perigo meu filho ficar sozinho, porque ele é muito responsável, a gente ensina, o problema não é esse, o problema é vir um ladrão, acontecer alguma coisa, a situação é diferente... Então, o que acontece: o meu filho, quando veio pra cá... Uma coisa que, assim, ainda acontece, direto, não é só com meu filho, a escola não separa intervalo, então, você imagina, você com uma criança de seis anos no mesmo intervalo com uma criança de onze, doze anos, porque nesta escola tem repetentes, tem crianças até com problemas, são mais velhos de idade. Então, tipo assim, eles empurram, eles roubam o lanche dos pequenos. O meu filho não come a comida da escola, não tem Cristo que faça ele comer essa comida...

Pra ele é ruim... Já tentei vir aqui, já sentei com ele, mostrei pra ele que é gostoso, ele não come, e é o tempero! E não é só o eu filho, várias crianças não consegue comer a comida da escola. Então, o que acontece, você acaba mandando dois lanches, com o meu filho já aconteceu três vezes, roubam o lanche da mochila, é um pão simples com manteiga, requeijão, um salame, presunto, queijo, mas nem sempre você tem todo dia isso... Quer dizer, você faz dois pães, sabendo que seu filho vai comer os dois. O que é que ele faz? No primeiro intervalo ele come um lanche, no almoço eu falo com ele que ele tem que comer, pelo menos um pouquinho, eu sei que ele não come. Então ele fica uma hora no pátio sem comer. Aí, o que acontece, o segundo lanche que seria pra ele usar na última refeição dele, que seria o último intervalo, ele come na hora do almoço, porque ele não almoça, no último lanche dele, ele não tem nada pra comer. E aí o que acaba acontecendo é que eu mando três lanches, um para cada intervalo. O meu filho está abaixo do peso, o meu filho não engorda, a pediatra está até preocupada com ele, porque ele não come. Assim, não é que ele não come na escola e não come em casa, não! Eu tiro ele daqui às 16 horas, sem mentira nenhuma... Chega na minha casa o arroz, o feijão e a mistura já estão prontos, a primeira coisa que ele faz é comer um “pratão” de comida, porque ele chega com fome, ele não come por causa do tempero. E parece que tem o negócio de “tem que comer isso. Come o ovo. Come isso, porque é bom”... Assim, ele come o que ele gosta, você não come o que você gosta? Eu como o que eu gosto... Não tem como você obrigar uma criança a comer uma coisa que ela não gosta. Não é na escola que ele vai experimentar, se ele vai gostar daquilo o não, ele tem que experimentar verduras, as coisas, com pai e mãe dentro de casa. Pai e mãe não ensinaram a criança a comer, não vai ser a escola que vai ensinar a criança à comer! E criança tem muito disso, olhar e dizer que não gosta, e não experimenta. Para você ter uma ideia, eu tenho um filho de dezesseis anos e tem coisas que ele não comia antigamente, agora ele come, porque ele experimentou e viu que é gostoso. Então, o pequeno vai ter essa fase, são fases diferentes. O que aconteceu... O meu filho veio pra escola, começou a dar este problema do pátio, vim, reclamei, outra mãe veio e reclamou, a escola simplesmente respondeu que não poderia separar o intervalo porque não tinha funcionário pra ficar em dois intervalos, eles estavam sem funcionários de pátio... Até metade do ano, quem ficou na escola foram as professoras, o pessoal da secretaria, a escola não tem estrutura. Como que você faz uma escola para crianças de seis anos se não tem estrutura... Fora à tarde, à tarde, estou falando pra você, mas eu nunca vi, com meu filho não aconteceu, tem mães que eu conheço que no ano passado aqui era horrível, as crianças apanhavam, não tinha ninguém, as crianças ficavam largadas no pátio, fazendo o que querem. Agora, parece que mudou um pouco isso, mas mesmo assim, eles não

têm uma estrutura... As crianças praticamente... né? Vindo da sala de aula, quando está com a professora efetiva, que é aquela que dá matemática, português... ela controla mais, fica claro isso, aquela de artes, de educação artística, de educação física, vira uma bagunça a sala, eles não tem controle, por quê? Eu acho muito pesado este horário para estas crianças de seis anos, de repente, se fosse sete anos, já seriam mais maduras, saberiam se virar um pouco mais... seis anos eles não sabem isso. Então é muito pesado. O meu filho, praticamente, ele vem pra cá, ele sai daqui e ele só pensa em brincar, você entendeu? E brinca, ele tem um relóginho... ele brinca até certo tempo, toma um banho, quinze pras oito, 8 horas, 8h30, no máximo, ele já está dormindo, não consegue ficar mais tempo acordado que isso. Achei, assim, que sobrecarregou muito ele, ele anda muito cansado. Você fala assim: “Vamos a tal lugar?” e ele diz: “Ah, não. Estou cansado!”, porque cansa ficar o dia inteiro aqui. Eu falo pra você, diversas vezes eu já levantei da minha casa para ir à porta da outra escola, pra fazer a ficha, pra tirar ele daqui, só que é aquele negócio, se eu colocar ele na outra escola que eu quero, que é o Paulo Rossi, lá é meio período, lá eles vão entrar às 13h e sair às 17h, 17h50, alguma coisa assim, e quem fica com ele de manhã? É difícil você deixar sozinho. Então, às vezes você acaba optando em deixar por causa disso. Não é o que eu queria, não é! Mas eu vou falar pra você, seriamente, a gente está acompanhando, se ele não engordar mesmo, continuar como está, seu vou ter que tirar, porque ele tem que entrar numa rotina, e ele não come, eu vou fazer o quê? Ah, é muito fácil, como falaram pra mim, “faz a marmitinha e manda”... Você vai tirar a criança de casa às 6 horas da manhã pra deixar aqui com uma marmita, da mesma maneira que roubam o lanche, vão roubar a comida, você entendeu? E quem vai esquentar a comida pra esta criança? Você entendeu? E se azedar essa comida? Então, sabe, tem umas coisas que eu não gosto... tem professores aqui que são muito antigos, não sabem lidar, eles esquecem que lidando com crianças de seis anos, eles não estão lidando com crianças de nove, onze, doze... gritam demais. Olha, eu moro do outro lado da rua, sem mentira nenhuma, da minha casa você escuta elas gritando... tem três professoras, eu não vou dizer nomes, são três professoras que são as que mais gritam. Você perguntou se eu gostei, eu não gostei. Meu filho vindo pra cá, não sabia nada. Uma criança que vem de uma EMEI.. EMEI você sabe como é, né? Praticamente brincar, quase não tem contato com papel, caneta... tem papel e caneta, mas é desenho, nada é obrigação. Aí, essa professora fez o que com meu filho, deu caderno de desenho pra eles, eles acharam o caderno de desenho, eles vão pintar a folha que eles quiserem... ela ensinou que não podia pular folha, meu filho pulou a folha. Aí, o que ela deveria ter feito? Chamado meu filho no canto e falado: “Olha, você pulou a folha, a professora viu... Lembra que eu falei que não era pra fazer isso? Depois você

vai voltar e vai fazer os desenhos netas folhas que você pulou, uma, duas, não interessa! Sabe o que ela fez com meu filho? Ela pegou ele, e expôs ele pra toda a sala, pra todo mundo e falou: “Gente, presta atenção!”, pegou o caderno do meu filho, balançou, e falou assim: “Eu acabei de falar que não é pra pular folha!. Ele virou e falou assim: “Mãe, a minha vontade era chorar. O meu coração veio na minha boca, meu olho encheu de lágrima, eu segurei pra não chorar! Ela não precisava ter gritado comigo daquele jeito! Todo mundo riu, todo mundo ficou falando que eu sou burro!”. Na hora que ele falou isso... eu não sou nada, a minha irmã é coordenadora de escola particular, é outro nível, na mesma hora a gente fez uma carta, a gente veio aqui, a gente reclamou. Pergunta: aconteceu alguma coisa com esta professora? A diretora da escola só soube me dizer assim: “vamos conversar com ela!”, aí a diretora falou assim: “não é a primeira reclamação de eu tenho desta professora!”, só que ela está aí, continua gritando, vira e mexe pega meu filho... ela não sabe chamar a atenção, ela pega pela roupa, puxa e senta. Então, assim, eu ainda vou bater de frente com ela de novo, porque ela não tem voz, ela não sabe lidar... ela é antiga, é aquele ditado “É funcionário público, não é? Está com um pé na cova para se aposentar!”. Não vai acontecer nada com ela! Até ela se aposentar, ela vai maltratar os nossos filhos. É aquele negócio, não gosto daquela criança, ela vai de marcação com aquela criança até o final, até quando ela puder. Mas eu vou falar pra você, meu filho ficou muito chateado, ele chorou dentro da minha casa. Uma experiência que uma criança tem de uma creche que é um “ovinho”, para uma escola deste tamanho, não tem pessoas pra olhar no pátio, não tem nada e uma professora ainda faz uma coisa dessa... Qual era a vontade dele? Nunca mais voltar! Você vai fazer o que? Você vai deixar seu filho no portão com o coração na mão, porque você não sabe se essa professora vai gritar com ele de novo, se ela vai pegar na blusa dele. Eu acho que assim, antes delas gritarem elas têm que prestar atenção, principalmente quando estão com sala de primeiro ano. Eles não têm noção, eles são muito pequenos, e às vezes eles fazem as coisas não é porque eles querem, eles não têm aquela rotina... É diferente daquelas crianças de sete anos... Já vem pra cá mais matura, já sabe as coisas. Pra você ver, eu acho que é um peso muito grande pra eles... até um tempo atrás meu filho ficava assim: “A professora fala que eu não sou alfabético”, “A professora fala que eu não sou nem um pouquinho alfabético”, “A professora fala que fulano já é alfabético”, gente, eles não têm noção do que é isso. Imagina aquela criança tentando ser alfabética, coisa que ela nem sabe o que é! Outro dia ele chegou pra mim e disse: “Agora eu sou alfabético!”, “Agora eu sei ler e escrever tudo direitinho!”. Então, assim, bota uma sobrecarga neles que não é necessário. Meu filho passou seis meses, o ano inteiro lutando pra ele ser alfabético. Então, assim, ele está ali não é porque ele quer aprender a ler e escrever, ele está ali porque a

escola, a professor, pôs na cabeça dele que eles têm que sair alfabético, e cobrando deles. Cadê a criança? Eu vou falar pra você, eu não gostei mesmo, eu falo por mim, tem muita mãe, que eu não sei se tem a oportunidade de conversar com você, como eu estou aqui conversando, que trabalham, muitas não vão nem poder falar com você... mas eu vou falar pra você, eu não gostei nenhum pouco, é a mesma coisa a creche, também mudou tudo, né? Agora a creche vai de 0 a 3 anos, completou 3 anos vai pra EMEI, as crianças de 3 anos na EMEI também não dá certo, muitas bebês não tirou nem fralda, e EMEI, você sabe, só pega sem fralda. Aí você fica três, quatro, cinco, quando, praticamente, fez seis anos, joga pra cá ou pra outra escola que tenha primeiro ano. Eles não estão preparados ainda. Esta escola principalmente, igual o governo fala na televisão... muito fácil falar... dois professores na sala, mentira! Você vê dois professores na sala? Você está aqui dentro. Você não vê, eu não vejo outro professor na sala... não vejo nem inspetor no pátio, o que mais tem é tia, da recepção, tem professor dentro do pátio, fica sem almoço para cuidar das crianças, principalmente os pequenos. No começo do ano, sabe o que fizeram? Pegaram os dois primeiros anos e jogaram tudo no meio da quadra, porque dava muita briga, os grandes começaram a roubar os lanches e a bater neles. Então, “choveu” pai e mãe aqui pra reclamar! Aí o que eles fizeram, pegaram eles que são pequenos, são pouquinhos, jogaram dentro da quadra e fecharam a quadra. Então, assim, os espaço deles brincarem era a quadra, os outros ficaram com a escola inteira... Eles viram que não deu certo, aí juntou tudo de novo, mas aí, o que acontece? Eles se matam lá! Será que não dá pra entender? Faz primeiro ano o intervalo, acabou o intervalo deles, terceira e quarta, você pode colocar junto, sabe? Terceira, quarta e quinto você coloca junto, não tem problema, o problema é o primeiro ano, eles vem pra cá com medo já. Eles são grandes... Você pega um menino de quarta série e pega o meu filho, ele é muito pequenininho... Fora que tem uns menores que o meu filho ainda... O que é que esta criança está fazendo aqui? Eles não tem estrutura, não é só está escola, várias escolas não tem... Eu andei pesquisando, olhei na internet para trocar meu filho de escola, porque eu não gostei da maneira dos professores tratar, os professores não sabem separar uma criança de seis anos, pro de sete, pro de nove, pro de dez, eles não sabem... ficam gritando com você, com seu pai, com a sua mãe. Um grito pra uma criança desse tamanho desestrutura toda a criança. É difícil, né? Mas você precisa, você vai fazer o que? Às vezes você se assujeita às coisas por causa do filho, né? Você vai fazer o que? Mas, eu vou falar pra você, eu estou a um ponto de tirar meu filho... em matéria de professor gritar, porque eu não gosto... É diferente, a sala inteira está bagunçando e ela gritar, é uma coisa... agora, ele pegar aquela criança, “senta”, “senta”, “senta”, falou duas ou três vezes e não sentou, põe de castigo! Ela não tem direito nenhum de pegar na blusa, puxar e

mandar sentar, muito menos expor uma criança quando ela era, na frente de todo mundo, entendeu? Porque os amiguinhos vão falar que ele é burro! É a mesma coisa, a criança fez xixi na calça, no primeiro ano acontece muito isso, ele não consegue segurar, muitos não sabem nem se limpar, porque mãe e pai não ensina também... Aí se suja todo, aí vira o que? Vira o que? Vira caçoado, você acha que isso é legal? O que vai ficar marcado nessa criança? Ele é o “mijão”, ele é o “cagão”, ele é “burro”, ele não sabe fazer... e isso pega! É o famoso bullying, né? Está aí na internet, na televisão, mostrando pra todo mundo, porque hoje em dia isso é feio, isso é grave se você for atrás, é grave. Acho que assim, vai deixar seis anos? Vai. Então melhore as escolas pra isso! Eu acho que as atividades deles tinham que ser separadas das outras, diferenciadas, um primeiro ano diferenciado. Não é, eles têm o mesmo peso dos outros se você for olhar, e eles não são isso... como ele fala: “Eu não agüento mais educação física, ela só quer que a gente faça isso, isso e isso. Ela não deixa a gente fazer nada do que a gente gosta!” Assim, ela tem uma meta: “Ah, hoje você vai jogar bola. Vai jogar bola. Hoje você vai correr pela quadra o tempo todo, então vai correr na quadra.” Eles são primeiro ano a maioria agora acabou de fazer sete anos, ou ainda vão fazer sete anos... do que vocês querem brincar? Cada um está numa fase... A menina quer brincar de alguma coisinha ali, sentada, o menino quer brincar de outra coisa... Deixa uma aula mais light para eles! É igual o desenho, “O que é que vocês querem desenhar?”, não é aquele negócio obrigatório, como é no segundo, terceiro e quarto ano. Mudar, mas não! Eu acho, assim, que é muito ruim. Eu vejo meu filho hoje como uma criança de quarta série, de quinto ano, de terceiro ano, ele já tem um peso enorme nas costas para uma criança de seis anos. Entende? É difícil, mas o governo não vê isso... mudou, ele acha que está certo, e está certo! E fora aqueles outros negócios, né? Quando começa à saber... Agora não porque está tudo pequenininho... Quando começa terceira e quarta série, já começa à saber essas coisas, “Ah, não faltou, tem presença”, não repete, vai passando, você sabe que vai assim até a oitava série... Aqui, se repetir, é se precisar muito, se a professora acha que repete, e olhe lá... Aqui passa tudo! Aí quem vai ter o peso depois, quem vai sofrer? É eles. Porque colegial é difícil. Da 1ª até a 7ª você vai sozinho, se você fizer tudo direitinho, tudo bonitinho, você não precisa ter nota, não tendo falta, você passa. Agora, chegando na 8ª série pro 1º colegial, aí o “bicho pega”. E isso é errado. Isso deveria ter em todas as matérias, não tem nota, não tem capacidade, ZERO! Não interessa se vai ficar três, quatro anos na primeira série! Não interessa se o governo vai gastar ou não! Tem que ver é onde está o nível. Depois é fácil falar: “Ah, não tem nível pra estudar, nível pra passar em concurso público”, não tem mesmo! Quando eu estudei aqui, o nível que era e como é agora. Bem diferente, né?

5.a. E sobre a ampliação do ensino fundamental para nove anos, qual a sua opinião?

R: Eu concordo se as crianças entrassem mais velhas no ensino fundamental. Entrando com seis anos não, porque não são capazes e muitas escolas não estão preparadas pra receber. Eu concordo, assim, eu acho interessante um ano a mais, eu acho bom, mas que tenha estrutura certa, que saibam separar as coisas, porque uma criança de seis anos não tem capacidade, são muito novos ainda pra isso.

6. Essa medida do governo diminuiu, como você disse, a educação infantil, o que você acha disso?

R: Por experiência própria, meu filho acabou de fazer sete, com seis anos não deu cerco, imagina entrando crianças de cinco. Está errado! Eu acho, assim, tinha que ser feito como antigamente. O que o governo quer fazer é tirar a responsabilidade de criar creches, EMEIs e escolas. Então, o que acontece? É muito fácil você “grupir” aqui e arrumar ali, não resolve! O que acontece? Você vai ter crianças mais novas dentro de escolas que não vai fluir... nem todos são CDFs, nem todos têm o mesmo raciocínio. Eu tenho experiência, eu tenho um filho de dezesseis anos, ele ficou numa creche... ele entrou com oito meses, nove meses, ficou até quatro anos, foi pra EMEI, ficou lá com quatro, cinco e seis e entrou aqui com sete anos. Eu acho que o básico, que a creche e a EMEI não teria que mudar. O que eles têm que fazer é fazer mais vagas, ampliar as creches que existem, faz mais três salas, quatro salas, você consegue colocar mais crianças. Não sei se você sabe disse, mas tem bairros ainda que creche e EMEI não é integral, é só quatro horas. Quatro horas pra um pai e uma mãe que trabalha não é nada! Então, assim, o que já tem construído, é tão simples gente, não precisa montar uma nova, olha em volta, “vamos bater uma laje aqui?”, “vamos levantar dois andares. Os mais velhos ficam em cima”, ampliar o que já tem. Você vai gastar menos, porque você não tem que construir de novo, você só está ampliando a creche e a EMEI, e colocar mais professores. Entende? Porque, assim, é complicado! Imagina, seis anos não está dando certo, imagina cinco? Tem crianças de cinco anos que nem fralda tiraram, nem mamadeira saiu... Não tem estrutura! Eu acho muito errado, eu não concordo com isso!

6.a. Em sua opinião, o governo tirou as crianças de seis anos das EMEIs para não ampliar este ensino?

R: Pra não criar creches e EMEIs, escolas, é a mesma coisa! Pra que é que eu vou fazer isso? Pra não gastar! Isso é maneira de ter verba! Assim, isso influencia, induz... Porque, assim, mostra a mentira, mídia mostra a mentira, e em época de eleição tem dois professores, tem isso e tem aquilo... mentira! Eu quero que você pegue uma escola de período integral que

tenha dois professores! Eu não conheço nenhuma! Eu já entrei na internet, já olhei várias, eu fui, e não achei nenhuma! Ah, você vai achar, lá nos “cafundó de Judas”... Uma coisa muito boa e que está dando muito certo é o tal do CEU, você pode ver que o CEU estão em bairros pobres, se você for ver, o CEU pega crianças de oito meses, quatro meses, seis meses e vai até... quem sabe até colegial faz! Aqui, se for um investimento daquele, aqui não dá certo! Porque, o que acontece? Eles têm toda a estrutura, vai andar do período da creche na idade certa, vai sair da creche vai pra EMEI, respeitando as idades, porque não adianta ele continuar com seis anos lá também. Eu acho, assim, pode aumentar um novo ano? Pode, mas que as crianças entrem ali com sete anos completos. Porque, o que acontece? Vai ter uma estrutura, mas CEU só tem em bairro de pobre, só tem lá nos “cafundó de Judas”, e vai conseguir uma vaga pra você ver... é terrível, é horrível.

6.b. Mas em todas as escolas, tanto as estaduais, quanto as municipais, as crianças estão entrando no primeiro ano com seis anos de idade.

R: É isso, pra mim, o governo está vedando de fazer a responsabilidade dele de criar mais, mas muitos brasileiros não prestam atenção nisso. Só que, assim, é errado! Imagina... quero ver se fosse filho dele entrar no primeiro ano com cinco anos numa escola como esta que eu estou falando, ou qualquer outra que você acha... Ele tira! Ele fala isso porque os filhos dele, os netos dele, os amiguinhos dele estão em escola particular, escola particular você está pagando, ou você faz ou você não faz, entendeu? É errado! Totalmente errado! Imagina, você vai ter filho, você vai entender o que eu estou falando! Eu tenho dois, quero ter o terceiro, sabe? E você vendo o jeito que está o estudo, não dá nem vontade de ter filho... Porque o meu filho de dezesseis anos passou por uma fase, o meu filho de seis passou por outra, e ele sofreu, você imagina se eu tiver um terceiro... Já pensou se essa criança entrar com cinco anos aqui? Agora eu vou falar pra você... aí a mãe pega e deixa dentro de casa e coloca na idade que ela acha que está certo, aí está errado! É a mãe que é negligente! Tem muita mãe que não trabalha, que para de trabalhar pra colocar a criança na escola com sete anos completos, como era antes ou então colocar na EMEI com quatro anos completos, como era antes, porque com quatro anos esta criança já está imune, não fica mais doente, não pega mais virose, ela já sabe falar, se você bate nela, ela vai chegar em casa e vai falar, ela já sabe se virar! Por isso que muita mãe faz isso! É a mesma coisa a licença maternidade, não vem ao caso, mas uma coisa puxa a outra, se tivesse uma licença maternidade com a criança até seis meses, seu bebê só viria para escola com seis meses, e o que acontece? Muita mãe tem filho, fica só quatro meses em casa, e em quatro meses e um dia, “taca” no hospital... Houve mesmo, recente, uma “bebezinha” de dez mês foi pra creche, a mãe já tinha voltado a trabalhar, estava com uma

pessoa dentro de casa para cuidar, a pessoa não podia ficar mais, arrumou a creche, a criança em dez dias na creche, morreu, foi dar mamadeira, morreu. Que estrutura tem a creche? Não importa se foi aqui, se foi em santos, se foi na Bahia... Que estrutura tem? Nós estamos falando de escolas. Então, você imagina, se morre um bebê de dez meses, em qualquer lugar do mundo, é uma fatalidade? É. Pode ter acontecido? Pode. Mas se eles estão ali, não era pra acontecer isso. Você imagina uma criança de seis anos no primeiro ano, uma de cinco no primeiro ano, você tira a responsabilidade dele [governo] de criar escolas, creches, entendeu? É a mesma coisa dos hospitais, não tem o AMA? Para que ele fez? Para tirar a responsabilidade de criar, então, faz um negocinho ali, você aluga uma casa, “enfia” um AMA ali, vai lá ser atendido pra ver se você consegue, vai fazer exame ali pra você ver quanto tempo demora um exame, é muito fácil chegar na mídia e falar “eu fiz”, mas os negócios não anda... é difícil, né?

7. Seu filho cursou a educação infantil, né? Se você pudesse escolher, você matricularia seu filho de seis numa escola de educação infantil ou numa escola de ensino fundamental?

R: Eu colocaria na EMEI, porque ele não está preparado pra isso. É diferente... o governo faz este cálculo, se você pegar as crianças que já vem de escola particular... a maioria das crianças da pré-escola, da escola particular, quando vai para a primeira série já sabe ler e escrever... Por quê? O estudo já é uma coisa... desde pequenininho, já é puxado desde pequenininho. O que acontece? Eles têm estrutura pra isso, os nossos não têm, ou teve uma estrutura melhor na EMEI, né? Entende? É difícil, né? Porque na EMEI é a tia, a tia não é... hoje em dia eles estão pedindo pedagogia, que tenha magistério, mas antigamente não tinha isso, era aquela tia lá que ficava lá igual a gente está aqui sentado e as crianças estão lá, “Não faz isso, não sobe aí que você vai cair!”... é isso que fazia. EMEI e creche era isso. Hoje em dia mudou um pouco, mas antigamente era isso. Meu primeiro filho foi assim, saiu e entrou sem saber fazer nada, ficava lá num lugar, trancado, ficava cuidando pra gente ir trabalhar, era isso.

7.a. Do seu filho já foi diferente?

R: Foi, dele eu tenho pasta de desenho, o que cresceu, o “desenho besta” que a mãe fala que é um rabisco, no final do ano, o que virou aquele desenho... Ele entrou com o desenho, ele saiu com o que de lá? Meu filho quando saiu da EMEI já sabia escrever o nome dele, o meu, o do meu marido e o do irmão, você entendeu? Então, por quê? Porque pai e mãe puxa também. Eu sempre puxei, ele quer saber, ele quer aprender? Vamos lá! Não tem mito. Agora, aqui tem muito isso, crianças muito velhas que sabem as coisas. Então, o que

acontece? Você coloca uma criança de seis anos que não sabe... um exemplo bem claro aconteceu comigo, ele veio falar pra mim que ouviu um menino da quarta e da terceira conversando e vendo revista de mulher pelada, trouxe uma “Playboy” de casa. Na minha casa eu nunca tive uma revista de mulher pelada e ele veio me perguntando o que era uma revista de mulher pelada, o que era fazer sexo e como se faz sexo. Agora, eu vou falar pra você, dentro da minha casa, eu tenho filho de dezesseis anos e tenho ele de seis, eu e o meu marido, nunca falamos isso com ele, o de dezesseis agora que a gente foi conversar disso com ele, porque está na fase, agora, uma criança de seis anos vem me perguntar? Aí eu falo pra você, podia fugir do assunto? Não! Porque está dentro da escola que o meu filho estuda. Aí eu falei: “Olha, revista de mulher pelada é quando a mulher tira várias fotos e põe na revista, só que ela fica sem roupa”, “Nossa, é feio, né mãe?”, “É, meu filho, é feio, mas ela ganha dinheiro com isso!”, “E qualquer pessoa pode fazer isso?” e eu falei: “Pode!”, aí ele perguntou pra mim sobre relacionamento, sobre sexo... “Isso é uma coisa que demora muito pra você saber... Você vai ter que casar... Isso aí é quando uma pessoa é casada...”, “Igual você e o meu pai. Então você e meu pai fazem sexo!”... Você vai responder o que pra uma criança de seis anos? “O meu irmão faz sexo?”, “Não, seu irmão não faz, seu irmão é muito novo!”... Vou explicar o que pra ele, de seis anos? Ele tem seis, ele ouviu isso da boca de uma criança de onze anos, doze anos, você vai falar o que pra ele? A escola está preparada para receber esta criança? Olha, coisa besta, crianças de seis anos têm as brincadeiras deles, por exemplo, aconteceu assim, entra no banheiro o outro entrou junto e trancou a porta, foram fazer xixi, normal, na EMEI eles fazem isso, na creche eles fazem isso! A escola tratou isso como se fosse um mundo caindo, uma coisa absurda, sabe? Chegou eu e outra mãe aqui, que a gente já se conhece, “aconteceu isso, isso e isso”, “Tá, era só isso?”, eles não entenderam o porquê que a gente nem... pra mim, não era nada, normal. Na cabeça deles, que são de escolas de primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto ano, agora, achando que não pode! Tá, tudo bem, não pode, vou explicar pra ele porque não pode... Não fizeram nada gente... foram fazer xixi. É diferente, agora, se eu falo pra você, pegar meu filho de seis anos e ir no banheiro com um moleque de quinto ano, no banheiro, aí eu vou falar pra você que é estranho, porque ele tem malícia, a criança de seis anos não tem. Tipo assim, pintou alguma coisa, mostrou pra eles alguma coisa? Não é nada, entende? Não é nada. É diferente! Mas tudo isso aconteceu com quem, uma professora que viu, que não interpretou, que mostrou e alou diferente pra diretora, fizeram um carnaval, uma coisa tão simples de resolver, entende? Eles são acostumados... Está preparada a escola pra receber a criança de seis anos? Mesma coisa, menina, menino, mesma coisa, você entendeu? Sem querer eles entrou no banheiro, bateu na porta e fechou!

Pode fechar a porta, eles são crianças! Não quer dizer nada! Até você ir lá e provar, não quer disse nada! Fizeram um carnaval, mostrou uma coisa feia que não fizeram! Aí é que vai despertar a curiosidade... Porque é que não pode? Você entendeu? É difícil! Então, assim, tem que tomar cuidado com o que fala... eu, na minha casa, assim, o que tiver que perguntar, chega e pergunta, o pequeno vê as coisas “Mãe, ai, tenho vergonha de falar...”, “Não, vamos falar, o que é que você quer saber?”, sexo, bumbum, como eles falam os nomes, né? “Pode falar! Estou aqui ouvindo!”, igual outro dia, eu estava tomando banho, sei lá o que... “Ai, porque é que você tem essa barriga? Porque a sua teta já está lá em baixo? Porque da menina da televisão não está?”, a mídia mostra... Aí você vai explicar, “Porque a mãe casou, teve filho... Quando a mulher tem um filho, o bebê judiado corpo da mulher... A mulher vai ficando mais velha...” Então, são muito novos, muitas coisas que eles não sabem ainda. E eu não fujo de nada, você entendeu? Desde pequenos eu ensinei eles... A pior coisa que tem é você não falar... Se o pai e a mãe não ensinou, ele vai aprender aonde? Na rua? Aí está errado, né?

8. Seu filho está gostando desta escola de ensino fundamental?

R: Ele fala que ele fica muito tempo aqui, que é chato... Ele fala que é muito chato. Que tem professoras que não deixa eles brincar... Fica sentado o tempo todo... Às vezes quer fazer alguma coisa diferente e não pode... “Às vezes eu quero brincar de alguma coisa e não pode, tem que ser daquele jeito, da maneira que elas querem...”. Ele fala que ele sente muita saudade... Porque, assim, a aula não passa... Quando ele estava na EMEI a hora passa. Eles brincam muito, eles têm pátio em diversos horários. Então, assim, eles fazem as atividades deles, mas é dividido. Tinha que ser feito isso aqui.

8.a. E ele comenta estas diferenças entre a EMEI e a escola de agora?

R: Fala, fala que sente saudades de lá...Aí ele fala: “Então você me coloca numa outra escola de meio período, Mãe. Eu vou descansar mais! vai ser melhor pra mim!”. Porque ele está cansado! É muito puxado o horário. Eu acho que, assim, a professora que tem aula com eles de manhã, com esse peso maior, podia fazer o que? Podia pegar eles, uma, duas vezes por semana, hoje eu vou dar matemática, vamos estudar matemática lá fora! Aí lá fora é cadeira, é mesa! Entende? Senta diferente, dispersa um pouco... o sol, o vento batendo na cara... Vamos brincar de matemática no chão... Conta... Com giz... Eles não fazem! Ficam presos dentro da sala de aula das 7 horas da manhã ao meio dia, do meio dia à 13 horas, almoço, aí volta... Se você tem educação física, eleva, não é todo dia que tem educação física, e quando tem, tem que fazer do jeito que ela quer, ou, então, quando tem educação artística, tem que fazer o que ela quer! Não deixa ele fazer o que ele quer! Música, às vezes a criança não suporta música,

mas ela tem que ficar naquela aula, fazendo música, ou tem dia que o professor não quer fazer nada, e aí coloca numa sala de vídeo, e fica vendo vídeo o dia inteiro. Filme que ele já viu, já cansou de ver... fica lá sentado vendo vídeo. Cadê a escolha do aluno? Cadê a vontade do aluno? Não tem! Por quê? Não é só ele, não, todos pra idade deles... é o que é chato, se torna chato, cansativo... E eu falo pra você, tem dia que ele vem, assim, se você olhar o rostinho dele, você tem dó! Não está preparado pra aquilo, sabe? Está sobrecarregando, sabe? Dói demais, eu falo pra você que dói você ter que trabalhar, a gente trabalha pra ganhar pouco e não pode dar uma escola melhor pro seu filho, porque a escola do governo é uma porcaria... integral, meio período...nove anos, oito anos, dezenove anos quando eles quiserem fazer... nunca vai mudar! Eles não tem que mudar isso, eles têm que mudar a estrutura... eles já têm as escolas, eles têm que mudar as pessoas que estão dentro das escolas, é isso que eles têm que fazer! É a mesma coisa, o mau aluno faz a escola? Então, quem faz mal a escola é os diretores, os professores, que são antigos, que estão na escola... Não tem uma visão, entende? Eu tenho 34 anos, tem professor aqui que tem mais de 34 anos, você acha que ele pensa como professor de 25, que se formou à pouco tempo? Ou ele vai pensar como um professor de 50 anos? Você acha que ele vai pensar como hoje ou como há trinta anos atrás? Ele pensa como há trinta anos que você dá a mão e apanha na régua, que você fica de castigo olhando pra parede e tem professor que faz isso aqui... Deixa de castigo de joelho, olhando pra parede, de castigo em pé olhando pra parede... tem professor que faz isso aqui! Está certo? Não está! Você vai fazer o que?

9. O que você espera do trabalho realizado com o seu filho? O que você quer que ele aprenda no primeiro ano?

R: A princípio, quando ele entrou, eu achei que não iria dar em nada... Fiquei muito triste. Não gosto mesmo deste horário, não gosto desta escola, não só desta, mas de diversas escolas, porque não tem estrutura. Só que eu vou falar pra você, Deus existe e é muito bom! Meu filho hoje, ele sabe o que ele sabe, ele tem a vontade de aprender por causa da professora que ele tem. Então, o que acontece? Como eu te falei, é o professor que faz a escola. Ele tem uma professora que já é antiga, não só de escola, mas de idade também, então, assim, ela tem filhos e ela sentiu na pele o que é uma criança de seis anos no primeiro ano, ela mesmo, dentro da sala, falou: “Eles não têm estrutura pra isso!”, então, praticamente, ela não é a professora deles, ela é a mãe deles! Tanto que tudo que acontece, quem resolve é ela, mas não é toda a escola que vai ter uma professora desta... Eu tive sorte do meu filho no primeiro ano, mas no segundo, eu vou ter sorte? Se eu pegar uma casca dura aí? Você acha que vai dar

certo? Não vai! Então, assim, é isso que leva você a não gostar da escola... não tem estrutura! E se esta professora não estivesse aí? É aquele negócio, passa, não repete!

10. Como você ficou sabendo que seu filho teria que entrar com seis anos no ensino fundamental?

R: Na televisão e quando eu estava na EMEI, saiu no Diário Oficial. Como eu tenho parentes que trabalham em escolas, me informou também. Eu já sabia, estava acompanhando... Não gostei, queria muito que fosse a idade diferente, né? Em pouco tempo de confirmação, meu filho já veio, senão, não viria, né? Aí ele veio, teve que vir! Não tem escolha, né?

11. Você conhece a proposta pedagógica da professora do seu filho?

R: Ela, no início, falou pra gente o que precisaria... Uma coisa que eu acho errado, uma coisa pra você ver... Creche e EMEI são mais ou menos do mesmo tamanho, tem mais criança, e neste ponto são mais organizadas, uma escola deste tamanho não é organizada! Eu acho que deveria ter vindo pros pais e pras mães... Eu não sei quais aulas meu filho tem. Tipo assim, pelo menos aquele quadro de aula, segunda... tal, tal, tal, tal... Eu não sei os horários da aula, quando termina, eu não sei os horários dos intervalos, eu não sei nada. Não é feito isso! Então, assim, hoje ele falta, eu não sei em quantas matérias ele faltou. Aí eu pego o boletim, por exemplo, oito faltas em uma matéria, como ele tirou oito faltas em uma matéria? Aí você vai entender que no mesmo dia ele teve três aulas, se ele faltou dois dias, ficou com seis faltas só nesta matéria. Então, assim, você não sabe... Eu acho, assim, tinha que ser feito um cronograma, um quadro pra pai e pra mãe. É igual a agenda, mandou comprar a agente pra recado, os recados vem todos soltos! Como eu vou dar um recado com papel tudo solto pra uma criança de seis anos? Você mandou comprar a agenda? Pega o recado, passa cola e coloca na agenda. Se elas não quiserem fazer, diretora ou vice, ou coordenadora, as tias... mande as crianças fazerem, “Gente, todo mundo pega a colinha e cola o papel na agenda!”, eles não têm responsabilidade, eles não sabem que aquilo é um documento que o pai e a mãe tem que ler, que é importante. O meu filho, de tanto que eu falei, “Filho, não quer colar na agenda, mamãe cola em casa!”. Eu que colo do meu filho, todos. Então, assim, na agenda do meu filho, a primeira parte é um plástico, “coloca aí dentro, não joga na mochila, porque se não a mamãe não acha, não vê, você perde! Assim foi indo... eu ensinando ele. Na minha casa ele chega agora e cola, eu não colo mais... cadê a estrutura? Está errado, né?

12. Quando vocês identificam algum problema, vocês vêm à escola? Dão sugestões? A escola está aqui pra escutar vocês?

R: Então, quando acontece isso, dependendo do que aconteceu, fala com a professora, ela fala que vai ver e vai conversar. Sugestões... o que você acha... passa batido, às vezes, assim, “vamos fazer uma festa tal dia e tal horário”, não comunica, não informa pra gente, se pode ou não, o que todo mundo acha. A mesma coisa o negócio do recreio ser separado, até hoje isso não foi resolvido, e é pedido, têm até declaração da Diretoria de Ensino sobre isso, e as providências não foram tomadas. Eles preferem uma criança machucada lá fora, que rouba o lanche e não acontece nada... Então, assim, nem sempre somos ouvidos.

13. Em quais momentos você vem à escola?

R: Eu venho direto! Meu filho reclamou de alguma coisa no outro dia eu estou aqui, se não sou eu é o meu marido. Eu acho que eu sou mais vista na escola que outra coisa! Porque eu sou muito altiva, meu marido também é! Eu sou daquele negócio, eu não gosto, não faça com meu filho que eu não faço com você. Aqui dentro tem muito disso, não pode bater, mas o meu filho pode ser saco de pancada. A partir da hora que batem nele, ele também vai revidar, ele não é um saco de pancada. A gente ensina a não bater, mas você tem crianças aqui com idades maiores, ele vai bater... Esta semana foi isso, ele deu um soco no meu filho, meu filho fez o que? Foi lá e revidou, ele está errado? Lógico que na frente da criança você vai falar que ele está errado, só que ele está certo! Ele tem que bater mesmo! O outro não bateu nele? Por que é que ele não vai bater? Então, não é assim. Eu acho... fez, você fez, você vai fazer. Não é chamar só aquele pai e aquela mãe, tem que chamar todos, tem que ir atrás. Tem pai e mãe que não está nem aí... Primeiro, segundo, terceiro, não veio? Então dá advertência, a partir de tal dia você não entra se seu pai não vier, rapidinho o pai desta criança está aqui cedinho pra conversar. É a mesma coisa a reunião, vem, só quer assinar a lista e ir embora, não quer ouvir... Não é assim... Na época que eu estudava se não vinha na reunião, primeira, segunda vez, na terceira era intimado, se não vinha a delegacia de ensino já estava sabendo... Chamou por bilhete, fez isso, fez aquilo, não veio? O que acontece, leva uma advertência, leva um papel, não entra, se o pai e a mãe não vier, não entra! “Ah... fez isso, isso e isso...” “Ah... a minha mãe não vem”... A criança sabe que a mãe não vem, que a mãe não está nem aí... A criança que é uma beste, que é bagunceira, sabe que o pai e a mãe não está nem aí... pode aprontar, aprontar, aprontar, que não vai acontecer nada. Se a escola não “botar” o respeito nisso, a criança sabe que o pai e a mãe é assim... a escola chama, chama, chama, não vem, a partir de tal dia manda um bilhete “Entrega pra sua mãe, a partir deste dia você não entra mais” e no portão, avisa o tio que vai estar lá fazendo a relação “Adriana, Bruno, tal, Felipe, Raimundo, não entra hoje, só entra com o pai e a mãe!” Se chegar na porta, manda dar a volta e ir na secretaria... Acabou! Resolve o problema! Só que a escola não faz

isso, a escola tem que se impor isso. Como é que ela vai resolver o problema se ela deixa a peça ruim no meio de todos? Peça ruim no meio de todos, estraga tudo! Porque uma criança que não tem estrutura de pai e mãe que quer ensinar e educar... Muito pai e mãe coloca no mundo, pra “botar” no mundo só, não está nem aí... Então, o que acontece? Esta criança prejudica uma sala inteira, né? É complicado, né?

14. Você participa do Conselho de Escola?

R: Não, porque eu não acho legal. Uma porque não resolve, tá? Quer que eu te fale? Esse negócio de Conselho de Escola, isso já tinha na EMEI, creche, e sempre tem as pessoas que ficam. Então, assim, já acham que são donos do negócio, e a sua opinião não é viável, não é legal, então, não resolve! Muitas vezes, coisas que resolve no Conselho de escola, eu acho errado... Vamos supor, você vai fazer a festa junina, “Olha, vou fazer em julho, no dia 10!”, tudo bem, o Conselho resolveu. Então o que acontece? O que o Conselho resolveu, está resolvido! Não! Eu, se eu fosse do Conselho, passaria um comunicado dando três opções, “Olha, nós estamos pensando em fazer a festa junina, em julho, pode ser esta data? Vote!”... “Vamos votar!”, foi enviado, tem duas ou três opções! Os pais têm que saber o que está acontecendo... Porque se você não sabe, você é enfermeira, trabalha, poxa, justo aquele final de semana você não vai poder vir... Aí, a mãe e o pai não aparece, o pai é errado! “Ah, o pai não vem! Não está nem aí pro filho!”. Não é assim... a mesma coisa a reunião... A reunião, por ser uma escola de tempo integral, a reunião tinha que ser dois horários, tinha que ter opção de reunião de manhã e reunião à tarde, por quê? Pra dar a chance de todos os pais virem! EMEI é assim, você sabia? EMEI as professoras fazem reunião... não precisa ser no mesmo dia, pra não ter o mesmo peso, exemplo: marcou segunda-feira de manhã, vamos supor, das 7h00 às 10h00 a reunião, na quarta-feira, da mesma semana, à tarde. As crianças vão sair 16h00? Marca às 14h00, pronto! Você deu a chance de todos poderem vir! Eu não posso ir de manhã, mas eu vou à tarde! Aí o pai e a mãe não vem, é muito fácil o professor falar “Nossa, de 38, veio 18! Os piores não veio!”... Lógico que não veio, quem são os pais dos piores? São os pais que trabalham, e, às vezes, você trabalha pra ganhar um salário mínimo e é suado! Então, tem que ser visto isso também... dar opção! Eles querem mudar, mas não olha o lado do pai e da mãe... É o pai que não frequenta, que não ajuda, é a mãe que não está nem aí... Mas olha o outro lado, dá a chance...

Entrevista com a mãe de um aluno do 1º ano B – Mãe E

São Paulo, 26 de outubro de 2010.

1. Vocês moram perto da escola?

R: Não, nós moramos em Americanópolis, depois do Jabaquara, divisa com Diadema, né? É Diadema, Jabaquara e nós estamos no meio.

2. Quantos filhos você tem?

R: Dois filhos. Tenho ele de seis anos e uma menina de 1 ano e seis meses, que já está na creche.

2.a. A creche fica próxima desta escola?

R: Sim, fica por aqui também, porque minha vida toda foi por aqui, né? Eu estudei aqui, eu tenho um irmão na APAE... Então, assim, tudo foi por aqui. E esta escola eu escolhi, porque eu já estudei aqui, né? Ele veio do EMEI S. P., ele veio do EMEI S. P. também...

3. E como foi a sua experiência na escola?

R: Eu sempre fui medrosa, né? Pra mim era um terror, né? Tudo era um terror pra mim!

3.a. Você não gostava?

R: Na verdade, assim, eu sempre fui uma boa aluna, sempre estudei bastante, mas escola, pra mim, era uma coisa, assim, terrorista! Eu tinha medo, né? Porque eu era nova, e já adquirir responsabilidades... Então eu fazia como? Na época esta escola era de manhã, porque aqui não tinha integral, então eu ficava de manhã aqui e saía daqui e ia lá pra a APAE, na APAE eu ficava na sala das mães, não existe mais, aí eu aprendia a bordar, costurar, aprendi um monte de artesanato até a hora que meu irmão saía, ele saía, eu pegava ele e ia pra casa...

3.b. E vocês moravam por aqui?

R: Não, sempre moramos em Americanópolis.

3.c. Na EMEI você entrou com que idade?

R: Eu nem lembro, bem novinha. Porque, assim, eu fiquei um tempo no EMEI, fiquei um tempo numa creche lá perto de casa, então, eu não sei qual foi, assim, cronometrar este tempo. Porque eu sei que eu fiquei na creche operário, fiquei na EMEI S. P., fiquei aqui, fiquei no Rui Bloem...

3.d. Nesta escola você chegou com que idade?

R: Acho que eu já tinha sete e meio, porque eu faço em julho, né? E naquela época entrava com sete anos. Aí eu só ia fazer sete no meio do ano... e ainda estudei no Maria Augusta lá pro lado, porque acho que iniciei a primeira série lá e vim continuar aqui, aí fiquei aqui até a oitava série.

4. Eu já te expliquei um pouquinho sobre as duas leis federais que discorrem sobre a ampliação do ensino fundamental e a entrada das crianças com seis anos no 1º ano deste ensino. Agora, eu gostaria de saber um pouco sobre a sua opinião. Você

concorda com a entrada do seu filho com seis anos de idade na escola de ensino fundamental?

R: Em particular o meu filho, porque, assim, pode ser que pra outras crianças tenha sido bom, mas ele, como a gente está em avaliação, com neurologista, com psicólogo, porque ele é muito agitado, a gente ainda não diagnosticou se é o tal do TDAH ou se é só o sentimental dele que está abalado, então, eu achei que pra ele foi muito difícil, porque ele é muito infantil, ele não amadureceu pra entrar, para aprender a ler, né? Agora é que ele está um pouco mais engajado, mas pra ele, eu acredito que foi bastante difícil, porque ele saiu beberão dali [EMEI S. P.], né? Porque ele ainda chorava... aquela coisa, ainda, muito infantil, não estava amadurecido pra entrar num primeiro ano.

5. Ele está com sete anos agora, né?

R: Não ele ainda está com seis, ele fez seis em primeiro de janeiro. O caso dele foi um dos casos que foi decretado que tinha que entrar de 1º de janeiro até 30 de março, quem completasse seis anos no primeiro ano. Então, foi o caso dele, ele faz dia 1º de janeiro... eu até perguntei pra EMEI: “Será que não dá pra segurar ele pelo menos os seis anos aqui? Porque quando ele fizer sete, ele já vai, né?”, mas não teve como.

5.a E ele já estava no último estágio?

R: Não, não passou ele pro outro estágio. Acho que teve ele e mais três crianças que ficavam em salas... de vez em quando elas tiravam eles e colocavam eles numa salinha separada pra dar um “feedback” de como iria ser o primeiro ano, né? o que eles iam começar a aprender e tudo mais... Complicado!

6. Qual a sua opinião com relação à ampliação do ensino fundamental de oito pra nove anos?

R: Eu acho que é legal, sim, o fato de ficarem mais um ano eu acho legal! Só não concordei, assim, no fator seis anos de idade deles, mas entrar no primeiro ano e ficar até o nono ano, eu acredito que vai ser bacana. Ainda mais porque tem esse governo aí que disse que não repete, e coisa e tal... Então, pra eles vai ser bom, né? Eu acredito que vai ser bom! Não sei como vai ser distribuída as matérias, ou a disciplina, mas dependendo daqueles oito anos que eles aprenderam, como na minha época, tinha que correr, correr, correr, porque aquele livro tinha que estar, pelo menos, até o meio ensinado, né? E de repente, o tempo que eles não aprenderam ali, de repente no nono ano eles conseguem ensinar, né? Porque é muita informação. Até a faculdade, né? Eu fiz faculdade de recursos humanos e até isso eles tiveram que correr com a gente pra poder ensinar o básico, para , pelo menos, a gente ter conhecimento do básico, se não...

7. Estas medidas “encurtam” a educação infantil, né? A educação Infantil recebia crianças de até seis anos de idade, e agora somente até cinco anos. O que você acha disso? Você concorda com isso?

R: Não, eu acredito que deveria permanecer, mesmo tendo aumentado o fundamental, mas permanecer o infantil, porque vai acontecer a mesma coisa que aconteceu com o meu filho, vai pegar crianças que estão muito infantilizadas... e ainda mais pra ele, eu acredito que isso influi muito, que foi justamente o nascimento da irmã. Então, quer dizer, ainda está naquela fase do ciúme, aquela fase de “Ah, ela é bebê, ninguém me ama...”, aí, ponto! Volta a ser mais infantil ainda! Então, eu acredito que deveriam deixar o infantil do jeito que estava, que era até os seis anos, porque eles já saiam “semi-alfabetizados”, já tinha uma noção do que eles iam aprender aqui, né? Porque agora, né? Eu vejo as professoras, elas têm dificuldade, né? De ensinar eles, por quê? O meu, as professoras perguntam por que ele chora tanto... Eu falo: “Ah... deve ser característica da mãe!”, porque a mãe chorava tanto...

8. Em sua opinião, porque o governo ampliou para nove anos o ensino fundamental? Foi pra que as crianças fossem mais pras escolas? Foi pra copiar dos outros países, foi pra ajudar os pais que trabalham e tem que deixar o filho na escola? Por quê?

R: Não tido nenhum conceito sobre isso, não cheguei a pensar isso, não relacionei à nenhum governo... Então, não tenho nenhuma opinião... porque que o governo fez isso, né? Não cheguei a pensar... De repente foi pra copiar alguns países... Não viu na época da Marta? Que ela plantou um monte de palmeira, porque achava bonitinho, porque nos outros países... Vai ver que isso também foi pra copiar!

9. O seu filho freqüentou a educação infantil, né? Que diferenças você percebe entre a educação infantil e o ensino fundamental?

R: Eu avalio muito ele na época que ele estava na creche, né? Ele entrou na creche com um ano e pouco, eu notei que ele tinha mais desenvolvimento do que quando ele passou pra EMEI, porque, na creche, ele aprendeu a comer de garfo e faca, isso que eu sempre gosto de destacar, porque ele sabia tão bonitinho, porque eu não conseguia fazer do jeito... porque parece que tem um negócio de troca de mão... Então, ele fazia tudo isso, ele veio pra uma EMEI, ele deixou de fazer... Então, eu achei que ele se desenvolveu mais lá do que depois que veio para uma EMEI. E com relação do EMEI pra cá, ele... é aquilo que eu falei no começo, ele tem uma dificuldade, ele não acompanhou no começo, eu tinha muita dificuldade, agora é que está mais... Como ele pegou uma professora e mudou de professora... Ele tinha também um problema com o primo, né? Que ele é muito apegado ao primo... Então, mudou ele de

sala, que ele era do 1º A e mudou para o 1º B, mudou ele de sala, então ele deu uma desenvolvida, a professora também ajudou bastante com isso, né? Porque, é aquilo que eu falei, é o emocional dele que é abalado, então, eles tinha muita dificuldade... Ele saiu de uma EMEI, não sabia absolutamente nada, sabia o alfabeto, mas se separassem eles, ele parava no meio do caminho. E quando veio pra cá, já não sabia ler e escrever, e ainda teve aquele choque de que... Como assim? Não sabe, não tem nem noção, né? E aí juntou o emocional dele, e eu percebi que ele ficou bem defasado.

9.a. Ele sentiu muito?

R: Sentiu, em todos os sentidos, emocional, aprendizagem... Até agora, tem uma professora que veio comentar comigo, que chega na aula dela, e ele acha que está dando lição demais, e já a professora dele falou que às vezes ele faz isso com ela, mas o que? O que ela faz? Ela põe o cabeçalho e pronto, ele já se “descabela” à chorar, porque está cheio de lição, né? Ela falou que às vezes é isso... e essa professora falou que ele deixa de fazer a lição, que às vezes cruza os braços, aí chora, porque diz que está cheio de lição...

9.b. Ele se sente até um pouco pressionado, né?

R: Exatamente, porque eu converso muito com ele, né? “Quando você tiver um monte de lição mesmo, né? Porque vai chegar uma hora que você vai ter um monte de lição...”, aí ele fica me olhando, e tal... Então é complicado!

10. Se você pudesse matricular seu filho numa EMEI ou numa escola de ensino fundamental, como a de agora, você escolheria qual delas?

R: Lá é como se fosse, o que? É como se fosse o acompanhamento da creche, né? Porque as crianças saíram da creche, aí eles já vão ter mais noção de leitura, mais noção de desenhos... é que nem terceira, quarta, oitava série... Vai passando as etapas, você vai conhecendo coisas novas. Então, não tem como escolher um ou outro... Ele tem que passar, no caso, se quer colocar num CEI, aí, depois a EMEI e tem que vir pra uma escola.

10.a. Mas se você pudesse deixar mais um ano lá na EMEI, como você disse, você deixaria?

R: Ah... deixaria... Deixaria, porque eu acredito que isso que ele está fazendo agora ele faria lá, pra vir pra cá... O que seria? Seria as noções, juntas as letrinhas... isso ele está fazendo agora e é o que está fazendo com os primeiros anos aqui.

12. O que você acha desta escola de ensino fundamental?

R: Na época que eu estudei aqui, eu gostava bastante. Ouvi vários comentários... É assim, né? Toda a escola é refeita, porque trabalha com seres humanos... Você não é igual à mim, eu não sou igual à você, e assim por diante... Então, assim, na minha época, certamente

não existiam este casos... Eu era da turma dos quietos, então, não tinha contato, né? Mas eu já ouvi comentários e tudo o mais daqui, mas não tenho nada assim, contra não! Sempre gostei, tanto que coloquei até o meu filho. Quando saímos da EMEI teve pessoas que “Ah, porque esta está assim, está assado...”, eu falei: “Não! Eu estudei lá! Então eu sei mais ou menos como que está, como que é lá, né?”. Pra mim, até agora não tive nada que desapontasse, não!

13. Pra você, o que deveria ter numa escola considerada boa?

R: Eu falaria que poderia ser como se fosse uma particular, né? Porque aqui é defasada a questão dos monitores, né? São muitas crianças pra poucos monitores, né? Eu acredito que mais monitores, de repente, eu não sei se estão fazendo como lá na creche onde está a minha filha, a creche, todo dia, as meninas fazem uma reunião pra trabalhar o psicológico dos bebês, então, assim, tratando dos bebês até os quatro anos, né? E lá, elas todos os dia, durante uma hora, elas pegam pra uma reunião, “hoje vamos trabalhar com as crianças isso, isso e isso...” e à tarde, do mesmo jeito, né? Liberou as crianças 17h00, depois, eu acredito, que elas vão contar como foi o desenvolvimento do dia, né? Então, eu acredito que deveriam adotar isso também, nas escolas, porque, por exemplo, agora, se a gente for analisar, o que nós temos na escola? Nós temos inclusão social, então tem que incluir os deficientes mentais, aqui na EMEI tinham dois com Síndrome de Down, as professoras não estavam preparadas pra atendê-los, tanto é que o tratamento deles eles igual ao dos bebês, e eles não são bebês! Parecem bebês, porque eles se fazem, porque eles sabem pegar a gente pelo mais fraco, né? Acho que seria isso, preparar antes de começar qualquer coisa... “Vamos conversar hoje assim, assim e assim...”, porque assim como temos os deficientes mentais, tem o caso como o do meu filho, emocional, TDAH, né? Então, estar preparado para receber, porque, às vezes a gente percebe que não estão tão preparados... Aliás tem todo um cuidado, tem todo um carisma, preocupação de ligar pra gente quando acontece alguma coisa, mas não estão preparados, assim, psicologicamente, para o problema, né? De repente, aquele bateu naquele outro, mas ele está com um problema em casa... De repente, ele tem um problema... e você não sabe! Você está vendo a criança, mas não está escrito na testa dela: Eu tenho ou eu não tenho, né? Eu acho que é isso. Acho que é de repente adotar um método de conversar antes, de fazer uma reunião antes para pessoa sair dali preparada. Porque mesmo que você já converse, você já sai do ambiente preparado para o que você vai receber. Não precisa muito tempo. Eu acho que é isso!

14. Seu filho está gostando da escola? Ele sente falta da EMEI?

R: Está gostando. Ele nem fala mais nada da EMEI... No começo, ele comentava alguma coisinha, mas agora... Ele falava que estava tendo coisa difícil, que ele não entendia

nada do que estavam falando... De vez em quando ele dá uma crise dessas, mas é de vez em quando...

15. Do que é que ela fala que gosta aqui?

R: Ele só fala desse bendito primo dele... Eles iniciaram o ano juntos, aí eu pedi pra mudar de sala, até a professora disse: “Eu acho importante separá-los!”. Na verdade nem era pra ter acontecido a separação, porque já estávamos no meio do ano, mas graças à Deus ela conseguiu tirar ele: “Vou levar ele pra minha sala, já conversei com a coordenadora”... Então teve todo um procedimento. Aí eu fiquei preocupada, né? Se ele não se adaptar e ficar igual, né? Aí falou: “Nós vamos deixar ele no 1º B, por enquanto, e ver como vai ficar, se ver que não mudou muito, volta por 1º A, se tiver bom, continua. Graças à Deus ele deu uma boa evoluída, mas vai conversar com ele, ele dificilmente conta alguma coisa daqui.

15.a. E sobre as brincadeiras? Ele fala que brinca? Que não brinca?

R: Não fala nada. Eu que, às vezes, fico cutucando ele... Agora quando tem um destaque, como teve outro dia sorvete, “Hoje teve bolo com sorvete!”, né? Porque eu tenho o hábito de perguntar “O que você comeu de café? O que você comeu à tarde?” Aí, ele vai contando... Com muito sacrifício, mas ele conta. Aí, quando tem alguma coisa de destaque, ele fala, como... teve um dia que eles foram pro centro Cultural, foram assistir uma parlenda, ele foi pra casa contando um trecho da parlenda... Então, tudo que ele conversava ele falava o trecho da parlenda... Então, coisas assim que destacam pra ele... Ficar contando o dia-a-dia dele, ele não conta!

16. O que você espera deste trabalho realizado com ele no primeiro ano?

R: Ah... Eu espero o melhor possível, né? Que ele consiga sair lendo mesmo, né? Porque já que o governo optou por este sistema, que ele possa sair lendo, pra quando for pro segundo ano, ter uma forma de acompanhar, né?

17. Como você ficou sabendo sobre essas mudanças, que seu filho teria que entrar com seis anos no ensino fundamental?

R: Fiquei sabendo pela EMEI, tanto é que eu solicitei a possibilidade de deixar ele, mas também, ele dava mais problema na EMEI, porque ele não queria fazer nada, só queria pular, brincar, né? Foi aí que eu comecei a investigar a situação dele, né? Porque lá no CEI não tinha como destacar ele, né? Mas aqui, como ele tinha que ficar mais sentado, chamar mais a atenção dele, ficou mais claro que ele tinha algum sintoma diferente, né? E aí eles me disseram...

18. Você começa a proposta pedagógica para o primeiro ano? A professora fala pra vocês o que ela pretende, quais são os objetivos dela?

R: Ela fala, ela conversa bastante com a gente.

18.a. Vocês participam da elaboração desta proposta?

R: Não, ela fala que se a gente tiver alguma opinião, sugestão, que a gente dê, né? Porque, como ele ficou no 1º A, eu tive uma comparação, então eu perguntava pra ela: “Ah, mas aqui vai ter isso? Vai ter aquilo?”, aí ela falava: “Ainda não tem, mas eu tenho planos, né?” O 1º B, inclusive, era uma sala menor, né? Agora que se tornou maior, porque foi entrando mais crianças... Tanto é que ela falou que agora está tendo que deixar ele um pouquinho mais sem os cuidados, por ela tem mais alunos que também estão passando por alguma dificuldade deste nível.

19. E como acontece esta conversa com os pais? Vocês têm a liberdade de vir aqui conversar com a professora? Ela sempre entra em contato com vocês quando precisa?

R: A escola entra mais em contato quando acontece algo, assim, inusitado com a criança, se caiu, se machucou, está com febre... Coisas inusitadas pra criança. Agora, com relação ao professor e à criança, eles têm uma agente que passa alguma informação, como ele veio do 1º A, então ele tem bastante coisa, né? Que ele não se comporta, que ele ficava brincando, não está fazendo a lição, né? Então, tem esta agenda e a comunicação nossa com os professores, eles têm um período, como por exemplo, a dele é de sexta-feira, no primeiro horário... Então primeiro horário ela está livre disponível pra atender a gente. Aí a gente pode vir a qualquer momento e conversar com ela. E também...é que eu não tenho entrado muito em detalhes pra vir aqui conversar com ela, mas é só quando eu vejo que está muito extremo com o meu filho, aí eu venho pra cá... Mas também a parte da tarde, né? Porque ela fica a tarde toda aqui... ela dá aula pra eles até 11h20 e ela fica a parte da tarde, certamente fazendo outras atividades, e nesse momento, também, a gente consegue conversar com elas.

20. Em quais momentos você vem à escola? Nas reuniões? Para conversar com os professores? Vocês participam das festas?

R: Participo, participante assídua, porque ele gosta bastante. Teve agora a Festa do Dia das Crianças, eu que sai daqui com o coração partido, né? Porque ele faz escotismo, pra ajudar no emocional dele, então, 14h30 ele tinha que estar lá no escotismo, e iria ter o aniversário do tio, também, que a gente iria comemorar lá no escotismo... Então tinha que sair daqui cedo. Aí, viemos pra cá, era 12h00 que abria, e ficamos até quase 13h30 e saímos... Aí ele não aproveitou tanto quanto ele queria. Aí fui eu quem saiu daqui com o coração apertado, porque eu queria ter ficado até o final! Mas nós viemos na festa Junina... Assim, todos os eventos que falam que tem, a gente participa! Inclusive ele, na Festa Junina, foi o segundo lugar do campeão de rodeio! Ele ganhou, ele fez... A gente arrecadou muita coisa...

21. Você participa do Conselho de Escola?

R: Não. Inclusive eu dei meu nome na creche, e nunca me chamaram... Então, eu não sei como funciona. Aqui eu nem coloquei meu nome, porque eu não fui chamada no outro, não sei como é o procedimento...

Entrevista com a mãe de um aluno do 1º ano B – Mãe F

São Paulo, 26 de outubro de 2010.

1. Você mora perto da escola?

R: Não, moro na Zona leste. Dá em torno de duas horas daqui, da escola para casa.

1.a. Como você trabalha aqui perto, você traz o Kaio para a escola?

R: Isso, eu trabalho aqui no Hospital do Servidor Público.

1.b. Vocês acordam bem cedo pra vir para cá, né?

R: A gente sai de madrugada de casa, sai 5h00 de casa e chego aqui beirando 7h00, chego 6h30 aqui.

1.c. Encaixa com o horário que você tem que entrar no serviço, né?

R: Horário de “bater o cartão”, dar café de manhã cedo pra ele e vim trazer pra escola.

2. Qual o nome do bairro que você mora?

R: Jardim Imperador.

3. Você tem quantos filhos?

R: Um só.

4. E ele estudou na EMEI?

R: Ele fez a creche do IAMSPE, de zero a cinco anos. Fez EMEI S. P., fez o segundo estágio e o terceiro. Porque ele saiu com cinco anos e meio e já foi pra EMEI. Então ele pegou o finalzinho do segundo estágio, depois pegou o terceiro estágio. No final do ano passado ele foi transferido direto pra cá porque já estava no terceiro estágio, né?

5. E como foi sua experiência com a escola? Como era na sua época?

R: Eu tenho uma vaga lembrança. Que eu me lembro, a maioria era tudo pequenininho, uma gracinha, sete anos, né? Eu entrei com sete anos... eu faço aniversário em julho, então eu fiquei até o final no pré, depois que eu fui para escola, já estava indo pra sete anos. Mas, assim, acho que não foi tão desgastante quanto foi pra ele agora nesse começo de escola, nesse começo de ano aqui.

6. Ele tem seis anos completos?

R: Ele tem sete, ele entrou aqui com seis.

6.a. Quando ele fez sete anos?

R: Fez agora em setembro. Ele entrou aqui com sei anos e três meses, né?

7. Bom, eu já te expliquei um pouquinho sobre as duas leis federais que discorrem sobre a ampliação do ensino fundamental e a entrada das crianças com seis anos no 1º ano deste ensino. Agora, eu gostaria de saber um pouco sobre a sua opinião. Você concorda com a entrada do seu filho com seis anos de idade na escola de ensino fundamental?

R: Eu acho que se tivesse melhores condições nas escolas... A Lei Federal, tá... mas aqui, por exemplo, no começo foi muito difícil, porque não tinha gente pra olhar, as mães tinham que vir aqui pra ajudar, dar uma olhada, revesar, porque tinha muita briga... Na primeira semana de aula aqui teve reunião, por conta das brigas, filho que foi mordido, filho que foi judiado, foi machucado, por conta de que: são muito pequenos, misturados com os grandes... Se chegar com cinco ou seis anos num lugar com gente com doze, com treze, é o dobro... e ele ainda tem dificuldade, porque os maiores pegam lanche e, as vezes, não respeitam os menores... falam muito palavrão, e é muito precoce, eu acho.

7.a. E no começo foi realizada uma reunião com os pais...

R: No começo do ano teve uma reunião, essa reunião é anual, mas ela foi antecipada porque estava demais... tinha muita briga, muita briga, assim... o pequenininho não entende, o de 10 e o de 11 se viram, né? Brigam aqui, mas daqui a pouco estão conversando, mas o de 11 fazer alguma coisa pro de cinco ou o de seis, complicado... Você fica pensando... a mãe já pensa, assim, um monte de coisa, né? “Não se mistura”, “olha, não faça isso, não faça aquilo”... Você pode perguntar pra muitas mães... “Olha, cuidado, não vai ao banheiro junto”, “cuidado com seu lanche”, e essas coisas, porque, realmente, é isso mesmo... o maior, infelizmente, ele... não é que ele tenha maldade, tem um pensamento diferente do pequenininho, né? Coisas que aqui, os EMEIs e as escolas daqui são muito boas, têm um padrão excelente... Assim, mil vezes diferente da periferia, talvez porque destinado ao público da região, mas é muito melhor, mas os alunos que frequentam são alunos de periferia, então eles acabam vendo coisas em casa que acaba passando pros menores, e teve muito disso. Infelizmente tem muita coisa que a gente viu, que a gente ficou de cabelo em pé...

7.b. Você poderia dar um exemplo?

R: Os maiores vêm cenas de sexo na televisão e vêm contar aqui, vem mostrar aqui, e as meninas, as maiores, de beijinhos e abraços com os maiores. Assim... então uma criança de cinco anos, seis anos... é estranho, é estranho... não é pra acontecer. As próprias professoras, eu trabalho lá no Hospital do Servidor Público, o meu público uma boa parte é de professores, elas frequentam, precisam se cuidar, então elas vão... e você pergunta pra elas, eu vira e mexe eu pergunto, assim... o que você está fazendo comigo, eu faço com elas lá... o que elas acham,

e a maioria delas disse que é uma porcaria, que é uma droga... porque você tem que ensinar o que a criança deveria aprender na creche ou na EMEI e vai ter que vir aprender na escola? Mas a escola é lugar para ler e escrever, socializar, pra isso... não é pra vir aprender a fazer xixi e coco na escola. A professora não deixa sair da sala naquele momento porque está em prova, aí faz xixi na roupa? Porque não tem noção que tem que segurar? Já o de onze, doze, treze, dez, esse já tem noção, diferente de uma criança de seis anos. O meu, graças à Deus, ele saiu muito bem da creche, porque na creche elas são pedagogas, e elas fizeram um trabalho excelente na creche do IAMSPE, e aí veio pra EMEI, e ela lapidou, chegou aqui, a professora também é uma excelente professora, então ela pegou aqueles que realmente estão bem, e ela vai dando continuidade no trabalho, mas têm muito aí que estão fazendo xixi na roupa ainda! Eu não sei... talvez não precisasse ficar até os sete na EMEI, até os seis está bom, amadurece um pouquinho mais.

7. c. Você diz que é melhor eles ficarem na educação infantil, porque lá eles têm um trabalho diferenciado?

R: Porque você vai ensinar o quê? “Olha, ano que vem é escola, é diferente”, porque no terceiro estágio você não precisa dar mais bolinha pra desenhar, terceiro estágio já não tem mais isso... Já partem pra ditados pequenos, né? Já partem pra abecedário... elas já partem pra estas coisas, assim, um pouquinho mais avançadas, mas eu acho que poderia melhorar neste sentido, melhorar lá, depois vir para a escola. Não vai estar vindo mastigadinho... ela vai ensinar aqui o que é dezena, o que é unidade, o que é verbo, a professora vai ensinar um monte de coisa aqui... muito diferente do que ela ensinar que quando você vai ao banheiro fazer xixi você tem que se limpar... muito diferente de você ensinar isso! A professora do EMEI também não vai ensinar isso, vai vir de casa, vai vir no decorrer da vida... mas eu acho que começar numa escola com seis anos eu acho que precoce. Eu tive que vir, fui obrigada, né? Apesar de que ele veio bem, mas foi duro pra ele, foi complicado pra ele pegar o ritmo da escola, e muitas vezes ainda reclama.

8. E a sua opinião sobre a ampliação do ensino fundamental para nove anos?

R: Vai mudar no que, né? Não estava bom até a oitava série? Os oito anos não está bom? Porque nós passamos a vida toda neste sentido, né? é aí que está o problema... você vai tirar um ano que é importante e vai colocar um que talvez não seja tão importante. Porque a ampliação lá na frente vai passar o que? Matérias de faculdade? Você vai aprimorar o que? Você tem que aprimorar, se você vai aumentar mais um ano você tem que aprimorar! Tem que melhorar alguma mais alguma coisa... mas se por um acaso vão dar matéria de faculdade? Este tipo de ciência que eu vou te dar é matéria da faculdade, do primeiro ano de faculdade.

Quando você chegar na faculdade você vai ver tudo diferente. Então, qual o motivo de você aumentar um ano? Tirar um ano lá e aumentar um aqui? Lá, no final da história, você está mais do que escolado, e se a pessoa sabe, ela vai saber até o final, agora, se não sabe nada... Eu acho que você tira um ano importante, aprimorando, lapidando mais, né? Ensinar que vai pra um ambiente diferente, com crianças maiores, vai ser outro tipo de matéria, a professora vai dar prova... ensinar essas coisas, aprimorar esta parte... Vai perder um ano aí, pra jogar um ano a mais que não vai mudar quase nada, o que você aprender no terceiro ano do colegial, você não usa tanto assim na faculdade... A faculdade é outro mundo, pra quem vai, pra quem consegue chegar lá. E, normalmente, as pessoas já estão o que? Trabalhando. Chega esta fase já está trabalhando. Você quer correr atrás logo pra poder terminar logo aquilo e começar a faculdade, porque já é outra coisa... O que você vai levar da faculdade, você vai colocar no seu ambiente de trabalho... Você vai colocar um ano a mais pra quê? Eu não sei, talvez se fossem cursos, talvez se esse um ano a mais fosse, ah... “eu vou te dar cursos de aprimoramento”, “eu vou te dar inglês, espanhol, vou te dar italiano, você vai aprender línguas, no último ano se fosse isso, de repente valeria bem a pena, né? Talvez aprimorar a computação da pessoa, cursos que fossem específicos, né? Então, ficar mais um ano na escola... a pessoa não está agüentando mais nada...

9. Em sua opinião, porque o governo resolveu implementar estas leis? Foi porque isso já existe em outros países? Foi porque eles acharam que isso fosse melhor para o desenvolvimento das crianças? O que você acha?

R: Eu acho que isso é falta de investimento em creches e em EMEIs. Eu acho que é falta de investimento. Não existe creche, não existe! Eu vou te dar um exemplo pela creche do servidor: nós somos mais de cinco mil funcionários, pra você conseguir a vaga na creche do servidor você precisa fazer a inscrição no momento que você saber que ficou grávida, que dizer, nove meses antes... que as crianças saem com cinco anos, todo ano saem crianças, todo ano vai sair criança, então, tem que ter vaga! Nós somos cinco mil funcionários, ou mais, na creche cabe 200 crianças, então só tem 200 mulheres no servidor? Se o maior público é de mulheres? Então deveria ter duas creches ou uma creche maior que abrigasse mais crianças. Eu penso comigo isso... tem uma creche ali na rua Borges Lagoa, creche Obra do Berço, se você for ali é uma dificuldade do tamanho do mundo conseguir uma vaga naquela creche. E quantas mil mulheres não trabalham nesta região aqui e gostaria de ter a creche? Quantas? Aí você tem que ir pra creches mais longes, na Vila Mariana, tem que pagar perua... porque não tem creche. Então, acho que se investisse mais, melhorasse o investimento em construção de creches de qualidade, creche boa, EMEI de qualidade, não precisaria voltar pra escola, porque

a escola também não comporta, suporta, aqui tem 400 e poucas crianças, e tinha duas tias pra tomar conta. A escola também não comporta... Se não tiver um respaldo atrás, não comporta, não! Então, eu acho que pode até ser que tenha alguma coisa relacionada a outros países, mas pra mim é a falta de investimento.

10. Seu filho cursou a educação infantil, como você disse, na EMEI S. P.. Quais as diferenças que você percebe entre o que era realizado na EMEI e o que é feito no ensino fundamental?

R: Em questão de ensino, o aprimoramento, né? Elas pegaram um diamante e começaram a lapidar. As professoras que tem aqui, a parte pedagógica é muito boa. Tem uma grade boa, e ele melhorou bastante, porque cresceu muito, hoje ele tem autonomia pra fazer tudo. Então, assim, em menos de um ano a parte pedagógica dele cresceu demais.

10. a. A parte pedagógica que você diz é o aprendizado dele?

R: O aprendizado. Ele já veio bem, como eu disse pra você, da creche, já sabia alguma coisa... Na EMEI elas lapidaram, deram uma melhorada e aqui deu um salto de, assim, mil por cento, porque as professoras têm... a qualidade do ensino delas é muito bom! Eu acho, assim, foi muito legal ele ter vindo, neste sentido, e elas pegarem, aprimorarem cada um deles, acho que vai muito mais longe ainda... Se não tiver nenhum problema vai muito mais longe. Tem outros problemas, mas aí faz parte, né?

10.b. E você acha que seu filho está conseguindo acompanhar as matérias? Não está tendo dificuldades?

R: Não, não tem dificuldade. O boletim dele é com nove e dez. Primeira série é fácil, não, não é! Que assim, vai sair da EMEI, teoricamente não sabe ler, não sabe escrever e aí quando chega na escola para aprender assim, do nada... Graças a Deus ele não teve dificuldade... nessa parte ele deu um salto, está bem mesmo, está muito bem!

11. E se você pudesse escolher, você matricularia seu filho na educação infantil ou no ensino fundamental?

R: No jeito que está no ensino fundamental. Ele não perdeu, né? Ele seguiu direitinho... Como eu falei pra você, ele já pegou o segundo estágio do EMEI por conta da idade que ele saiu da creche, porque eu segurei na creche até cinco anos e meio, eu que segurei! Por conta de achar que ele era muito pequeno para sair da creche e ir pra EMEI, mas depois eu vi que numa EMEI era mais ou menos igual ao método da creche. Então ele não sentiu muito de um pra outro, ele sentiu mais da EMEI pra cá, mas ele já saiu da EMEI com a idade que já estava passando pela lei, né? Ele entrou com seis anos e três meses aqui. Estava até passando... Então não tinha mais... Ele já estava no terceiro estágio da EMEI. Então ele

não iria seguir mais pra canto nenhum, era só pra escola mesmo. Agora, este ano, têm alguns que completaram cinco anos e já vão sair, né? Já no começo do ano fez cinco, vai fazer seis e já vai sair...

11.a. Se fosse possível, você gostaria de matricular seu filho com seis anos numa escola de educação infantil ou na escola de ensino fundamental?

R: Se ele estivesse saindo fora do tempo: “ah, tenho que sair”, e que realmente está fora do tempo, eu, vendo que meu filho está muito precoce, eu não tiraria, não. Tanto é que eu tenho uma amiga que tem um filho que ele está nesta idade de sair, eu falei pra ela: “você tem a opção de escolher?”, ela falou: “tenho, eu posso deixar mais um ano!”, eu falei: “Então deixa, deixa na EMEI mais um ano... Você não vai se arrepender e ele não vai perder!”. Pelo menos vem um pouco mais esperto pra escola, né?

12. O que você acha da escola de tempo integral?

R: Eu gosto do tempo integral, porque eu acho que tem bastante atividade, eles têm várias coisas no decorrer do dia, não acaba vindo com lição pra casa, por conta de ficar, de a professora tirar dúvida, ajudar... Os pais têm que fazer sua parte, lógico! Eu gosto desta escola de tempo integral. Eu acho que poderia melhorar um pouco mais, se tivesse mais investimento do governo, poderia melhorar! Que o SESI é uma escola de tempo integral, e é uma escola muito boa, e escola do governo, né? Uma escola muito boa! Aqui também é uma escola muito boa, mas precisaria do governo injetar mais coisas aqui. Deveria ter mais escolas de tempo integral!

13. E você acha que o seu filho está gostando de estar no 1º ano do ensino fundamental? Ele tem saudades da educação infantil? Como que é isso?

R: Ele tem saudades da educação infantil! Mas acho que a saudade dele é aquilo assim... saudades de um tempo que não vai voltar. Não tem noção ainda de que ela não vai mais voltar. “Ai como eu queria voltar pra creche!”. Eu questiono ele: “Mas aí você vai voltar com os nenezinhos na creche ou com as outras crianças menores?”, aí ele fala: “É mesmo, né? Eu já sei ler e escrever...”, “Então você já saber ler e escrever porque você já foi pra escola!”

13.b. E ele fala do que ele tem saudades lá na creche?

R: De brincar! Porque na escola a gente tem muitas obrigações. Porque a professora fala que você pode dormir na escola, mas quem dorme não aprende! “Se você quiser dormir, você pode dormir... se está com sono, dorme! Mas quem dorme, não aprende!”, assim a professora fala, então ele pôs isso na cabeça e vem aquela responsabilidade: “Eu preciso estudar! Eu preciso aprender!”, aí eu falei: “Porque você precisa aprender?”, “Eu quero aprender porque eu quero ser alguém na vida! A professora disse que se eu estudar, eu vou ser

alguém na vida!”, “Bom filho, está bom! Então tem que estudar muito pra você ser uma grande pessoa na vida!”. Verdade, a professora fala assim. Então, eu acho que ele pegou essa... ele tem saudades de um tempo que era muito bom e que ele só brincava, hoje ele não brinca tanto, hoje ele tem a obrigação de ter que sentar, de vir pra escola pra estudar, não vai só brincar! Também elas diversificam muito, elas fazem aulas de computação, dá uma relaxada um pouco nas aulas de computação, nas aulas de música, o professor também dá uma relaxada boa, a professora nas aulas de educação física ela põe eles pra ralar na educação física, mas também lembra um pouco aqueles tempos de brincadeira. Assim vai levando, né?

14. O que você espera deste trabalho que está sendo realizado com seu filho no 1º ano?

R: Que seja, primeiramente, prazeroso, pra quem está fazendo e pra ele e quem vá até o final, e que tenha um objetivo. O objetivo vocês têm, e elas aqui também um objetivo, mas que não pare no meio do caminho, né? Começar um trabalho e ter que parar porque não teve investimento nenhum. Começou, termina! E chega lá na frente e fala: “Obtivemos 100% que aprovação. Todo mundo gostou. A gente foi reconhecido”, eu espero isso! Porque eu acho que é só isso que a pessoa busca, né? Você se dedica integralmente pra você obter 100% de aprovação, e se você consegue, ótimo, porque aí você não perdeu tempo! Você não foi lá encher linguiça, né? Você não perdeu tempo!

15. Porque você resolveu matricular seu filho aqui, além de ser perto do seu trabalho?

R: Então, no meu caso, eu trabalho no hospital, então a minha preferência era de oito horas, mas aqui é muito procurado... por ser a única de tempo integral, é muito procurada! Então, se torna um pouco mais difícil, mas o fato de ser integral, de ser de oito horas, pra mim, contou muito... porque eu poderia colocar numa escola de 6 horas, como tem aqui o César Martinez, depois pegar e ir embora pra casa, mas e o resto do horário que a gente precisa cumprir, né? Porque tem pessoas que dependem da gente, né? Infelizmente você tem que arrumar formas de melhorar aquilo que você está fazendo, e, assim, graças à Deus apareceu esta escola, consegui a vaga, então, pra mim foi muito bom por conta disso.

16. Como você ficou sabendo que seu filho deveria ser matriculado numa escola de ensino fundamental com seis anos de idade neste ano?

R: Através do EMEI. A secretaria, em outubro, chamou a gente pra uma reunião, onde ira se falar sobre isso... e aqueles que estariam saindo do terceiro estágio e alguns do segundo estágio que já iam completar seis anos teriam que sair. Então, a gente fez solicitação de vaga em outubro, apenas pra dizer que fez a solicitação, não garanta nada e a gente só foi ter a

confirmação da escola integral e vindo pra escola em fevereiro, porque estava tendo muito problema de ter que sair, não sabia se iria ter a vaga ou não, por conta daqueles que não tinham idade completa, não tivessem bem, talvez seriam retidos, então iriam ficar, aí o meu não poderia vir. Mas no fim acabou se acertando ela fez a confirmação, mas, assim, demorou quase cinco meses pra dizer “agora vai mesmo!”. Eu sabia que ele iria sair da EMEI, mas pra onde é que ele iria... não tinha certeza ainda, poderia ir até pra uma escola próxima de casa, por conta de não ter vaga mesmo. depois, quando ela confirmou que era aqui, e que vinha, realmente, pra escola... É como eu falei pra você, como ele fechava o 3º estágio, então não tinha mais pra onde ir, era só escola mesmo.

17. Você conhece a proposta da professora para este primeiro ano?

R: Como a gente vem nas reuniões, ela passa pra gente o que ela quer né? Ou o objetivo que ela quer alcançar. No começo do ano ela colocou que ela iria dar o ensinamento para que aprendessem o abecedário, algumas contas... adição, subtração, e depois, no segundo semestre, ela iria começar com provas, com ditados, ela iria pegar mais esta parte para mandar a criança pro segundo ano bem melhorada, né? agora, quando a gente veio pra reunião do bimestre, ela falou: “a minha intenção é mandar o aluno muito bem pra o segundo ano”, e aí a gente até questionou: “Mas a senhora vai pro segundo ano junto com eles?”, aí ela disse que não sabia e que não dependia dela, né? mas a intenção dela era mandar o aluno muito bem, assim... não vai chegar a mil por cento, mas vai chegar muito bem no segundo ano, para que aí fosse indo até o final, que fosse bem... e aqui iria até o quinto, né?

17. a. Você diz “muito bem” sabendo ler e escrever, é isso?

R: É. Elas usam um termo aqui... eu não sei falar o termo que elas usam... alfabético... com autonomia... Acho que é isso. Então, dos vinte e oito alunos que ela tinha em sala, ela tem oito que tem autonomia total, né? Faz tudo sozinhos, ajudam ela. E ela falou que gostaria de chegar nos dezesseis, se fosse possível, nos vinte e oito, mas ela tinha certeza que não iria dar, mas, assim, pelo menos na metade da classe ela conseguisse chegar, aí ela falou que estava tentando. Eu acredito que ela esteja conseguindo pelo menos uma parte dos objetivos dela, porque ela muito tranquila, explica muito bem, a professora é... a gente não tem dificuldades de conversar com ela, e como ela passa o trabalho dela para os outros, eles só dão sequência, né? E assim vai!

17. b. Vocês participaram da elaboração desta proposta ou foi uma proposta que a professora fez e depois falou para vocês?

R: Não, na classe do meu filho, como pegou o comezinho, então, já veio com a proposta. Ela questionou: “como vocês gostariam que fosse”, na primeira reunião ela falou:

“como vocês gostaria que fosse o meu trabalho? Eu tenho uma proposta assim... Você acham que assim fica bom? Como é que poderia ser?”, e as mães deram uma opinião no comecinho do ano.

18. Quando vocês identificam algum problema, a escola escuta vocês? Vocês podem participar das coisas que acontecem na escola? São ouvidos?

R: Primeiramente é passado através de recados no caderno e aí a professora chama, né? Ela responde o que você solicitou, depois ela te chama, se é uma coisa muito grave ela te chama, se não, se for uma coisa mais, assim, que possa ser respondida através de recado... mas a maioria das coisas são resolvidas aqui, a pessoa vem falar ou se é uma coisa muito grande, elas fazem reunião, na reunião ela fala, comenta.

18.a. Então a comunicação entre pais e professores sempre acontece, né? Seja por caderno ou vir aqui conversar com a professora.

R: O que é muito legal é que elas observam o que está errado, “Seu filho está fazendo coisa errada!”, se elas acreditam que está diferente demais, elas te mandam chamar duas, três, dez vezes... tem gente que já veio aqui um monte de vezes!

19. Em que momentos você vem pra escola?

R: No começo do ano eu estava vindo pra trazer e na hora do almoço, que era pra dar uma mão no intervalo, como a própria diretora solicitou: “Olha, eu preciso de gente para ajudar, se vocês puderem, eu agradeço!”, a gente veio pra ajudar. Agora eu venho só para trazer e para buscar, e nas reuniões.

19. a. Você participa das festas?

R: Participo, porque ele gosta, né? Então a gente foi pro desfile cívico, a gente veio pra festa junina, e até na Escola da Família, porque aqui tem Escola da Família no sábado e domingo... até na escola da Família este menino quer vir! Mas, não... Se eu pudesse eu viria... mas não. Nas festas a gente vem, estamos sempre por aqui, sempre que a gente pode.

20. Você participa do Conselho de Escola?

R: Não, porque eu trabalho no hospital, né? Me toma muito tempo no hospital, não posso me envolver muito com outras coisas porque depois eu não vou poder cumprir. Até mesmo quando eu vinha na hora do almoço aqui, eu deixava de fazer o meu almoço para vir aqui, pra poder dar uma mão. Então, assim, é muito corrido no hospital, mas se eu pudesse, se eu tivesse tempo, eu gostaria de participar... é bom, a gente se envolve, né? Dizem que, as vezes, a gente não tem muito resultado, porque tem gente que não... algumas pessoas não se envolvem em nada... Então, estas pessoas que não se envolvem em nada, você acaba vendo que aquela criança tem dificuldade naquilo, e naquilo outro, porque o pai quase não se

envolve. Esta [ultima reunião que teve aí, que foi num dia de semana, são 450 alunos, se tivesse 100 pais ali era muito, entendeu? Muitos pais não se envolvem, por conta disso, talvez, tanta violência, né? Um brigando com o outro, um reclamando do outro, por conta disso, talvez, seja assim, mas... fazer o que, né? A questão do integral talvez fique ruim neste ponto, né? O pai larga lá de manhã, 7 horas, pega as 16 horas, vai pra casa, toma banho, deita e dorme, e no outro dia faz a mesma coisa, e esquece de olhar as coisas que têm que ser olhadas, têm que ser vistas, né? Como a própria coordenadora falou, né? “Vocês não estão vendo o que precisa ser visto!”, que é o respeito, a família, né? A educação, sentar com seu filho e dar um pouco mais de atenção, um pouco mais de carinho, porque o fato de deixar aqui 7 horas da manhã e voltar pra pegar às 16 horas isso não quer dizer que ele não precisa de carinho, e aí ela comentou na reunião: “Acho que vocês estão deixando um pouquinho esta parte, porque as crianças estão muito agressivas aqui, tem que dar uma controlada, uma segurada, porque está meio complicado trabalhar assim”. Às vezes o horário de 8 horas implica nisso, né? Bom, mas enfim, acho que tem mais os prós do que os contras, né?

Entrevista com a mãe de uma aluna do 2º ano A – Mãe G

São Paulo, 29 de outubro de 2010.

1. Além dela, você tem mais algum filho matriculado nesta escola?

R: Não, só ela.

2. Você mora aqui por perto? Mora longe da escola? Onde você mora?

R: Moro perto da escola.

3. Por que você resolveu matricular sua filha nesta escola?

R: Eu não escolhi esta escola, eu escolhi a Escola Estadual César Martinez, só que ela foi indicada para esta escola.

3.a. Na verdade você escolheu outra escola, mas a indicação da Diretoria de Ensino foi pra que ela viesse para esta escola?

R: Isso.

4. E quando a Diretoria indica uma escola para a criança, os pais não podem matricular em outra escola, tem que ser aquela que a Diretoria indicou. É assim?

R: É.

5. Você sabia que a partir de 2006 as crianças de seis anos as crianças de seis anos poderiam ser matriculadas nas escolas de ensino fundamental ao invés das escolas de educação infantil? Como você teve conhecimento dessa informação? Quando você ficou sabendo disso?

R: Na própria EMEI que a minha filha estudou. Tanto que a Secretaria de Educação falou que ela não tinha idade para estar fazendo a primeira série.

6. Em qual EMEI ela estudou?

R: Foi na EMEI S. M..

7. Então foi a diretora e as professoras da EMEI que informou você sobre o fato de que quando ela tivesse seis anos, ela deveria ir pra uma escola de ensino fundamental?

R: Também porque ela tem um nível de aprendizagem bem acima da idade dela, entendeu?

7.a. Então deixa eu entender... A EMEI, num dado momento, orientou você a matricular ela na escola de ensino fundamental, porque ela estava muito bem, estava aprendendo muito bem... Aí você tentou matricular e não foi possível.

R: Isso, Isso. Não podia nem constar o nome dela no computador, porque ela não...

7.b. Quantos anos ela tinha nessa época?

R: Ela já tinha cinco anos.

7.c. Então, na verdade, ela tinha cinco anos e não poderia ir pra escola de ensino fundamental.

R: Mas ela já iria fazer seis anos.

7.d Quando ela faz seis anos?

R: Em abril

8. Ela entrou nesta escola este ano?

R: Foi.

9. Quando ela entrou ela tinha cinco anos, em abril ela fez seis anos. No início do ano, logo depois que começaram as aulas você foi chamada à escola para que a Juliana fosse transferida para um segundo ano?

R: Fui.

9.a. O que você achou disso?

R: Eu gostei!

9.b. Você achou que foi bom?

R: Eu achei que foi bom...

9.c. Por que você achou que foi bom pra ela transferi-la para o segundo ano?

R: Eu tenho que pensar num todo ou só nela?

9.d. Você pode falar dela e depois, também, pode considerar um todo, porque eu também acho que é importante.

R: Ela tem esse... Ela lê fluentemente, ela escreve bem, ela lê tudo, sabe? E as pessoas sempre me cobrando... “Ah, porque não vai pra tal escola?”, “Por que não manda pra tal série?”, mas eu não podia...

10. Em relação ao conjunto das crianças, você acha que é bom estas crianças estarem no primeiro ano, as crianças de seis anos, ou as que fizeram seis anos até junho desse ano estarem no primeiro ano, ou você acha que seria melhor que elas estivessem na educação infantil?

R: Eu acho que no primeiro ano.

10.a. Você acha que crianças de seis anos já têm condições de estarem no primeiro ano?

R: Eu acho.

10.b. Por eu você acha isso?

R: Porque elas já vão pra EMEI com quatro anos, e já tem dois anos de preparação para ela ser alfabetizada, né? Então, eu acho que tem condição, sim, de estar no primeiro ano!

11. Você está contente com o desempenho da sua filha?

R: Eu estou, só que eu não queria o período integral, entendeu?

11.a. Por que você não gostaria que ela ficasse o período integral?

R: Porque eu acho muito tempo pra ficar na escola. Assim, como eu não trabalho fora, ela poderia ficar fazendo outra coisa nesse período.

11.b. E não há possibilidade dela ficar meio período aqui? Quem estuda aqui tem que ficar o período todo? Por exemplo, você não pode vir buscar ela ao meio-dia? Nunca existiu esta possibilidade?

R: Não, nunca existiu.

12. Sua filha está gostando da escola?

R: Gosta, só que ela questiona, este período, muito tempo...

12.a. Ela gosta da escola, mas acha que é muito tempo... Aqui na escola, alguma vez você foi chamada para discutir ou ser informada sobre como funciona o ensino fundamental de nove anos? Teve alguma reunião que você recebeu orientações sobre isso?

R: Não, só o dia que chamaram, quando iria mudar de série, para saber se a gente concordava ou não, aí ela explicou que nove anos, não seria mais primeira série, e, sim, primeiro ano... Que é um primeiro ano alfabetizando, não é isso? O que eu entendi foi isso. E tem mais um ano pra preparar a criança para chegar na faculdade, né?

12.b. Mas no caso da sua filha, ela não vai ter nove anos, ela vai ter oito, porque ela já foi para o segundo.

R: Entendi, porque na verdade ela tem sete e já vai fazer oito, né?

12.c. Na verdade ela tem seis agora, né?

R: Ela tem sete. Ela fez sete.

12.d. Ah, ela fez sete em abril?

R: Isso!

12.e. Ela entrou com seis e em abril ela fez sete. Então ela foi pro segundo ano, que seria o correspondente à primeira série antiga... De qualquer forma, ela foi para o segundo ano, então, vamos dizer, o primeiro ano ela não precisou fazer aqui, ela vai fazer oito anos nessa escola...

R: Eu gostei também por isso, né? Por causa do conhecimento que ela já tem... Que ela lê muito bem, escreve muito bem... Entende tudo!

13. Você conhece o trabalho que é realizado pela professora?

R: Conheço, nas reuniões ela mostra... Eu acho a professora, também, muito dedicada a dar aula. Assim, com os outros eu não tive contato... tem oficina a tarde, né? Eu não tenho muito contato com os outros professores.

13.a. Os professores das oficinas você não conhece?

R: Não, mas ela chega com os trabalhos e eu vejo que é interessante, né? Que ela não fica o outro período parada aqui na escola, sem fazer nada, tem atividades.

14. Quando você, normalmente, vem à escola? Qual a sua frequência na escola? Você vem a reuniões? Participa do Conselho de Escola?

R: Só nas reuniões mesmo, de pais...

14. Do Conselho de Escola você não participa, né?

R: Não.

Entrevista com a mãe de um aluno do 2º ano A – Mãe H

São Paulo, 28 de outubro de 2010.

[O filho estava junto com sua mãe durante a realização da entrevista]

1. Você mora próximo da escola?

R: Não.

1.a. Onde você mora?

R: Eu moro no Capão Redondo.

1.b. E ele acorda cedinho pra vir pra cá?

R: Ele acorda na faixa de 17h15, 17h20. Ele é o último a ser acordado, mas ele dorme cedo. 20h30 ele já está na cama, quer dizer, todos nós já estamos na cama.

1.c. Ele chega em casa dá tempo de comer alguma coisa, tomar banho e ir deitar?

R: Não... Dá tempo de brincar! Ele brinca um pouco, anda de bicicleta, às vezes, a gente anda com a cachorra, mas ele não anda muito com a cachorra, não, é mais a mãe! Ele brinca um pouco de jogar bola, sozinho, porque eu só tenho ele, né? Depois ele vê os desenhos que ele gosta, janta, toma banho... Mas está tudo certo! Não é uma criança que reclama muito, não!

2. Você entrou na escola também cedo? Conta um pouquinho como foi sua experiência na escola.

R: Quando eu entrei na escola, eu tinha trezes pra quatorze anos. Foi difícil, porque eu fui pra um colégio interno, porque eu fugi de casa... O meu padrasto abusava muito da gente, principalmente de mim, e aí eu fugi de casa, a polícia pegou, eu fui para na FEBEM, fiquei um ano aqui, e depois fui mandada pra Araçatuba, comportamento, aí lá eles me colocaram na escola, aí eu aprendi, estudando à noite... Graças à Deus foi ruim, não! Eu aprendi direitinho. Eu dou muito valor à escola, graças à Deus, consegui alguma coisa... Só não fiz faculdade...

2.a. Mas pretende?

R: Um dia, quem sabe... A idade não importa, um dia quem sabe? Primeiro a faculdade de alguém [o filho].

3. E você concordada com a entrada das crianças com seis anos de idade no ensino fundamental?

R: É um pouco desgastante pra memória deles, né? Antigamente, você passava por um pré, onde você aprendia a fazer um monte de coisa, você aprendia a fazer palavras, você aprendia a fazer... Quando chegada na primeira série, as professoras ensinavam você a laços para entrar na letra de mãe... Agora é mais rápido! Agora ele tem que ir pra letra de mão sem fazer aqueles traços que faz a letra ficar bonita, né? É difícil para criança... Quer dizer, estão estimulando a memória da criança muito rápido. Querem que a criança se torne adulto muito rápido! Não concordo muito, não! Eles ainda têm muito pra aprender... Com seis anos eles estão uma florzinha ainda, ainda não sabem o que é isso tudo... E querem colocar isso na cabeça de uma criança de uma vez só... É difícil... Pra ele mesmo é difícil. Porque ele é uma criança que vem de creche, de EMEI, de EMEI pra primeiro ano e de repente ele teve que pular aquela fase de aprendizado, né? Aquele aprendizado bonito... Na minha época foi bonito... A professora pegava na minha mão e eu com quatorze anos... Pegando na minha mão

pra fazer o aprendizado, né? Eu achei isso interessante, eu queria que ele estivesse passado por isso também!

4. E sobre a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos, você concorda?

R: Eu acho assim, interessante... Não vou dizer se eu concordo, não, porque a gente não sabe se vai pra frente... Cada governo é um dilema, né? Eu acho interessante, assim, se pelo menos a gente soubesse o que vai ser dado nesse último ano, para depois ele fazer o colegial...

5. Essa medida diminuiu a educação infantil, né? Você concorda com isso?

R: O meu filho faz aniversário em janeiro, né? Então, vou dar um exemplo pra você... O meu faz aniversário em janeiro, ainda vai entra com sete, como ele entrou no primeiro ano, que seria o correto. Agora, se a criança faz seis anos, ela vai entrar no primeiro ano com seis anos, quer dizer, e aquele ano que ele teria que aprender mai alguma coisa no pré, né? Não é mais pré, né? Agora é EMEI... Mudou muito...

6. Seu filho é um caso diferente porque ele entrou no primeiro ano e depois foi pro segundo, né?

R: Isso, ele radicalmente mudou pro segundo ano. Ele pulou o primeiro ano... Ele não fez o que ele tinha que fazer no primeiro ano, aprender a ler... Foi uma perda... Na minha opinião, foi uma perda. Ele está lendo razoavelmente, mas a escrita dele ainda não é a perfeição. Se você tem aquele ensino básico da perfeição, nas letras, ele vai crescer com uma letra maravilhosa...

7. Você acha que o governo ampliou o ensino fundamental por quê?

R: Ah... É uma coisa bem difícil de ser respondida. Porque, assim, no meu pensamento ele está tirando um pouco da liberdade da criança... A ter opinião própria, né? Eles vão ter que fazer alguma coisa que na realidade eles não queriam fazer... Os pais também não! Porque eu não acredito que eu pai vai querer que seu filho passe radicalmente do primeiro ano pra segundo ano... Mas foi obrigatório, então, foi uma perca, sim! Esse aumento, também... Eu vou ficar em dúvida com esse aumento.

8. Ele cursou a educação infantil, né? Quais as diferenças que você percebe no trabalho realizado na EMEI e o trabalhado realizado aqui na escola de ensino fundamental?

R: Ah... O EMEI era mais pra brincadeira, né? O EMEI é mais assim, pra brincar! Para aprender a desenhar, pintar, mas o ensino fundamental é diferente, eles já estão pegando aquilo pra eles, né? Cada letrinha que eles aprendem, eles já querem falar... Você entra dentro

do ônibus, já querem ler o que está escrito. Então, isso é ótimo, não é só bom... É ótimo! Aprender a ler e a escrever. O ensino fundamental é bom!

9. Se você pudesse, você matricularia seu filho na escola de educação infantil ou na escola de ensino fundamental?

R: No ensino fundamental.

9.a. Ele é um caso diferente, né? Mas e se ele estive com seis anos?

R: Aí é coisa pra se pensar... Mas eu acho que, no meu pensamento, ele ficaria na EMEI.

10. O que é uma escola boa, em sua opinião?

R: Na minha opinião? O padrão da escola deveria ser assim: os professores, a maioria dos professores que eu conheço são educados, diretora, também, não posso criticar, porque lidar com criança é muito difícil, não é fácil... Não é toda mãe que entende isso, né? Lidar com criança é uma coisa muito difícil, mas, assim, uma escola boa, pra mim, é aquela que dá ensino, educação, porque do mesmo jeito que eu espero educação em casa, a escola tem que seguir o mesmo rumo que você tem em casa... Se a professora reclama que seu filho xingou, você vai procurar saber por que ele xingou, porque em casa você não tem isso, então, você tem que saber procurar por que... A educação não vem só da escola, a educação vem de casa também... Se você educa seu filho adequadamente, seu filho, na escola, vai se comportar adequadamente, mesmo se misturando com pessoas que não em aquela educação em casa, vai conseguir de comportar. Então, a educação tem que ser boa em todos os sentidos... Tantos os alunos, quanto os professores. Os professores não devem xingar os alunos, porque eu acho isso feio demais!

11. Você acha que ele está gostando da escola de ensino fundamental?

R: Ele adora!

11.a. O que é que ele fala?

R: Ele gosta de estudar, ele gosta de vir pra escola, ele gosta dos amiguinhos dele, adora brincar!

11.b. Qual é a matéria que ele mais gosta?

R: Isso você pergunta pra ele, ele vai falar! O que você mais gosta filho? [O filho respondeu: Educação Física e Música].

12. E como foi este processo de transição do primeiro ano para o segundo ano? Houve uma conversa com os pais? Vocês vieram na escola?

R: Teve uma reunião... A diretora convocou a gente pra uma reunião... Aí a professora dele também conversou com a gente, explicou todos os termos que foram determinados, quer

dizer, que ele passou pro segundo ano não foi sem a gente saber, não, todos nós ficamos sabendo, porque foi marcada uma reunião pra comunicar, que foi obrigado. Na opinião da professora dele mesmo, ela não concorda, mas como é obrigado, eles têm que cumprir.

13. O que você espera deste trabalho que está sendo realizado com seu filho?

R: Ah... Eu espero que ele cresça e lembre sempre que vai ser um homem de verdade... Ele está sendo educado pra isso, pra ser alguém neste país cheio de corrupção!

14. Você que escolheu matricular seu filho nesta escola, né?

R: Eu que escolhi, porque eu trabalho aqui perto. Além de ela ser o dia inteiro, é uma boa escola, tem professores bons, diretora excelente, mesmo ela sendo brava, porque ela tem que ser brava mesmo. Na minha opinião, assim, brava no sentido de que tem que, realmente, chamar a atenção. Tem muito pai folgado, também... Não é só aluno, não! Tem que ter esse pulso forte, né?

15. E como você ficou sabendo do ensino fundamental de nove anos?

R: Tudo pela escola.

16. Você conhece a proposta pedagógica da professora do seu filho?

R: A professora dele conversou, explicou todos os pontos que ele quer seguir, né? O que ela quer ensinar, o que ela quer que eles sigam... Que é um estudo difícil, né? Que ela falou, passar do primeiro para o segundo é uma coisa difícil! Então, têm que ter pulso forte, tem que ter isso, tem que ter aquilo... Nesse ponto eu concordo com ela.

17. Quando você identifica algum problema, vocês procuram a escola? Vocês têm a liberdade de vir aqui conversar, dar sugestões?

R: Se acontecer alguma coisa com meu filho, eu vou direto à diretoria. Quando elas não me ligam, quando aconteceu alguma coisa fora do normal, briga, estas coisas, elas sempre ligam pra comunicar alguma coisa... Mas eu vou, converso com elas, vai um bilhete na agente pra professora, a professora responde, quando a gente não tem tempo, ou marca uma reunião com a própria professora... Isso aí a gente tem a liberdade de fazer.

17.a. E tem liberdade de dar sugestões, interferir?

R: Ah, sim! A gente dá a opinião, só não sabe se é seguido!

18. Em quais momentos você vem à escola?

R: Eu venho em reuniões, evento eu não costumo vir, quem vem é ele e a minha cunhada, o pai ou a avó. Porque eu cuido de uma idosa, e ela ocupa todo o meu tempo, então aí em contrato a avó, que sempre vem pra buscar ele quando eu não posso, ou pra reuniões quando eu não posso... Mas eu sempre venho, fico meio período na reunião, pego o principal

e deixo o resto pra ela, e vou cuidar da velhinha. Participo de todas as festas da escola, tudo ele vem...

19. E você participa do Conselho de Escola?

R: Não, não participo. Nesta parte eu nem sabia que tinha... Tem Conselho de Escola? Eu sei que tinha na EMEI, lá eu participava, mas aqui eu não fiquei sabendo, mas também não perguntei...

Entrevista com a mãe de um aluno do 2º ano A – Mãe I

São Paulo, 28 de outubro de 2010.

1. Você mora próximo da escola?

R: Este ano, sim, moro perto da escola.

2. Quantos filhos você tem?

R: Graças a Deus, só um.

3. Você entrou na escola com quantos anos?

R: Eu acho que com seis anos... Vai pro prezinho, depois, vai aprendendo mais um pouquinho, depois... Acho que é isso mesmo...

3.a. E foi uma experiência legal esta que você teve na escola?

R: Foi.

4. Eu já te expliquei um pouquinho sobre as duas leis federais que discorrem sobre a ampliação do ensino fundamental e a entrada das crianças com seis anos no 1º ano deste ensino. Agora, eu gostaria de saber um pouco sobre a sua opinião. Você concorda com a entrada do seu filho com seis anos de idade na escola de ensino fundamental?

R: Não, não concordei. Porque eu acho que eles são muito pequenos pra estar exigindo muito deles... Com sete anos dava certo... Agora com sei eu acho forçar demais eles... Mas, como não depende da gente, né? Se fosse na minha opinião, eu não tinha colocado ele... Se fosse escolha dos pais... Tinha deixado ele com sete no prezinho, mas não é o querer da gente...

5. Ele fez a educação infantil, o pré?

R: Fez. Na EMEI.

5.a. Ele entrou na EMEI com quatro anos?

R: Entrou e ficou com quatro, cinco, seis e sete, quase sete, porque ele faz sete em janeiro.

5.b Ele entrou no primeiro ano com sete anos?

R: Isso. Depois que ele foi para o segundo ano.

6. E qual é a sua opinião sobre a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos?

R: Se for bom forçar ele nos estudos, tudo bem... Eu gostaria disso mesmo, que forçasse ele mais nos estudos... Até que agora, estão forçando bastante, ele está bem adiantado... Já está sabendo ler aos poucos, tudo isso... Agora, se ele tivesse, não estaria forçando ele tanto agora... Mas com já passou pro segundo ano, que eles falam que já é outra série, tem que forçar mais eles, e graças à Deus, ele está bem.

7. Essa medida diminuiu a educação infantil, né? Agora, uma criança fica até cinco anos na educação infantil, e não mais até seis anos. Você concorda com isso?

R: Não, eu acho muito pequenininho pra forçar tanto eles... Você mesmo entrou num estudo normal, eu acho, pra mim, normal, agora, eu acho, que a tendência é complicar mais.

8. E o trabalho na educação infantil, você acha que é diferente do trabalho realizado na escola de ensino fundamental?

R: Olha, não sei te explicar, porque agora, ele está começando, está forçando ele bem agora... Eu não sei te explicar direito, porque é o primeiro ano dele.

8.a. Mas você sente uma diferença, por exemplo, no conteúdo... No que era feito com as crianças na educação infantil e o que é realizado com as crianças no ensino fundamental...

R: Olha, ele quase não ficou na primeira... Mal começou e já transferiu logo, nesta fase eu não sei te explicar... Só que no EMEI eles só ensinaram o básico, né? Só o alfabeto e acabou, e eles só ficam mais brincando. Aqui, pelo que eu estou vendo, eu está bem desenvolvido.

9. Em sua opinião, porque o governo ampliou o ensino fundamental pra nove anos?

R: Não sei... Pra mim, o certo era o normal, como antes, quando entrava na primeira série com sete anos... O governo que faz a gente não entende, né?

10. Você percebe uma diferença entre a educação infantil e o ensino fundamental, né? Aqui você acha que é mais alfabetização?

R: Não, mas aí, se ele estivesse no primeiro, só estava aprendendo mais a aprender, a soletrar, estas coisas... Agora não, eles estão forçando mais, por que... Conforme a lei, entrou e não foi determinado é isso e acabou, não... Ele vai entrar mesmo este ano, aí, agora, eles forçaram bastante, forçando bastante as crianças pra não ter problema de você passara criança sem saber ler...

10.a. Então, o trabalho desenvolvido com seu filho, que agora está no segundo ano, é diferente, do desenvolvido no primeiro ano?

R: Isto, está sendo um pouco... Porque como transferiram ele tão rápido, pela idade que ele tem, eu estou achando que está, nesta fase, está bom. Neste período agora está bom, porque, pelo que eu estou vendo ele em casa, tudo, ele está bem esforçado.

11. Se você pudesse, você matricularia seu filho na escola de educação infantil ou na escola de ensino fundamental?

R: É igual eu te expliquei, se dependesse de mim, eu tinha deixado na primeira série com sete anos... Eu não teria deixado ele ir por segundo ano!

11. a. Mas foi feita uma conversa com os pais?

R: Foi, foi, ou a gente escolhia ficar aqui mesmo... Mesmo se eu não quisesse deixar ele aqui, mudasse de escola, iria ser a mesma coisa... Então, eu preferi deixar aqui mesmo...

12. Você acha que a escola do seu filho é boa? O que é uma escola boa pra você?

R: Sim, uma escola boa é uma escola que fora nos estudos, disciplina, que eu acho que aqui tem, e eu acho que, pelo que eu já ouvi falar, eu estou achando ela ótima.

13. Você acha que seu filho está gostando da escola de ensino fundamental?

R: Está.

13. a. O que é que ele fala que gosta daqui?

R: Ah, ele gosta de tudo, principalmente, quando tem o Zé Bento... Estas coisas...

13. .b. Tem alguma aula que ele goste mais?

R: Ele gosta muito de falar do professor de música... Ele comenta muito.

14. Ele tem saudades da EMEI?

R: Não, ele está gostando bastante dessa.

15. Só pra saber um pouquinho mais, como foi este processo de transição para o segundo ano? Vocês receberam um comunicado, né? Que seus filhos de sete anos, ou que completassem sete até certa data...

R: Isso, foi daqui da escola.

15.a. E aí vocês foram chamados pra uma reunião...

R: Isso, só que eu não entendi o recado... Porque eu achei que era pra eu vir, mas meu marido falou: “Não é pra você ir, porque ele já completou sete anos!”, e isso era pra quem iria completar sete até junho, se eu não me engano... Aí, não vim... só que, quando eu vim buscar ele, estava tendo um comentário das mães que estava com este mesmo problema que o meu... Foi aí que eu vim aqui na diretoria e ela me explicou... Se eu assinasse o papel eu iria ficar

aqui, se eu não assinasse iria procurar outra escola... não sabia aonde, e iria ser o 2º A do mesmo jeito...

15.b. Então, voe não decidiram nada, ou aceitavam, ou não?

R: Isso.

16. O que você espera deste trabalho que está sendo realizado com seu filho?

R: Eu espero que seja bom, já que teve esta mudança, pretendo que seja ótimo pra eles, porque está forçando eles nos estudos, estas coisas... Eu pretendo que seja, pelo menos, bom pra isso... Já que teve esta mudança, que seja bom!

17. Porque você escolheu matricular seu filho aqui?

R: Olha, não foi escolha minha... O EMEI que ele estudava era muito longe daqui. Só que eu vim morar aqui perto ano passado, e aí foi escolha da escola, de onde seria mais próximo da minha casa... Aí, o mais próximo foi aqui...

18. Você ficou sabendo desta mudança sobre o ensino fundamental de nove anos, e depois, da mudança do seu filho para o segundo ano através da escola?

R: Isso, porque quando falou isso, eu liguei pro EMEI onde ele estava e aí ela falou: “Olha mãe, não é a gente que manda isso, veio um papel falando quais são as crianças que vão ser transferidas pra isso. E ele não foi, até com seis anos ele ficou na EMEI... É conforma o dia do aniversário dele... Como ele faz em janeiro, acho que não vai ter mudança!” Aí não fizeram, mas aí quando veio pra cá, aí que teve esta mudança aqui...

18.a. Ele fez sete anos...

R: No dia cinco de janeiro.

19. Você conhece a proposta pedagógica da professora do seu filho?

R: Como teve esta mudança que eu te falei, ela está tentando forçar eles a ler, muitos deles não vieram sabendo as letras. Eles tiveram mais dificuldade.

19. a. É um trabalho de alfabetização?

R: É mais forte.

19.b. E ela falou isso pra vocês no começo do ano, na reunião?

R: Isso. Que iria ser difícil para eles, pra nós também e, principalmente, para as crianças. Foi uma mudança muito forte pra eles. Entrarem numa sala e, de uma hora pra outra, mudar pra u segundo ano... Mas ira depender dela e de nós, no caso... A gente tem que ajudar em casa e ela fazia a parte dela na escola.

19.c. Esta proposta foi discutida com os pais ou ela que passou a proposta?

R: Ela fala as coisas que estão vindo, a reunião deles, tentando melhorar pra eles. Foi isso que ela passa pra gente.

20. Em quais momentos você vem à escola?

R: Todos os dias, venho deixar e buscar. Participo das reuniões e dos eventos, ele gosta de participar...

21. E você participa do Conselho de Escola?

R: Não.

Entrevista com a mãe de um aluno do 2º ano A – Mãe J

São Paulo, 29 de outubro de 2010.

1. Só o Edson estuda nesta escola ou você tem mais algum filho que estuda aqui?

R: Só ele.

2. Por que você escolheu esta escola para colocar seu filho?

R: Porque onde eu moro, eu procurei e não encontrei.

3. Onde você mora?

R: No Grajaú, quer dizer, num bairro depois do Grajaú... No Cocaia.

3.a. Longe, né?

R: Aí eu trabalho aqui, e eu sempre via mãe com as crianças... Aí, elas conversando, elas falaram pra mim que era bom o colégio... Primeiro ele ficou na EMEI S. P... Seis meses aí... Daí eu fui e pedi para aqui, porque, como eu trabalho perto, pra mim é melhor, né? Ele ficar mais perto de mim do que eu colocar ele lá, longe de mim... Se acontecer alguma coisa, até eu chegar lá, né? E aqui eu estou pertinho...

4. Essa escola é uma escola de tempo integral. Isso é bom pra você? Ele ficar aqui o dia todo?

R: Pra mim que trabalho nesse horário, eu gosto, mas se fosse, assim, para ele estudar, assim, integral, eu acho cansativo...

4.a. É bom porque ele fica aqui na escola... Você vem pegá-lo às 16h30?

R: É...

4.b. Você deixa ele aqui às 07h00 e vem pegar as 16h30?

R: 16h00, né?

4.c. Aí você já vai pra casa?

R: Já... Na verdade eu espero ele, né?

4.d. Você sai do trabalho e espera ele sair da escola...

R: Quando dá o meu horário eu venho pegar ele... O horário de eu sair é mais cedo, aí eu tenho que esperar ele.

5. Mas você disse que, embora seja bom o fato dele ficar na escola, porque você está trabalhando, pode ser um pouco cansativo ele ficar na escola o dia todo. Ele acha que é cansativo?

R: Às vezes, reclama, às vezes, não, né? Porque é muito longe, a gente acorda muito cedo, né? Aí é um pouquinho cansativo para criança de sete anos, né?

5.a. Que horas ele acorda?

R: 04h00.

6. Ele gosta da escola?

R: Gosta.

7. E você, gosta desta escola, acha que é uma boa escola?

R: Eu acho, até agora, não tenho do que reclamar!

8. Ele está aprendendo bem? Ele já sabe ler e escrever? Como está a aprendizagem dele?

R: Ele entrou aqui, ele não sabia ler nada, ele já está lendo quase tudo, praticamente tudo, né? Só tem algumas palavras que ele se... Mas ele está bem! Eu acho que ele está se desenvolvendo muito bem!

9. Ele fez pré-escola?

R: Não.

9.a. Ele entrou direto nesta escola?

R: Ele só fez seis meses aqui na EMEI S. P.

10. Quando ele entrou aqui, no início do ano, ele foi matriculado no primeiro ano, depois a escola chamou vocês pra mudar para o segundo ano, porque as crianças que faria sete anos até o meio do ano deveria ir pro segundo ano. O que é que você acha disso? Você concordou? Achou que foi bom ele passar pro segundo ano? Seria melhor ele ter ficado no primeiro ano?

R: Ah, eu não gostei. Seria melhor ficar no primeiro ano, né? Porque... Acho que nenhuma mãe, quase, gostaram, né? Mas como não é da escola, nem nosso, é o que vem do estado, né? Então a gente não tem que concorda, né?

10.a. Quando teve a reunião que a escola avisou os pais que passaria para o segundo ano, você percebeu que os pais e as mães não gostaram muito?

R: Acho que quase nenhuma mãe gostou, né? Porque adiantar um filho, assim, sem saber nada, acho que força bastante, né? Porque eles estão fazendo dois anos em um, né?

10.a Na verdade, ele vai ter... Como ele já foi pro segundo, ela vai ter oito anos, né? Porque ele vai fazer o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo e o nono, mas como ele já está fazendo o segundo, né?

11. Quando você ficou sabendo e como você ficou sabendo que as crianças de seis anos não deveriam mais ser matriculadas no prezinho, na escola de educação infantil, mas no ensino fundamental? Como você soube dessa informação?

R: Acho que aqui mesmo, né?

11.a. Foi na própria escola? Aqui nesta escola ou na EMEI?

R: Na EMEI S. P.

11.b. As professoras da EMEI que informaram?

R: Que quando ele entrou aí [EMEI], ele já tinha seis anos... Ele entrou em agosto e ele fez seis anos em março. Então, ele ficou só esse período aí e daí já ia passar para o primeiro ano...

11.c. Ele fez seis anos em março, aí ele entrou na EMEI em agosto e no final do ano as professoras orientaram você a procurar uma escola de ensino fundamental.

R: Isso.

12. Se você tivesse a possibilidade de escolher, você colocaria um filho de seis anos na pré-escola, na EMEI, ou no ensino fundamental? Onde você acha que é melhor as crianças de seis anos estudarem?

R: Ah, eu acho que eu teria que ver primeiro, né? Porque...

12.a. A princípio você não sabe?

R: Não.

13. Seu filho reclama de muita lição, de muita coisa?

R: Não.

13.a. Ele está acompanhando bem?

R: Está... Eu acho, né? Não está reclamando. Nem a professora, também, não falou nada... Acho que está indo normal.

14. O que é que você acha que é importante que as professoras trabalhem com as crianças nesta faixa etária, as crianças menores? Porque, antigamente, a criança só vinha pra uma escola como esta quando ela tivesse sete anos completos ou se ela fosse completar sete anos logo no início do ano, então, com seis anos ela ficava na escola de educação infantil, que é uma escola que tem parque, que tem mais brincadeiras e tal... Como você vê isso? Você acha que aqui, nesta escola, deve ter isso também ou os professores devem trabalhar mais o ensino, ensinar a ler e escrever... Como você vê isso?

R: Eu acho que, como já está nesta idade, eu acho que ler e escrever, né? Porque se já está a partir da primeira e da segunda... Então, eu acho que aí, agora já...

15. Você vem à reunião de pais com frequência?

R: Venho.

16. As professoras, na reunião de pais, costumam explicar pra vocês como está sendo feito o trabalho? Como as crianças estão? Como são as reuniões?

R: Nas reuniões ela fala como está o desenvolvimento dos alunos, o que elas estão procurando... O que é melhor pra eles, né? O desenvolvimento deles.

17. Você participa do Conselho de Escola?

R: Não. Como assim, participa?

17.a.O Conselho de Escola é uma reunião onde participam algumas pessoas que foram eleitas no início do ano...

R: Ah...

ANEXO F – Entrevistas com as crianças

Roteiro do teatro de fantoche

- Oi crianças, tudo bem?
- Meu nome é João e eu tenho seis anos. E vocês, quantos anos vocês têm?
- Que legal, temos quase a mesma idade!
- Eu e os meus pais morávamos muito longe daqui... Nós morávamos lá no Nordeste, vocês conhecem?
- Pois é... Mas este ano nós viemos morar em S. P., porque meu pai arrumou um emprego aqui. Minha mãe disse que vai me matricular numa escola, pois eu já tenho seis anos, mas eu nunca fui numa escola!
- Estou muito ansioso e também muito nervoso com este negócio de ir pra escola... Vocês já estão na escola, não é? Será que vocês poderiam me contar como é a escola onde vocês estudam?
- Bom... Tenho que ir embora, mas as professoras/pesquisadoras vão ficar com vocês. Elas me contarão tudo o que disserem sobre a escola de vocês. Não é?
- Tchau, crianças! Obrigado pela ajuda!

Entrevista com as crianças do 1º ano A

São Paulo, 26 de novembro de 2010.

1. O João quer saber a opinião de vocês, o que vocês acham, porque ele sabe que vocês conhecem escolas... Vocês conhecem a escola que vocês estudaram no ano passado e a escola que vocês estudam este ano. O João tem seis anos e quer saber a opinião de vocês sobre qual escola é mais interessante pra ele estudar. Se ele tem seis anos, qual é a escola é mais interessante para ela estudar? Nós vamos começar pelo Paulo... Ele vai contar para o João qual escola é mais interessante... Paulo, você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

P: Estudei.

2. Você se lembra como é que chama a outra escola?

P: Sei, EMEI S. P.

3. Como era a outra escola?

P: Sei lá...

4. O que tinha na outra escola?

P: Eu sei lá... Tinha criança.

5. Além de crianças, tinha mais o que?

P: Brinquedo, parquinho.

6. E nesta escola, o que tem?

P: Sei lá...

7. Você não sabe o que tem nesta escola?

P: [não falou nada].

8. Conta pra nós se você gosta mais desta escola ou da outra escola.

P: Desta escola.

9. Por que você gosta mais desta escola?

P: Porque tem brinquedo, tem parquinho...

10. Na outra escola não tinha brinquedo, não tinha parquinho?

P: [não falou nada].

11. Por que você gosta mais desta escola?

P: Sei lá...

12. Não sabe?

P: Não.

13. Vamos ouvir, então, a Sthefany¹³. Você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

S: Estudei, na EMEI S. P.

14. Conta para nós o que tinha na EMEI S. P.

S: Tinha brinquedo, tinha tudo, mas o que eu gostava mais era brinquedo, porque a professora brincava, muitas vezes, com a gente... Que a gente queria ir no banheiro e ela não deixava... Tinha comida, tinha tudo lá... A gente podia fazer o que quiser no partinho, tinha areia, tinha balanço, tinha tudo...

15. E aqui, o que é que tem aqui esta escola?

S: Nessa escola só tem três brinquedos.

16. O que é que tem de diferente nesta escola? O que você fazia lá que você não faz aqui e o que você faz aqui que você não fazia lá?

S: Os brinquedos que eu gostava tem lá, os brinquedos que eu não gosto tem aqui.

17. Você gosta mais de qual escola? Da escola que você estudava no ano passado ou desta?

S: Da EMEI S. P.

18. Por que você gosta mais de lá?

¹³ A Sthefany realizou a entrevista e fez o desenho, no entanto, quis levá-lo para casa.

S: Porque lá tem um monte de brinquedo e a gente pode brincar com qualquer brinquedo.

19. Se você fosse dizer pro João em qual escola você diria para ele entrar, fazer a matrícula?

S: Na EMEI S. P, porque na EMEI S. P. ele pode brincar.

[a Janaina interrompe: Mas como se ele tem seis anos?]

20. Ele não pode entrar na EMEI S. P.?

J: Não, porque, nesta escola, na primeira série, na sala que estamos, é para crianças de seis anos de idade.

21. Agora, e se vocês pudessem escolher, uma criança de seis anos de idade deve entrar numa EMEI ou numa escola como esta?

J: Numa escola como esta.

22. Por quê?

J: Porque esta escola é para as crianças até de dez anos, de seis até dez anos.

23. E é bom as crianças de seis anos estudarem nesta escola? Porque antigamente elas estudavam na EMEI... Vocês acham que é bom as crianças de seis aos estudarem aqui?

J: [acenou dizendo que sim].

24. Por que você acha bom as crianças de seis anos estudarem aqui?

S: Eu também gosto desta escola, só que o João podia estudar naquela, mas como ele tem seis anos ele pode estudar aqui... Só que ele pode preferir aqui ou lá... Ele que escolhe.

25. Então, Janaina, porque você acha que as crianças de seis anos devem estudar nesta escola e não na EMEI?

J: Porque... Esqueci de novo!

26. Então, vai pensando aí pra nos contar! E a Camila, você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

C: Estudei.

27. Em qual escola?

C: No S. M.

28. Qual escola você gosta mais, a EMEI S. M. ou esta?

C: A EMEI S. M..

29. Por quê?

C: Porque pode ir no banheiro.

30. Aqui não pode ir ao banheiro?

C: Às vezes pode, mas a professora não deixa.

31. O que tinha na EMEI S. M. que não tem aqui?

C: Tinha brinquedo, bastante brinquedo...

32. E aqui, não tem?

C: Tem pouco...

33. É diferente o que você fazia no S. M. e o que você faz aqui? Qual a diferença?

O que você fazia lá e o que você faz aqui?

C: Lá eu cada brinquedo que eu quisesse...

34. E aqui?

C: Aqui eu, às vezes, eu não brinco com nenhum brinquedo quase, porque eu gosto mais dos meus brinquedos...

35. Vamos falar, agora, com o Giuliano, para ele contar para o João como era a escola que ele estudava no ano passado, porque ele vai ter que dizer onde é melhor o João estudar... Você acha que é melhor o João estudar na escola que você estudou no ano passado, na EMEI, ou aqui?

G1: [estava comento doce].

36. Vamos falar com o George até ele terminar o doce... Você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

G2: Sim.

37. Em que escola você estudou?

G2: Eu não sei o nome...

38. Mas era uma escola de educação infantil, de crianças pequenas?

G2: Não, era uma escola que tinha muitos brinquedos... Brinquedos legais... Tinha o barquinho, os bonequinhos, os carrinhos...

39. E qual escola você acha mais legal, aquela escola que você estudava ou esta?

G2: Naquela escola.

40. Por quê?

G2: É porque lá tem muitos brinquedos legais, que não quebra nada...

41. O que você faz nesta escola que é diferente da outra escola?

G2: Aqui eu faço... [as crianças se agitaram por causa do doce e o Giuliano não respondeu a pergunta].

42. Giuliano, agora é a sua vez, onde é melhor o João estudar na EMEI ou aqui?

G1: Na EMEI, porque tinha muitos brinquedos. Tinha um escorregador, tinha um negócio que você subia e escorrega assim [fez o gesto], que nem bombeiro... Aí eu brincava

com o Gi de pega-pega, com o Gilson, aí, né? A gente corria lá pra cima do negócio que parece de bombeiro, aí, o Gi só consegue subir um pouquinho, aí ele não conseguia pegar a gente lá em cima, e lá tinha muito brinquedo, aí, a gente, na hora de comer comida a gente comia e depois que a gente terminava de comer comida, a gente comia lanches e doces...

43. Você gosta mais desta escola ou da outra?

G1: Da outra.

44. O que você faz aqui que você não fazia na outra escola?

G1: Brincar de pega-pega no negócio que tinha lá...

[a Janaina interfere: Aqui não pode nem correr se quiser!]

45. Janaina, você lembrou por que o João deve estudar aqui?

J: Porque aqui é mais legal!

46. Gilson, você estudou em outra escola antes de vir pra esta?

G3: Sim.

47. Qual escola você estudou?

G3: Na Obra do Berço.

48. Era uma escola de crianças menores ou de crianças grandes?

G3: De crianças menores.

49. Como era a escola onde você estudou no ano passado? O que é que tinha lá?

G3: Tinha brinquedo...

50. Tinha bastantes brinquedos? Que tipos de brinquedos tinha lá?

G3: Tinha um monte...

51. Você gosta mais da escola do ano passado ou desta escola?

G3: Desta escola.

52. Por que você gosta mais desta escola?

G3: Porque é legal.

53. O que é que tem de legal nesta escola?

G3: Brinquedos.

54. Quais brinquedos têm aqui?

G3: Sinuca...

55. Você gosta de jogar sinuca?

G3: [acenou dizendo que sim].

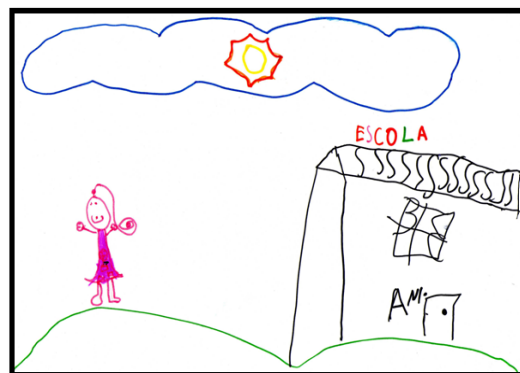
56. Se você pudesse escolher estudar nesta escola ou na escola do ano passado, qual escola você escolheria?

G3: Essa.

57. Muito obrigada por vocês responderem as nossas perguntas. Agora vocês farão um desenho sobre a escola onde vocês estudam ou sobre a escola em que estudaram... O que vocês mais gostam ou o que mais gostavam.



Desenho 1: Paulo desenhou a escola onde estuda.



Desenho 2: Janaina também desenhou a sua escola.



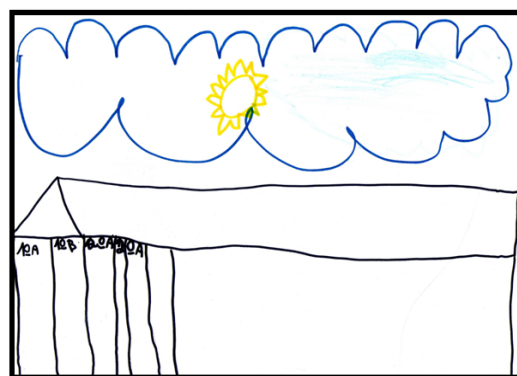
Desenho 3: Camila desenhou o caminho para a escola onde estuda.



Desenho 4: George desenhou sua escola e brinquedos.



Desenho 5: Giuliano desenhou a escola onde estuda e um brinquedo que não tem nesta escola.



Desenho 6: Gilson desenhou sua escola.

Entrevista com as crianças do 1º ano B

São Paulo, 26 de novembro de 2010.

1. O que foi que o João pediu pra vocês fazerem?

R: Contar um pouquinho da escola...

2. Isso. O João quer saber qual é a melhor escola pra ele estudar e ele quer a Judá de vocês. Vocês estudaram em outra escola antes de ir pra cá?

R: Sim.

3. Então, nós vamos falar um pouco da outra escola e um pouco desta escola. Ele quer saber qual é a melhor escola para ele estudar... Então nós vamos começar aqui com o Pedro. O Pedro vai contar pra nós como era a escola onde ele estudou no ano passado, vai contar como é esta escola e vai dizer para o João onde é melhor ele estudar. Você se lembra a escola que você estudou ano passado?

P: Sim.

4. Você gostava da outra escola?

P: Sim.

5. Como era a outra escola? O que é que tinha na outra escola?

P: Tinha brinquedo e tinha até um parquinho com terra, uma quadra sem aquelas coisas...

6. E aqui nesta escola, o que é que tem de bom aqui nesta escola? E o que é que não é bom esta escola?

P: A lição...

7. A lição é uma coisa boa?

P: [acenou a cabeça dizendo que sim].

8. O que mais tem de bom aqui?

P: Não lembro...

9. Tem alguma coisa nesta escola que você não gosta muito?

P: Sim.

10. O que?

P: Ficar brigando...

11. Vocês brigam muito aqui?

R: Sim...

12. Se você pudesse escolher estudar nesta escola ou na escola que você estudou no ano passado, qual você escolheria?

P: EMEI S. P.

13. Você escolheria estudar na EMEI S. P.?

P: É.

14. Por quê:

P: Porque ela é super legal!

15. É mais legal que esta?

P: É.

16. Vamos ouvir o Wilson. Antes de estudar nesta escola, você estudou em outra escola?

W: [acenou dizendo que sim].

17. Em qual escola você estudou?

W: EMEI Anita Costa.

18. Você gosta mais da outra escola ou desta?

W: Dessa.

19. Por quê?

W: Porque eu jogo futebol e aposto corrida.

20. Lá na outra escola não dava pra você jogar futebol e apostar corrida?

W: Só não dava pra apostar corrida, só futebol.

21. Tem alguma coisa nesta escola que você não gosta?

W: Tem, ficar brigando.

22. O que você fazia na escola do ano passado é diferente do que você faz aqui?

W: [acenou dizendo que sim].

23. O que você fazia lá e que você não faz aqui?

W: Ficar pintando...

24. Onde você pintava?

W: Na outra escola.

25. Você gosta de pintar?

W: [acenou dizendo que sim].

26. Aqui vocês quase não pintam?

W: Não.

27. Vamos ouvir agora o Christiano. Você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

C: [acenou dizendo que sim].

28. Você se lembra como chama a outra escola?

C: Cesar Martinez.

29. Você gasta mais daquela escola ou desta?

C: Desta.

30. Por quê?

C: Porque é mais legal.

31. Por que é mais legal estudar aqui? O que tem aqui que é mais legal que a outra escola?

C: Jogar Futebol, apostar corrida...

32. Como era a outra escola?

C: Chata.

33. E por que a outra escola era chata?

C: Ah... A tia não deixava apostar corrida...

34. Quem nós vamos ouvir agora? Berilo, você estudou em outra escola?

B: Estudei.

35. Você lembra o nome dela?

B: EMEI S. M..

36. Como era a outra escola?

B: Eu apostava corrida e não dava pra jogar bola.

37. Não tinha lugar pra jogar bola lá?

B: Não.

38. Tinha parquinho lá?

B: Tinha.

39. Você brincava bastante lá?

B: Brincava...

40. Você brincava mais lá ou aqui?

B: Mais lá.

41. Você gosta mais desta escola ou da EMEI:

B: Da EMEI.

42. Por que você gosta de estudar mais da EMEI?

B: Por que na EMEI tinha... Você ficava num negócio que você sentava, aí você girava e todo mundo ficava lá sentado.

43. O que tem de diferente nesta escola e na EMEI?

B: Os brinquedos.

44. O que tem de diferente? Aqui tem mais brinquedo que lá ou aqui tem mais brinquedo?

B: Lá tinha mais!

45. Quer dizer que, se você for aconselhar o João, se você fosse dizer pro João onde ele deve estudar, você diria pra ele estudar na EMEI?

B: [acenou dizendo que sim].

46. Com quem nós vamos falar agora? Com o Mauro. Você estudou em outra escola?

M: Estudei.

47. Você se lembra o nome da escola que você estudou?

M: EMEI S. P.

48. Você gostava de estudar na EMEI?

M: Gostava.

49. Qual escola você gosta mais, a EMEI ou esta?

M: Esta.

50. Por quê?

M: Porque antes não dava pra gente correr, por causa que lá tinha um monte de terra e a gente podia cair, e aqui pode.

51. O que você faz aqui que você não fazia na EMEI?

M: Jogava futebol.

52. O que é mais gostoso aqui que não tinha lá?

M: Futebol.

53. Se você pudesse escolher entre estudar aqui e estudar na EMEI, onde você escolheria?

M: Aqui.

54. Tem alguma coisa nesta escola que você não gosta muito?

M: Tem.

55. O que?

M: Brigar.

56. Agora nós vamos ouvir o Luciano. Você também estudou em outra escola antes de estudar aqui?

L: Sim.

57. Você sabe qual é o nome da escola que você estudou?

L: Na escola da prefeitura.

58. Qual escola você gosta mais, a que você estudava ano passado ou esta?

L: Na do ano passado.

59. Por que você gosta mais da escola do ano passado? Naquela escola tem alguma coisa que não tem aqui?

L: Brinquedos.

60. Você sente falta dos brinquedos?

L: [acenou dizendo que sim].

61. Onde você brincava mais, naquela escola ou nesta?

L: Naquela.

62. Você brinca pouco nesta escola?

L: Brinco.

63. Quais são as atividades que você faz aqui?

L: Lição.

64. O que a professora passa de lição aqui?

L: Escrever...

65. Você já sabe escrever?

L: Sei.

66. Quando você estudou na EMEI, na escola ano passado, você aprendeu a escrever? Você aprendeu a escrever lá e chegou aqui já sabia escrever?

L: [acenou dizendo que sim].

67. Vamos ouvir a Tamiris, agora. Você estudou em outra escola antes de vir pra cá?

T: Estudei.

68. Em qual EMEI você estudou?

T: Da prefeitura.

69. Você gosta mais desta escola ou daquela?

T: Daquela.

70. Por quê?

T: Por causa que lá tem balões e muitas outras coisas.

71. Tem alguma coisa nesta escola que você não gosta?

T: Tem.

72. O que?

T: Brigas.

73. Qual a diferença entre esta escola e a outra que você estudou?

T: Lá tinha parquinho.

74. E aqui não tem?

T: [acenou dizendo que não].

75. Você brincava mais lá?

T: Brincava.

76. Vamos ouvi agora o Kaio. Você estudou em outra escola antes de vir pra esta?

K: Sim.

77. Em que escola você estudava?

K: EMEI Anita Costa.

78. Você gostava mais daquela escola ou gosta mais desta?

K: Dessa

79. Por quê?

K: Por causa que todos os dias de educação física eu posso jogar futebol.

80. E lá não dava pra jogar futebol?

K: Dava, só que ninguém sabia jogar futebol.

81. E aqui as crianças sabem jogar futebol?

K: [acenou dizendo que sim].

82. O que tem de diferente daquela escola para esta?

K: Por causa que essa tem mais brinquedo.

83. Esta tem mais brinquedos que na outra escola?

K: Tem.

84. Você brinca mais nesta escola que brincava na outra?

K: [acenou dizendo que sim].

85. Na escola que você estudou ano passado você brincava pouquinho?

K: [acenou dizendo que sim].

86. Porque você não brincava muito lá?

K: Por causa que lá, quando dava pra brincar era só cinco minutos.

87. Ah... Só podia brincar cinco minutos... Vamos falar com a Aline? Você estudou em outra escola antes de vir estudar nessa?

A: Sim.

88. Que escola você estudou?

A: EMEI Heitor Villa Lobos.

89. Que escola você gosta mais, da EMEI Heitor Villa Lobos ou desta?

A: Da EMEI Heitor Villa Lobos.

90. Por que você gosta mais daquela escola?

A: Por que tinha mais brinquedo.

91. Você brincava mais lá que aqui?

A: [acenou dizendo que sim].

92. Tem alguma coisa que você não gosta aqui nesta escola?

A: Ficar de castigo.

93. Você já ficou de castigo alguma vez?

A: Já.

94. E o que é que você gosta nesta escola?

A: De brincar.

95. Gente, tenho uma pergunta pra todo mundo, agora. Vocês têm que dizer para o João qual é a melhor escola pra ele estudar: é a EMEI ou esta escola?

R: [todos juntos disseram sua opinião].

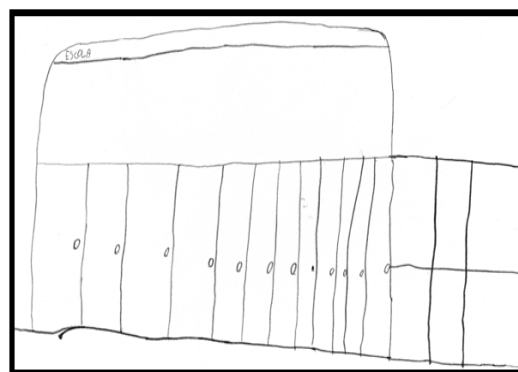
96. Como temos opiniões diferentes, vamos votar! Quem acha que a melhor escola pro João estudar é nesta escola levanta a mão? Seis crianças acham que a melhor escola para se estudar é esta. Quem acha que a melhor escola pro João estudar é a

EMEI levanta a mão? Três crianças acham que é melhor a EMEI... Você já tinha levantado a mão da outra vez, né Pedro? Você votou duas vezes, né Luciano?

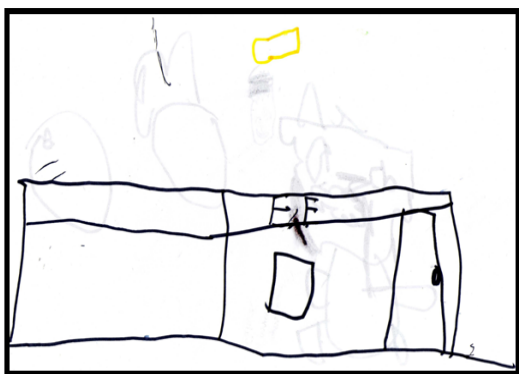
97. Muito obrigada por vocês responderem as nossas perguntas. Agora vocês farão um desenho sobre a escola onde vocês estudam ou sobre a escola em que estudaram... O que vocês mais gostam ou o que mais gostavam.



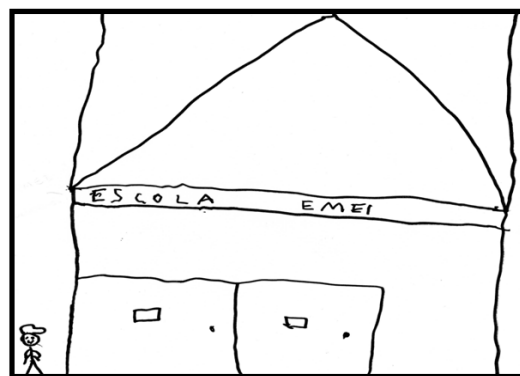
Desenho 7: Pedro desenhou a EMEI onde estudou e os brinquedos que havia lá.



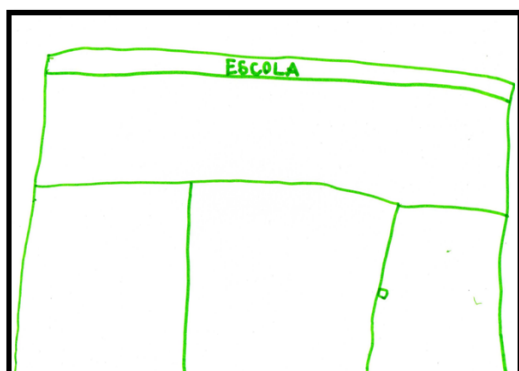
Desenho 8: Wilson desenhou a sua escola.



Desenho 9: Christiano também desenhou a escola onde estuda.



Desenho 10: Berilo desenhou a EMEI onde estudou.



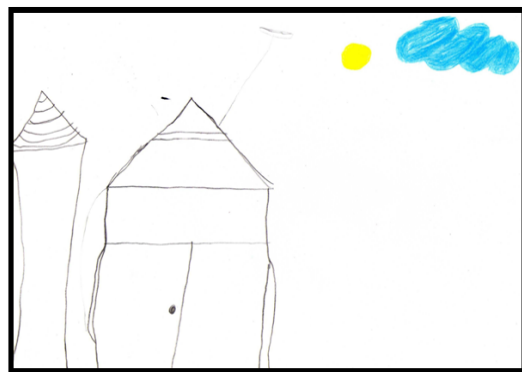
Desenho 11: Mauro desenhou a escola onde estuda.



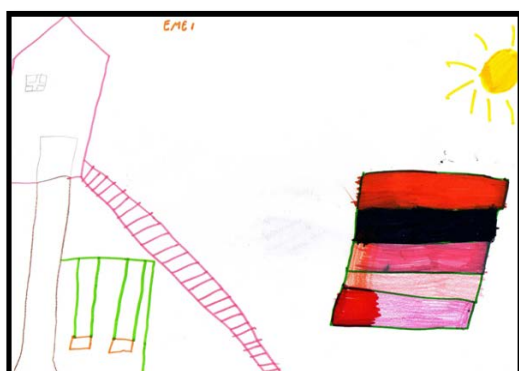
Desenho 12: Luciano desenhou a EMEI onde estudou.



Desenho 13: Tamiris desenhou a EMEI.



Desenho 14: Kaio desenhou a quadra e sua escola.



Desenho 15: Aline desenhou a EMEI onde estudou, os brinquedos que havia lá e a escada onde as mães esperavam seus filhos na hora da saída.

Entrevista com as crianças do 2º ano A

São Paulo, 26 de novembro de 2010.

1. Vamos ajudar o João a conhecer um pouco sobre a escola que vocês estudam?

R: Vamos!

2. Quem aqui estudava em outra escola antes de vir pra cá?

R: Todos levantaram as mãos, dizendo que estudaram.

3. Então, um de cada vez, vai me contar a escola que estudava. Vamos começar pela Juliana. Em que escola você estudava?

J1: Na EMEI S. M..

4. Como era a sua escola?

J1: Era legal!

5. Por que era legal?

J1: Porque lá, quando acabava a lição a gente podia pintar... e escrevia...

6. Naquela escola tinha lição de pintar e mais o quê?

J: De escrever.

7. E o que tinha mais na escola S. M.?

J1: Lá tinha brinquedo.

8. Nesta escola também tem brinquedo?

J1: Tem!

9. Onde estão os brinquedos desta escola?

J1: Está lá no parquinho. Lá fora!

10. Vocês brincam naqueles brinquedos lá de fora?

R: Sim.

11. E o Luís, você estudou em outra escola antes desta?

L: Esqueci!

12. Tudo bem... Como era a escola que você estudou?

L: Ela era grande e tinha muitos brinquedos.

13. O que você fazia naquela escola?

L: Eu estudava...

14. Mas quais eram as atividades que a professora passava todos os dias, o que os alunos faziam?

L: Brincava... Não.

15. Não brincavam lá na outra escola?

L: Brincava. Nós escrevia e brincava...

16. Você gostava mais daquela escola ou desta?

L: Desta!

17. Por que você gosta mais desta?

L: Porque essa tem quadra e aquela não!

18. Não tinha quadra lá?

L: Era pequena.

19. Ah, aqui a quadra é maior... E o que mais tem aqui que você gosta mais? Que outras coisas têm aqui pra você gostar mais desta escola?

L: As professoras...

20. Você acha as professoras daqui mais legais?

L: [Acenou a cabeça dizendo que sim].

21. E por que elas são mais legais?

L: Não sei...

22. E a Juliana, gostava mais da outra escola ou desta?

J1: Ai... Se lá tivesse até a quinta eu ficava lá! Eu gostava mais daquela!

23. E por que você gostava mais daquela?

J1: É por causa que lá tinha brinquedo muito mais legal, né? Aí, aqui não tem.

24. Vamos ver a Joana, você se lembra em qual escola você estudou?

J2: Eu esqueci...

25. Você esqueceu? Não tem o menor problema você ter esquecido! Mas você estudou em outra escola, não estudou?

J2: Estudei...

26. E você gostava mais daquela escola ou desta?

J2: Dessa.

27. Por quê? O que é que tem de legal nesta escola?

J2: O parquinho...

28. E o que mais?

J2: A professora...

29. Você gosta muito da sua professora?

J2: [acenou com a cabeça dizendo que sim].

30. Na outra escola não tinha parquinho?

J2: Tinha.

31. O parquinho da outra escola era menor que este?

J2: Era pequeno.

32. O que é que vocês faziam lá na outra escola?

J2: Brincamos... Fazemos lição...

33. Qual é a diferença entre aquela escola e esta?

J2: Não sei...

34. As coisas que você fazia na outra escola são as mesmas coisas que você faz aqui?

J2: Não.

35. Qual a diferença? O que você fazia lá e o que você faz aqui?

J2: É que lá tinha desenho...

36. Fala pra mim, Juliana, Joana e o Luís, uma coisa que tinha na outra escola e não tem aqui e uma coisa que tem aqui e não tinha na outra escola.

J1: É que aqui tem desenho, e lá não tinha...

37. Não tinha desenho na outra escola?

J1: No almoço não tinha, a gente ficava correndo pelo refeitório.

38. Luís, e o que tem nesta escola que não tinha na outra escola?

L: Biblioteca.

39. Vamos ouvir um pouquinho o Edmar. Você lembra o nome da sua outra escola?

E1: Não...

40. Qual escola você gosta mais, aquela que você estudava ano passado ou esta?

E1: Essa.

41. Por quê?

E1: Porque tem brinquedo.

42. Lá não tinha brinquedo?

E1: Não... Só tinha um grande escorregador...

43. O que é que vocês faziam naquela escola?

E1: Brincava.

44. E aqui?

E1: Estuda.

45. Aqui vocês estudam... E você gosta mais desta escola porque tem brinquedo e o que mais?

E1: As professoras e a quadra...

46. Vocês fazem muita lição aqui nesta escola?

E1: Sim.

47. E vocês gostam de fazer tanta lição?

R: Sim...

48. Vamos ouvir o Edson. Como era a sua escola, aquela que você estudou no ano passado?

E2: Eu não sei...

49. O que é que tinha lá?

E2: Tinha brinquedo.

50. E o que mais? Fala pra mim quais brinquedos tinha lá.

E2: Tinha um escorregador, tinha um brinquedo que eu não sei o nome...

51. O que vocês faziam lá na outra escola?

E2: Lição...

52. Fala pra mim as lições que você fazia lá na outra escola.

E2: Eu escrevia de letra de mão e também de letra de forma...

53. E qual a diferença daquela escola e desta? O que é que você fazia lá que você não faz aqui e o que vice faz aqui que você não fazia lá?

E2: Não sei...

54. São as mesmas coisas? Tudo que você faz aqui você fazia lá?

E2: [acenou a cabeça dizendo que sim].

55. Vamos ouvir a Angélica? Como era a sua escola do ano passado? O que é que tinha lá na sua escola, conta pra mim.

A: Tinha um parquinho, tinha o refeitório...

56. Quais eram as atividades que a professora dava pra vocês?

A: A gente tinha que circular algumas palavras, a gente tinha que... Esqueci já!

57. E aqui, o que você faz aqui? Quais são as atividades que você faz aqui?

A: Esqueci também...

58. Não lembra? Fala pra mim alguma coisa que a professora dá pra vocês... O que vocês fazem na sala de aula?

A: A gente faz lição no caderno de português, a gente faz matemática...

59. Quem aqui já sabe ler e escrever? Todos já sabem ler e escrever?

R: Eu!

60. Todos já sabem ler e escrever?

R: Menos elas duas!

61. Quem não sabe, então, é?

R: A Karen e a Joana.

62. Elas estão aprendendo ainda, não é isso?

J1: Ela lê palavras que eu nem preciso ler pra ela!

63. Então ela já sabe ler!

J1: Não, tem algumas que ela não consegue ler!

64. Ah... Ela sabe ler algumas e outras não...

A: Você não perguntou qual era o nome da minha escola!

65. E qual era o nome da sua escola?

A: S. M..

66. E você gostava mais da sua escola antiga ou da escola que você estuda hoje?

A: Da escola antiga.

67. E por que você gostava mais da outra escola?

A: Porque tinha mais brinquedo.

68. E a Talita, você se lembra o nome da escola que você estudava?

T: EMEI Asa Branca.

69. Como era a sua escola?

T: Era grande, tinha piscina...

70. Tinha piscina na sua escola?

T: Tinha três... Tinha um parquinho grande, com muito brinquedo e tinha a escola, que era grande. Eu estudava matemática, português e... Esqueci.

71. E nesta escola, o que você estuda nesta escola?

T: Eu estudo no caderno de português, de matemática e da oficina.

72. De qual escola você gosta mais?

T: Da antiga...

73. Porque você gosta mais da escola antiga?

T: Porque lá tem as professoras que eu gosto e dá tudo que eu gosto... E tem alguns dias que o pessoal da minha escola vai nadar na piscina.

74. Tem alguma coisa nesta escola que você não gosta muito?

T: Tem.

75. O que?

T: Os brinquedos.

76. Por que você não gosta muito dos brinquedos daqui?

T: Porque tem muito pouco.

77. Vamos ouvir a Karen, agora? Você estudou em outra escola no ano passado?

K: [acenou com a cabeça dizendo que sim].

78. Você sabe em qual escola você estudou no ano passado?

K: César Martinez.

79. Como era a sua escola? Era uma escola grande, tinha brinquedos? O que tinha lá?

K: Tinha o parquinho, uma quadra bem grande...

80. E nesta escola, o que é que tem aqui que você gosta?

K: A quadra, os brinquedos também...

81. O que tem nesta escola que você não gosta muito? Você gosta de tudo nesta escola?

K: Menos a comida.

82. A comida daqui não é legal? A comida da outra escola era melhor?

R: Era! Muito melhor!

83. Se vocês pudessem escolher ficar nesta escola ou na escola do ano passado, onde vocês escolheriam? A Juliana ficaria na escola do ano passado, a Angélica também, a Talita também.

L: Eu escolho esta!

84. Você também escolhe esta, Edmar?

E1: [acenou dizendo que sim].

85. Você também Luís?

L: [acenou dizendo que sim].

86. Você também escolhe esta, Edson?

E2: [acenou dizendo que sim].

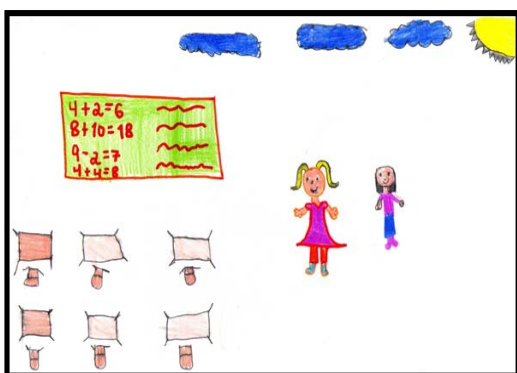
87. E você Karen, qual você escola?

K: A escola do ano passado.

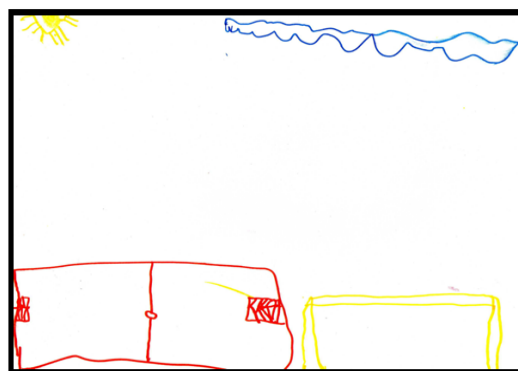
88. E você Joana, qual escola você escolheria?

J2: Do ano passado.

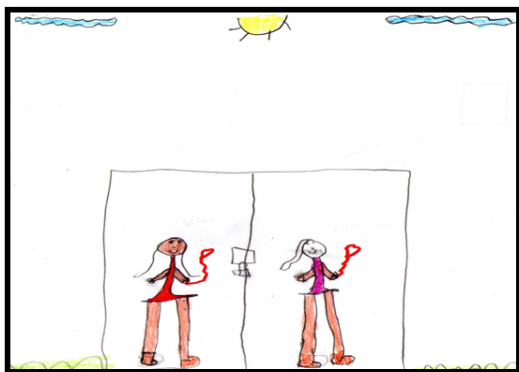
89. Muito obrigada por vocês responderem as nossas perguntas. Agora vocês farão um desenho sobre a escola onde vocês estudam ou sobre a escola em que estudaram... O que vocês mais gostam ou o que mais gostavam.



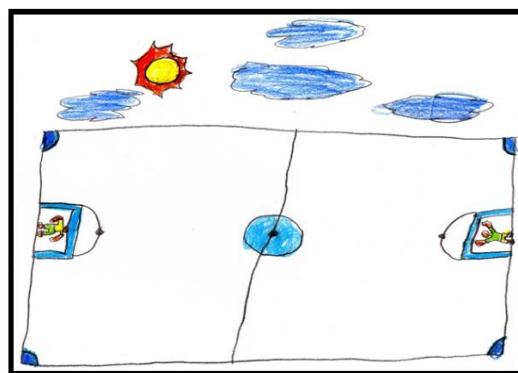
Desenho 16: Julianadesenhou a sala de aula.



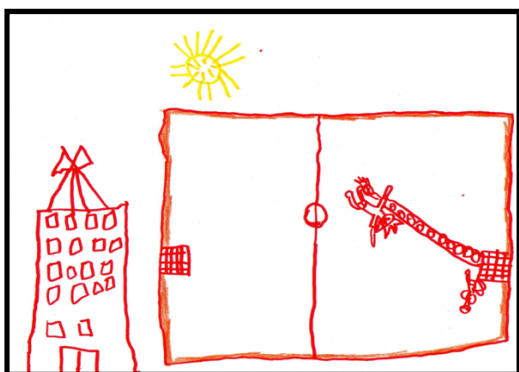
Desenho 17: Luís desenhou a quadra e a escola.



Desenho 18: Joana desenhou ela e sua amiga no portão de entrada da escola.



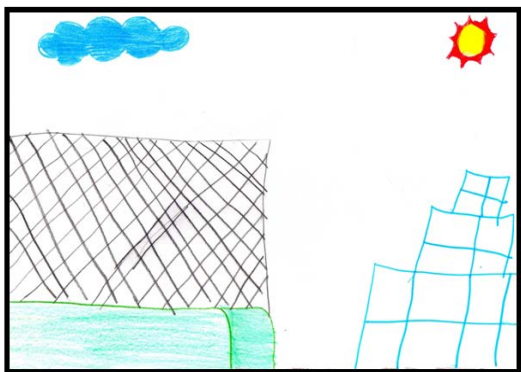
Desenho 19: Edson desenhou a quadra de sua escola.



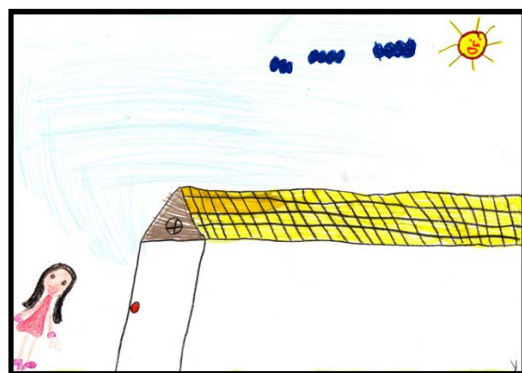
Desenho 20: Edmar desenhou o prédio que fica na frente da escola e a quadra de sua escola.



Desenho 21: Talita desenhou a sala de aula.



Desenho 22: Angélica desenhou o tanque de areia e o trepa-trepa da EMEI onde estudou.



Desenho 23: Karen desenhou uma escola.